



LKP

BELLE
GUNNESS

THE
GOLDEN
AGE
OF
LKP



WWW.LKP.COM

DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe X Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE X LIVROS:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [X Livros](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade poderá
enfim evoluir a um novo nível."

~~DARKSIDE~~



#DARKSIDEBOOKS

Prólogo

PORTA DO BARBA AZUL

O País das Fadas, como toda criança sabe, é um lugar terrível, habitado por todos os tipos de seres de pesadelo: a bruxa de dentes tortos que cobiça a carne gorda de crianças pequenas; o gigante sanguinário pronto para assar qualquer humano invasor em um espeto; o lobo de fala mansa com uma queda por doces garotas saborosas. De todas as histórias assustadoras contadas sobre esse reino de encantamento sombrio, no entanto, nenhuma se parece mais com um filme de terror moderno do que o conto do Barba Azul.

Embora os estudiosos tenham identificado variantes desse conto popular em sociedades de todo o mundo, a versão mais conhecida em nossa própria cultura foi originalmente escrita pelo autor francês Charles Perrault em seu clássico de 1697, *Mother Goose Tales* (*Contes de ma mere l'Oye*) .

Supostamente inspirado no infame sádico do século XV Gilles de Rais - o ex-marechal de campo de Joana d'Arc, acusado de tortura e assassinato de incontáveis crianças camponesas - o Barba Azul de Perrault é um assassino em série nobre cujo castelo assustador contém uma câmara secreta trancada na qual ele armazena as partes do corpo desmembradas de suas noivas fatalmente curiosas. Para testar sua obediência, cada nova esposa é deixada sozinha com um conjunto completo de chaves e um aviso para não entrar no quarto misterioso. Em todos os casos, exceto um, no entanto, a tentação se mostra muito forte. Assim que o marido sai, ela desce correndo para a câmara proibida e, com a mão trêmula, destranca a porta - "ouvrit en tremblant la porte", como escreve Perrault.

Não muitos anos antes de Perrault narrar sua terrível história dos horrores terríveis escondidos atrás da porta do Barba Azul, um de seus compatriotas, o famoso explorador René-Robert Cavelier de La Salle, empreendeu uma expedição ao redor dos Grandes Lagos. Ao passar por um trecho da atual Indiana - então parte da nação Potawatomi - ele e seus homens seguiram uma velha trilha indígena que cortava uma densa floresta de madeira antes de abrir em uma pradaria ondulante de grama alta. Para La Salle e os primeiros

comerciantes de peles franceses que vieram depois dele, essa abertura ficou conhecida como "a porta" - "la porte", em sua língua.

Durante o próximo século e meio, a área permaneceu sem habitantes brancos. "Em todo o Ocidente, prolífico em beleza, não havia região mais adorável", escreve um dos primeiros historiadores, "mas estava em posse exclusiva do homem vermelho, que vagava à vontade pelas pradarias e acampava nos bosques, vivendo sobre a caça e os peixes abundantes na terra e nos lagos cintilantes".

Só em 1829 os primeiros pioneiros brancos apareceram: uma viúva chamada Miriam Benedict, seus sete filhos adultos e um genro, Henly Clyburn. No início de 1832, mais de uma centena de outras famílias haviam se estabelecido no território. Em abril daquele ano, o condado de La Porte, consistindo de 462 milhas quadradas, foi oficialmente incorporado por um ato da legislatura estadual. Depois de votar, um velho e rabugento legislador exigiu saber o significado do "nome estranho" do novo condado.

Informado que era francês para "a porta", ele propôs indignado que a palavra estrangeira "voadora" fosse substituída por algo mais apropriadamente americano. Felizmente, observa um cronista, "seu conselho não foi seguido; e o condado recebeu o lindo nome 'La Porte', em

vez de ser para sempre conhecido pelo mundo como Gateville ou Doorburg."

Buscando um local para estabelecer uma sede de condado, alguns colonos empreendedores adquiriram um pedaço de terra particularmente escolhido, de 450 acres de tamanho e adornado com uma "cadeia de pequenos lagos, como uma joia em sua beleza estonteante". Um tribunal e uma prisão foram prontamente erguidos e um escritório fundiário do governo foi aberto. Em poucos anos, a nova sede do condado - também chamada de La Porte -

cresceu de uma pequena vila de prédios de madeira espalhados para uma cidade próspera com "todos os departamentos da vida humana que formam uma comunidade próspera": igrejas e escolas, tabernas e hotéis, comerciantes e mecânicos, médicos e advogados, além de dois jornais, um promovendo o Partido Whig, outro o Democrata.

Em 1852, a cidade de La Porte foi promovida a cidade. Nessa época, sua população havia crescido para cerca de cinco mil. As décadas seguintes testemunharam a construção de uma central hidráulica, a instalação de iluminação pública, a introdução de um sistema telefônico e sucessivas ondas de outras melhorias cívicas. As estradas foram pavimentadas, calçadas de cimento colocadas, dezenas de velhos edifícios de madeira demolidos e belos edifícios de tijolos erguidos em seus lugares. Além de várias grandes drogarias e empórios de produtos secos, os locais de negócios de La Porte incluíam vinte e cinco mercearias, seis lojas de farinha e rações, seis vendedores de móveis, quatro padarias, dez açougues, quatro comerciantes de ferragens, seis sapateiras e botas, vinte e seis tabacarias, quatro negociantes de máquinas de costura, nove modistas e costureiras, duas livrarias e papelarias, nove pensões, vinte e quatro salões, seis salas de bilhar, seis barbeiros, sete estúbulos de biblioteca, dois curtumes e três funerários. Suas ruas residenciais eram alinhadas com tantas árvores que se tornou conhecida como "a cidade de Maple". Ao todo, lotou um residente

vitalício, a cidade de La Porte - "com seu magnífico tribunal, excelente prefeitura e esplêndidos edifícios escolares, suas belas ruas, seus belos lagos adjacentes, seu espaçoso país periférico e suas excelentes instalações ferroviárias" —Era "a capital em boa forma de um dos melhores condados do estado".

Não eram apenas os atributos físicos do lugar que tornavam o condado e a cidade de La Porte tão excepcionais aos olhos de seus defensores, mas o calibre de seus residentes. Os la porteanos

sempre se orgulharam das conquistas de seus concidadãos mais ilustres. Entre os notáveis celebrados nas histórias locais estavam Jacob J. Mann, fabricante de uma colheitadeira anterior à famosa ceifeira McCormick; Dr. FT Wrench, criador de uma

“escova de dentes sanitária” dobrável; Antipas J. Howell, inventor de uma bateadeira movida a cachorro; Dr. SB Collins, descobridor da cura sem dor de Collins para comedores de ópio; e literatos locais como Benjamin F.

Taylor e Sra. Clara J. Armstrong, autores, respectivamente, dos volumes de poesia Old-Time Pictures e Sheaves of Time e La Porte em junho . Nas décadas posteriores, La Porte seria o lar de outras figuras ainda mais conhecidas, incluindo Zerna Sharp, co-criadora dos livros "Dick and Jane"

que ensinavam a leitura a gerações de crianças americanas; Frederick C.

Mennen, inventor da pipoca Jiffy Pop (bem como um instrumento patenteado para detectar gonorreia); William Mathias Scholl, o mais proeminente fabricante nacional de produtos para os pés; a cantora Dorothy Claire, que se apresentou com as bandas Glenn Miller e Tommy Dorsey e estrelou o sucesso da Broadway em 1948, Finian's Rainbow ; e Brewster Martin Higley, letrista do padrão americano “Home on the Range”.

Claro, mesmo seus defensores mais ardentes tiveram de admitir que, junto com esses e outros luminares, La Porte havia produzido sua cota de criminosos. No início de 1836, um residente do condado chamado Pelton foi

assaltado, assassinado e roubado de "uma considerável soma de dinheiro"

por um conhecido chamado Staves, que foi prontamente detido, julgado e enviado para a forca. Dois anos depois, em fevereiro de

1838, Joshua M.

Coplin, de dezenove anos, natural de La Porte Township que acabara de voltar da Virgínia, onde havia cobrado uma dívida vencida há muito tempo, foi morto a tiros e roubado do dinheiro - seiscentos dólares em moedas de ouro e prata - de seu companheiro de viagem, um jovem

chamado David Scott. Rastreado, preso e julgado em La Porte, Scott foi enforcado diante de uma multidão de aprovação alguns meses depois.

Em dezembro de 1841, o taverneiro Charles Egbert, "enfurecido" com um rival chamado James Smith, que abriu um estabelecimento concorrente que

"tirou todo o comércio do local de trabalho do Sr. Egbert", foi ao bar de Smith armado com um recém-comprado faca adaga e esfaqueou o último até a morte. Preso e sob fiança de \$ 5.000, Egbert conseguiu juntar o dinheiro e, em seguida, fugiu imediatamente para o Texas - ainda uma parte do México - onde, de acordo com relatórios posteriores, ele passou por uma conversão religiosa e se tornou "um líder de classe metodista".

"Um assassinato notável" ocorreu em 1862. Após a descoberta do cadáver de um emigrado alemão chamado Fred Miller, a suspeita recaiu sobre sua esposa. Um grupo de amigos do sexo masculino de Miller, com a intenção de "extorquir uma confissão", pendurou a mulher pelo pescoço em um galho de árvore até que ela engasgou com a identidade do culpado ostensivo: um homem chamado John Poston, que - assim ela afirmava - tinha assassinado seu marido "na presença dela e prometeu se casar com ela se ela não o denunciasse". Embora Poston tenha sido prontamente preso e levado a julgamento, o depoimento de seu acusador, tendo sido coagido por meio de tortura, foi considerado inválido, e o magistrado presidente "sentiu-se obrigado a absolvê-lo".

Três anos depois, outro fazendeiro alemão, John Lohm, enquanto dirigia sua carroça de volta para casa após um dia descascando milho, encontrou dois estranhos, James Woods e William Fulton, que - tendo passado a tarde em um bar local - estavam "dentro aquela condição em que o uísque mais inflama o sangue e leva suas vítimas aos fins mais desesperadores. "

Seguiu-se uma espécie de altercação, instigada pelos dois homens embriagados. Quando Lohm tentou continuar seu caminho, Woods, bêbado,

"sacou um revólver e disparou. . . infligindo um ferimento mortal "no fazendeiro desarmado. Condenado por assassinato em segundo grau, Woods foi condenado ao "termo de sua vida natural" na penitenciária estadual, enquanto Fulton, culpado de homicídio culposo, foi condenado a treze anos.

Durante as últimas semanas de 1902, a população do condado de La Porte foi tomada de fúria por um assassinato particularmente hediondo ocorrido na cidade de Westville. A vítima era Wesley Reynolds, de dezesseis anos, um "escrivão de confiança" do Westville State Bank, que também era o vigia, "dormindo na instituição à noite com três revólveres ao alcance". Ao amanhecer da manhã de domingo, 30 de novembro, Reynolds acordou assustado quando um barril de cerveja bateu pela janela traseira do prédio do banco. Pulando de pé, uma pistola em cada mão, o jovem enfrentou uma dupla de ladrões fortemente armados e abriu fogo. No tiroteio que se seguiu, Reynolds foi atingido três vezes, uma bala passando por seu queixo e alojando-se na base de seu cérebro, outra entrando em seu pescoço e saindo entre as omoplatas, a terceira atingindo-o diretamente no coração, matando-o instantaneamente . Fugindo do banco de mãos vazias, os dois desesperados - um gravemente ferido pelo "jovem heróico" (como ele seria saudado nos jornais de todo o país) - roubaram um cavalo e um cavalo de pau de um celeiro próximo e fugiram.

O funeral do jovem Reynolds, realizado em 3 de dezembro, contou com a presença de toda a população de Westville, e um fundo, supervisionado pelo senador estadual Charles E. Herrold, foi imediatamente estabelecido para erigir um monumento em sua homenagem. Uma grande recompensa também foi oferecida pela prisão de seus assassinos, mas -

apesar do envolvimento dos detetives Pinkerton que foram colocados em seu encalço - os culpados nunca foram presos.

Duas semanas depois que o povo de Westville compareceu para prestar suas últimas homenagens ao jovem caixa do banco martirizado, o Fort Wayne Daily News publicou uma história sobre uma súbita epidemia de crime que parecia

"estar reinando no condado de La Porte". Além do assassinato de Reynolds, houve o recente assalto à mão armada de dois jovens locais "por footpads negros", uma "tentativa de administrar veneno a uma mulher de La Porte por meio de arsênico" e o "assassinato de Albert Bader de La Porte por um trem, após sua tentativa de escapar da prisão depois de invadir uma casa de barcos à beira do lago.

A ocasião imediata da notícia, no entanto, foi a morte violenta de um fazendeiro local ocorrida no dia anterior e cujas circunstâncias eram tão bizarras que o oficial da cidade chamou ao local imediatamente suspeitou de crime.

No final, a morte foi considerada um trágico acidente. Mais seis anos se passariam antes que a impressão inicial do oficial fosse confirmada. A morte supostamente acidental do fazendeiro, um emigrado norueguês chamado Peter Gunness, seria reconhecida como a obra sinistra de um dos mais monstruosos assassinos da história do estado, se não de toda a nação.

Em busca de comparações, os artigos de jornal invocariam não apenas o ogro dos contos de fadas de Charles Perrault, Barba Azul, mas também seu protótipo histórico ostensivo, Gilles de Rais. Ao

contrário das figuras anteriores, no entanto, e adicionando ao terror do caso este assassino serial do Meio-Oeste era uma mulher. Como Fall River, Massachusetts e Plainfield, Wisconsin - as casas, respectivamente, de duas das lendas do crime do país, Lizzie Borden e Ed Gein - La Porte, Indiana, se tornaria um destino turístico macabro, para sempre identificado não como o local de nascimento de tal filhos nativos orgulhosos como William Mathias Scholl e Brewster Martin Higley, mas como o local de um horror indescritível: a medonha "fazenda do assassinato" de Belle Sorenson Guinness, a Senhora Barba Azul.

PARTE UM

BELLA

1

FILHA DE PAULO

Reduzido a ruínas carbonizadas pela Grande Conflagração de 1871, Chicago rugiu de volta à vida nos anos seguintes, uma fênix de calcário, granito e tijolo renascido das cinzas. No início da década de 1880, uma década após ter sido devastada pelo desastre, ela ressuscitou como a "joia das pradarias", a "mais americana das cidades da América": uma vasta e abundante "metrópole magnética", atraindo hordas de ansiosos rapazes e moças fugindo de suas pequenas cidades, vilas e fazendas do meio-oeste entorpecente.

Junto com esses caçadores "famintos de vida" chegando das províncias, grandes ondas de imigrantes invadiram a cidade reconstruída: alemães e poloneses, escoceses e irlandeses, italianos e judeus. Em 1890, de acordo com um eminente historiador, cerca de 80 por cento da população da cidade

"era de ascendência estrangeira, vinda de todos os quadrantes civilizados do globo".

Uma porcentagem significativa desses recém-chegados estrangeiros veio da Noruega. Na verdade, os noruegueses estavam entre os primeiros colonos da área, estabelecendo uma colônia lá quando Chicago não era nada além de um aglomerado de edifícios de madeira rústica plantados nas margens pantanosas do Lago Michigan - uma fronteira "lamaçal" onde sujeira fétida escorria de debaixo da madeira - calçadas com pranchas e ruas não pavimentadas eram tão atoleiros que as carroças afundavam nos eixos e ficavam presas por dias. Em 1850, havia 562 noruegueses vivendo em Chicago, tornando-os o terceiro maior grupo de imigrantes, depois dos

alemães e irlandeses. Dez anos depois, esse número triplicou. Em 1870, os cidadãos de Chicago nascidos na Noruega somavam mais de oito mil.

Como seus colegas imigrantes escandinavos, os noruegueses de Chicago eram amplamente considerados um povo frugal, trabalhador e honesto, que realçava o caráter moral da metrópole. "Não temos população melhor", declarou um dos primeiros editorialistas deles, "e damos as boas-vindas à terra da 'liberdade, igualdade e fraternidade'". Sua honestidade e integridade nativas foram resumidas pela história inspiradora do pequeno Knud Iverson, narrado pelo historiador da virada do século AT Andreas. No sufocante dia de terça-feira, 3 de agosto de 1856, como Andreas conta, Knud, de dez anos, desceu até o rio para nadar quando encontrou uma gangue de rufiões adolescentes que tentaram forçá-lo a entrar furtivamente no jardim de um cavalheiro chamado Elston e "roubar frutas para os meninos maiores comerem". Quando Knud se recusou a fazê-lo "por causa da consciência em sua própria mente de que roubar era errado", os meninos mais velhos o afogaram no rio. Reportada na imprensa nacional, a tragédia inspirou o inimitável PT Barnum a contribuir com duzentos dólares para a construção de um monumento à "criança imortal": um "memorial duradouro" (assim proclamou o showman em seu estilo tipicamente bombástico) que "será por séculos a Meca para a qual os peregrinos de todos os quadrantes deste grande continente irão alegremente se reunir com seus pequeninos, que podem ficar assim totalmente impressionados com o importante e glorioso princípio ensinado com tanto sentimento na morte cruel deste mártir infantil, que 'é melhor morrer do que roubar!'"

Os noruegueses podiam apontar com orgulho para outros membros de sua comunidade étnica, homens de enorme empreendimento e ambição que pareciam a validação viva do sonho americano. Um dos mais proeminentes foi Iver Lawson, que passou de diarista a milionário investindo cada centavo de suas economias duramente conquistadas em lotes vazios da cidade;

desfrutou de uma excelente carreira política como membro do conselho municipal e legislador estadual; e - entre suas outras contribuições para seus conterrâneos - ajudou a organizar a Primeira Igreja Evangélica Luterana da Noruega e a Sociedade Escandinava de Ajuda ao Emigrante.

Outro ícone local de sucesso self-made foi Christian Jevne. Emigrando para os Estados Unidos aos 25 anos, o jovem determinado trabalhava em uma mercearia durante o dia enquanto frequentava a escola noturna para melhorar seu inglês e estudar contabilidade. Com uma economia de duzentos dólares que acumulou meticulosamente, ele acabou abrindo seu próprio negócio, que por fim "transformou na maior empresa de atacado e varejo de mercearia em Chicago", importando "café direto de Sumatra e da Arábia; chá da China e do Ceilão; vinho da Europa; queijo, peixe, produtos enlatados e aquavit da Noruega, Suécia e Dinamarca." E então havia John Anderson, que chegou a Chicago com nove anos de idade e trabalhou seu caminho de entregador de jornais a cofundador (com Iver Lawson) do Skandinaven, o jornal de língua norueguesa mais lido e influente no país: um jornal tão vital para a população norueguesa da América que, por seus serviços como editor, Anderson acabaria sendo nomeado cavaleiro pelo rei Oscar II.

Mesmo enquanto buscavam suas novas vidas na América, os membros da comunidade norueguesa de Chicago encontraram ocasiões frequentes para homenagear sua herança étnica. Eles celebraram o Dia da Independência da Noruega todo dia 17 de maio, deram uma grande festa ao ar livre no milênio da unificação da Noruega sob o rei viking Harald Fairhair e compareceram aos milhares em julho de 1875 para uma festa de gala ao ar livre para comemorar a navegação do veleiro Restauração, o chamado Mayflower norueguês que transportou o primeiro carregamento de imigrantes da cidade costeira de Stavanger para os Estados Unidos cinquenta anos antes. Um dos destaques da grande Exposição Mundial

Colombiana de Chicago de 1893 foi a chegada do navio Viking com proa de dragão , que - emulação da viagem de época de Leif Eriksson - havia sido navegado através do Atlântico por uma tripulação intrépida sob o comando do Capitão Magnus Andersen: um feito que despertou

“sentimentos de orgulho exultantes nos corações dos noruegueses em todos os Estados Unidos”.

Na época da Feira Mundial, a população norueguesa de Chicago (que acabaria se tornando a "terceira maior ... do mundo, depois de Oslo e Bergen") chegava a pouco mais de 20 mil. Os mais ricos entre eles -

médicos, advogados, empresários e banqueiros - haviam transformado o bairro de Wicker Park em um enclave étnico tão unido que, entre eles, eles se referiam a ele como Hommansbyen , em homenagem a um elegante bairro residencial de Oslo.

Seus conterrâneos menos ricos - os comerciantes, donos de lojas, trabalhadores qualificados e artesãos - se reuniam nos bairros de Humboldt Park e Logan Square.

Como acontecia desde os primeiros dias de sua chegada, crimes graves eram extremamente raros em sua comunidade. Relatórios oficiais emitidos pelo Departamento de Polícia de Chicago mostram que, entre 1880 e 1890, os noruegueses foram responsáveis por apenas 1% das prisões na cidade, geralmente por infrações não piores do que embriaguez e conduta desordeira. Esse “registro invejável”, como escreve um historiador, era uma prova brilhante de uma das características mais admiráveis da população norueguesa de Chicago: sua “deferência à lei e à ordem”.

Entre os mais de vinte e cinco mil noruegueses que chegaram a essas costas em 1881 - o início de uma grande onda de migração da Noruega que não diminuiria até o final da década - estava uma

mulher de vinte e dois anos de Selbu, no costa oeste do país, não muito longe da cidade de Trondheim. Sua

fotografia mais famosa mostra uma matrona corpulenta e de rosto sombrio consertando a câmera com um brilho sinistro - embora, para ser justo, essa foto foi tirada anos depois, quando ela havia entrado na meia-idade obstinada. Mesmo na casa dos vinte anos, no entanto - como uma foto anterior atesta - ela era uma jovem notavelmente desagradável, com uma cabeça grande, olhos pequenos, nariz curto e uma boca larga de lábios grossos que, quando franzida, parecia para um sapo. Ela foi batizada de Brynhild Paulsdatter - Brynhild filha de Paul - à qual foi acrescentado, de acordo com o costume, o nome da fazenda em que sua família vivia e trabalhava, tornando seu nome norueguês completo Brynhild Paulsdatter Størset.

Sem surpresa, muito pouco se sabe sobre seus primeiros anos. Com exceção de alguns documentos oficiais laboriosamente desenterrados por historiadores posteriores - registros de confirmação, relatórios de censo e outros -, fatos confiáveis sobre seu passado são virtualmente inexistentes.

Nascida em 11 de novembro de 1859, ela cresceu em Inngbya, um dos vários pequenos vilarejos do distrito de Selbu. Seu pai, meeiro, Paul Pedersen Størset, um nativo da região e um de seus membros mais pobres, alugou cerca de um acre da fazenda Størset, onde criou algumas vacas, ovelhas e cabras e plantou apenas o suficiente - cevada, aveia e batatas -

para evitar que sua esposa, Berit, e seus sete filhos morram de fome.

Durante os meses de inverno, ele complementou sua escassa renda trabalhando como pedreiro. Mesmo assim, sua situação às vezes era tão terrível que, em pelo menos uma ocasião, ele foi obrigado a se

candidatar ao bem-estar público, recebendo dez coroas de ajuda aos pobres dos cofres da cidade.

Como outras crianças camponesas, esperava-se que Brynhild realizasse uma variedade de tarefas desde tenra idade: ordenhar, bater, tirar água, cuidar

do gado para garantir que ele não se perdesse ou, pior ainda, caísse na montanha maliciosa. espíritos que reduzem as vacas ao tamanho de ratos e as levam para um misterioso reino subterrâneo.

Como sua família não tinha como comprar madeira nobre para o fogo da lareira, ela também era enviada diariamente para coletar Snurkvist , os pequenos galhos secos da árvore de abeto normalmente usados para gravetos - uma tarefa que lhe rendeu o apelido humilhante de Snurkvistpåla (traduzido aproximadamente como "filha do galho de Paulo") entre seus vizinhos menos caridosos.

Em junho de 1874, aos quatorze anos, foi confirmada na Igreja Evangélica Luterana. Seu instrutor religioso, o pastor Agaton Hansteen, avaliou-a como

"boa em conhecimento religioso e diligência", uma classificação que

"apenas metade das meninas obteve". Naquele mesmo ano, ela foi contratada como leiteira para um vizinho chamado Rødde, que mais tarde a descreveria como um "ser humano diligente que se comportou bem em todos os aspectos".

Depois de um dia inteiro de labuta nos campos, ela costumava sentar-se à luz do fogo, tricotando luvas, bonés e outros produtos de lã adornados com o padrão tradicional de "rosa estrela", pelo qual Selbu era famoso. A diversão foi fornecida pelo contador de histórias da família, que regalaria a casa com contos mágicos de rapazes do campo inteligentes que ganharam as mãos de princesas arrogantes, trolls gigantes com uma fome insaciável por carne e sangue

humanos e as criaturas semelhantes a sereias conhecidas como Hulder : mulheres sinistras com costas côncavas e longas caudas de vaca que atraem os homens mortais para sua perdição.

Nem todos os vizinhos de Brynhild compartilhavam a opinião do pastor e do empregador sobre ela. "Aqui em Selbu" , editorializou o jornal local Selbyggen , "ela é lembrada por muitos [como] um ser humano muito mau, caprichoso e extremamente malicioso. Ela tinha hábitos desagradáveis, sempre com disposição para brincadeiras sujas, falava pouco e era mentirosa desde criança. . . Quando adulta, ela ainda era pouco respeitada e uma escória da sociedade. "

Circulavam também histórias de que, aos dezessete anos, ela foi engravidada pelo filho de um rico fazendeiro que, sem intenção de se casar com ela, a atraiu para um lugar solitário e a espancou com tanta força que ela abortou. De acordo com esse relato, seu agressor morreu logo depois de uma doença intestinal cujos sintomas eram suspeitosamente semelhantes aos de envenenamento por arsênico.

Existem boas razões, no entanto, para duvidar da veracidade desta anedota, para a qual não existe documentação. Os julgamentos excepcionalmente severos de seus vizinhos sobre seu caráter são igualmente questionáveis, uma vez que foram oferecidos muitos anos após sua partida da Noruega e quase certamente foram influenciados por eventos subsequentes. Quando o editorial de Selbyggen apareceu, a jovem leiteira de Selbu havia se metamorfoseado em uma criatura tão má quanto qualquer Hulder mítico:

"uma mulher", como diz um historiador, "cuja malevolência parecia igualar-se à dos seres invisíveis que povoavam o povo norueguês. tradição."

VINDO PARA A AMÉRICA

Os emigrantes noruegueses que fizeram o êxodo para o Novo Mundo nas últimas décadas do século XIX deixaram copiosos relatos de sua árdua jornada. Tudo começou para muitos deles, assim como para Brynhild Paulsdatter Størset, com uma viagem de Trondheim à cidade portuária inglesa de Hull a bordo do navio a vapor Tasso . Durante a travessia de quatro dias do Mar do Norte, a maior parte dos viajantes permaneceu abaixo dos convéses na terceira classe, amontoados em grupos ou esticados, totalmente vestidos, nas estreitas prateleiras de madeira que serviam de beliches. Mesmo com bom tempo, o navio tendia a balançar nas ondas e - como várias cartas e anotações em diários atestam - o enjôo era tão comum que mesmo passageiros acostumados a velejar muitas vezes ficavam doentes com o fedor generalizado de vômito.

Para aqueles que conseguiam segurar a comida, três refeições diárias eram oferecidas. Embora os folhetos promocionais descrevam o menu em termos brilhantes, o testemunho de um passageiro conta uma história muito diferente: Para o desjejum havia sempre chá doce sem leite e biscoitos duros e secos, e o mesmo para o jantar. Havia manteiga, mas estava tão rançosa que não conseguimos digeri-la. Ao jantar, sopa com carne, mas a sopa não tinha gosto e a carne estava tão salgada como o arenque. Um dia tínhamos salgado o peixe com um pouco de sopa, mas não era comestível para a maioria de nós, e acabamos jogando nossas porções no mar.

As latrinas, localizadas no convés superior, eram particularmente vis:

“espaços pequenos, apertados e escuros sem água”, como escreveu um observador, “aqueles para homens e mulheres estando juntos, a

entrada de

forma alguma protegida do tempo. Em geral, lugares insatisfatórios com mais mau cheiro, é difícil imaginar. ”

Ao chegarem a Hull, os emigrantes foram conduzidos a várias hospedarias nas docas e receberam uma refeição simples de sopa, café e pão com manteiga enquanto sua bagagem era descarregada. Eles foram então levados às pressas para a estação da North Eastern Railway Company para uma viagem de trem para Liverpool, onde embarcariam em um navio para a América.

Para a grande maioria dos emigrantes que viajavam na terceira classe, a travessia transatlântica havia melhorado consideravelmente no final do século XIX. Anúncios para os novos vapores elogiavam a área de estar entre os deques como "alta, leve e espacial" com "compartimentos diferentes para famílias, para homens solteiros e para mulheres solteiras" e com uma tripulação "especialmente empregada" para manter a "ordem e limpeza. ” A comida era "fresca e rica, feita de suprimentos de primeira classe" e

"servida aos passageiros pelos comissários". A realidade se mostrou um pouco diferente. As refeições eram quase sempre pouco saborosas (um viajante lembrou-se de uma oferta de carne de porco que "pela sua aparência já tinha feito a viagem através do Atlântico antes"), os banheiros eram execráveis, os conveses - apesar das supostas atenções da equipe de limpeza especial - eram uma bagunça vil do enjôo constante e indiscriminado. Mesmo assim, a redução total no tempo de viagem tornou a viagem uma experiência muito mais tolerável do que fora no passado.

Considerando que os navios à vela de uma era anterior - brigs, escunas, saveiros, latidos, tosquiadores - podem levar até 65 dias para fazer a viagem, navios de passageiros modernos como o Thingvalla , Hekla e Geiser poderiam completar a viagem em tão pouco como dez.

A maioria dos navios a vapor atracou em Quebec, Nova York ou Boston. De lá, os recém-chegados da Noruega seguiriam de barco, trem e vagão até seus destinos finais: Minnesota, Illinois, Wisconsin, Dakotas, estado de Washington. A maioria se estabeleceu em pequenas comunidades agrícolas, embora outros tenham escolhido enclaves étnicos em cidades como Minneapolis e Seattle. E no caso de Brynhild Paulsdatter Størset, Chicago.

Vários anos antes, a irmã mais velha de Brynhild, Olina - dez anos mais velha - mudou-se para os Estados Unidos e se estabeleceu em Chicago, onde conheceu e se casou com um homem chamado John R. Larson. Foi Nellie, como ela agora se chamava, quem convidou Brynhild para vir morar com ela e seu marido, e quem pagou a passagem de sua irmã para o Novo Mundo. Pouco depois de chegar a Chicago e morar com os Larsons, Brynhild, como Nellie e inúmeros outros imigrantes, adotou um novo nome americano: Bella Peterson.

Na época em que Bella embarcou em sua nova vida, a maioria das mulheres escandinavas solteiras que procuravam emprego em Chicago preferia as ocupações domésticas ao trabalho na fábrica. De acordo com um eminente historiador, "Em 1880, cerca de três quartos das mulheres norueguesas que trabalhavam fora de casa tornaram-se criadas, governantas ou lavadeiras".

Bella Peterson fez o mesmo, lavando roupa, fazendo costura por peça e limpando casas por salários escassos que ela entregou aos Larsons para sua manutenção.

Esse tipo de trabalho não era novidade para a ex-empregada de fazenda, que passara sua infância miserável realizando precisamente essas tarefas servis. Mas ela não tinha vindo para a América para trabalhar como escravo sua vida no trabalho árduo. Havia riquezas para se obter aqui e - como qualquer passeio pelo coração comercial da Era Dourada de Chicago

tornava assustadoramente claro - um mundo de mercadorias reluzentes à venda. Em seu romance clássico, *Irmã Carrie*, ambientado no final dos anos 1880, Theodore Dreiser oferece um retrato de outra jovem provinciana, recém-chegada a Chicago, cujos anseios mais cobiçosos são despertados quando ela vagueia pela primeira vez por um dos grandes "palácios da cidade de consumo", uma loja de departamentos no centro: Carrie passou pelos corredores movimentados, muito afetada pela notável exibição de bugigangas, roupas, artigos de papelaria e joias. Cada balcão separado era um local de exibição de deslumbrante interesse e atração. Ela não podia deixar de sentir a reivindicação de cada bugiganga e valor sobre ela pessoalmente, e ainda assim ela não parou. Não havia nada lá que ela não pudesse ter usado - nada que ela não desejasse possuir. Os delicados chinelos e meias, as saias e anáguas com babados delicados, os laços, fitas de cabelo, pentes de cabelo, bolsas, tudo a tocava com desejo individual, e ela sentia intensamente o fato de que nenhuma dessas coisas estava ao seu alcance compra.

Os desejos materiais em chamas no peito de Carrie Meeber queimaram ainda mais ferozmente no de Bella Peterson. As privações de sua juventude a deixaram com um desejo de riqueza. "Minha irmã era louca no assunto dinheiro", Nellie Larson comentaria mais tarde. "Ela faria qualquer coisa para conseguir." Quanto ao casamento, Bella não fez segredo do que ela queria em um companheiro. "Ela nunca pareceu se importar com um homem consigo mesmo, apenas com o dinheiro ou o luxo que ele era capaz de dar a ela", observou Nellie. Anos depois, Bella diria de seu primeiro marido - o pai de seus filhos e, segundo todos os relatos, um homem gentil e amoroso - que ela havia ficado com ele apenas porque ele lhe dera "uma bela casa".

Seu nome era Mads Ditlev Anton Sorenson. A única fotografia que restou dele mostra um sujeito de constituição forte e pescoço de touro com fortes

feições nórdicas, um bigode de guidão do tipo da moda naquela época e uma cúpula alta e careca. Cinco anos mais velho que Bella, ele era um dos oitocentos funcionários da loja de departamentos Mandel Brothers nas ruas State e Madison, onde trabalhava como vigia noturno.

Eles se casaram em março de 1884 na Igreja Evangélica Luterana de Bethania, na Grand Avenue com a Carpenter Street.

A oficializar a cerimônia foi o reverendo John Z. Torgersen, uma figura venerável entre seus compatriotas noruegueses que, no momento de sua morte em 1905, seria elogiado como "O famoso auxílio do Cupido", tendo realizado mais de quinze mil casamentos no decorrer de seu ministério de trinta e seis anos, mais do que qualquer outro clérigo no país.

Em sua foto de casamento, Bella de 24 anos posa orgulhosamente em um vestido preto formal, "talvez tafetá ou moiré de seda, com babados de renda e um fio triplo de pérolas em volta do pescoço", cruzou a mão esquerda sobre a direita para exibir suas "alianças de casamento duplas".

Segundo a maioria dos relatos, Bella parecia possuidora de impulsos maternos poderosos. "Ela amava muito as crianças", lembrou sua irmã Nellie. "Quase todas as crianças norueguesas da escola dominical em Chicago a conheciam por sua bondade." Ela parecia especialmente tocada pela situação dos órfãos ou abandonados. Assistindo "aos piqueniques infantis no Parque Humboldt, ela subia na plataforma e se oferecia para cuidar de crianças" que precisavam de um lar.

Na verdade, foi sua ânsia de criar um filho que a levou a um amargo rompimento com a irmã. Incapaz de conceber durante os primeiros anos de seu casamento, Bella direcionou grande parte de seus sentimentos maternos para sua sobrinha de quatro anos, Olga, a mais nova dos cinco filhos de Nellie. "Ela era uma menina muito

bonita”, Nellie explicou mais tarde, “e minha irmã exigiu que ela fosse criada”. Embora Olga tivesse

permissão para ficar com sua tia para uma visita prolongada de seis semanas, Nellie, muito compreensivelmente, “recusou-se a deixar [a

Sorenson] adote minha filhinha e, a partir daquele dia, minha irmã dificilmente falava comigo ”.

Em 1891, Bella Sorenson realizou seu sonho de acolher uma criança, uma menina chamada Jennie. Morando perto dos Sorensens na época, estava um casal chamado Olson, que se tornou amigo íntimo de Bella e Mads. Como Anton Olson, o pai da criança, explicou mais tarde: “Quando Jennie tinha oito meses, sua mãe estava morrendo. [Sra. Sorenson] implorou à mulher moribunda que legasse a criança a ela. Minha esposa colocou o bebê nos braços de Bella e pediu-lhe que jurasse que guardaria o filho como se fosse seu, criaria e cuidaria dela. Bella jurou que consideraria a promessa sagrada. Minha esposa morreu logo depois. . . Depois que Bella pegou a criança, eu a vi com frequência. Ela sempre trazia Jennie para mim e a mantinha bem vestida. A criança estava feliz. ”

Anos mais tarde, depois de se casar novamente, Olson tentou recuperar a custódia de sua filha. Bella lutou com ele no tribunal e venceu.

Embora Mads nunca trouxesse para casa mais de quinze dólares em salários semanais (o equivalente a cerca de US \$450 hoje), ele e Bella de alguma forma conseguiram dinheiro suficiente em 1894 para comprar uma pequena loja de doces na Grand Avenue e Edward Street. Ocupando o andar térreo de um prédio com moldura de madeira de dois andares, a loja (como uma fotografia de jornal deixa claro) vendia tabaco e charutos, jornais e revistas, artigos de papelaria e alguns produtos básicos de mercearia, junto com os doces populares da época.

Apesar de sua localização em um distrito comercial movimentado, a loja não prosperou, e Bella observou com crescente consternação enquanto seu querido dinheiro se esvaía.

Menos de um ano depois que ela e Mads compraram o lugar, um incêndio começou na loja. Na época, ninguém estava presente, exceto Bella e sua filha adotiva, Jennie, então uma criança de três anos. "A primeira vez que se soube do incêndio", relatou o Chicago Tribune , "foi quando a sra.

Sorenson, com seu filho, saiu correndo para a calçada gritando 'Fogo!' no topo de sua voz. "

No momento em que o incêndio foi extinto, o interior da loja havia sido completamente destruído. Embora Bella alegasse que "uma pequena lâmpada de querosene havia explodido", os investigadores de seguros, vasculhando os escombros, não conseguiram encontrar "nenhum vestígio. . .

de fragmentos de vidro ou outra evidência de uma lâmpada quebrada. "

Apesar das suspeitas de incêndio criminoso, a seguradora acabou pagando.

Logo depois, os Sorensons se desfizeram da loja, vendendo-a para o irmão de seu dono original.

Tendo recuperado seu investimento, Bella e Mads mudaram-se para a "orla de operários do subúrbio abastado" de Austin, onde compraram uma casa de três andares com janelas salientes na Alma Street.

Nos dois anos seguintes - entre 1896 e 1898 - eles se tornaram pais de mais quatro filhos: Caroline, Myrtle, Axel e Lucy.

Quer fossem bebês nascidos em rápida sucessão de Bella (então com quase trinta anos) ou, como parece mais provável, bebês órfãos ou indesejados que ela acolheu (talvez, de acordo com relatos posteriores, "por uma consideração monetária") - continua, ainda hoje, uma questão de disputa.

Um fato é certo. Logo após o nascimento, dois deles morreram: Caroline com cinco meses de idade, Axel com três meses. Numa época em que a taxa de mortalidade infantil nos Estados Unidos era chocantemente alta -

aproximadamente cem mortes por mil nascidos vivos - nenhuma suspeita foi levantada pelo falecimento repentino dos pequenos, cujas causas de morte foram dadas, respectivamente, como enterocolite (inflamação aguda dos intestinos) e hidrocefalia (comumente chamada de "água no cérebro").

Mads, que havia encontrado trabalho na Chicago & Northwestern Railroad, estava ganhando para casa um salário de dólares por semana, quando uma oportunidade aparentemente de ouro apareceu em seu caminho.

Na noite de sexta-feira, 1º de outubro de 1897, os Sorensens foram visitados em casa por um cavalheiro chamado Angus Ralston, que se apresentou como o agente e engenheiro-chefe de uma empresa conhecida como Yukon Mining & Trading Company. Ralston explicou que a Yukon Mining era "uma corporação de grandes recursos financeiros que havia sido constituída com um capital social de \$ 3.500.000, possuía minas no Novo México e tinha grandes e extensos interesses no Alasca e nas regiões de Klondike". No momento, a empresa estava contratando mineiros dispostos a suportar os rigores de um período de um ano no deserto do Alasca pela chance de ficar rico. A pedido de Bella, Mads rapidamente assinou, entrando em um acordo formal com a empresa que foi assinado, selado e testemunhado em 27 de outubro.

De acordo com seus termos, Mads concordou em "ir para o Alasca a serviço da [empresa] e prospectar ouro, localizá-lo e fazer qualquer outro tipo de trabalho que o gerente responsável pela expedição exija, durante um ano, começando em 1º de abril de 1898. " Em troca, ele não apenas receberia

"os mesmos salários que outros homens nos campos onde as minas estão localizadas", mas também receberia "um quarto dos juros sobre todas as minas localizadas por ele", juntamente com 2.800 ações do estoque na corporação. Como a família Sorenson ficaria sem o ganha-pão por um ano inteiro, a empresa também concordou "em pagar a Bella Sorenson, sua esposa, trinta e cinco dólares por mês enquanto ele estiver empregado e cobrar o mesmo em sua conta para o salário."

Bella - que, como sua irmã observou, pouco se importava com Mads como pessoa - ficou feliz em mandá-lo por um ano em busca de ouro. Cegados pela promessa de riqueza estonteante, ela e Mads também concordaram em investir uma quantia considerável de seu próprio dinheiro para cobrir seus

"suprimentos por um ano". No mesmo dia em que Mads assinou seu acordo com a empresa, ele e Bella assinaram uma nota promissória conjunta de setecentos dólares (equivalente a mais de vinte mil hoje), colocando a escritura de sua propriedade da Alma Street como garantia colateral.

O que aconteceu a seguir é detalhado em uma ação judicial que Bella e Mads posteriormente lançou contra a Yukon Mining & Trading Company.

"Em conformidade com o referido contrato", diz o documento, Mads "fez todos os preparativos e com grande sacrifício e despesa para ir ao Alasca e se apresentou à referida corporação em ou próximo ao primeiro dia de abril de 1898, e informou ao oficiais da referida

corporação que ele estava pronto para cumprir seu contrato e se manteria pronto para ir para o Alasca. ”

Quando dois meses se passaram sem nenhuma palavra de qualquer representante da empresa, ele e Bella, suas suspeitas levantadas, contataram um advogado que “exigia o direito de examinar os livros da referida empresa”. Sua investigação confirmou os piores temores dos Sorensens.

Longe da próspera operação de mineração de ouro que pretendia ser, a Yukon Mining & Trading Company tinha "absolutamente nenhum recurso financeiro". De acordo com o projeto de lei apresentado na chancelaria por Bella e Mads em junho de 1898, a referida corporação não tinha e não tem qualquer participação de qualquer valor em quaisquer minas no Novo México, Alasca ou em outro lugar. [É] absolutamente sem meios e distribuiu grandes blocos de ações, a saber: quinhentas e vinte e cinco mil ações.

[Seus] oficiais e promotores são homens sem recursos e homens que não são financeiramente responsáveis.

[Ela] foi formada com o único propósito de fraudar investidores inocentes e nunca, em nenhum momento, com a intenção de cumprir seu contrato. . .

[Ela] está agora totalmente extinta, insolvente e suspensa [sem] ativos ou meios para pagar suas dívidas legítimas ou para continuar nos negócios.

Como outros cuja ganância leva a melhor em seu julgamento, Bella e Mads foram vítimas de um golpe. A nota promissória, junto com a escritura de fideicomisso de sua propriedade, foram vendidas a um vendedor de imóveis e corretor de hipotecas chamado Emanuel Hogenson por quinhentos dólares.

Quando a nota venceu em dois anos, os Sorensens seriam obrigados a pagar a ele setecentos dólares mais juros ou o risco de perder sua

casa.

Embora os Sorensens tenham finalmente prevalecido em seu processo, impedindo Hogenson de lucrar com sua nota, seu sonho de enriquecimento rápido chegou a um fim mortificante.

Mads voltou ao seu emprego anterior como vigia noturno na loja de departamentos Mandel Brothers, enquanto Bella parecia destinada a passar o resto de seus dias como a esposa de um trabalhador de baixa renda. Mas, como os eventos logo provariam, ela tinha outros planos.

Na noite de terça-feira, 10 de abril de 1900, um incêndio, supostamente causado por um "aparelho de aquecimento defeituoso", irrompeu na casa dos Sorensens na Alma Street. Embora os bombeiros tenham chegado a tempo de salvar o prédio, Bella e Mads sofreram a perda de cerca de US

\$650 em "utensílios domésticos". Felizmente, como relatou o Chicago Tribune, "todas as propriedades destruídas estavam seguradas", e o casal recebeu outro acordo pesado.

Para Bella, ainda havia mais por vir. No momento do incêndio, Mads pertencia a uma associação de benefícios mútuos que lhe forneceu uma apólice de seguro de vida de US \$ 2.000, com vencimento na segunda-feira, 30 de julho de 1900. Ele decidiu deixar essa apólice caducar e contratar uma nova para \$ 3.000 que entrariam em operação no mesmo dia.

Naquela mesma segunda-feira à tarde, o Dr. JC Miller, um jovem médico que já havia se hospedado com os Sorensens, recebeu uma intimação urgente de Bella. Correndo para o endereço da Alma Street, ele encontrou Mads, totalmente vestido, morto em cima de sua cama. A essa altura, outro médico - Charles E. Jones, o médico da família dos Sorensens - havia chegado. Questionando Bella, eles descobriram que seu marido, que estava sofrendo de um forte resfriado, tinha voltado do trabalho naquela manhã reclamando de

uma "terrível dor de cabeça". Ela lhe dera uma dose de quinino em pó e depois descera para a cozinha preparar o jantar para as crianças. Quando ela subiu as escadas um pouco depois para ver como estava seu marido, ela o encontrou morto.

Pensando, como explicou mais tarde, que "o farmacêutico cometeu um erro e [deu] sua morfina em vez de quinino", Miller pediu para ver o papel em que o pó fora embrulhado. Bella respondeu que ela tinha jogado fora. Sem nenhuma outra evidência além dos sintomas descritos por Bella, os dois médicos concluíram que Mads havia morrido de hemorragia cerebral.

Para Bella - a única beneficiária das duas apólices de seguro de vida de seu marido - o momento de sua morte súbita não poderia ter sido mais fortuito.

"Se Sorenson tivesse morrido um dia antes", explicou um jornal mais tarde,

"sua esposa teria sido capaz de cobrar apenas na primeira apólice por US \$

2.000 ou, se um dia depois, apenas na segunda por US \$3.000. Morrendo como ele morreu, ela arrecadou com a velha e a nova apólice um total de US \$ 5.000. " Traduzido para os dólares de hoje, a viúva Sorenson era mais rica em \$ 150.000.

Três dias depois, na manhã de quinta-feira, 2 de agosto de 1900, Mads Ditlev Anton Sorenson foi sepultado ao lado de seus dois filhos pequenos no cemitério Forest Home. Entre os que compareceram ao funeral estava a irmã afastada de Bella, Nellie. Exatamente o que aconteceu entre eles é desconhecido, embora - de acordo com o testemunho de Nellie - ela foi tomada em um ponto por uma premonição sombria.

"Enquanto eu estava lá", ela contaria mais tarde, "uma sensação terrível tomou conta de mim. Eu senti que algo estava para

acontecer. " A sensação a atingiu com tanta força que ela ficou tonta e "não conseguia ficar de pé".

Outros oito anos se passariam antes que ela entendesse o significado do pavor que se apoderou dela naquele dia.

3

O MOEDOR

Situada na McClung Road, nos arredores de La Porte, a propriedade conhecida localmente como "Mattie Altic's Place" tinha uma história cheia de xadrez. O proprietário original do terreno era John C. Walker, um dos pais fundadores de La Porte, que, em 1846, ergueu uma casa imponente para sua filha, Harriet, e seu marido, John W. Holcomb. Quase vinte anos depois, em 1864, os Holcombs - cujas simpatias sulistas os tornaram párias em um condado que enviou mais de 2.500 homens para lutar pela causa da União - deixaram La Porte para sempre.

Pouco depois de terem fugido, a casa foi vendida para um BR Car, um comerciante local de carvão e madeira, cujo filho, G. Hile Car, tornou-se o líder de um bando de fora da lei que "aterrorizou aquela parte de Indiana".

Quando as coisas ficaram muito quentes para a gangue, o carro mais jovem rumou para o oeste, para Denver, onde foi morto a tiros durante uma tentativa de assalto a banco. Logo depois que o corpo do filho foi enviado de volta para casa, o carro mais velho vendeu o lugar e desapareceu de La Porte, deixando para trás um monte de dívidas não pagas. Nos anos seguintes, a casa passou pelas mãos de vários proprietários mais malfadados, incluindo dois irmãos que "morreram tão repentinamente que o legista foi chamado para investigar", um fazendeiro que se enforcou em um quarto do andar de cima, e, em 1892, o indivíduo que brevemente teria o título de "a mulher mais notória do norte de Indiana", Mattie Altic.

Uma senhora transplantada de uma cidade grande, a extravagante Mattie -

uma mulher escultural no molde da Gibson Girl que usava um chapéu com uma enorme pluma de avestruz quando ia às compras

no centro -

transformou o lugar no bordel mais elegante da região, completo com um bar com tampo de mármore na "sala de entretenimento" da frente, uma casa de carruagens chique e um surrey vistoso com o topo da franja costumava buscar seus clientes quando eles chegavam de trem de Chicago.

Quando ela morreu repentinamente, alguns anos depois, a causa foi oficialmente dada como doença cardíaca, embora continuassem as histórias de que ela havia tirado a própria vida depois de ser rejeitada por um amante ou envenenada por sua irmã, uma dona de bordel rival chamada Eva Ruppert, que dirigia um "resort" concorrente (como os jornais eufemisticamente o descreveram) em South Bend.

Apesar de sua "reputação sórdida", o lugar Altic não teve problemas para atrair compradores. Nos oito anos após deixar de operar como bordel, teria uma sucessão de proprietários antes de ser comprado pela mulher cuja infâmia ultrapassaria tão amplamente a de sua proprietária anterior que, em comparação, Mattie Altic pareceria respeitável como uma professora do meio-oeste.

Não se sabe exatamente como Bella Sorenson soube que o Altic estava à venda. Após a morte de seu marido, ela fez uma visita a um parente em uma fazenda em Fergus Falls, Minnesota, e a ideia de se reinstalar em uma fazenda própria parece ter se apoderado dela. De volta a Chicago - de acordo com certos historiadores do caso - ela colocou um anúncio classificado no Tribune, buscando uma propriedade adequada. O anúncio chamou a atenção do então atual proprietário do Altic Place, que contatou Bella. Um acordo foi feito e, em novembro de 1901, depois de vender sua propriedade na Alma Street, Bella Sorenson e seus três filhos, Jennie, Myrtle e Lucy, mudaram-se para La Porte.

Durante a primeira década de casamento, Belle e Mads abrigaram brevemente um pensionista chamado Peter Guinness.

As fotos remanescentes de Peter confirmam a descrição de um escritor dele como um "homem Viking loiro de boa aparência, com olhos azuis claros e

uma barba e bigode amarelos pontiagudos". Um emigrante de Oslo que chegou a este país em 1885, ele se juntou a seu irmão, Gust, em Minneapolis antes de se mudar para Chicago em 1893 - o ano da grande Feira Mundial - onde alugou um quarto dos Sorensons enquanto trabalhava em os currais. Após uma breve visita de volta à Noruega, ele voltou para Minneapolis, onde, em junho de 1895, casou-se com uma jovem chamada Jennie Sophia Simpson. Eles moravam em uma casa na Hennepin Street, enquanto Peter trabalhava como "encarregado de uma mercearia". Seu primeiro filho, uma menina que eles batizaram de Swanhild, nasceu em 1897. Quatro anos depois, Jennie Guinness morreu ao dar à luz seu segundo filho, outra menina.

Durante a visita a seu primo em Minnesota após a morte de Mads, a viúva Sorenson decidiu fazer uma viagem para Minneapolis e tornar a se familiarizar com seu belo - e de repente disponível - ex-pensionista. Os anos não foram bons para Belle. Dificilmente uma beleza para começar, ela havia envelhecido e se tornado uma figura grosseira e masculina, descrita, nas palavras particularmente duras de um de seus contemporâneos, como uma

"mulher gorda e de feições pesadas com uma grande cabeça coberta por um esfregão de lama. cabelos coloridos, olhos pequenos, mãos e braços enormes e um corpo grosseiro sustentado por pés grotescamente pequenos." O fato de ela ter tido tão poucos problemas para atrair homens, mesmo um tão bonito como Peter Guinness, diz muito sobre o apelo sedutor de sua fazenda de

quarenta e oito acres em Indiana. Em 1º de abril de 1902, o casal fisicamente incongruente se casou na Primeira Igreja Batista de La Porte, oficiando o reverendo George C. Moor.

Cinco dias depois das núpcias, a filha de sete meses de Peter morreu.

“Edema dos pulmões” foi citado como a causa oficial de morte. Seu corpo foi enviado para Chicago, onde foi enterrado no cemitério Forest Home ao

lado dos restos mortais dos outros dois bebês que morreram sob os cuidados de Belle.

Oito meses depois, por volta das 3h da terça-feira, 16 de dezembro, Swan Nicholson e sua família - os vizinhos mais próximos dos Gunnesses - foram acordados por uma batida forte na porta da frente, como se alguém estivesse batendo nela com uma barra de ferro . Correndo escada abaixo em seus lençóis, eles encontraram a filha adotiva de Belle, Jennie, de pé na varanda, um atizador de fogão em uma das mãos.

“Mamãe quer que você suba”, disse a menina de 12 anos. “Papa se queimou.”

Quando eles chegaram à casa da fazenda Gunness alguns minutos depois, Swan e seu filho Albert encontraram Belle sentada na cozinha, tão exausta que ela mal conseguia falar com coerência. O marido dela, vestido com sua longa camisola branca, estava esparramado de bruços na sala - “deitado no nariz e com sangue no chão”, como Nicholson mais tarde testemunhou.

Agachado ao lado do corpo, Nicholson “segurou seus braços para sentir o pulso e tentou falar com ele.

Mas ele não me deu nenhuma resposta. ”

Ordenado que fosse buscar um médico, o jovem Albert correu até a cidade e despertou o Dr. Bo Howell, que na época era o legista do condado.

Enquanto o médico se vestia, Albert correu para o celeiro onde Howell guardava seu equipamento. Em seguida, os dois dirigiram rapidamente para a casa de Guinness.

Entrando na sala, Howell ficou de joelhos e fez um exame atento do corpo, enquanto os outros - Swan, Albert, Jennie e uma Belle soluçante - pararam em um círculo. Howell percebeu imediatamente que Guinness já estava morto há algum tempo. O corpo já estava ficando rígido. A parte de trás de sua cabeça apresentava um ferimento feio, densamente endurecido com

sangue, e seu nariz estava quebrado e dobrado para o lado. A impressão imediata de Howell foi que o homem havia sido assassinado.

Belle, cuja "condição beirava a histeria", foi conduzida de volta à cozinha e sentada em uma cadeira. Howell fez o possível para descobrir o que havia acontecido, embora a história que conseguiu extrair da mulher inconsolável levantasse mais perguntas do que respostas. Pelo que pôde constatar, o marido dela fora à cozinha buscar os sapatos, que guardava perto do fogão para se aquecer. Quando ele se abaixou para pegá-los, um moedor de carne caiu de uma prateleira acima de sua cabeça, atingindo a parte de trás de seu crânio e derrubando uma tigela de salmoura quente que escaldou seu pescoço.

Apesar de seus ferimentos, ele garantiu a ela que estava bem e tinha se deitado para descansar. Poucas horas depois, ela o descobriu morto no chão da sala.

Embora Howell achasse essa história altamente suspeita, ele decidiu reservar o julgamento até que uma autópsia pudesse ser realizada

no dia seguinte. O jovem Albert Nicholson, entretanto, não nutria tais dúvidas.

Enquanto ele e seu pai voltavam para casa, ele "comentou que achava que o Sr. Guinness havia sido assassinado. Seu pai o advertiu para não dizer nada do tipo, ou poderia haver problemas para a Sra. Guinness. "

Reportando sobre a morte de Peter Guinness no dia seguinte, os jornais exibiram pouco da cautela que Swan Nicholson havia incitado a seu filho.

"Crime de alto grau", berrava uma manchete no Fort Wayne Daily News .

Durante as últimas semanas, declarou o jornal, o assassinato estava

"ocorrendo desenfreadamente no condado de La Porte". Os residentes ainda estavam de luto pela morte do jovem heróico Wesley Reynolds, morto em um tiroteio com dois aspirantes a ladrões de banco. Os três "ladrões negros" que assassinaram o dono da mercearia John Koonsman

continuaram foragidos, apesar de uma recompensa de quinhentos dólares oferecida por sua captura pela Associação de Comerciantes de Varejo local.

A polícia estava tentando rastrear a pessoa que havia enviado uma caixa de bombons com arsênico para a jovem empregada Matilda Baker que, "sem suspeitar do veneno dos doces, partilhou livremente". E a mãe de George Shearer, de dezessete anos, escapou por pouco da morte quando o jovem

"de repente ficou demente e tentou matá-la com uma faca".

Essa série de tragédias culminou com a morte repentina de Peter Guinness de uma "maneira misteriosa" que deu "fortes indícios de

crime".

Na tarde de 16 de dezembro, o Dr. Bowell, assistido por outro médico local, Dr. HH Martin, realizou uma autópsia no corpo de Guinness. Conforme detalhado em seu relatório oficial, Bowell não encontrou "nenhuma evidência de escaldaduras ou queimaduras em todo o corpo". O "nariz de Guinness foi lacerado e quebrado, mostrando evidências de golpes severos (ou o resultado da queda em um artigo rombudo, como a borda de uma tábua)". O ferimento mais significativo foi "uma laceração no couro cabeludo e na camada externa do crânio com cerca de 2,5 centímetros de comprimento, situada logo acima e à esquerda da protuberância occipital.

Ao retirar o pericrânio, evidenciou-se fratura e depressão da placa interna do crânio no ponto correspondente à laceração externa. Também houve hemorragia intercraniana acentuada. "Bowell concluiu que "A morte foi devido ao choque e pressão causados pela fratura e pela referida hemorragia".

Longe de lançar luz sobre as misteriosas circunstâncias da morte de Guinness, como Bowell esperava, a autópsia apenas exacerbou suas dúvidas sobre a história que obtivera de Belle. Determinado a descobrir a verdade, ele anunciou sua intenção de formar um júri e conduzir um inquérito.

O inquérito foi realizado na quinta-feira, 18 de dezembro de 1902, na casa da fazenda Guinness, na sala onde Peter morreu. Belle, a testemunha principal, foi submetida a um interrogatório demorado e às vezes bastante direto pelo Dr. Bowell, enquanto seu escrivão, Louis H. Oberreich, transcrevia a troca.

Solicitada a descrever os acontecimentos daquela noite fatídica, Belle explicou que, depois de colocar os filhos na cama, fora à cozinha encher tripas de salsicha com a carne de porco recém-cortada que Peter moera para ela naquela tarde.

Depois de concluir a tarefa, ela lavou o moedor de carne e se retirou para a sala de visitas, onde Peter lia os jornais.

"Estávamos sentados aqui olhando para eles, acho que já passava das onze horas", ela lembrou. "Eu disse a ele: 'Acho que está quase na hora de ir para a cama'. Ele também pensou assim, pegou o cachimbo e foi para a cozinha. Ele sempre costumava trancar a porta antes de subirmos para dormir. E eu o ouvi fazer um barulhinho lá fora, e ele sempre colocava seus sapatos de volta no fogão para esquentar, e eu acho que ele deve ter voltado para pegar um par de sapatos, e de repente eu ouvi um barulho terrível e deixei cair meu jornal e fui e quando cheguei lá, ele estava se levantando do chão e colocando as duas mãos na cabeça. Eu tinha uma tigela grande com um pouco de salmoura na parte de trás do fogão e ia colocá-la sobre um queijo de cabeça que deixei lá, e a tigela estava cheia e quente e pensei que não poderia usá-la até amanhã de manhã e pensei que seria melhor deixá-lo lá até de manhã. "

"Onde foi que?" perguntou Howell. "No fogão ou na prateleira?"

"Na parte de trás do fogão. Eu tinha lavado o moedor de carne, limpei-o e coloquei-o em uma prateleira do fogão para secar. Eu geralmente coloco minhas coisas de ferro lá para secar. 'Mãe', ele diz, 'eu me queimei tão

terrivelmente.' Eu estava com tanto medo que não sabia o que fazer, todas as roupas dele estavam molhadas. Eu disse: 'É melhor você tirar a roupa'.

Ele disse: 'Minha cabeça queima terrivelmente'. Ouvi dizer que o bicarbonato de sódio com água era bom para colocar para não formar bolhas, então coloquei. Lavei uma toalha nele e coloquei no pescoço dele. "

"Foi toda essa salmoura derramada?" Howell perguntou.

"Sim", disse Belle. "Acho que a tigela estava quase vazia."

"Aquela salmoura estava fervendo?"

"Bem, estava fervendo", disse Belle, "mas ficou algum tempo no fogão, então não estava tão quente, mas estava quente o suficiente para queimar.

Esfreguei-o com vaselina e linimento. "

Quando Howell perguntou se ela havia notado o ferimento na parte de trás de sua cabeça enquanto ela estava ministrando a ele, Belle reconheceu que sim.

"Estava sangrando?" perguntou Howell.

"Não muito", respondeu ela. "O sangramento parecia ter acabado."

Disseram para continuar, Belle explicou que elas se sentaram na cozinha enquanto ela esfregava vaselina no pescoço escaldado do marido. "Ele disse que estava com medo de perder um pouco do cabelo por causa da queimadura e estava reclamando terrivelmente." Eles então voltaram para a sala e "sentaram lá por algumas horas de qualquer maneira". A essa altura,

"ele estava começando a ficar um pouco melhor e eu disse: 'Você não acha que é melhor deitar?' E ele disse:

'Provavelmente sim', e eu disse: 'É melhor você não subir para a cama, mas deitar-se na sala e eu vou consertar isso lá em cima, porque está mais quente.' Ele pensou assim, e eu fui consertar a sala para ele e tirei suas roupas e coloquei sua camisola. Eu disse a ele: 'Acho que vou subir e me deitar com as meninas e, se houver alguma coisa que você quiser, me chame.' Então eu subi e fui dormir. Eu estava cansado."

Em termos dramáticos, Belle narrou o doloroso desfecho. "De repente, eu o ouvi chamando. Ele estava perto da porta e chamando 'mamãe' o mais rápido que podia e para que as crianças acordassem

e eu ficasse tentando pensar e disse para elas ficarem quietas, que eu tinha que ir até o papai, que o papai estava queimado. Tentei colocar minhas roupas porque estava frio. Desci as escadas e quando descii ele estava andando pela sala e dizendo: 'Ó mamãe, mamãe, minha cabeça.

Não sei o que se passa com a minha cabeça. ' Eu perguntei qual era o problema. "Minha cabeça, minha cabeça", ele diz.

"É como se algo estivesse acontecendo na minha cabeça." 'Papai', eu disse,

'do que você está falando? Deixe-me ver o que é, suponho que você esfregou a pele. 'Ó minha cabeça, minha cabeça.' "Bem, se você acha que é melhor, é melhor eu chamar o médico", eu disse, e subi as escadas e levantei a garota e ela foi até os Nicholsons. E quando eu vim de cima ele estava segurando sua cabeça e disse: 'Ó mamãe, acho que vou morrer.' Eu perguntei a ele o que estava doendo tanto e levei um pouco de água e ele disse para não tocar em sua cabeça. Quando Nicholson veio até a porta, eu estava esfregando sua cabeça e abri a porta, eu acho, e eles entraram e ele então pensou que tinha ido embora, mas eu não pensei que ele tinha ido antes de você chegar, acho que ele estava apenas inconsciente . "

"Quanto tempo você acha que foi desde o momento em que ele foi ferido antes de morrer?" perguntou Howell.

"Bem, eu acho que deve ter sido depois das onze horas ele se machucou, e eu não pensei que ele tinha ido embora depois que você veio aqui."

"Você sentou com ele duas horas depois que ele se machucou?"

"Sim", disse Belle. "É claro que eu não fiquei lá em cima por muito tempo.

Eu disse boa noite e subi as escadas e logo ele me ligou. "

"Você disse que ele estava gravemente queimado?"

Belle assentiu. "Ele estava com o pescoço vermelho e a pele com bolhas na orelha aqui."

"Como você acha que ele teve aquela dor na cabeça?"

"Não sei, doutor. Peguei o moedor de carne do chão e acho que deve ter caído sobre ele de uma forma ou de outra, é o que eu acho, mas não vi."

"Ele disse alguma coisa sobre isso?" perguntou Bowell.

"Ele não disse nada sobre a dor em sua cabeça."

"Quando você encontrou aquele corte, você disse a ele que a cabeça dele foi cortada?"

"Eu perguntei a ele onde ele estava com a cabeça porque estava dolorida nas costas, mas ele não me disse."

Em resposta às outras perguntas de Bowell, Belle afirmou que seu marido nunca explicou como a tigela de salmoura quente "caiu sobre ele", além de dizer que ele "deve ter se rebelado de alguma forma". Quando questionada sobre como ele quebrou o nariz, ela confessou ignorância. "Eu não posso dizer. Eu não percebi o nariz antes que eles me contassem. "

"Ele não reclamou disso?" perguntou Bowell. "Ele não sangrou pelo nariz?"

"Ele não sangrou pelo nariz", disse Belle.

Bowell se perguntou se Belle "pensou ser possível que alguém pudesse ter entrado aqui e o matado, batido nele com aquele moedor de salsicha, e você não o ouviu?"

Ela foi enfática em sua negação. "Se alguém tivesse entrado, eu os teria ouvido de uma forma ou de outra."

Bowell tinha uma pergunta final a respeito do relacionamento de Belle com Peter, cuja morte terrível em sua presença apenas dois dias antes, aparentemente a tinha enviado a um paroxismo selvagem de dor.

"Vocês sempre viveram felizes juntos, você e ele?" Bowell perguntou.

"Até onde eu sei," uma Belle de olhos secos disse com um encolher de ombros.

Jennie Gunness, seis meses antes de seu décimo terceiro aniversário, testemunhou em seguida. Seu relato do que aconteceu na noite da morte de seu padrasto coincidia exatamente com o de Belle. Seus pais, ela disse,

"estavam massacrando um porco, estavam preparando a carne e iam fazer

linguiça". Depois de terminar o trabalho, "Mamãe lavava tudo e colocava no fogão. . . secar." Ela então se juntou ao marido na sala de estar, onde eles se sentaram "lendo o jornal e então acho que ele estava apenas saindo para pegar os sapatos". Momentos depois, após ouvir um barulho surpreendente, Belle correu para a cozinha e descobriu que Peter "havia se queimado. . .

ela não sabia que era outra coisa e achou melhor ele descansar um pouco. "

Depois de acomodá-lo no sofá, Belle subiu para dormir ao lado dos filhos.

Pouco tempo depois, ela "o ouviu chamar:

'Mãe, mãe'. Ele disse a ela que sua cabeça doía e ela deveria ir até ele. "

Questionada sobre o que aconteceu então, Jennie respondeu que tinha "se levantado" e descido, onde encontrou seu padrasto caído no chão da sala.

Enquanto sua mãe cuidava de suas queimaduras, Jennie "foi direto para os Nicholsons", levando "o atizador do fogão para bater na porta para levá-los". Quando ela voltou com Swan e seu filho, Belle, que parecia fora de si,

"disselhes para irem direto ao médico."

"Ela disse que ele se escaldou?" perguntou Howell.

"Ela disse que ele se queimou", respondeu Jennie. "Ela não sabia que era algo sério."

"Quando ela estava lavando a cabeça dele, ela descobriu que ele foi cortado?" Howell perguntou.

"Não sei, acho que ela só achou que era só um lugarzinho, porque não apareceu."

"Como você acha que ele se machucou na cabeça?"

"Bem, eu não poderia dizer a você, nem a mãe", disse Jennie, "mas quando ela apareceu aquela coisa estava no chão."

"Ele não disse a ela?"

"Não que eu saiba."

"Você não acha que ele sabia que sua cabeça foi cortada?"

"Bem, suponho que sim, mas não sei."

Suspeitando que a menina estava apenas repetindo o que sua mãe lhe dissera para dizer, Howell perguntou se os dois haviam "conversado sobre como ele se machucou". Jennie balançou a cabeça vigorosamente, insistindo que "não conversamos nada". Ao mesmo tempo, ela admitiu que estava dormindo quando o suposto acidente ocorreu. Dada a combinação exata de sua história com a de sua mãe, parecia inescapavelmente claro que, apesar de suas negações, ela havia sido cuidadosamente treinada.

Como Howell certamente reconheceu, havia aspectos profundamente perturbadores na história contada por Belle e ecoada por sua filha adotiva.

Mesmo admitindo seu peso, poderia um moedor de carne, derrubado de uma prateleira por um homem curvado, realmente bater sua cabeça com tanta força a ponto de fraturar seu crânio? Como Belle e Peter puderam ficar sentados juntos na sala por duas horas sem discutir uma única vez a causa do acidente? Por que ele não mencionou o ferimento na cabeça?

Como ela não notou seu nariz quebrado e sangrento? Por que a autópsia não revelou nenhuma evidência de queimaduras?

Algumas das perguntas de Howell a Jennie deixaram inequivocamente claro que ele não só nutria sérias dúvidas sobre a versão dos acontecimentos de Belle, mas também suspeitava que ela poderia ser o que futuros criminologistas chamariam de uma "viúva negra" assassina - o tipo de psicopata que mata uma série de companheiros por seu dinheiro. O

padrasto de Jennie tinha seguro de vida? Ele deixou um testamento? Ele havia trazido "algum dinheiro com ele" quando se mudou para La Porte? A cada uma dessas perguntas, a menina de 12 anos deu a mesma resposta:

"Não sei".

Ela tinha mais a dizer quando Bowell repentinamente perguntou se ela estava "em casa" quando o primeiro marido de sua mãe, Mads Sorenson, morreu.

Reconhecendo que sim, Jennie despejou um relato ofegante daquele dia.

"Ele trabalhava durante a noite para os irmãos Mandel", disse ela, "e voltava para casa geralmente às oito horas da manhã, depois dormia o dia

todo e todas as manhãs sempre nos sentávamos na varanda e ele brincar com a gente, e naquela manhã eu descii e sentei na varanda da frente com alguns amigos meus e então ele disse que iria para a cama, e ele foi lá e havia outras pessoas morando lá conosco e mamãe foi na lavanderia e estava lavando algumas roupas e a Sra. S a chamou e disse que o papai estava chamando ela e ela correu e perguntou o que ele queria e ele apenas disse a ela para trancar a porta e então ela trouxe um pouco de água mas ele não bebeu, e de repente ouvimos um grito, mas não sei onde mamãe estava então, ela desceu e disseram que ele agarrou a roupa de cama, deu um grito e morreu".

"Ele deixou algum seguro de vida para você?" perguntou Bowell, revelando mais uma vez seus pressentimentos sobre a mulher, agora duas vezes viúva, que perdera os dois maridos em circunstâncias tão peculiares.

"Eu não sei."

"Ele não deixou dinheiro algum?"

"Eu não sei. Acho que sim, mas não sei nada sobre isso. "

Onde, perguntou Bowell, sua mãe conseguiu dinheiro para "comprar este lugar"?

“Ora, não sei”, disse Jennie.

O inquérito foi concluído com o testemunho de Swan Nicholson, que afirmou que “não viu nenhuma queimadura” no corpo de Peter Guinness. Ele também não observou nenhum sangue no sofá onde o Guinness gravemente ferido supostamente foi se deitar. Questionado se ele achava que o “moedor de salsicha caindo de onde caiu, atingindo [Guinness] na cabeça, poderia ter quebrado seu crânio”, ele deu uma resposta um tanto equívoca. “Eu acho que poderia ter, mas nunca pensei que houvesse outra coisa senão a maneira como ela me disse.”

Bowell encerrou seu breve interrogatório perguntando diretamente se Nicholson achava “possível que [a Sra. Guinness] pode tê-lo matado. ” Desta

vez, Nicholson foi mais enfático. “Não, eu nunca pensei isso, não senhor.

Eles são como um casal de filhos, igual ao dia em que se casaram. ” Poucos minutos antes, porém, no início de seu depoimento, Nicholson testemunhou que não sabia praticamente nada sobre seus novos vizinhos. Questionado sobre suas impressões de Belle, ele respondeu: “Pelo que eu sabia, achava que ela estava bem, mas tínhamos tão pouco para lidar com ela, estávamos lá em cima, minha esposa estava lá uma vez no inverno passado, mas eu não estava lá, mas uma vez. ”

Na época em que Bowell conduziu seu inquérito, a comunidade estava rodeada de “boatos sobre o crime”, como noticiou um jornal local.

Os residentes zombaram da explicação de Belle para a morte de seu marido.

“Peter Guinness foi morto com um moedor de carne caindo em sua cabeça”, zombou uma dona de fazenda. “Uma história muito

provável!”

O comportamento relatado de Belle no funeral de seu marido também levantou sobrancelhas. A cerimônia foi realizada na sala da casa da fazenda Guinness na sexta-feira, 19 de dezembro. Os rituais foram conduzidos pelo reverendo George C.

Moor, o mesmo ministro que uniu Belle e Peter em casamento apenas oito meses antes. “Durante a pregação”, escreve um cronista do caso, “Belle gemia com os dedos diante dos olhos. Albert Nicholson podia ver, no entanto, que ela estava olhando alerta entre eles para verificar o efeito que estava fazendo. ”

O jovem Albert permaneceu tão convencido de sua culpa que, após o funeral, não parava de compartilhar essa opinião com os outros participantes até que "o pai me mandasse calar a boca".

Ele dificilmente estava sozinho em sua visão. Foi um choque, então, para muitos la porteanos quando o Dr. Bowell divulgou suas descobertas no mesmo dia em que Peter Guinness foi enterrado no cemitério de Patton.

“Depois de ter examinado o corpo e ouvido as evidências”, dizia, “[nós]

descobrimos que o falecido veio à morte pela queda acidental da parte do augur de uma linguça caindo da prateleira de aquecimento do fogão em sua cozinha e batendo na parte de trás da cabeça dele: o impacto da referida parte augur do moinho de salsicha causando fratura de crânio e hemorragia intercraniana resultando em morte. ”

Se o relatório de Bowell encerrou oficialmente o caso, pouco fez para abafar os rumores. Um deles viria a ser amplamente aceito como verdade inquestionável. Dizia respeito à pequena Myrtle Sorenson, de cinco anos na época da morte do padrasto. Apenas uma semana antes de sua própria morte, assim diz a tradição “, ela sussurrou no ouvido de um pequeno colega de escola: 'Minha mãe

matou meu papai. Ela o atingiu com um cutelo e ele morreu. Não diga a ninguém. '''

4

A VIÚVA DA FAZENDA

A poucos meses após o segundo marido de Belle foi expedido para sua sepultura, outra criança foi adicionado à sua casa, um rapaz chamou Phillip.

Circunstâncias misteriosas acompanharam a chegada do bebê. A parteira que veio ajudar no parto ficou perplexa ao descobrir que o bebê já havia

“nascido, tomado banho e vestido”.

Mais tarde naquela manhã, depois de ser notificada pela jovem Jennie Guinness de que sua mãe tinha “dado um garotinho”, uma vizinha chamada Catherine Lapham se aproximou para dar uma mão. Para seu espanto, Belle estava na cisterna, lavando roupas.

"Você não deveria estar acordado!" exclamou a Sra. Lapham.

"Ah", disse Belle, "no velho país eles nunca vão para a cama depois de terem um bebê."

Outra dona de fazenda, a Sra. Louisa Diesslin, ficou igualmente surpresa quando ela visitou no dia seguinte e encontrou Belle “no quintal perseguindo porcos e correndo por aí”. Quando a Sra. Diesslin expressou seu choque - “Como você pode fazer isso, uma nova mãe?” - Belle, mais uma vez, ignorou as preocupações da vizinha.

Além dos poderes de recuperação aparentemente milagrosos da nova mãe de 43 anos, havia algo mais que parecia estranho a cada uma dessas

mulheres. Como disse um deles, o bebê "parecia muito velho para ser um recém-nascido".

Rapidamente espalharam-se boatos de que a viúva Guinness não tinha dado à luz. O menino, especulam os vizinhos, deve ter sido adotado.

Anos depois, outras teorias muito mais sinistras sobre as origens da criança circulariam entre o povo de La Porte.

Entre os menos persuadidos pelo veredicto oficial sobre a morte de Peter Guinness estava seu irmão, Gust. Suspeitando que o crime estava envolvido não apenas no caso de seu irmão, mas na morte repentina de Jennie Guinness, de sete meses - a criança que morreu menos de uma semana após o casamento de Peter com Belle -, ele tinha motivos para se preocupar com o poço -ser de sua sobrinha sobrevivente, Swanhild, de cinco anos, que permaneceu sob os cuidados de sua madrasta.

Ele também sabia que, antes do casamento, Peter havia feito um seguro de vida de \$ 2.500, nomeando Swanhild como o beneficiário. Gust queria ter certeza de que o pagamento terminaria onde deveria.

Nos primeiros meses de 1903 - a data exata é incerta - Gust viajou para La Porte de sua casa em Minneapolis. Ele ficou tranquilo ao descobrir que, embora ocasionalmente solitário para os membros da família dela em Minneapolis, Swanhild parecia estar bem. Ele ficou menos satisfeito quando perguntou sobre os US \$ 2.500 que ela devia. Antes da morte infeliz de seu falecido marido - Belle explicou - Peter "entregou a apólice de seguro a uma empresa de mineração para a compra de ações e, se as ações chegassem a alguma coisa, Swanhild seria uma garota rica". Quando Gust pediu para ver os certificados de ações, no entanto, Belle não pôde apresentá-los. Em vez disso, ela lhe fez uma proposta: que ele "ficasse com ela e administrasse a fazenda". Dadas as dúvidas que nutria sobre a

maneira como seu irmão morreu, não é de surpreender que ele tenha recusado a oferta. Belle reagiu

com um olhar maligno. "Não gostei dos olhos dela", diria Gust mais tarde.

Ele ficou na fazenda por vários dias com uma crescente sensação de mal-estar. Certa manhã, menos de uma semana depois de sua chegada, Belle acordou e descobriu que Gust havia partido - e que ele havia levado Swanhild com ele.

As relações amigáveis que Belle tinha com seus vizinhos quando ela veio para La Porte não estavam fadadas a durar.

"Ninguém era amigo dela", lembrou a filha de Louisa Diesslin, Dora, mais tarde. "Você não queria ter nada a ver com ela. Todos os vizinhos, não apenas nós. "

O rompimento de Belle com os Diesslins foi provocado por um conflito por algumas vacas perdidas. Como Dora explicou, os dois bezerros de Belle continuavam vagando na propriedade dos Diesslins para pastar em seus campos.

Enfurecido com essa grosseira "violação dos códigos de cidade pequena", o pai de Dora avisou Belle que, a menos que ela mantivesse o gado cercado, ele exigiria pagamento pelo uso de seu pasto. A próxima vez que ele encontrou os bezerros em sua propriedade, ele cumpriu sua ameaça, trancando as vacas em seu curral e se recusando a devolvê-las até que Belle pagasse a ele um dólar. Pouco depois, ela retaliou. Vendo algumas vacas de Diesslin pastando ao longo da estrada, ela as levou para o quintal. Quando William correu para recuperá-los, ela exigiu um dólar pela devolução.

"Mas você os afasta da estrada!" Diesslin gritou.

Belle friamente insistiu que as vacas estavam "invadindo" e repetiu sua exigência.

Quando o indignado Diesslin alcançou o portão para libertar suas vacas, Belle se voltou para sua filha adotiva, Jennie.

"Entre e pegue o revólver," Belle ordenou. Momentos depois, a garota voltou correndo com a arma.

"Não toque nesse portão", disse Belle, apontando a arma para Diesslin.

"E então ele teve que pagar a ela um dólar!" Dora contou. " Esse é o tipo de vizinha que ela era!"

Um confronto semelhante por causa do gado levou à ruptura com a família Nicholson, até então seus amigos mais próximos na comunidade. Enquanto Albert Nicholson contava a história, um bando de porcos de Belle ficava perambulando pela fazenda de sua família e entrando "no milho". Cansado de levá-los para casa, seu pai, Swan, finalmente os enxotou para seu próprio chiqueiro, em seguida, engatou sua charrete e se dirigiu para a cidade para apresentar uma queixa ao policial. Belle foi forçada a pagar uma multa para recuperá-los: onze dólares, "um dólar por cabeça por danos".

Na segunda-feira seguinte, a mãe de Albert estava na cidade quando encontrou Belle. Embora o testemunho de Swan Nicholson no inquérito do legista sobre a morte de Peter Guinness tenha sido fundamental para evitar que Belle fosse indiciada por assassinato, ele agora - na visão distorcida da mulher "louca por dinheiro" - cometeu uma ofensa final. Com o rosto largo ficando vermelho de fúria, Belle se virou para a esposa de Swan e cuspiu:

"Isso é tudo o que o Sr. Nicholson tem tentado fazer todos esses anos é pegar meu dinheiro. Bem, agora ele entendeu. Eu não quero mais nada com nenhum de vocês! "

Desse momento em diante, os Nicholsons e Belle Guinness nunca mais se falaram ou pisaram nas fazendas um do outro.

Com a saída de Peter, Belle assumiu o trabalho que normalmente teria sido executado por um homem. Ela fez seu próprio plantio e colheita, arremessou seu próprio feno, ordenhou suas próprias vacas. Usando um

boné de pele de foca, um casaco de couro de homem e um par dos sapatos velhos do marido, ela se juntava aos homens nos leilões da fazenda,

“vagando na lama. . . olhando as máquinas agrícolas, enquanto o resto das mulheres ficava acordado perto do fogão. ” Na venda de gado, ela comprava um porco de noventa quilos, levantava-o e jogava-o na carroça com a facilidade como se fosse um saco de roupa suja. Quando chegou a hora de abater o animal, ela cuidou do negócio sozinha - "atirou, sangrou, escaldou, estripou e guardou a cabeça para o queijo".

Como outros fazendeiros locais, ela ganhou um dinheiro extra vendendo alguns de seus produtos na cidade. Uma nativa de La Porte, Mabel Carpenter, sempre se lembraria do dia em sua infância em que Belle Guinness dirigiu até sua casa em uma fivela em ruínas, pulou do assento e levantou “esta grande cesta de batatas, [coloque-a] seus ombros. . . e marchou direto para dentro de casa. ”

Um inventário da propriedade da fazenda de Belle incluiria eventualmente

“porcas, um javali, arminhos, novilhas, bezerros, um touro, galinhas, cavalos, um potro, um pônei Shetland. . . vagões, um cultivador, plantador, grade, encadernação, arado, arreios e selas, serras, escadas, carrinhos de mão, carrinho de mão, carrinho de pônei, fardos de arame e todos os tipos de baldes e cordas. ” Mesmo para uma mulher com a força e habilidades excepcionais de Belle, uma operação tão substancial era mais do que ela poderia fazer sozinha. No inverno de 1904, ela precisava urgentemente de um homem - e não apenas para ajudar no trabalho da fazenda.

Em fevereiro daquele ano, Olaf Lindboe, de trinta anos - um imigrante norueguês que havia chegado a Chicago três anos antes - encontrou um anúncio de "procura de ajuda" no jornal de língua norueguesa Skandinaven

. O trabalho era para um trabalhador em uma fazenda em La Porte, Indiana.

Empacotando seus pertences mundanos - incluindo as economias de uma vida de \$ 600 - ele foi para Indiana, onde foi prontamente contratado pela proprietária da fazenda, a viúva Guinness.

Pouco tempo depois de sua chegada, os vizinhos começaram a notar que ele e a Sra. Guinness pareciam desfrutar de um relacionamento excepcionalmente próximo - tanto que, como relatou um jornal, foi

"geralmente aceito que ele era seu noivo". O próprio Lindboe não fez nada para dissipar essa noção. Escrevendo para seu pai na Noruega, apenas dois meses depois de vir trabalhar para a Sra. Guinness, ele falou entusiasmado sobre a "localização requintada" da fazenda e "mencionou que poderia se casar em breve". Com os outros imigrantes com quem fez amizade, incluindo Swan Nicholson, ele foi ainda mais direto. Como Nicholson mais tarde testemunhou, a sra. Guinness foi "muito gentil com [Olaf] - tão gentil que ele ficou imbuído da ideia de se casar com ela. Olaf começou a se considerar o dono da fazenda. "

Não muito depois de Lindboe postar a carta para seu pai, um dos vizinhos de Belle, Chris Christofferson, recebeu uma palavra da Sra. Guinness que

"ela precisava de ajuda [porque] seu empregado, Olaf, havia saído no meio de um trabalho importante". Belle estava no campo arando milho quando ele chegou. Quando Christofferson perguntou sobre o desaparecimento de Olaf, ela explicou que ele tinha ido a St. Louis para ver a Feira Mundial "e que ia comprar um terreno" lá. Swan Nicholson ouviu uma história diferente: que seu amigo Olaf tinha ido

"para casa para ver o novo rei da Noruega coroado". E quando o pai de Olaf, após não receber nenhuma comunicação de seu filho por muitos meses, escreveu para perguntar sobre seu paradeiro, Belle enviou uma carta dizendo que, pelo que ela entendeu, ele "foi para o oeste e ocupou uma propriedade em algum lugar".

Na verdade, ele ainda estava em sua fazenda. Quatro anos se passariam, entretanto, antes que Olaf Lindboe - ou o que restou dele - fosse visto novamente.

Durante a segunda semana de abril de 1905, poucos meses após o desaparecimento de Lindboe, o vizinho Chris Christofferson estava na casa de Gunness quando um estranho chegou da cidade. Apresentando-se a Christofferson como Henry Gurholt, ele explicou que "veio trabalhar para a Sra. Gunness". Ele tinha um baú pesado com ele, e Christofferson o ajudou a carregá-lo para o quarto recentemente desocupado por Lindboe. Gurholt ficou muito satisfeito com as acomodações e expressou seu apreço ao novo empregador.

"Ah, sim", disse a Sra. Gunness, "sempre gosto de tê-lo limpo e agradável para uma pessoa que trabalha para mim".

Tudo sobre sua nova situação era do agrado de Gurholt. Em uma carta para sua mãe escrita uma semana após sua chegada, ele descreveu a fazenda como "um dos lugares mais bonitos da vizinhança", com uma bela casa de tijolos de treze cômodos cercada por "um bosque de belas árvores verdes".

"Estou sendo tratado quase da mesma forma que alguém da família", declarou ele.

Chris Christofferson viu Gurholt repetidamente nas semanas seguintes, muitas vezes na companhia da Sra. Gunness. Um dia, em agosto de 1905, durante a colheita, Belle apareceu na casa de Christofferson e perguntou se ele poderia ajudá-la a empilhar aveia. Gurholt, ela explicou, havia desistido de repente.

"Ele te deixou nessa hora, quando tinha acabado de cortar a aveia?"

Christofferson exclamou.

"Ele disse que estava doente e não podia fazer o trabalho",
respondeu Belle.

Ele tinha ido para Chicago, disse ela, levando apenas "uma bolsa com algumas roupas". Seu baú e a maior parte de suas roupas, incluindo um pesado casaco de pele, ele havia deixado para trás.

Naquele inverno, como ele testemunhou mais tarde, Christofferson viu a Sra. Guinness vestindo "o casaco de pele que Gurholt havia deixado". Não entendendo por que um homem se mudaria para Chicago sem o casaco, Christofferson perguntou a Belle "se Gurholt não queria" - se "ele não tivesse escrito para ela".

Não, Belle respondeu, ela "não tinha ouvido uma palavra dele."

5

A FALTA

No final do verão de 1905 - logo após o desaparecimento de Henry Gurholt -

um anúncio classificado começou a aparecer em jornais de língua norueguesa em todo o meio-oeste, incluindo o Minneapolis Tidende , o Decorah-Posten em Iowa e o Skandinaven . Traduzido para o inglês, dizia: PROCURADA — Uma mulher que possui uma fazenda valiosa e lindamente localizada em condições de primeira classe deseja um homem bom e confiável como parceiro dela. Um pouco de dinheiro é necessário e será fornecido como segurança de primeira classe.

Os interessados foram convidados a escrever para "BG" ao cuidado do jornal.

Não se sabe exatamente quantas respostas esse anúncio gerou, embora DJ

Hunter, o carteiro que entregava a correspondência na fazenda de Belle Guinness, mais tarde relatasse que normalmente recebia "de uma a quatro"

cartas todas as manhãs, e às vezes até "oito ou dez cartas um dia." Entre os primeiros a responder estava um imigrante norueguês de meia-idade chamado George Berry, que deixou sua casa em Tuscola, Illinois, com \$

1.500 em dinheiro - cerca de \$ 40.000 em dinheiro hoje - depois de informar conhecidos que estava se mudando para La Porte " por um trabalho e possivelmente casamento. " Algumas semanas depois, um assinante do Decorah-Posten , Christian Hilkven de Dover, Wisconsin, vendeu sua fazenda por \$ 2.000 e se despediu de seus

amigos depois de providenciar o envio do jornal para seu novo endereço em La Porte.

Informando seu chefe que iria "se casar com uma viúva rica", Emil Tell, um solteiro sueco de Osage, Kansas, largou o emprego na Howard-Massey Furniture Company e viajou para La Porte "com \$ 2.000 no bolso". O viúvo Ole Budsberg, de cinquenta anos, de Iola, Wisconsin, vendeu sua fazenda para seus filhos adultos e - explicando que "ele estava indo para La Porte se casar" - partiu para Indiana com US \$ 1.000 em dinheiro. Em dezembro de 1905, John Moe, um solteirão de 40 anos de Elbow Lake, Minnesota, e assinante do Skandinaven , visitou seu banco local para descontar \$ 1.000

em cheques, explicando ao caixa que "ele estava indo para La Porte , Indiana, onde ele usaria o dinheiro. "

E havia mais. Muito mais. De acordo com o testemunho subsequente de Emil Greening - "um homem de dezenove anos de corte quadrado, bom senso e feliz" contratado como lavrador - "Sra. Guinness recebia visitantes homens o tempo todo. Um homem diferente vinha quase todas as semanas para ficar na casa. Ela os apresentou como primos de Kansas, Dakota do Sul, Wisconsin e Chicago. A maioria dos homens que vieram trouxe baús com eles. A Sra. Guinness mantinha os primos com ela o tempo todo na sala

de estar e em seu quarto. Ela sempre teve o cuidado de fazer os filhos ficarem longe dos primos. "

Nenhum desses homens ficou por aqui por muito tempo, embora nem Greening nem qualquer outra pessoa tenha testemunhado sua partida.

Estranhamente, cada um deles deixou seu baú para trás. Por fim, Greening lembrou, "havia cerca de quinze baús e uma sala estava cheia de todos os tipos de roupas masculinas. A Sra. Guinness disse que os primos haviam deixado suas roupas e ela não tinha certeza se eles voltariam para pegá-las.

No verão de 1906 - durante um dos intervalos entre as visitas de seus muitos "primos" homens - Belle contratou um homem local, um imigrante polonês chamado William Brogiski, para cavar alguns buracos na sujeira de seu cercado . Ela era muito exata sobre suas dimensões: 1,80 m de comprimento, 1,20 m de largura e 1,20 m de profundidade.

"Eles devem ser fossos de lixo", explicou Belle.

Na semana seguinte, Brogiski teve a oportunidade de voltar para a fazenda.

Os buracos, ele notou, ainda estavam vazios.

Como ele testemunhou mais tarde, ele "nunca viu o que entrou no fundo desses poços, nem quando eles foram enchidos".

Vários anos se passariam antes que Brogiski, junto com o resto de um mundo aterrorizado, descobrisse seu verdadeiro propósito.

No outono de 1906, a filha adotiva de Belle, Jennie, havia se tornado uma menina de dezesseis anos de uma beleza impressionante. Um retrato fotográfico tirado por volta dessa época mostra uma jovem de rosto fresco, lábios carnudos, cabelos louros abundantes, olhos suaves e pele impecável: a própria imagem de uma atraente garota de fazenda alimentada com leite.

Sem surpresa, ela atraiu vários admiradores do sexo masculino.

Um deles era Emil Greening, o jovem lavrador de Belle. Ao longo de seu longo emprego na fazenda, ele e Jennie se tornaram confidentes. "Ela me contou muito sobre si mesma quando estávamos sozinhos", Greening explicaria mais tarde.

Em algum momento do inverno de 1906, ela o informou que sua mãe decidira mandá-la para a faculdade na Califórnia e providenciou para que um dos professores viesse a La Porte e a acompanhasse até a escola.

Pouco antes do Natal, Greening soube que o professor havia chegado. Cedo na manhã seguinte, ele foi enviado para uma missão. Quando voltou, pediu para ver Jennie para que pudesse se despedir dela. Ele ficou perplexo com a resposta de Belle.

"Sra. Guinness me disse que Jennie partiu naquela mesma manhã ", disse Greening. "Mas ninguém a viu sair. E ninguém no lugar jamais viu o professor. "

John Weidner, um jovem trabalhador de uma carruagem que estava cortejando Jennie, teve uma experiência semelhante.

Durante uma visita à sua casa cerca de dez dias antes do Natal, Jennie disse a ele que estava indo para Los Angeles para fazer faculdade. Sua mãe havia feito todos os arranjos. Weidner estava desanimado. A própria Jennie não parecia especialmente feliz com a partida e o fez prometer que voltaria no domingo seguinte para se despedir.

Quando chegou o domingo, Weidner alugou uma charrete e foi para a fazenda. "Estava nevando. Soprando ", Weidner lembrou mais tarde.

"Quando cheguei lá, bati na porta e perguntei por Jennie. A sra. Guinness disse: 'Ora, Jennie foi para Los Angeles.' Eu disse: 'É mesmo? Que engraçado. Ela me pediu para ir vê-la antes de ir. A Sra. Guinness disse:

'Sim, ela foi na quarta-feira.' "

No decorrer do semestre seguinte, Weidner enviou várias cartas a Jennie na Califórnia, mas não obteve resposta.

Encontrando a Sra. Guinness na cidade um dia em outubro de 1907, ele contou a ela sobre seus esforços fracassados para se comunicar com sua filha.

"Oh, está tudo bem," Belle disse com uma risada. "Ouvi dizer que você se casou e escreveu para contar a Jennie."

Weidner explicou que foi seu irmão que se casou e "pediu a ela que escrevesse e dissesse a Jennie que eu ainda era solteiro". A Sra. Guinness prometeu que sim. Mas Jennie nunca escreveu para ele.

RAIO

Com a morte de Jennie, a vida na fazenda Guinness perdeu todo o encanto que possuía para Emil Greening. Em junho de 1907, seis meses após sua partida abrupta, ele largou o emprego e rumou para o oeste. Um mês depois, ele foi substituído por Ray Lamphere.

As fotografias de jornal de Lamphere mostram um homem de rosto fino e nariz comprido com uma mecha de cabelo escuro e encaracolado, um bigode espesso e despenteado e olhos com a aparência de um animal selvagem e encurralado.

Trinta e sete anos na época em que se envolveu com Belle Guinness, ele era filho de um membro proeminente da comunidade, William W. Lamphere, um

ex-professor, político e juiz de paz que "havia bebido à vontade seu dinheiro, sua posição social respeitável e seu lar feliz. "

Como seu pai, Ray gostava muito da garrafa. Embora fosse um carpinteiro habilidoso quando sóbrio, ele era geralmente considerado um "homem fraco, inútil, sem contas", cujos salários - quando ganhava algum - eram desperdiçados em bebidas alcoólicas, prostitutas e jogos de azar, e que se dizia ter perdido cinquenta dólares em uma única noite em uma máquina caça-níqueis de salão nos fundos.

Os relatos de como ele foi contratado por Belle são diferentes. Vários cronistas afirmam que - depois de algum tempo olhando para ele - ela o parou na rua um dia em junho e propôs que ele fosse morar na fazenda e trabalhar para ela. Outros, de forma mais convincente, dizem que, como membro do Sindicato dos Carpinteiros local, Ray ouviu falar de um colega carpinteiro sobre um "trabalho

que precisava ser feito na fazenda Guinness e se encontrou com Belle para uma entrevista em La Porte. Ela o contratou na hora. ”

Seja como for, é certo que, no início de julho, Lamphere estava morando na casa dos Guinness, ocupando o quarto do segundo andar da casa da fazenda recentemente desocupada por Emil Greening. Ele também - como costumava se gabar para seus companheiros de bebida - se tornara seu amante. A noção do jovem franzino se jogando em um caso sexual com a mulher de traços rudes e 280 libras quase onze anos mais velha levou pelo menos um estudante do caso a se entregar a alguma psicanálise de poltrona, especulando que era de Belle “Muita maturidade” que a tornava irresistível para Lamphere. “Para um homem solitário com um desejo de ser materno, de retornar à segurança do útero, tal mulher pode ter representado a segurança da realização sem nenhuma de suas responsabilidades.”

Possivelmente. Também é verdade, porém, que outras funcionárias de Belle se tornaram suas companheiras de cama. Um deles, Peter Colson, que trabalhou em sua fazenda por dois anos, mais tarde descreveria com detalhes excitantes como ela ia ao seu quarto à noite e fazia "amor com ele com palavras doces e carícias". Ela “ronronou como um gato”, testemunhou Colson. “Ela era suave e gentil em seus modos. Eu nunca vi uma mulher assim. ”

Ao longo do outono de 1907, Ray e a Sra. Guinness eram freqüentemente vistos juntos. Parecidos com Jack Sprat e sua esposa, eles entraram na cidade em sua carroça e caminharam lado a lado pelas ruas. Para seus camaradas, ele gritaria que ela implorou para ele se casar com ela, e ele ostentava os presentes que ela tinha dado a ele, incluindo um belo relógio de prata. De um ponto de chacota da cidade - um “vagabundo e vagabundo inabalável”, como um jornal o descreveu – ele se tornaria o senhor de uma bela e extensa fazenda.

E então Andrew Helgelien apareceu.

HELGELIEN

Começando no verão de 1906, mesmo enquanto outros respondentes de seu anúncio chegavam regularmente em sua fazenda, Belle embarcou em uma correspondência com Andrew Helgelien, um agricultor de trigo de 49 anos de Dakota do Sul, que tinha visto seu anúncio no Minneapolis Titende . Ao

longo dos próximos dezoito meses, ela enviaria dezenas de cartas para ele -

entre setenta e cinco e oitenta, de acordo com as fontes mais confiáveis.

Todos foram escritos em norueguês e eram tão desleixados em sua dicção, grafia e caligrafia que o tradutor que mais tarde forneceu versões em inglês para o tribunal os descreveu como "extremamente defeituosos e, evidentemente, obra de uma pessoa ignorante".

Por mais grosseiramente compostas que fossem, no entanto, essas "missivas de sereia" (como um jornal contemporâneo as chamou) trabalharam seu feitiço sinistro, atraindo seu destinatário, como o desfile de pretendentes ávidos que o precederam, para o lugar que logo será conhecido em todo o país como a "fazenda do assassinato".

O fato de Belle ter passado um ano e meio armando sua armadilha diz muito não apenas sobre sua astúcia malévola, mas sobre o próprio Helgelien. Ao contrário da maioria de suas vítimas anteriores, ele não era uma presa fácil.

Entre as poucas fotos que restaram dele estão uma visão de rosto inteiro e o perfil que o acompanha: sua foto policial na prisão. Um norueguês corpulento e de pescoço grosso de aparência um tanto suína, ele havia passado dez anos na Instituição Correcional de

Minnesota por roubar a agência dos correios da vila em Red Wing, Minnesota, e então incendiar o prédio na tentativa de destruir qualquer evidência. Na época, ele respondeu ao anúncio de Belle em 1906 - doze anos após sua libertação - ele estava cultivando em Aberdeen, Dakota do Sul, não muito longe de seu irmão, Asle, um proprietário rural na vizinha Mansfield e uma irmã, Anna, no Líbano.

Dirigindo-se a ele como "Prezado Senhor" e assinando-se como "Sra. PS

Gunness ", Belle escreveu de volta a Helgelien em 8 de agosto de 1906, descrevendo-se como a dona de " uma bela casa bem no meio de onde os ricos têm suas belas casas de verão. . . Todos os tipos de árvores frutíferas

abundam aqui e boas casas novas com todas as melhorias e belas estradas de avenida. " Ela afirmou ter "74 acres de terra" - 50 por cento a mais do que o tamanho real de sua propagação - com um valor estimado de "\$

12.000 a \$ 14.000" (aproximadamente equivalente a \$ 400.000 hoje). Para ver se ele era um candidato digno de suas atenções, ela encerrou pedindo-lhe "para me dizer um pouco mais sobre você mesmo" e, o mais importante,

"quanto dinheiro você pretende investir".

Embora a metade da correspondência de Helgelien não exista mais, está claro pela próxima carta de Belle a ele, datada de 20 de agosto, que ele respondeu imediatamente e que sua resposta mais do que a satisfizes com seus bens. Seu tom transmite a empolgação mal contida de um pescador que sentiu uma enorme pegada pegar o anzol e deve reunir toda a habilidade para puxá-lo.

"Caro amigo", começava a carta. "Você me impressiona por ser um bom homem com um caráter forte e honesto. Um verdadeiro norueguês genuíno em todos os aspectos, e é difícil encontrar um

homem assim e nem todas as mulheres apreciam. Há muitos desses 'caras' americanos por aqui, mas eu nem mesmo olharia para eles, não importa quantas vezes eles me perguntassem. " Ela apresentou uma imagem idílica de seu estado de adoção, descrevendo o clima de Indiana como "ameno no inverno e não tão quente [como Dakota do Sul] no verão, com muita chuva e sem tempestades e a terra está boa para que possamos levantar tudo".

La Porte, em seu relato, foi um lugar de oportunidade de ouro. "Há um bom mercado para tudo porque fica muito perto de Chicago e o terreno está subindo o tempo todo", escreveu ela. "Há muitos que estão quase milionários agora por terem comprado terrenos há alguns anos, dobrando o preço muitas vezes e vendendo os terrenos em pequenos lotes para empresários em Chicago para casas de veraneio. . . Você terá uma chance

muito melhor de usar seu capital aqui, e isso provavelmente o tornará independente para o resto de sua vida. " Declarando que o havia escolhido para ser seu parceiro "entre mais de uma centena de candidatos", ela o exortou a não demorar. "Tire todo o seu dinheiro do banco", aconselhou ela,

"e venha o mais rápido possível".

Em setembro - apenas um mês após o primeiro contato - Bella (como ela soletraria seu nome em todas as letras seguintes) já estava tratando Helgelien não como um mero parceiro de negócios, mas como um parceiro em potencial. "Anseio conhecê-lo melhor, mas tentarei esperar com paciência até que você chegue [aqui]", escreveu ela no tom fervoroso de uma mulher apaixonada que anseia por se reunir com seu namorado ausente. "Agora joguei fora todas as outras respostas que recebi e mantenho todas as suas em um lugar secreto, sozinhas. . . Você realmente não sabe o quanto eu

os prezo, pois não encontrei nada tão genuíno norueguês e real em todos os 20 anos que estou na América ”.

Em seus olhos apaixonados, Helgelien elevava-se acima do comum dos homens, e ela mal podia esperar para se dedicar inteiramente às necessidades dele. "Eu não acho que uma rainha poderia ser boa o suficiente para você", ela jorrou, "e em meus pensamentos você está mais alto do que tudo e não vou deixar nada me impedir de fazer qualquer coisa por você."

Ela esboçou um retrato atraente da vida doméstica feliz que eles compartilhariam. "Ficaremos muito felizes quando você chegar aqui", ela prometeu, "então farei um pudim de creme e muitas outras coisas boas. . .

Deve parecer muito solitário para você estar lá em cima sozinho, mas deve se apressar e vir até mim o mais rápido possível. . . Você já está lá há muito tempo e trabalhou duro por muitos dias e agora deve relaxar pelo resto de seus dias. "

Havia uma coisa, ela enfatizou, que tornaria sua nova vida juntos ainda mais doce. Helgelien não deve contar a ninguém seus planos de se juntar a Belle em La Porte, especialmente aos membros de sua família. "Quando estivermos todos acomodados, sua querida irmã Anna, do Líbano, nos visitará", ela prometeu. "Mas minha querida, não diga nada sobre vir aqui, então a surpresa será muito maior quando ela descobrir. . . É um prazer guardar esse segredo para nós mesmos e ver como todos ficarão surpresos quando o descobrirem. "

Antes de desligar, ela fez questão de enfatizar os conselhos práticos que repetiria muitas vezes nos meses seguintes.

"Agora venda tudo o que você pode conseguir em dinheiro, e se sobrar muito pode facilmente levar com você, pois em breve venderemos aqui e conseguiremos um bom preço por tudo. Não deixe dinheiro ou estoque lá em cima, mas fique livre de Dakota

para que você não tenha mais nada com que se preocupar lá em cima.

"Agora, meu querido amigo", ela encerrou, "venha logo."

Em uma carta que Belle recebeu em 27 de outubro de 1906, Helgelien mencionou que estivera doente. "Você não sabe o quanto me faz sentir que você esteve doente e sozinho", ela respondeu no mesmo dia. "Faça um bom ponche quente e vista algumas roupas de baixo quentes e mantenha-se bem aquecido o tempo todo. Saúde é a melhor coisa que podemos ter, meu querido amigo. "

Esperando sua chegada iminente, ela prometeu encontrá-lo na estação ferroviária. Ele não teria problemas para reconhecê-la: "Eu sou uma mulher bastante robusta", disse ela com considerável eufemismo, "uma genuína norueguesa com cabelo castanho norueguês e olhos azuis." Helgelien podia esperar as mais calorosas boas-vindas. "Você deve se lembrar que você terá uma reunião que vem do coração. Mesmo que o mundo tenha sido um pouco difícil comigo, eu ainda mantive minha boa natureza. "

Era importante, ela repetiu, que ninguém mais soubesse de seus planos de viagem, dando seus conselhos com uma piscadela de flerte. "Venha sozinho", disse ela. "Não leve ninguém lá de cima com você antes de nos conhecermos um pouco. . . Você não acha que seria melhor se estivéssemos sozinhos, especialmente no início? "

Ela terminou com o tipo de despedida que os amantes trocam durante longas separações. "Agora devo fechar porque estou ficando com sono.

Agora vou para a cama e penso em você. "

Com o inverno se aproximando e nenhuma indicação de que ele tinha feito seus preparativos de viagem, o tom de Belle tornou-se mais urgente. Ela implorou a seu "melhor amigo mais querido" que resolvesse seus negócios o mais rápido possível e corresse para o

lado dela. "Por que você tem que ficar tanto tempo lá em cima, onde é tão ruim? Agora estou com tanto medo de que você fique doente se ficar mais tempo. Se você estivesse aqui, poderíamos ter muito melhor, você e eu. . . Você não precisa ficar aí em cima e trabalhar até a morte, caro amigo, mas, como você diz, viva em paz e aproveite um pouco a vida ".

Transmitindo uma preocupação de esposa com seu bem-estar, ela o admoestou a se agasalhar para a viagem: "Providencie uma boa roupa de baixo de lã e um bom casaco grande de pele de urso para que você não resfrie na viagem". Sua saúde, entretanto, não era sua única preocupação.

"Você fala em deixar um pouco do seu dinheiro lá em cima. Isso eu não faria se fosse você ", ela aconselhou. "Pegue todo o seu dinheiro e leve-o com você quando vier, pois você pode obter juros altos pelo seu dinheiro aqui. . .

Meu caro amigo, troque todo o dinheiro em notas, no maior valor possível, e costure bem, primeiro na parte de dentro da sua calcinha e coloque um pedaço fino de pano por baixo para que não seja notado e costure Boa."

Mais uma vez, ela o lembrou da importância de manter sigilo absoluto. "Não diga uma palavra sobre isso a ninguém, nem mesmo ao seu parente mais próximo." Aqui, como antes, as palavras de Belle assumem uma qualidade distintamente sugestiva, "implicando nas entrelinhas o que poderia acontecer entre as folhas", como disse um historiador. "Então, querido amigo", escreveu ela, "este é um segredo entre nós e ninguém mais.

Provavelmente teremos muitos outros segredos entre nós, não, querido amigo? . . . Teremos muitas coisas entre nós que ninguém mais saberá e que desfrutaremos, não é, meu querido amigo? Certamente vou providenciar para que você se divirta. "

Ela terminou com uma palavra de cautela que, à luz do que ela realmente havia planejado para Helgelien, revela muito sobre a depravação de seu personagem, o prazer sádico que ela claramente derivava de brincar, como um gato, com uma vítima pretendida. Lembrando-o novamente da necessidade de proteger seu dinheiro durante a viagem, ela o incentivou a ficar em guarda. "Eu sei agora que você é um homem com conhecimento de muitas coisas e viu como tantas pessoas são suaves e más e quantas fraudes e truques elas estão tramando, e tomariam tudo que alguém tivesse e não quisesse trabalhar, mas viver nos outros e não se importam com o mal que eles fazem. . . Meu amigo, fique longe dessas pessoas. "

No início de dezembro de 1906, Belle recebeu a palavra de Helgelien de que ele não poderia se mudar para La Porte tão logo eles esperavam. "Meu melhor amigo mais querido", escreveu ela no dia 14. "Você não sabe como fiquei desanimado quando li que você não poderia vir para o Natal e que decidi ficar lá o inverno todo. Quem vai comer todo este bacalhau norueguês, pudim de creme, *etc.* e desfrutar de todos os prazeres que planejei? "

Decepcionada como estava, no entanto, ela assegurou-lhe que continuaria a esperar pacientemente por ele. "Eu coloco você mais alto em minhas

afeições do que qualquer outra pessoa nesta terra", declarou ela, "e permanecerá fiel até que você venha." Com seu cálculo usual, ela terminou com uma imagem de contentamento doméstico compartilhado que deve ter sido irresistivelmente tentador para um solteiro solitário que se defendia sozinho em uma fazenda difícil de Dakota.

"Se ao menos você estivesse aqui comigo e estivesse sentado em uma cadeira de balanço falando comigo. Então, eu iria buscar para

você uma taça de vinho de frutas que eu mesma fiz, mas você receberá quando vier, meu caro amigo. ”

Pouco depois do ano novo, Helgelien recebeu a notícia da Noruega de que sua mãe havia morrido. Em 12 de janeiro de 1907, Belle enviou uma carta consoladora, instando-o a se consolar com o conhecimento de que sua mãe havia ido buscar sua recompensa - que “o Senhor a chamou para casa.

“É difícil quando se rompe o vínculo que mantém os pais e filhos unidos”, admitiu Belle. “Mas todos devemos nos curvar à sábia orientação de Deus e sabemos que algum dia nos encontraremos novamente. Devemos tentar e fazer o melhor de nossas vidas enquanto vivemos neste mundo perverso e não vamos chorar pelos mortos, eles receberam seu descanso e devemos esperar que estejam com Deus no céu, alegres e felizes. ”

O melhor remédio para o luto, afirmou ela, era deixar de lado os pensamentos dos que partiram e “viver para aqueles que estão aqui conosco e fazer o melhor que pudermos por eles”. No caso de Helgelien, isso significava correr para o lado da pessoa que esperava ansiosamente por sua chegada. “Agora, meu caro amigo”, ela encerrou, “espero que você faça tudo o que puder para chegar aqui o mais rápido possível.”

Com a chegada da primavera, Belle - que claramente não via desculpa para mais atrasos - intensificou sua pressão sobre Helgelien. Dirigindo-se a ele

não apenas como seu “melhor amigo mais querido”, mas como seu “melhor e mais fiel amigo em todo o mundo”, ela enchia suas cartas com fotos implacavelmente róseas de sua vida futura juntos.

“Espero muito por você”, ela escreveu a ele em abril. “Quando você vier, teremos muitos bezerros, porquinhos, galinhas e gatinhos. Isso vai ficar bem e muito divertido, não é? Todos esses animais que

tenho, faço deles animais de estimação e todos eles gostam muito de mim. ”

Várias semanas depois, ela relatou com entusiasmo que estava “arrumando a casa” em preparação para a chegada dele.

“Será muito confortável e agradável quando estiver tudo pronto e então espero que você esteja aqui e tudo esteja bem,” ela exclamou. “Então seremos tão aconchegantes e teremos um bom bolo caseiro e um bom café com pudim de creme e muitas outras coisas boas. Então também vamos sentar e conversar e conversar até ficarmos tão cansados que não poderemos mais falar. Sim, meu caro amigo, vamos compensar essa longa espera, disso você pode ter certeza. . . Oh, se você soubesse como eu adoraria conversar com você sobre tudo, meu bom amigo. . . Sim, meu caro amigo, será tão agradável. ”

Embora Helgelien tivesse evidentemente dado a Belle bons motivos para acreditar que ele finalmente se juntaria a ela no verão de 1907, ele adiou novamente sua partida. Naquela queda, pela primeira vez, ela deu vazão à sua frustração.

“Agora já é 25 de setembro e no ano passado, nesta época, eu esperei por você e ainda assim você não veio até mim”, ela repreendeu. “Eu sei que você é um homem em quem posso confiar e, portanto, esperei tão fiel, mas é tão cansativo e solitário esperar tanto mais e o outono está aqui de novo e eu consegui o ano todo administrar o melhor que pude sem ajuda constante

porque Eu esperei por você de uma hora para outra como você prometeu e prometeu e parece que você nunca vai colocar seus pertences em ordem lá em cima. ”

Embora assegurasse a ele que ele continuava sendo seu “mais querido, mais fiel e único amigo em todo o mundo”, ela terminou com um ultimato velado.

“Decida o mais rápido possível o que você realmente pretende fazer. . . Em sua próxima carta, deixe-me ter a grande felicidade de saber que você logo estará vindo para cá, pois então serei o mais feliz e saberei que encontrei o melhor amigo do mundo. ”

A resposta de Helgelien, como todas as suas outras correspondências, não existe mais. Pela última carta sobrevivente de Belle para ele, no entanto, parece claro que ele levou a mensagem a sério, assegurando-lhe que sua longa espera logo terminaria.

“Querido, apresse-se, eu imploro”, ela escreveu em 2 de dezembro. “Estou tão ansiosa por você, minha única e melhor amiga em todas as coisas.

Espero todos os dias para saber que você está vindo, e certifique-se de organizar todos os assuntos para que você não tenha que voltar mais. ”

Mais um mês se passaria antes que ele cumprisse sua promessa. No início de janeiro de 1908, Andrew Helgelien finalmente veio para La Porte.

O RIVAL

Felizmente assumindo o papel de amante, carpinteiro e lavrador de Belle Guinness, Ray Lamphere recebeu um choque cruel na manhã de sexta-feira, 3 de janeiro de 1908, quando um estranho corpulento com um casaco de pele felpudo que pendia abaixo dos joelhos chegou a a Fazenda. Mais tarde naquele dia, Belle informou a Ray que ela estava entregando seu quarto para seu convidado. Ray, ela disse, poderia "ir dormir no celeiro".

Ao amanhecer da manhã seguinte, Ray voltou para casa e, seguindo sua rotina matinal habitual, começou a acender o fogo do fogão da sala para aquecer o quarto antes do café da manhã. Ele estava terminando quando o novo homem desceu as escadas. Os dois iniciaram uma conversa que foi interrompida quando Belle apareceu e com raiva chamou Ray de lado.

"Ela me deu os dickens", Ray testemunhava, "e me disse para deixá-lo em paz".

Com a chegada do grande fazendeiro norueguês de Dakota do Sul, parecia a Ray que todo o seu relacionamento com Belle havia mudado da noite para o dia. "Nós nos dávamos bem antes disso e ela costumava vir ao meu quarto à noite", disse ele mais tarde. "Mas depois que ele veio, ela não teve nenhuma utilidade para mim."

Frank J. Pitner, caixa do First National Bank of La Porte, estava em seu lugar de costume atrás da gaiola do caixa na manhã de segunda-feira, 6 de janeiro, quando Belle Guinness entrou com um homem de ombros largos

vestindo um casaco de pele cinza que alcançava para suas canelas.

Apresentando-se como Sr. Helgelien, ele apresentou três certificados de depósito do First National Bank of Aberdeen, Dakota do Sul, e

anunciou que desejava resgatá-los pelo valor total. Quando Pitner explicou que teria de enviá-los ao banco emissor para coleta, a sra. Guinness perguntou quanto tempo isso levaria.

“Quatro ou cinco dias”, estimou Pitner.

Embora Helgelien aceitasse o atraso sem reclamar, a Sra. Guinness não conseguiu esconder seu aborrecimento. “Ela argumentou e insistiu”, escreve um historiador, “mas não havia dinheiro à vista e, por fim, eles foram embora sem dinheiro”.

Um esboço do valor total chegou ao banco La Porte em 11 de janeiro, mas três dias se passaram antes que a Sra. Guinness e Helgelien aparecessem novamente. Quando Pitner comentou levemente que eles pareciam ter menos pressa pelo dinheiro agora, disseram a ele que Helgelien estivera doente nos últimos dias.

Dada a quantia - \$ 2.839 (quase \$ 75.000 em dólares de hoje) - Pitner sugeriu que ele preenchesse um cheque administrativo. Helgelien parecia disposto, mas a Sra. Guinness insistiu que ele pegasse a quantia inteira em dinheiro.

Enquanto Pitner contava o dinheiro - metade em moedas de ouro, metade em dinheiro - ele perguntou a Helgelien o que ele pretendia fazer com tudo isso.

"Não é da tua conta!" A Sra. Guinness retrucou, então pegou seu companheiro pelo braço e o conduziu para fora da margem.

Mais tarde, naquele mesmo dia - terça-feira, 14 de janeiro - Belle enviou Ray Lamphere para uma missão. Ela tinha negociado um comércio de cavalos com um primo dela, explicou ela. John Moe era seu nome. Lamphere deveria encontrá-lo na cidade de Michigan, onde a transação ocorreria. Se, por algum motivo, Moe não aparecesse naquela noite, Lamphere deveria passar a noite lá e aguardar a chegada de seu primo na manhã seguinte.

Por volta das 5 horas daquela noite, Lamphere partiu para Michigan City, cerca de 19 quilômetros de La Porte. Ele trouxe um amigo como companhia, um motorista de carroça de cervejaria chamado John Rye. Não havia sinal de Moe no celeiro onde a troca deveria acontecer, então Lamphere e seu amigo mataram algumas horas, primeiro em uma casa de ostras, depois em um show de vaudeville de cinco centavos.

Por volta das 8h, depois de verificar novamente no celeiro, Lamphere, desafiando as ordens expressas de seu empregador, disse a Rye que estava voltando para La Porte. Eles pegaram o carro interurbano das 8:15, parando em La Porte cerca de uma hora depois.

Dizendo que queria “ver o que a velha senhora estava tramando”, Lamphere prometeu se encontrar com Rye mais tarde no saloon de Smith, depois saiu no escuro em direção à fazenda Guinness. Rye esperou no bar por uma hora, mas Lamphere não apareceu.

Quanto a Andrew Helgelien, ninguém jamais o viu vivo novamente.

ENDGAME

Ao se preparar para sua viagem a La Porte, Helgelien havia ignorado algumas das sugestões proferidas com tanto amor por seu melhor amigo em todo o mundo. Ele não havia, por exemplo, retirado todo o seu dinheiro do banco local e trazido consigo costurado dentro de sua cueca. Em outros aspectos, entretanto, ele concordou com suas propostas.

Evidentemente, ele concordou com ela que era melhor não contar a ninguém sobre seu relacionamento - que seu plano de começar uma nova vida com Belle deveria permanecer um segredo delicioso entre os dois.

Como resultado, antes de partir para Indiana em 2 de janeiro, ele não disse nada a seu irmão, Asle, sobre seu destino - apenas que "ele estaria de volta em casa em uma semana".

Quando dez dias se passaram sem nenhum sinal de seu irmão, Asle ficou preocupado. Pensando que Andrew poderia ter ido ver uma amiga da família chamada Minnie Kohn em Minneapolis, Asle enviou-lhe uma carta.

Ela confirmou que Andrew a visitou, mas disse que ficara apenas "cerca de uma hora". "Estou surpresa em saber que Andrew não está em casa", escreveu ela.

John Hulth, o lavrador que Andrew contratou para cuidar de seu gado, também começou a se perguntar sobre a ausência de seu patrão. Olhando ao redor da cabana de Andrew em busca de uma pista de seu paradeiro, ele

se deparou com dezenas de cartas, que prontamente entregou a Asle. Todos foram assinados como "Bella Guinness".

O que exatamente aconteceu entre Belle e Ray Lamphere em 3 de fevereiro de 1908 não está claro. Alguns relatos de jornais afirmam que ela o demitiu; outros que ele desistiu após uma disputa sobre alguns salários não pagos. É

certo, entretanto, que um rompimento amargo ocorreu entre eles naquela data. A saída de Ray da fazenda foi tão abrupta que ele deixou suas roupas e ferramentas de carpinteiro para trás. Menos de uma semana depois, ela contratou um substituto, Joseph Maxson, que fixou residência no quarto do segundo andar reservado para os empregados de Belle.

Nesse ínterim, Lamphere havia consultado um advogado local, que o aconselhou a retornar à fazenda, exigir seu dinheiro e pertences e, se recusado, informar a Sra. Guinness que ele estava preparado para entrar com um processo de reintegração, uma ação para recuperar ilegalmente tomados bens pessoais. Lamphere fez o que foi aconselhado. Longe de ser intimidada por sua ameaça, no entanto, Belle não apenas o expulsou de sua propriedade, mas imediatamente escreveu várias cartas para o xerife do condado, Albert Smutzer, reclamando que estava sendo assediada por seu ex-faz-tudo. No mês seguinte, depois de ver Lamphere se escondendo em sua fazenda, ela o prendeu por invasão de propriedade. Julgado em 13 de março perante o Juiz de Paz SE Grover, Lamphere, sem representação legal, se declarou culpado e foi multado em um dólar mais custas.

Em meados de março, depois de escrever ao agente do correio de La Porte e confirmar que a Sra. Guinness residia na cidade, Asle Helgelien enviou uma carta a Belle. Ela respondeu em 27 de março. "Você gostaria de saber onde seu irmão se mantém", escreveu ela. "Bem, isso é exatamente o que eu gostaria de saber, mas parece quase impossível para mim dar uma resposta

definitiva." De acordo com seu relato altamente duvidoso, Andrew havia saído de casa para procurar outro de seus irmãos, um jogador

profissional que fugira de Aberdeen em janeiro. Depois de não conseguir encontrá-lo em Minneapolis, Andrew parou brevemente em La Porte antes de continuar sua busca. "Ele iria fazer uma busca completa por ele em Chicago e Nova York", escreveu ela. "Ele sempre pensou que ele, o irmão, tinha ido para a Noruega e iria atrás dele."

Belle afirmou que, após chegar em Chicago, Andrew lhe enviou uma carta

"dizendo que deveria procurar seu irmão no dia seguinte e ele disse que eu não deveria escrever até ter notícias dele novamente. Desde então, não ouvi nem vi nada dele.

"Agora, isso é tudo que posso dizer a você sobre o assunto", ela disse ao encerrar. "Esperei todos os dias para ouvir algo sobre ele."

Em 28 de março, um dia depois de escrever sua carta para Asle Helgelien, Belle apresentou uma declaração alegando que Ray Lamphere era louco.

De acordo com o documento - um questionário impresso no qual suas respostas foram registradas à mão - ela percebeu "os primeiros sinais de insanidade" em Lamphere em dezembro de 1907, quando "ele me disse coisas que eu sabia não serem verdadeiras e irracionais". Questionada se ele havia "demonstrado alguma tendência extraordinária de sentimento ou conduta", ela respondeu com um enfático "Sim. Ele vem à minha casa todas as noites, em todos os momentos da noite, e olha pelas janelas, comete contravenções. " Embora ele já tivesse sido considerado culpado e multado por esse comportamento de assédio, ele "continua o mesmo", geralmente enquanto "embriagado". Apresentado com uma lista de verificação de características comportamentais que melhor descrevem Lamphere, Belle indicou que ele era "silencioso, melancólico, inquieto, recluso, monótono, profano, sujo, intemperante, insone e criminoso."

Anexado à declaração de Belle estava uma declaração do médico de Ray, Dr. Bo Howell, que testemunhou que ele "prescreveu para Lamphere em diferentes ocasiões durante os últimos cinco anos. Nunca o tratei de qualquer distúrbio mental. Eu não o considero louco. "

A comissão de insanidade de três membros nomeada para examinar Lamphere e julgar a alegação de Belle chegou à mesma conclusão.

"Encontramos o paciente quieto, limpo e organizado", escreveram eles. "Ele está um pouco nervoso.

Sua memória é boa para eventos recentes e remotos. A fala é inteligente e coerente. Ray Lamphere não é louco. "

Frustrada em seu esforço para declarar Lamphere louco, Belle o prendeu novamente por invasão de propriedade no início de abril. Seu julgamento foi marcado para o dia quinze. Pouco antes de acontecer, Asle Helgelien escreveu para ela novamente, pedindo para ver a carta a que ela havia se referido em sua conversa anterior, a que aparentemente havia sido enviada a ela por Andrew de Chicago.

Belle respondeu que não podia fazer isso porque a carta havia sido roubada por "um homem chamado Lamphere, que trabalhou para mim por um tempo. . . Este Lamphere começou a encontrar muitas coisas erradas para falar até que finalmente o prenderam, e eles fizeram três médicos examiná-lo para ver se ele estava são. Eles descobriram que ele não era louco o suficiente para colocá-lo em um hospital. Mas ele não é perfeitamente lógico. Ele agora está solto e terá um julgamento na próxima semana. . .

mas de uma coisa tenho certeza é que, de uma forma ou de outra, ele recebeu a carta de Andrew que me enviou. Outros me disseram que Lamphere tinha ciúmes de Andrew e por esse motivo me incomodou dessa forma. "

Para representá-lo em seu segundo julgamento, Lamphere contratou os serviços do advogado local Wirt Worden, que solicitou uma mudança de local para a cidade vizinha de Stillwell. Os procedimentos ocorreram conforme programado na quarta-feira, 15 de abril, sob a presidência do Ministro Robert C. Kincaid.

Durante o interrogatório de Belle, Worden, procurando minar sua credibilidade, lançou-se em um interrogatório cada vez mais combativo de seu passado.

"Peter Guinness, seu marido, morreu repentinamente, não foi?" ele perguntou.

Imediatamente, o procurador do estado, Ralph N. Smith, pôs-se de pé.

"Objeção!"

"Ele tinha um seguro de vida considerável, não era?"

"Objeção!"

"Você colecionou aquele seguro de vida, não é?"

Smith, ficando mais irritado a cada momento, disse à testemunha "que ela não precisava responder".

"Sra. Guinness ", disse Worden," como aquele moedor de salsicha e o pote de salmoura quente começaram a cair na cabeça do Sr. Guinness, afinal? "

Levantando-se de um salto, Smith, com o rosto vermelho de indignação,

"protestou em linguagem forte contra a prática de intimidar uma testemunha e insultar uma mulher indefesa".

Implacável, Worden questionou Belle sobre a morte repentina de seu primeiro marido, Mads Sorenson - "como ele morreu, se ele tinha algum seguro de vida e se ela tinha seguro de vida". A objeção acalorada de Smith a cada uma dessas questões foi sustentada pelo juiz Kincaid. Quando Worden pressionou Belle sobre as circunstâncias suspeitas da morte de Mads - "Não houve uma conversa sobre pegar seu corpo para ver se ele havia sido envenenado?" - Smith deu vazão total à sua indignação. "Eu me

oponho a essas perguntas!" ele chorou. "Eles não têm nada a ver com este caso. Eu exijo que eles sejam parados. " Em seguida, voltando-se para o banco das testemunhas, disse: "Sra. Guinness, você teria justificativa para atacar este homem em seu caminho para casa! "

O juiz Kincaid concordou. "Acho que essas questões foram longe demais", disse ele a Worden.

Worden, aparentemente castigado, indicou que estava pronto para despedir a testemunha. Quando Belle estava se levantando, no entanto, ele disse:

"Oh, só um momento. Quando sua filha, Jennie Olson, voltará, Sra. Guinness? "

Esta pergunta trouxe uma resposta afiada do Juiz Kincaid, que repreendeu Worden "por desperdiçar o tempo do tribunal fazendo tais perguntas."

No momento em que ela deixou o depoimento, Belle, que estava perfeitamente composta no início do interrogatório de Worden, estava visivelmente agitada. Para Kincaid, não havia nada de surpreendente em sua reação: foi a de "qualquer mulher decente que se ressentiu de tais insinuações". Em breve, ele chegaria a uma conclusão muito diferente: que as questões pontuais de Worden tinham sido profundamente perturbadoras para a Sra. Guinness,

reforçando seu medo - já despertado pelas investigações de Asle Helgelien sobre o paradeiro de seu irmão - de que seus crimes a estivessem afetando.

Lamphere foi considerado culpado e condenado a pagar uma multa de cinco dólares mais despesas - um total de US \$ 19,01, que foi coberto por seu empregador atual, um fazendeiro chamado John Wheatbrook. Mas Belle não tinha acabado com seu antigo lavrador e amante. Menos de uma semana depois, ela o prendeu novamente por invasão de propriedade.

Ele estava preso na prisão do condado quando Belle recebeu outra carta ansiosa de Asle Helgelien. Na resposta de Belle, datada de 24 de abril, ela

expressou seu "espanto. . ." "Sobre onde Andrew se mantém."
Prometendo

"contar tudo o que sei", ela repetiu sua história anterior, acrescentando alguns pequenos detalhes. "Não me lembro a data exata em que ele saiu de La Porte, mas foi 15 ou 16 de janeiro", ela começou.

Minha filhinha. . . o levou para a estação de bonde. Ele passou pela cidade de Michigan porque tinha o desejo de ver aquela pequena cidade a cerca de 19 quilômetros de LaP [orte]. Ele não ficou mais do que um dia e saiu daqui à uma hora da tarde.

Dois ou três dias depois, recebi uma carta dele de Chicago dizendo que havia caçado seu irmão, mas não o encontrou. . . Se ele não conseguisse encontrá-lo, ele iria para Nova York e descobriria se ele tinha ido para a Noruega. Se fosse esse o caso, acho que ele iria para a Noruega também.

Como eu disse antes, ele me disse para não responder sua carta até que eu tivesse uma dele dizendo onde ele iria parar por um tempo para que pudesse obter uma resposta. Isso é tudo que posso dizer, e

não tenho a carta dele. Peguei a carta de manhã e li e coloquei em um armário de porcelana na cozinha e fui para o leite e quando voltei a carta tinha sumido.

Aquele Lamphere estava aqui e ele provavelmente o tinha levado. . .

Não entendo o que mantém [Andrew] afastado por tanto tempo, a menos que, como você diz, ele tenha se metido em problemas e não queira que nenhum de nós saiba disso. De minha parte, achei estranho não ter ouvido falar dele, mas tinha quase certeza de que Lamphere havia levado a carta, mas não vejo por que ele não escreveu para você.

Em resposta à proposta de Asle de que viesse a La Porte e iniciasse uma busca por seu irmão, Belle garantiu que ficaria feliz em ajudá-lo de todas as maneiras que pudesse, embora "Não sei o que poderíamos fazer para encontrá-lo".

No dia seguinte a Belle redigiu esta carta, Ray Lamphere foi levado mais uma vez a julgamento. No banco das testemunhas, tanto Belle quanto sua filha de onze anos, Myrtle, alegaram que Lamphere "estava de volta à sua espreita".

Poucos dias antes, eles o haviam "avistado perto do chiqueiro e correram para expulsá-lo. Eles estavam a menos de cinco metros dele quando ele friamente cortou a cerca de arame, puxou a estaca da cerca e a levou embora. "

Desta vez, no entanto, o advogado de defesa de Ray, Wirt Worden, conseguiu chamar duas testemunhas - "dois cidadãos importantes do condado" - que juraram que, no dia em que seu cliente estava supostamente vandalizando sua propriedade, "Lamphere estava na casa de . . . John Wheatbrook, cerca de seis milhas fora da cidade, e possivelmente não poderia estar na casa da Sra. Guinness. "

Lamphere foi absolvido, deixando Belle para pagar as despesas.

Miss Bertha Schultz - uma balconista da loja de secos e molhados Chicago Leader na Main Street "que frequentemente atendia a Sra. Guinness" -

relatou mais tarde que, durante a última semana de abril, Belle chegara parecendo muito angustiada. Quando a Srta. Schultz perguntou qual era o problema, Belle contou seus problemas com Lamphere, descrevendo "as coisas que. . . ele fez para assediá-la "e declarando que" agia como se soubesse algo sobre ela e que era ousado e a irritava repetidamente ".

No dia seguinte, ela estava de volta à loja, mais uma vez dando vazão às suas preocupações com Lamphere. "Ela me disse que temia que um dia ele colocasse fogo em sua casa e nos edifícios", diria a srta. Schultz depois, "e que ele a matasse e a seus filhos".

10

SEGUNDA-FEIRA, 27 DE ABRIL DE

1908

Joseph Maxson, o substituto de Ray Lamphere, testemunharia mais tarde que Belle havia impedido as filhas da escola naquele dia. Sua professora na escola Quaker, no entanto - Srta. Carrie Garwood - contou uma história diferente. Como a Srta. Garwood relatou:

Na manhã de 27 de abril, percebi que as duas meninas da Srta. Guinness entraram chorando na sala de aula. Suas bochechas estavam inchadas de tanto chorar, e eles pareciam em grande angústia.

Liguei para Myrtle e perguntei se ela estava com problemas. Ela respondeu que ela e sua irmã haviam levado uma surra terrível de sua mãe naquela manhã. Foi a primeira vez que vi as crianças se comportando assim e fiquei surpresa.

Continuei o interrogatório e Myrtle me disse que ela e sua irmã começaram a brincar em direção ao porão da casa dos Guinness. A Sra. Guinness correu atrás deles antes que chegassem ao fim da escada e arrastá-los de volta deu a ambos uma surra terrível.

"Fique fora daí", disse ela à filha mais velha. "Não coloque seus rostos onde eles não são desejados."

Perguntei às crianças se haviam sido proibidas de descer ao porão e elas disseram que sim, mas haviam esquecido a liminar .

Mais tarde naquele dia, Belle engatou seu buggy e dirigiu até a cidade. Sua primeira parada foi no escritório de seu advogado, Melvin E. Leliter. Em

lágrimas, ela o informou que estava vivendo com medo de Ray Lamphere, que estava ameaçando "queimar a casa pelos meus ouvidos".

Leliter avisou que a maneira mais simples de lidar com Lamphere era

“enchê-lo de chumbo grosso” na próxima vez que ele aparecesse em sua fazenda sem ser convidado. Rejeitando a sugestão, Belle disse ao advogado que desejava fazer seu último testamento. Ela “queria deixar tudo em bom estado caso algo acontecesse”.

Leliter começou a escrever o documento de acordo com as instruções de Belle. Ela deixou todas as "suas propriedades, tanto reais quanto pessoais, para seus três filhos, Myrtle Adolphine Sorenson, Lucy Bergliat Sorenson e Phillip Alexander Gunness, contanto que, no caso de morte de qualquer uma das crianças sem descendência antes de sua morte, o sobrevivente seja para herdar a totalidade da propriedade, e desde que, no caso de morte de todas as três das referidas crianças sem descendência, a totalidade da propriedade deve ir para o lar infantil norueguês de Chicago. ”

Assim que seu testamento foi preenchido e assinado, Belle o levou ao Banco do Estado, onde o colocou em um cofre e fez um depósito em dinheiro de \$

730.

Sua próxima tarefa foi em uma loja onde ela comprou doces, bolo e um trem de brinquedo, dizendo à balconista, Marie Farnheim, que ela "iria dar uma guloseima para as crianças".

“É uma festa de aniversário?” perguntou Miss Farnheim.

"Não", disse Belle. "Vou apenas dar-lhes uma pequena surpresa."

A viagem de Belle à cidade naquela tarde terminou no armazém de John Minich, onde, como lembrou o balconista George Wase, ela comprou "uma grande quantidade de mantimentos". Ela comprou outra coisa também -

dois galões de querosene em uma lata de cinco galões que ela pegou

emprestada do proprietário, explicando que ela havia procurado sua própria lata de óleo antes de sair de casa, mas não conseguira encontrar.

Ela já estava na loja há cerca de quinze minutos quando Ray Lamphere entrou e pediu um cigarro de mascar de cinco centavos. De acordo com Wase, "Nenhuma palavra foi trocada entre Lamphere e a Sra. Guinness. . .

nem mesmo um aceno de reconhecimento. " Lamphere apenas ficou ao lado do balcão e olhou para ela enquanto ela terminava suas compras. Ele então a seguiu para fora e observou enquanto ela desamarrava o cavalo do poste e partia em sua charrete.

Belle chegou em casa por volta das 17h30. Joe Maxson ajudou-a com suas compras, levando a lata de óleo para dentro de casa e guardando-a na entrada sob a escada dos fundos.

Uma hora depois, ele e a família sentaram-se para jantar "pão com manteiga, carne seca, salmão, bife e batatas. Todos mostraram um bom apetite ", disse Maxson mais tarde. "Todos nós comemos algumas porções de bife e muitos biscoitos e geleia."

Quando a refeição foi feita e os pratos retirados da mesa, os cinco - Maxson, Belle, Lucy, Myrtle e Phillip - dirigiram-se à sala de visitas e "jogaram todos os tipos de jogos, sendo o principal 'Chapeuzinho Vermelho e a Raposa "'.

De acordo com as lembranças de Maxson, a Sra. Guinness" adorava jogar esse jogo e quase chorava se a raposa má pegasse Chapeuzinho Vermelho ".

Por volta das 8h30, Maxson estava tendo problemas para se manter acordado. Desejando boa noite aos outros, ele se dirigiu para a

escada. "A última vez que vi a sra. Guinness", lembrou ele, "ela estava sentada no chão com as filhas e o filho, brincando com o motor de brinquedo e os vagões de passageiros" que comprara mais cedo para as crianças.

PARTE DOIS

A FAZENDA DE ASSASSINOS

11

CONFLAGRAÇÃO

A Sra. Guinness já estava acordada e preparando o café da manhã: esse foi o primeiro pensamento de Maxson ao acordar.

Pelo cheiro, porém, os bolos quentes estavam queimando. De repente, ele estava totalmente acordado, engasgando e tossindo. Seu quarto estava cheio de fumaça.

Saltando da cama em suas ceroulas, ele abriu a janela e colocou a cabeça para fora. A casa estava em chamas. Ele calçou as botas e começou a chutar e bater na porta que separava seu quarto da parte principal da casa onde a Sra. Guinness e seus filhos dormiam. Ele tentou gritar "Fogo!" mas a fumaça era tão densa que ele mal conseguia respirar.

Vestindo o macacão, ele pegou uma pequena mochila e um punhado de pertences, então desceu correndo as escadas traseiras e foi para o galpão da carruagem a cerca de quinze metros de distância, onde deixou suas coisas antes de correr de volta para a casa em chamas. Ele tentou alcançar seu quarto novamente, mas só foi até o patamar do segundo andar antes que as chamas o levassem de volta para fora.

Depois de tentar chutar a porta da frente, ele agarrou um machado do galpão de ferramentas e cortou um painel. De repente, houve um grande som crepitante acima. Olhando para cima, ele viu o telhado em chamas desabar no quarto onde, poucos minutos antes, ele estava dormindo profundamente.

Não muito longe dali, a Sra. Ella Clifford levantou-se como de costume por volta das 4h para preparar o café da manhã para seu marido, Michael, que saiu para trabalhar antes do amanhecer. Olhando pela janela da cozinha, ela viu a casa de seu vizinho em

chamas. Ela chamou seu filho adolescente, William, despertando-o do sono. Em poucos minutos, ele estava em sua bicicleta e pedalando furiosamente até a casa dos Guinness "para acordar o povo, se houvesse alguma chance", como ele testemunhou mais tarde.

Ele chegou no momento em que Joe Maxson estava levando seu machado para a porta da frente. Correndo para o lado dele, o adolescente espiou pelo painel quebrado. Tudo o que ele podia ver era fogo.

A essa altura, a Sra. Clifford já havia alertado seu marido, Michael, e seu cunhado, William Humphrey. Eles chegaram ao local de Guinness para encontrar Joe Maxson parado indefeso na porta da frente, machado na mão.

"Onde eles dormem?" disse Humphrey, gritando para ser ouvido por cima do rugido das chamas.

Maxson apontou para as duas janelas do andar de cima no lado oeste da casa. Procurando ao redor, Humphrey encontrou alguns tijolos e jogou um em cada uma das janelas. O vidro se estilhaçou, as chamas jorraram, mas ninguém respondeu de dentro.

"Existe uma escada por aqui?" Humphrey gritou para Maxson, que imediatamente foi para o depósito de lenha.

Ele voltou um momento depois, arrastando uma escada. Com Michael Clifford e seu filho apoiando-o dos dois lados, Humphrey escalou os degraus e espiou por uma janela quebrada. Havia uma cama vazia em um canto do quarto - "sem corpos, apenas um colchão na cama, sem corpo ou lençóis", disse Humphrey depois. O fogo estava vindo pelo chão.

Apressando-se, ele e os Cliffords moveram a escada para a segunda janela.

Novamente Humphrey subiu até o topo, espiou dentro do outro cômodo e não viu nada além de uma cama vazia. Ele "pensou em entrar na sala", testemunhou, "mas como as chamas estavam vindo pelo chão, tive medo de arriscar entrar".

Humphrey enviou Michael Clifford para alertar Daniel Hutson, que morava com sua família a uma curta distância.

Despertado da cama pelas batidas insistentes de Clifford - "Achei que alguém fosse arrombar a porta", comentou ele depois - Hutson, ainda vestido com sua camisola, perguntou grogue o que havia de errado.

"Você vai deixar seus vizinhos queimarem enquanto você dorme?" gritou Clifford, apontando um dedo em direção ao local dos Guinness. Olhando nessa direção, Hutson "viu um incêndio constante em todas as janelas. Tudo estava em chamas. "

Enquanto Clifford corria de volta para a casa em chamas, Hutson vestiu as roupas - "Eu nem parei para amarrar os sapatos", relatou ele - e "fui até lá o mais rápido que pude, meio vestido. Eu cheguei lá e tudo se incendiou com fogo. O único lugar que vi que não estava queimando era o canto sudoeste -

o vento soprava com força contra isso. O lado leste estava pronto para cair, e a coisa toda era um incêndio sólido. "

Hutson percebeu imediatamente que não havia nada que ele e os outros pudessem fazer. "É melhor você notificar o xerife Smutzer", disse ele a

Maxson, que imediatamente correu para o celeiro e conduziu um dos quatro cavalos do estábulo.

"O cavalo estava com medo", lembrou Hutson, "mas, entre nós três, o prendemos à carruagem e o Sr. Maxson partiu para La Porte, o cavalo dando um bom salto."

O relógio do tribunal marcava cinco horas quando Joe Maxson chegou à prisão. Cuidando da mesa estava o xerife William Antiss, que - depois de ouvir a história de Maxson - o acompanhou até a casa do xerife Smutzer a alguns quarteirões de distância.

Apesar da arma de seis tiros que usava no estilo cowboy no quadril, havia algo quase dândi em Albert F. Smutzer. Sua fotografia de jornal mais conhecida mostra um sujeito de rosto redondo com um bigode grande e bem aparado e uma roupa incongruentemente elegante: um suéter de gola alta por baixo de uma jaqueta de lã bem feita sob medida, com um boné de couro pontudo pendurado alegremente na cabeça. Ele também gostava de viajar com estilo. Em nítido contraste com os meios de transporte puxados a cavalo de seus vizinhos, ele andava pela cidade em um carrossel Ford vermelho.

Com Antiss no banco do passageiro, Smutzer dirigiu seu automóvel até a casa dos Gunness, enquanto Maxson o seguia no carrinho. Quando chegaram à casa, apenas partes de três paredes ainda estavam de pé. "Não havia nada a fazer a não ser observar até que as chamas se apagassem", registra um cronista. Smutzer convocou os membros da companhia de bombeiros voluntários, que "começaram a trabalhar jogando água com o balde sobre as brasas e derrubando os fragmentos cambaleantes da parede de tijolos".

Àquela altura, pelo menos cinquenta espectadores haviam se reunido no local - um número que logo cresceria para centenas. Entre eles estava Harry Burr Darling, editor do Argus-Bulletin, um dos dois jornais diários de La Porte.

Naquela tarde, seu jornal publicou o primeiro do que rapidamente se tornaria um dilúvio nacional de histórias sensacionalistas, de primeira página, que não diminuía por meses.

"A casa de mistério se tornou uma casa de horror", seu artigo começou em um belo estilo melodramático: Vários anos atrás, esta casa foi associada a um mistério. Hoje é uma pira funerária. A

tragédia do marido e pai, cuja misteriosa saída do mundo se revelou um mistério sobre o qual pouca luz jamais foi lançada, foi seguida esta manhã por um holocausto no qual a esposa e os filhos foram torturados até a morte pelas chamas. . . O incêndio durou uma hora até que não restou nada além de três paredes de tijolos, que são a prova sombria da obra devastadora do holocausto.

Embora o incêndio tivesse se extinguido ao amanhecer, o calor das ruínas fumegantes manteve Smutzer e os outros à distância. Montando uma brigada de baldes para transportar água do vizinho Clear Lake, os voluntários despejaram os escombros até que esfriasse o suficiente para se aproximar. Na porta do porão, os homens "perceberam sinais de um incêndio tão concentrado que deve ter sido feito pelo homem" - trabalho de um incendiário (ou "incendiário", na terminologia da época). Entre a multidão de curiosos, espalhou-se o boato de que a própria Sra. Gunness, sofrendo de uma "mentalidade enfraquecida" por causa de seus problemas recentes, havia provocado o incêndio - que, como Darling relatou, seu

"desânimo. . . fez com que ela planejasse e executasse a terrível tragédia. "

O xerife Smutzer e outros, no entanto, que conheciam os detalhes de sua feia feudo com Ray Lamphere, acreditavam o contrário. Como Darling informou a seus leitores, os oficiais estavam firmemente convencidos de que o "ex-empregado contratado. . . tinha posto fogo na casa por um motivo de vingança. " Smutzer imediatamente designou seus dois assistentes para rastrear o suspeito. Na época em que o Argus-Bulletin foi impresso naquela tarde, entretanto, o paradeiro de Ray Lamphere permanecia desconhecido.

"Nenhum vestígio foi encontrado do homem sobre o qual repousam as suspeitas", escreveu Darling. "Ele desapareceu."

Nesse ínterim, outra caçada estava para começar. Armandando-se com picaretas e pás, uma dúzia de homens, entre eles Smutzer, preparou-se para cavar as ruínas da casa destruída pelo fogo em busca de qualquer sinal de seus moradores desaparecidos: "evidência", escreveu Darling, "das quatro vidas que foram apagados. "

12

DESCOBERTA

A cerca de três quilômetros da fazenda Guinness, ao lado dos trilhos da ferrovia Lake Shore, ficava a Escola Interlaken, uma instituição progressista fundada por um dos cidadãos mais eminentes de La Porte, o Dr. Edward A.

Rumely.

Inaugurado em setembro de 1907 com uma inscrição de treze estudantes do sexo masculino com idades entre nove e dezoito anos, seu objetivo - como o

Dr. Rumely explicou a um entrevistador - era produzir jovens "de iniciativa, coragem e autossuficiência - homens que irão ouse fazer grandes coisas, quem não se curvará diante de precedentes e terá o poder de se tornar líderes adequados de homens nesta grande república industrial".

Entre os primeiros alunos a frequentar a escola estava Carter Hugh Manny, que, atendendo às ambições do Dr. Rumely, teria uma carreira distinta como empresário, líder cívico e defensor das artes. Por volta das quatro horas da manhã de 28 de abril de 1908 - assim ele se lembra em um livro de memórias não publicado - Manny, então apenas alguns meses antes de seu décimo sétimo aniversário, foi acordado por um colega de escola, "Tubby"

Washburne, que ocupava um sala com uma janela voltada para o norte: a

"direção exata" do local do Guinness. Washburne "veio me dizer que havia um grande incêndio em uma fazenda a alguns quilômetros de distância".

Alguns momentos depois, o próprio Dr. Rumely deu uma volta pelos quartos, dizendo "para ficarmos acordados e observar se quiséssemos, mas, por favor, não deixemos o terreno da escola".

Enquanto Rumely ia usar o telefone da escola para ver o que podia aprender, Manny acompanhou Washburne até seu quarto, onde puxaram as cadeiras diante da grande janela aberta e observaram o incêndio. "O

incêndio era obviamente uma casa de fazenda de bom tamanho", observou Manny, "porque queimou por quase duas horas. Se fosse um celeiro, o fogo o teria consumido muito rapidamente. "

Quando amanheceu, Rumely informou aos meninos que o fogo havia consumido a casa da viúva Guinness. "Foi a primeira vez que ouvimos o nome", relata Manny. Não haveria aulas naquela manhã, anunciou Rumely.

Depois do café da manhã, os meninos estavam livres para visitar a fazenda

"mas deveriam estar de volta ao meio-dia".

"Assim," Manny escreve,

depois do café da manhã todos nós trotamos pelos trilhos e quando chegamos ao local ficamos surpresos ao ver tudo o que havia acontecido.

Havia homens uniformizados do escritório do xerife, incluindo ele, e alguns policiais de La Porte.

Estavam presentes bombeiros de grupos de voluntários, auxiliados por uma carroça-tanque de água do equipamento de La Porte. Um galpão havia sido reservado para jornalistas e já havia cerca de meia dúzia deles da cidade de Michigan, La Porte e South Bend. Outros logo chegariam de Chicago, Indianápolis e outros lugares, pois já

havam se espalhado notícias pelas chaves do telégrafo da ferrovia contando sobre o incêndio e indicando que não era um incêndio comum em uma fazenda.

Tudo o que restou do "que antes foi uma bela casa de campo" foram três

"paredes horríveis e enegrecidas". Enquanto Manny observava, um corpo de bombeiros sob a direção do Chefe Thomas Whorwell, usando escadas, cordas e ganchos, derrubou as paredes, para que os pesquisadores pudessem trabalhar nas ruínas sem se preocupar com a queda de tijolos.

Quando terminaram, não sobrou nada além do porão - "uma espécie de poço aberto", como Manny descreveu. Com Smutzer liderando o caminho, os pesquisadores começaram a cavar no porão, enquanto os bombeiros faziam o possível para resfriar os destroços ainda fumegantes com baldes de água.

Após uma breve pausa no meio da manhã, quando voltou para casa para o café da manhã, William Humphrey voltou para a casa dos Guinness e juntou-se à escavação. "O trabalho foi conduzido sob grandes dificuldades", registrou um observador, "pois as ruínas eram uma estufa de carvão, de onde saía constantemente fumaça e vapor". Depois de horas de trabalho, no entanto, os homens não trouxeram à luz nada além de "pedaços de cama,

estrados de cama, uma velha pistola e artigos desse tipo". No meio da tarde, depois de escavar quase todo o porão, eles estavam "ficando confusos, pois começaram a pensar que os corpos não estavam nas ruínas".

Apenas uma área - o canto sudeste - permaneceu inexplorada. William Humphrey estava escavando os destroços carbonizados lá por volta das 15h45, quando, como ele disse mais tarde, sua pá "atingiu algo macio".

Ele chamou o xerife Smutzer, que estava trabalhando nas proximidades, "e começamos a cavar com cuidado". Outros homens rapidamente se reuniram ao redor deles. Um momento depois, Humphrey fez uma pausa e disse:

"Aqui estão eles."

La Porteans soube desse acontecimento medonho poucas horas depois de acontecer, pois Harry Burr Darling conseguiu inserir um boletim de duas frases em sua história de página um antes de seu jornal ir para a impressão.

"Os corpos da mãe e dos filhos foram encontrados. . . empilhados juntos ", anunciou ele, " indicando que a mãe evidentemente fez um esforço para escapar de casa com os filhos agarrados a ela ".

No dia seguinte, um relato muito mais extenso dominou a primeira página.

De acordo com Darling, a condição do pequeno Phillip Guinness - "o mais jovem do trio de pequenos inocentes [e] o menos queimado dos quatro"

corpos - contava uma história comovente do "esforço heróico, mas inútil de sua mãe. . . para salvar sua prole ": A mãe, despertada do sono pelo crepitar das chamas e pelos fumos da fumaça sufocante, fiel ao instinto materno, havia jogado uma colcha sobre a criança, evidentemente com a ideia de proteger seu corpinho do frio depois que ganhassem a abertura. A colcha servia para proteger em certa medida o corpo da criança.

Satisfazendo o apetite de seus leitores por excitação mórbida, Darling não se limitou aos detalhes horríveis ao retratar os restos mortais do menino,

"cujo rosto era negro, com um buraco na testa evidentemente causado por um tijolo que caiu.

Seus membros abaixo dos joelhos foram queimados. A boca da criança estava aberta, um testemunho silencioso da agonia da morte. "

Sua descrição das duas irmãs de Phillip foi uma mistura igualmente desavergonhada de sentimentalismo piegas e sensacionalismo rançoso: "As meninas que na noite anterior haviam feito uma oração terna, balbuciando as palavras:

'Agora eu me deito para dormir, oro ao Senhor meu alma para manter ', eram apenas uma aparência de seres humanos que algumas horas antes viviam no sorriso de seu Mestre. "

Por mais horríveis que fossem esses corpos "enegrecidos e desmembrados", no entanto, foi a Sra. Guinness quem

"apresentou a aparência mais medonha". Seu corpo era "uma massa irreconhecível, com os ossos se projetando através da carne nua". O que a tornava ainda mais terrível era a ausência de sua cabeça. Evidentemente -

assim presumiu Darling - o cadáver havia sido decapitado "pelas chamas implacáveis e torturantes". Os "escavadores das ruínas ainda não encontraram o crânio", relatou ele, "pois isso seria tudo o que restou da cabeça perdida".

Os quatro cadáveres foram cuidadosamente removidos dos escombros e colocados em tábuas, onde permaneceram até que o agente funerário da cidade, Austin Cutler, chegasse em sua carroça de aluguel. Os corpos foram carregados a bordo e levados para o necrotério da casa funerária.

Apenas um membro da família condenada escapou do "holocausto", observou Harry Burr Darling: a enteada da Sra. Guinness, Jennie. Já naquele momento, a jovem estava "a caminho da Califórnia para esta cidade. Ela deve chegar aqui em um ou dois dias, e acredita-se que ela será capaz de lançar alguma luz sobre o mistério. "

PRENDER PRISÃO

Embora os relatórios iniciais afirmassem que ele havia "desaparecido", Ray Lamphere tinha, de fato, ido trabalhar na fazenda de John Wheatbrook naquela manhã. Ele ainda estava lá quando os deputados Leroy Marr e William Antiss partiram no final da tarde. A cerca de um quilômetro e meio da fazenda, a estrada ficou tão lamacenta que Marr saiu e caminhou o resto do caminho. Assim que chegou ao portão da frente, Lamphere - que deve ter espiado por uma janela - abriu a porta da frente da casa.

"Ray", disse Marr, "vista seu casaco e venha para a cidade comigo."

Se Marr teve alguma dúvida de que o pequeno e robusto faz-tudo teve algum envolvimento na tragédia, eles foram dissipados pelas primeiras palavras que saíram da boca de Ray: "Será que aquelas três crianças e a mulher saíram do prédio?"

Questionado sobre como ele sabia sobre o incêndio, ele disse a Marr que, depois de acordar às três da manhã, ele partiu para a caminhada de seis

milhas para a fazenda de John Wheatbrook. Ao passar perto da fazenda Gunness, ele viu "fumaça saindo das janelas e ao redor do telhado".

"Por que você não gritou?" perguntou Marr.

"Não achei que fosse da minha conta", disse Ray.

Trazido para a prisão do condado, Ray foi submetido ao primeiro do que seria uma série de grelhados de terceiro grau - "suores", como eram comumente chamados na época. O interrogatório foi conduzido pelo xerife Smutzer, pelos deputados Antiss e Marr e pelo

procurador do Estado Ralph N. Smith, que correu para a prisão quando soube da prisão de Lamphere.

Embora Ray tenha se limitado ao essencial de sua história original, ele ofereceu uma explicação diferente para o fato de não ter soado o alarme.

“Eu estava com medo de ser culpado por iniciar o incêndio”, disse ele. Ele também forneceu um detalhe que omitiu de seu relato inicial, que implorou aos interrogadores que não tornassem público: ele havia passado a noite do incêndio na cama com Elizabeth Smith.

O racismo difundido e cotidiano da cultura americana nas primeiras décadas do século XX - uma era de canções "Mammy", piadas "pickaninny"

e vaudevillians de blackface - não requer documentação. Também pode ser observado que, dentro de vinte anos após o incêndio dos Gunness, Indiana seria o lar do maior ramo da Ku Klux Klan do país, com 250.000 membros -

cerca de um quarto da população masculina branca nativa do Estado. Não é surpreendente, então, que, ao se referir a Elizabeth Smith, os jornais locais usassem rotineiramente o nome pelo qual ela era conhecida entre seus vizinhos: “Nigger Liz”.

Filha de escravos da Virgínia que migraram para Indiana após a Guerra Civil, Smith foi considerada uma beleza em sua juventude - “a garota negra mais bonita de Indiana”. De acordo com o boato local, ela conquistou os

corações de "muitos dos jovens da época, nem todos tinham rostos negros".

Um de seus amantes de renome foi “um brilhante advogado de La Porte”, com quem ela teve uma filha ilegítima, meio branca. Meio século depois, histórias ainda eram contadas sobre o clímax sensacional daquele caso,

“quando o homem deu a ela uma nota de \$ 600 para educar seu filho e depois se converteu em um avivamento, no qual ele se levantou e confessou seus crimes. Por assim chamar publicamente a atenção para o caso deles, a negra chicoteou o advogado na praça pública diante de uma grande multidão, o homem finalmente fugiu e encontrou refúgio em uma drogaria próxima. ”

Na época da prisão de Ray Lamphere, nenhum vestígio de sua antiga beleza permaneceu. Com seu corpo ossudo, rosto enrugado, xale preto esfarrapado e “vestido velho e mofado de Mãe Hubbard”, Smith - agora na casa dos setenta - era uma figura espantosa. Entre as crianças da vizinhança, acreditava-se que sua cabana abarrotada de lixo era a habitação de uma bruxa. Já na idade adulta, muitos se lembravam de "passar correndo pela casa dela quando eram jovens, cheios de terror".

Sua idade avançada e deficiências físicas pareciam não fazer diferença para Ray Lamphere, um homem evidentemente abençoado com padrões altamente flexíveis de beleza feminina. Expulso por sua amante de quase 300 libras, Belle Guinness, ele encontrou conforto na cama de Elizabeth Smith, de canela de fuso.

Visitando a prisão na manhã seguinte à prisão de Ray, Smith falou com um repórter local, confirmando o álibi de Lamphere enquanto discretamente omitia o detalhe mais escandaloso que este último havia confessado às autoridades na noite anterior.

“Aquele homem, Lamphere, veio à minha casa na segunda à noite e pediu um quarto”, explicou ela.

“Ele disse que estava doente e não tinha dinheiro. 'Se eu conseguir algum dinheiro, eu pago você', ele me disse, e então se sentou um

pouco. Ele adormeceu na cadeira e dormiu cerca de meia hora. Então ele acordou e disse: 'Você vai me deixar ficar com o quarto?' Eu disse a ele que achava que sim, e ele foi até o salão de Smith e pegou algo para comer. Eu tinha meu relógio ajustado para 4:30 e ele voltou para 3:30. Eu ouvi o alarme disparar e entrei para acordá-lo. Ele estava roncando como um bom sujeito e eu disse a ele que já passava das 4 horas. Ele disse, 'Meu Deus, eu deveria estar em Wheatbrook a esta hora' e começou. Eu não o vi depois que ele saiu da minha casa até esta manhã. Posso dizer com certeza, porém, que ele estava na minha casa às 4 horas daquela manhã . ”

A confirmação de Smith sobre o paradeiro de Ray no momento do incêndio não fez nada para dissipar a crença universal em sua culpa. Jornais de todo o meio-oeste não hesitaram em chamá-lo de "maníaco", um "incendiário"

homicida cuja "paixão louca" pela Sra. Guinness o levou a incendiar sua casa quando ela "falhou em retribuir sua paixão". Espalharam-se boatos de que Lamphere seria vítima da lei do linchamento. "O sentimento em La Porte está alto e a violência da turba é temida a qualquer momento", relatou o Cleveland Plain Dealer . "A polícia em grande número está guardando a prisão, e Lamphere desabou. A cidade inteira está animada. ”

No inquérito daquela noite, conduzido pelo coroner Charles Mack, cinco testemunhas testemunharam: Joe Maxson, Michael e William Clifford, William Humphrey e Daniel Hutson. Assistindo ao processo estavam o Procurador do Estado Smith; Xerife Smutzer; Deputados Antiss e Marr;

escriturário J. Roy Morrison, que transcreveu as provas; e um punhado de jornalistas.

Entre eles, as cinco testemunhas ofereceram um relato vívido dos eventos daquela manhã fatídica. Maxson, questionado sobre a noite anterior à tragédia, afirmou que, na hora em que foi para a cama, o

fogo do fogão a lenha havia apagado e que as lâmpadas de querosene da casa nunca foram deixadas acesas durante a noite. "Sua evidência foi importante para sustentar o. . . a crença de que um incendiário iniciou o incêndio ", observou um repórter.

Foi Daniel Hutson, no entanto, quem ofereceu o que os jornalistas consideraram o testemunho mais dramático do inquérito. Questionado pelo xerife Smutzer sobre a descoberta dos quatro corpos no porão, Hutson - que tinha sido um dos homens que ajudaram a retirar os corpos dos escombros -

declarou que "toda a cabeça da Sra. Guinness havia sumido do pescoço para trás . " Olhando para o que restou dela depois que ela foi colocada em uma prancha, ele "podia ver o coração dela de onde sua cabeça deveria estar. Eu poderia ver desde os ombros até o coração. " Pelo menos, isso é o que ele pensava que estava vendo. "Ela foi queimada tanto", disse Hutson, "que não posso dizer o que foi."

Repetidos "suores" de Lamphere não conseguindo produzir uma confissão, o xerife Smutzer recorreu a outra técnica consagrada pelo tempo para tentar quebrar um suspeito. Na manhã de quinta-feira, Ray foi retirado de sua cela algemado, escoltado até o pequeno e elegante automóvel de Smutzer e informado que iria dar um passeio. Sem que ele soubesse, seu destino era o necrotério da casa funerária Cutler, onde - como Harry Burr Darling relataria em sua maneira tipicamente exagerada - "ele deveria olhar para tudo o que era mortal da mulher que ele perseguiu em vida e os três

pequenos inocentes que, há poucos dias, brincavam pela casa que, mesmo então, estava fadada a se tornar sua pira funerária. "

Confrontado com os restos mortais horrivelmente carbonizados de Belle e seus filhos, Lamphere estremeceu e empalideceu. "Meu Deus", ele engasgou.

“Agora, Lamphere”, disse Smutzer, “aqui está um pouco de seu trabalho. O

que você acha disso?”

“Não é horrível”, gaguejou Ray, que parecia à beira do colapso.

Profundamente abalado, ele foi empurrado de volta para o carro de Smutzer e levado diretamente ao tribunal para sua acusação. Diante do juiz Grover, o procurador estadual Smith leu em voz alta a declaração, acusando que no dia 28 de abril de 1908, um certo Ray Lamphere matou e matou ilegal e criminosamente uma Belle Guinness na perpetração de um incêndio criminoso e então incendiou criminosamente, deliberadamente e maliciosamente a casa do referido Belle Guinness. . . e pela razão e por meio da referida queima pelo referido Ray Lamphere, como supracitado, disse Belle Guinness foi então e ali mortalmente queimada, e então e ali morreu, ao contrário da forma do estatuto em tal caso feito e fornecido e contra a paz e dignidade do estado de Indiana.

Depois de se declarar inocente, Ray foi detido sem fiança. Ele foi então devolvido à sua cela para aguardar a ação do grande júri do tribunal distrital, marcada para se reunir na segunda-feira, 11 de maio.

Nesse ínterim, vários homens continuaram a cavar nos escombros em busca do crânio desaparecido da mulher morta.

“Onde está o chefe da Belle Guinness?” publicou uma manchete no Chicago Tribune . De acordo com o Dr. Lucius Gray e outros médicos La Porte,

"nenhum calor poderia ter sido forte o suficiente para cremar totalmente o

crânio da mulher." O fracasso em encontrá-lo nas ruínas do porão daria, portanto, crédito a uma teoria na qual muitos passaram a

acreditar nos últimos dias: que Ray Lamphere não era apenas um incendiário, mas um assassino diabólico que "roubou a [Sra. Guinness'] no escuro, decapitou-a e, em seguida, ateou fogo à casa para cobrir as evidências de seu crime. "

14

IRMÃOS

As histórias sobre a cabeça perdida continuaram a girar. De acordo com um, a Sra. Guinness foi assassinada e decapitada pelo ouro em seus dentes.

O xerife Smutzer, no entanto, zombou dessa teoria, argumentando que ninguém cometeria tal atrocidade por "várias centenas de dólares" em recheios de ouro - e, além disso, "teria sido bastante complicado para qualquer um tirar uma cabeça".

O exame pós-morte da Sra. Guinness confirmou sua opinião. Uma equipe de médicos, liderada pelo Dr. J. Lucius Gray, concluiu que "a cabeça da Sra.

Guinness não foi cortada do corpo antes da morte. Todos concordam [d] que foi queimado.

. . Eles não encontraram evidências de violência. . . nada que indique que a morte foi causada por outra coisa senão asfixia e fogo. "

A cabeça não era a única parte que faltava no corpo. Embora redigido em termos frios e clínicos, o relatório final da autópsia transmitiu vividamente a horrível aparência dos restos mortais da mulher: "Braço esquerdo queimado

até o terço superior do úmero. O braço direito queimado no ombro. A perna direita queimada na altura do joelho. O pé esquerdo queimado no tornozelo.

. . Todo o tecido muscular foi completamente queimado e carbonizado. "

Todo o lado direito do torso, do peito ao abdômen, havia sido queimado, deixando os órgãos internos completamente expostos. Os pulmões, intestinos, fígado e pâncreas "pareciam normais", observou o relatório,

"exceto cozidos".

Na sexta-feira, 1º de maio, o suposto autor da atrocidade estaria "buscando o consolo da religião". Convocando o Dr. Edwin A. Schell, pastor da Igreja Metodista La Porte, para sua cela, Ray Lamphere solicitou e recebeu uma cópia da Bíblia. Na primeira página do Argus-Bulletin do dia seguinte, o editor Harry Burr Darling interpretou o súbito interesse do prisioneiro pelas escrituras como um sinal de que ele poderia estar prestes a confessar - que, como Burr colocou em seu jeito tipicamente túrgido, Lamphere "queria ler a palavra sagrada na esperança de que pudesse encontrar nela alguma mensagem do Mestre que faria um coração penitente revelar uma história. "

Entre os passageiros que chegaram de trem de Chicago naquela mesma manhã de sexta-feira, estava uma matrona corpulenta, de cabelos brancos e óculos de vovó de armação de metal, que parecia estar na casa dos setenta anos, embora sua idade real fosse cinquenta e quatro. Esta era a Sra. Nellie Larson. Oito anos se passaram desde que ela viu sua irmã mais nova, então conhecida como Bella Sorenson. Foi um choque terrível para ela quando, enquanto lia o jornal de quarta-feira, ela se viu olhando uma fotografia de seu irmão distante e soube do inferno em que Bella e seus três filhos morreram.

Sua consternação aumentou quando um artigo subsequente relatou que, de acordo com as disposições do testamento que Bella havia feito um dia antes

do incêndio, toda a sua propriedade, estimada em \$ 15.000, iria para o lar infantil norueguês de Chicago. Acompanhada de seus

filhos adultos, John R.

Larson e a Sra. Edward Howard, Nellie correu para La Porte.

Descendo do trem, o trio seguiu diretamente para o necrotério Cutler.

Incapaz de ver os horríveis restos mortais, a Sra. Larson atribuiu esse dever solene a seu filho. Depois, os três conversaram com o agente funerário Cutler sobre os arranjos para transportar os corpos para Chicago, onde, de acordo com os desejos finais de Belle, eles seriam sepultados no cemitério Forest Home.

A próxima parada foi no escritório do advogado de Belle, Melvin Leliter. Lá, a Sra. Larson e seus filhos deixaram claro que pretendiam contestar o testamento de Belle e, como parentes vivos mais próximos do falecido, reivindicar sua parte dos bens.

Outra parte interessada que havia lido sobre a tragédia nos jornais chegou de trem naquela manhã: a irmã mais velha de Jennie Olson, a Sra. George Olander, de 2818 South Park Avenue, Chicago. Embora separadas desde a infância, quando Jennie foi entregue aos cuidados de Belle, as irmãs mantiveram uma correspondência regular. A Sra. Olander, entretanto, não tinha notícias da mulher mais jovem havia dois anos, quando Jennie escreveu para dizer que estava sendo enviada para um seminário norueguês na Califórnia. A Sra. Olander havia feito esforços para descobrir o nome exato e a localização da escola, mas sem sucesso.

Como Nellie Larson, a sra. Olander correu para La Porte depois de ler relatos da tragédia nos jornais de Chicago.

Começaram a circular histórias de que Jennie se casou na Califórnia e estava em viagem de casamento. "Ela agora deveria estar a caminho desta cidade com o marido", relatou o Argus-Bulletin , "e duvida por ignorar o

trágico destino da mulher que guiou seus passos na infância”. A Sra.

Olander estava preocupada, entretanto, que Jennie pudesse ter chegado em casa um dia antes do incêndio e encontrado a mesma morte terrível que sua mãe adotiva e seus irmãos.

Havia algo mais preocupando a sra. Olander. Ela também havia lido as histórias de jornal sobre o testamento da Sra. Guinness. Ela não conseguia entender por que Belle havia legado tudo para Myrtle, Lucy e Phillip - ou, no caso de suas mortes, para o orfanato em Chicago - e não deixou nada para Jennie.

Em seus esforços para localizar seu irmão desaparecido, Asle Helgelien comunicou-se não apenas com Belle Guinness, mas também com o chefe da polícia de La Porte, Clinton Cochrane, que confirmou que um homem com a descrição de Andrew havia sido visto na cidade. Depois de saber que Andrew providenciou para que suas economias fossem transferidas para o First National Bank de La Porte, Asle também enviou uma consulta, junto com uma fotografia de seu irmão, a Frank J. Pitner, o escriturário que cuidara da transação. Pitner respondeu prontamente para dizer que

“Andrew era sem dúvida” o homem que tinha ido ao banco com Belle Guinness para sacar seus certificados de depósito.

Em 1o de maio - o mesmo dia em que a sra. Larson, seus dois filhos e a sra.

Olander chegaram a La Porte - Asle recebeu um envelope de Pitner. Lá dentro estava a primeira página do La Porte Daily Herald de 28 de abril, relatando a destruição da casa dos Guinness e a morte de seus ocupantes.

No dia seguinte, Asle Helgelien estava a caminho de La Porte.

HORROR

Ele chegou tarde no domingo, 3 de maio, e passou a noite no Hotel Teegarden.

Cedo no dia seguinte, ele se dirigiu ao escritório do La Porte Herald , comprou edições anteriores de todos os jornais diários a partir da data do incêndio e passou a hora seguinte ou mais debruçado sobre eles. Ele então foi ao escritório do xerife e se apresentou a Al Smutzer, que ouviu sua história e o levou para a fazenda Guinness.

A essa altura, apenas dois homens ainda estavam empenhados em cavar os escombros: o empregado contratado de Belle, Joe Maxson, e seu vizinho, Daniel Hutson. Na esperança de encontrar alguma pista sobre o destino de seu irmão, Asle juntou-se ao trabalho, enquanto Maxson e Hutson ficavam de olho na cabeça que ainda faltava na Sra. Guinness.

O porão não produziu nada além de restos domésticos carbonizados.

Naquela noite, Asle aceitou a hospitalidade dos vizinhos de Belle, a família Swan Nicholson, que ficaram felizes em abrir sua casa para um colega norueguês. Quando ele voltou para a fazenda Guinness no dia seguinte, Maxson e Hutson já estavam trabalhando, vasculhando as ruínas do porão.

Asle passou algum tempo caminhando pela propriedade, procurando por algo suspeito. Vendo o grande lago próximo, ele voltou aos dois escavadores

e - como ele mais tarde testemunhou - "fez algumas perguntas, se havia buracos no gelo do lago no inverno, a profundidade da água".

Se seu irmão tivesse sofrido um crime, o Lago Fishtrap teria sido um lugar conveniente para se livrar do corpo. Mas, pelo que Maxson e Hutson lembraram, o lago tinha sido uma sólida camada de gelo durante todo o inverno.

Pareceu a Asle que não adiantava mais ficar perambulando pelo local dos Gunness. Ele teria que procurar em outro lugar por algum vestígio de Andrew. "Eu disse adeus aos meninos", lembrou ele depois, "e comecei a descer para a estrada".

Ele não tinha ido muito longe, no entanto, quando parou e girou sobre os calcanhares. "Eu não estava satisfeito", ele explicava, "e voltei ao porão e perguntei a Maxson se ele sabia de algum buraco ou sujeira que foi cavado lá sobre o lugar na primavera".

Na verdade, Maxson sim. Em algum momento de março - ele não conseguia se lembrar da data exata - ele ajudou a Sra. Gunness a carregar um carrinho de mão com "latas velhas, sapatos e outros tipos de lixo" e, em seguida, puxou-o para uma cova que tinha sido cavada em uma cerca. parte externa do curral usado como um lote de suínos, cerca de quinze metros ao sul da casa. Seguindo as instruções de seu empregador, ele jogou o lixo no lixo e preencheu o buraco.

Asle pediu a Maxson que lhe mostrasse o local e os três homens, com as pás nas mãos, dirigiram-se ao pátio e começaram a cavar.

Não demorou muito para que suas narinas fossem atacadas com "um cheiro horrível e ruim. O Sr. Maxson me disse que a Sra. Gunness colocou um monte de latas de tomate e latas de peixe lá. Talvez tenham feito isso cheirar mal ", diria Asle.

Mas o fedor que surgiu da cova não cheirava nada a tomates e peixes podres.

Suas pás atingiram a fonte do fedor a cerca de um metro de profundidade:

"algo duro, coberto com um saco de sujeira".

Houve um rasgo no tecido. Através dele eles puderam ver um pescoço humano. No chão ao lado do saco estava o braço decepado de um homem.

Em minutos, Maxson estava nas rédeas do carrinho da Sra. Guinness e correndo para a cidade. Olhando ao redor do quintal, Asle encontrou um casaco velho e algumas mochilas de armas e colocou-as sobre o achado horrível. Em seguida, ele e Hutson pegaram suas pás e cuidadosamente limparam mais sujeira do túmulo fétido.

Eles tinham acabado de terminar quando o xerife Smutzer apareceu. Ao lado dele estava o legista Charles S. Mack, um sujeito imponente de barba branca, vestido em um terno amarrotado de três peças com uma camisa de gola alta, gravata borboleta preta e uma corrente presa ao colete. Sob o olhar atento de Mack, Smutzer e os outros logo trouxeram as partes apodrecidas do corpo à superfície.

O legista Mack mais tarde diria que era impossível fornecer uma "descrição particular e minuciosa" do cadáver, "devido ao fato de que. . . a cabeça estava separada do torso, assim como cada braço do ombro para baixo, e cada perna cerca de sete centímetros acima do joelho para baixo; e ao fato adicional de que a putrefação se instalou." O rosto, além disso, ou o que restou dele, era, nas palavras de um cronista, "uma coisa de horror": buracos afundados no lugar dos olhos, um corte malicioso no lugar da boca, uma rachadura em ziguezague escorrendo do topo de o crânio na testa.

Certas deduções podiam ser tiradas dos restos pútridos, apesar de sua condição terrível. Parecia claro, por exemplo, que a vítima "havia lutado por

sua vida. Em seu pulso esquerdo, como se o tivesse levantado para evitar um golpe cortante, havia dois cortes profundos que o abriam até o osso.

Outro golpe selvagem cortou as primeiras juntas de cada dedo de sua mão direita. Com um aperto mortal, a mão mutilada segurava um tufo de cabelo curto e castanho cacheado arrancado da cabeça de seu assassino.

O rosto medonho - embora mais parecido com uma máscara de terror de Halloween do que qualquer coisa humana - também reteve o suficiente de suas características para tornar uma identificação possível. "Eu reconheço pela forma do rosto - através dos olhos - da testa - nas bochechas", Asle Helgelien testemunharia mais tarde. "Quando você está com seu irmão todos os dias por quinze anos, você o conhece."

A longa busca de Asle por seu irmão Andrew havia chegado ao fim em uma cova de lixo no celeiro de Belle Gunness.

Uma garoa começou a cair. Enquanto o legista Mack se agachava para olhar mais de perto os restos desenterrados, o xerife Smutzer perguntou a Joe Maxson se ele conhecia outros "pontos fracos" na propriedade - lugares onde buracos haviam sido cavados e então cobertos com terra. Maxson apontou para um ponto próximo.

A essa altura, uma pequena multidão de curiosos havia se reunido na fazenda. Enquanto pressionavam o rosto contra a cerca de arame, Maxson, Hutson e Smutzer começaram a cavar. Um metro abaixo, sob uma pilha de lixo, eles descobriram uma confusão de partes putrefatas do corpo: torsos nus envoltos em estopa, cabeças, braços e pernas espalhados.

O galpão do carrinho foi transformado em um necrotério improvisado para o tesouro hediondo. Ao todo foram quatro vítimas: dois homens, uma mulher

e uma adolescente, cada um dividido em seis pedaços. Tal como aconteceu com o cadáver de Andrew Helgelien, poucas conclusões firmes puderam ser tiradas das relíquias desmembradas e mal

decompostas. A dificuldade enfrentada pelos investigadores médicos pode ser vista no depoimento do Dr. Franklin T.

Wilcox de La Porte, trazido pelo coroner Mack para conduzir a autópsia na mulher adulta: Com exceção do útero, nenhuma das vísceras foi reconhecida. O braço direito foi cortado por um instrumento cortante uma polegada abaixo da cabeça do úmero. Ambos os braços foram destacados do corpo. Os dois fêmures foram cortados no terço inferior. Foram encontrados quatro braços e quatro antebraços com as mãos com o corpo, mas é impossível dizer quais, se houver, pertencem a este corpo. Foram encontrados dois crânios e dois ossos maxilares inferiores com este corpo, mas é impossível dizer quais, se houver, pertencem a este corpo. Havia também dois conjuntos de fíbula, mas não puderam ser identificados positivamente como pertencentes a este corpo. A partir do exame, é impossível determinar a causa da morte.

Embora em condições igualmente terríveis, os restos mortais da fêmea mais jovem conservavam uma característica distintiva: uma trança emaranhada de longos cabelos louros brotando do crânio sem carne. A partir dessa evidência inconfundível, testemunhas que a conheceram em vida foram capazes de identificar positivamente a jovem massacrada.

Jennie Olson não fora mandada para um seminário na Califórnia dois anos antes. Ela não havia se casado e não estava em sua viagem de lua de mel.

Cortada em meia dúzia de pedaços, ela foi jogada em um buraco cheio de cadáveres e coberta com lixo no cercado de sua mãe adotiva. E - como os jornais de todo o país logo noticiariam - a data em que seus restos mortais foram revelados, 5 de maio de 1908, seria seu décimo oitavo aniversário.

ASSASSINA

É claro que houve assassinatos notórios em Indiana antes. Talvez o mais sensacional tenha sido o caso de 1895 do reverendo William E. Hinshaw.

Uma figura muito admirada na vila de Belleville, Hinshaw foi acusado de matar sua esposa, Thirza - que havia descoberto seu caso com uma jovem paroquiana - depois infligindo quase vinte feridas de carne em si mesmo com pistola e navalha e alegando que havia sofrido os ferimentos enquanto lutava heroicamente com um par de intrusos que entraram sorrateiramente em seu quarto à noite e assassinaram sua esposa. Seu julgamento em setembro daquele ano (que culminou com sua condenação) tornou-se uma sensação no tribunal, o "único tema absorvente de interesse público" por seus dois meses.

Apesar de todo o fascínio estimulado que gerou, no entanto, a "Tragédia de Belleville", como ficou conhecida, permaneceu uma história local, pouco conhecida além do estado de Hoosier. Em contraste, o caso Guinness seria notícia de primeira página em todo o país, e mesmo no exterior. "Jornalistas importantes de todas as partes convergiram para La Porte", escreve um historiador do crime. "Sete jornais de Chicago tiveram um total de vinte e dois repórteres no local.

Outros chegaram de Nova York, St. Louis, Detroit. Foram trinta e cinco ao todo. Eles estabeleceram sua sede no Hotel Teegarden. . . Em dez dias, eles publicariam cerca de um milhão de palavras de uma cópia sensacional. "

Da noite para o dia, Belle Guinness - anteriormente elogiada na imprensa por seu "esforço heróico, mas inútil. . . para salvar sua descendência "- foi transformada em um demônio. Em seu primeiro

relatório sobre as horríveis descobertas de 5 de maio, o Chicago American , no espaço de alguns parágrafos, a rotulou como "a mais diabólica assassina da época" e "a mais diabólica assassina da história". O mesmo jornal também foi o primeiro a levantar uma possibilidade que assombraria o caso para sempre. Dada sua astúcia diabólica, agora parecia concebível que o corpo sem cabeça encontrado nas ruínas do porão não fosse Belle Gunness, mas outra de suas vítimas, cujo cadáver decapitado substituiu a "arquiassassina".

A Sra. Gunness, declarou o jornal, "agora pensava-se que ainda estava viva".

Ray Lamphere estava lendo sua Bíblia e mascando meditativamente um maço de tabaco quando o xerife Smutzer voltou da fazenda Gunness e o informou sobre os terríveis acontecimentos do dia.

"Meu Deus", ofegou Lamphere.

"Cinco corpos. Eu sabia que aquela mulher era má, mas nada disso."
"

Levado de sua cela, ele foi levado a um grupo de repórteres, que o bombardearam com perguntas sobre os corpos desenterrados. Ele insistiu que não sabia "nada sobre isso", embora admitisse que nutria algumas suspeitas.

"Houve coisas que notei", disse ele. "Eu acho que eles eram mais sérios do que eu pensava."

Solicitado a elaborar, ele contou sobre a ocasião, imediatamente após a chegada de Helgelien, em que a sra. Gunness o instruiu a ir à cidade e comprar um contêiner de Rough on Rats, um pesticida popular composto de 10% de fuligem e 90% de arsênico. "Outra vez ela queria clorofórmio", disse Lamphere.

"Algo mais?" um dos repórteres pressionou.

“Bem, há cerca de um ano”, disse Ray, “um homem de bigode preto veio à fazenda, e a sra. Guinness me disse que ele era amigo de Jennie. Ele tinha um grande baú com ele. Muito tempo depois de sua partida, o baú ainda estava na casa.

Costumava ficar no andar de cima. Ainda tinha as roupas do homem, o que me pareceu meio engraçado. ”

Por falar em Jennie, Lamphere achava que a garota morta desenterrada naquela tarde poderia ser ela? alguém perguntou.

Lamphere acenou com a cabeça gravemente. "Deve ser Jennie", disse ele.

“Nunca acreditei que ela estivesse na Califórnia. Nunca ouvi falar de nenhuma carta dela. ”

Antes de ser levado de volta para sua cela, Lamphere foi questionado novamente sobre Andrew Helgelien.

“Olhe aqui”, respondeu ele. “Eu não sei nada sobre isso, e eu não sei nada sobre o incêndio, exceto o que eu disse há muito tempo. Ela costumava me dizer para não falar com Helgelien. Uma vez, ela nos encontrou juntos na sala de estar quando entrou. Ela estava com raiva e me disse para sair e nunca mais falar com ele. Eu disse a ela que falaria com ele se tivesse vontade. Bem, alguns dias depois, voltei da cidade e Helgelien tinha ido embora. Perguntei sobre ele e ela disse:

'Eu disse que você nunca mais falaria com ele'.

“Eu não sabia o que ela queria dizer”, disse Lamphere enquanto Smutzer o pegava pelo braço e o levava embora. "Mas agora eu entendo."

Naquele mesmo dia, uma carta chegou ao correio de La Porte endereçada à Sra. Guinness. Como toda a correspondência dela

desde o incêndio, foi entregue a Wesley Fogle, um "negociante de implementos" local, nomeado por Belle como seu executor.

A carta era de um homem chamado Carl Peterson de Waupaca, Wisconsin, escrevendo para dizer que "lamentava não poder atender aos requisitos da Sra. Guinness quanto à sua condição financeira", mas garantindo a ela que ele era "respeitável e digno em todos os sentidos . " Rastreado por repórteres, Peterson explicou que havia inicialmente contatado Belle depois de ver seu anúncio no Skandinaven . Em sua resposta, que ele recebeu na semana anterior, ela descreveu sua fazenda em termos brilhantes e explicou que estava procurando um homem para dividir com ela. Ela estava perfeitamente disposta a considerar Peterson como um parceiro, desde que

"fosse capaz de colocar \$ 1000 em dinheiro". Do contrário, não havia sentido em prosseguir com o assunto.

Como os jornais de todo o país relatariam, Peterson tinha bons motivos para

"se congratular por sua fuga por pouco". Na semana anterior ao incêndio, Belle Guinness ainda procurava vítimas.

O CEMITÉRIO

A estrada que levava ao local dos Guinness estava tão congestionada com carrinhos, carrinhos e bicicletas na manhã de quarta-feira, 6 de maio, que o xerife Smutzer teve problemas para manobrar seu próprio veículo no trânsito enquanto dirigia até a fazenda. Uma multidão enorme de homens, mulheres e crianças - cujo número naquele dia acabaria chegando aos

milhares - estava pressionada contra a cerca de arame que cercava o lote de porcos, ansiosos por um vislumbre dos últimos horrores.

Eles não tiveram que esperar muito. Smutzer, Joe Maxson e alguns outros homens recrutados para a árdua tarefa começaram a cavar no canto nordeste do terreno, a cerca de um metro e meio do local onde os quatro cadáveres em decomposição foram encontrados no dia anterior. Quase imediatamente, suas pás atingiram um pedaço de terra solta que exalou um cheiro nauseante. Cerca de um metro abaixo, eles descobriram os ossos massacrados de outra vítima. A estopa apodrecida - os restos do saco em que o torso foi enfiado - agarrou-se à caixa torácica, pélvis e coluna vertebral. O crânio - que apresentava um corte de sete centímetros, "como se feito por algum instrumento cortante" - estava próximo, junto com os ossos da perna serrados. O fedor do cadáver foi agravado pela sepultura em que estava, as partes do corpo foram despejadas em uma cripta abandonada.

O trabalho macabro não impediu Smutzer e sua equipe de fazer uma pausa para o almoço. Eles retomaram a escavação cerca de trinta minutos depois.

A poucos metros da latrina escavada, suas pás descobriram mais de uma dúzia de pares de sapatos masculinos. Sob os sapatos, havia uma pilha de ossos humanos.

“Um dos homens cavou na pilha e sua pá tirou partes das pernas de dois corpos”, relatou um jornal de Chicago: Uma segunda pá cheia de terra e ossos revelou o fato de que três corpos estavam escondidos no buraco.

Todos os corpos estavam embrulhados em sacos de armas. A cal viva foi colocada nos sacos, mas mal aplicada aos corpos. Muitos pedaços de carne agarraram-se aos ossos onde o limão não tinha comido.

À medida que os ossos da perna eram arrancados, as marcas neles revelaram pela primeira vez a raiva horrível e insana com que a mulher trabalhava sobre suas vítimas. Sobre as juntas, ela as havia cortado com um machado. Os ossos foram esmagados nas pontas, como se tivessem sido. . .

golpeados com martelos após serem desmembrados. Dois dos crânios estavam próximos um do outro; eles foram enterrados com a face para cima. A cal viva foi espalhada pelos rostos e enfiada nas orelhas. Em uma das cabeças, não havia quantidade suficiente e o cérebro permanecia intacto. . . As partes inferiores dos corpos estavam decompostas e era impossível dizer se eram homens ou mulheres.

As fétidas relíquias foram colocadas em baldes de lata e transferidas para o barracão que servia como necrotério temporário, de onde, como observou um repórter, "procedia um fedor que intimida até o mais resolutivo curioso".

Somados aos cinco corpos desenterrados no dia anterior, as últimas descobertas elevaram o total de cadáveres abatidos enterrados no lote de porcos da Sra. Guinness para nove. Em todo o país, do New York Times ao San Francisco Chronicle , os jornais alardeavam as

últimas descobertas horríveis, marcando Belle com uma variedade de apelidos sinistros: "uma Lady Macbeth moderna que derramou sangue em seus cofres e o transformou em ouro", "La Porte Ghoul", o "Indiana Ogress", o "Vampiro Humano", a "Barba Azul feminina", a "Alta Sacerdotisa do Assassinato", a

"Senhora do Castelo da Morte", a "Rainha do Crime", e "Princesa do Inferno". Na opinião da Pittsburgh Press, "os assassinatos na Rue Morgue empalidecem até a insignificância quando comparados a este caso", enquanto um escritor do Chicago Evening American opinou que se Poe

"voltasse à vida, ele poderia escrever um novo e a história mais emocionante de 'A Queda da Casa de Usher.' A Sra. Belle Gunness, a viúva sombria de La Porte, Indiana, com seu castelo da morte e seu quintal cheio

de sepulturas, forneceria a ele material para uma nova 'história estranha'

mais emocionante do que qualquer outra que ele concebeu. "

Dada uma variedade de fatores - a proximidade de La Porte com Chicago, a antiga residência de Belle naquela cidade e o sensacionalismo desavergonhado de sua imprensa amarela - não era de surpreender que os jornais de Chicago tivessem um dia agitado com a história. A edição de quarta-feira do Examiner de William Randolph Hearst fez uma afirmação especialmente surpreendente. "Belle Gunness é membro do Band of Chicago Thugs", dizia a manchete. "A polícia a procura aqui."

De acordo com o chefe de polícia assistente Herman F. Schuettler, Chicago era o lar de "uma gangue de assassinos organizada com o objetivo de coletar seguro para suas vítimas". A Sra. Gunness, afirmou ele, era "um membro desta gangue de assassinos. . . que recebeu os corpos das vítimas mortas em Chicago e os descartou em sua casa em La Porte".

A teoria de Schuettler foi amplamente baseada no testemunho de vários lacaios locais, que revelaram que, em 1906 e 1907, eles entregaram pelo menos nove baús pesados para a fazenda Guinness. Era crença da polícia de Chicago, declarou o jornal, "que este e os outros baús continham corpos humanos".

Um desses lacaios, Claude Sturgis, fez um relato dramático de sua própria experiência no outono de 1907. Depois de carregar um grande baú "bem amarrado" na varanda da casa da fazenda Guinness e rolá-lo para a sala da frente, ele teve começado a remover as cordas. Naquele instante, a Sra.

Guinness "correu loucamente para ele e perguntou o que ele estava fazendo.

- Sempre desato os baús para as mulheres - respondeu Sturgis. Em um acesso de raiva, ela o agarrou pelo braço e, empurrando-o para fora da porta da frente, disselhe para cuidar da própria vida.

Recebendo uma dica de que "dois baús misteriosos" estavam aguardando embarque para a fazenda Guinness, o capitão O'Brien, do Chicago City Detective Bureau, imediatamente instituiu uma busca em todas as salas de bagagem da ferrovia e empresas expresso locais. Segundo o informante que entrou em contato com a polícia, os baús "continham os cadáveres das vítimas de homicídio".

Pegando essa história, os jornais de todo o país declararam que a Sra.

Guinness fazia parte do que foi descrito de várias maneiras como um

"departamento de crime", "conspiração criminosa", "sindicato de homicídios" e "conspiração que mata homens". Seu papel era o de "cerca"

ou "câmara de compensação" para esta organização sinistra, que usava sua fazenda como cemitério para suas vítimas.

Começaram a circular histórias de uma “câmara de morte secreta” na “casa dos horrores” de Belle, que tinha desempenhado uma função medonha nessa confusão diabólica. “Havia um cômodo da casa dos Guinness que era usado exclusivamente pela mulher”, relatou um jornal. “Ninguém tinha permissão para entrar lá, nem mesmo seus filhos. A porta era de carvalho pesado e as janelas bem sombreadas. Foi nesta sala que os corpos foram armazenados depois de serem enviados de Chicago. A mulher os empilhou ali até que tivessem idade suficiente, então não havia perigo de sangramento. Então ela os cortou em pedaços. ”

O Dr. JH William Meyer - ex-membro da equipe do Cook County Hospital e presidente da Alumni Association of Rush Medical College - sugeriu uma possibilidade um pouco diferente. Depois de participar dos exames post mortem de vários dos corpos desenterrados, incluindo o identificado como Andrew Helgelien, Meyer declarou aos jornalistas que “a decapitação e separação de membros dos corpos foi feita por um especialista em anatomia. . . alguém familiarizado com a sala de dissecação. ”

A “desarticulação das articulações da esfera e da cavidade do ombro”, explicou Meyer, foi especialmente reveladora. “Isso não pode ser feito por um amador com um instrumento comum”, ele insistiu. “Cada uma dessas operações foi bem definida. Foi feito por uma mão forte com nada menos afiado do que uma faca de cirurgião. ” A implicação clara era que as vítimas foram desmembradas em Chicago por um assassino com experiência médica e, em seguida, enviadas em pedaços para La Porte.

Com a memória do Dr. HH Holmes ainda fresca em suas mentes - o infame assassino em série que supostamente despachou e dissecou um número indeterminado de vítimas na masmorra de seu chamado castelo do horror -

os habitantes de Chicago podiam facilmente acreditar na existência de um monstro médico envolvido em um esquema de assassinato

com fins lucrativos.

A noção de que Belle tinha cúmplices em Chicago também deu crédito à convicção generalizada de que ela ainda estava viva, especialmente depois que uma testemunha não identificada se apresentou para dizer que viu uma

"figura encapuzada" embarcando no trem de Chicago de La Porte na manhã de 28 de abril, o dia do incêndio na casa da fazenda Guinness. Com base nessa inteligência, Schuettler especulou que Belle "havia sido encontrada em Chicago por um confederado e agora estava se escondendo" enquanto esperava uma chance de "escapar para a Noruega".

Uma busca massiva foi lançada pela arquimurderesa.

"Cada depósito em Chicago está sendo vigiado pela polícia", relatou o Examiner . "Os correios estão sob o olhar da polícia. O mesmo ocorre com vários outros lugares em que se poderia supor que a mulher apareceria.

Armazéns expressos e salas de bagagem estão sendo peneirados em busca de vestígios de baús de ou para a mulher. Existe uma rede de arrasto que envolve a cidade. "

Enquanto a polícia conduzia sua caça ao suposto fugitivo, os repórteres rastreavam o Dr. JC Miller, que havia sido chamado ao leito do ferido Mads Sorenson oito anos antes. Desenvolvimentos recentes obrigaram o Dr.

Miller a reavaliar seu diagnóstico original.

"Quando cheguei à casa de Sorenson", disse Miller aos jornalistas, "ele estava agarrado à cabeceira da cama e em grande agonia. Ele morreu em meia hora. Sorenson estava aparentemente com a melhor saúde antes de morrer. Na época, eu acreditava que sua morte provavelmente se devia a uma hemorragia cerebral. Ao

pensar nisso agora, porém, posso ver que os sintomas podem ter sido os de envenenamento por estricnina. ”

Convencido de que a conexão de Belle com “uma gangue organizada de assassinos de porta-malas” datava de seus dias em Chicago, o chefe assistente Schuettler ordenou uma investigação imediata dos registros de todas as pessoas desaparecidas que haviam desaparecido da área de Austin na época em que ela morava lá. Encontrando-se com repórteres na noite de quarta-feira, ele também anunciou que, ao nascer do sol do dia seguinte, seus homens “começariam a limpar o quintal” da casa que ela e Mads dividiram na rua Alma. “Esperamos com confiança encontrar corpos neste pátio”, disse Schuettler aos jornalistas.

Além disso, ele tinha motivos para acreditar que nem todos aqueles corpos eram de adultos. Além de suas outras atividades monstruosas, Belle Guinness, de acordo com Schuettler, estava no negócio de “criação de bebês”.

No final do século XIX e início do século XX, as mães de bebês indesejados -

geralmente mulheres solteiras, prostitutas ou mulheres carentes já sobrecarregadas de filhos - entregariam os infelizes recém-nascidos a cuidadores pagos que, por uma taxa fixa ou mensal, concordariam em

providenciar um lar para os bebês ou encontrar famílias adequadas para adoção. Enquanto alguns desses chamados criadores de bebês tratavam seus filhos com caloroso cuidado maternal, um número considerável provou ser mulheres totalmente insensíveis que buscavam maximizar seus lucros fornecendo às crianças o mínimo necessário.

Quando um assistente social chamado Arthur Alden Guild conduziu uma investigação nas fazendas de bebês de Chicago para a Agência

de Proteção Juvenil, ele encontrou centenas de crianças doentes e desnutridas vivendo em condições terríveis.

Tão alta era a taxa de mortalidade entre essas operações não regulamentadas que, para muitos observadores, eram pouco mais do que armadilhas mortais. Além disso, algumas das mulheres envolvidas neste negócio sórdido eram culpadas de negligência muito pior do que criminosa.

Talvez a mais famosa tenha sido a criadora de bebês britânica Amelia Dyer, que se acredita ter assassinado várias centenas de crianças sob seus cuidados.

As autoridades de Chicago estavam agora firmemente convencidas de que a Sra. Guinness estava envolvida no mesmo negócio horrível - "levar bebês por uma quantia em dinheiro até que eles pudessem ser convenientemente colocados fora do caminho". Embora eles não acreditassem que ela tivesse igualado o histórico de Amelia Dyer, eles pensaram que provavelmente -

como o tenente Matthew Zimmer da delegacia de polícia de Austin disse aos repórteres - "ela pode ter assassinado crianças aos poucos". Na verdade, disse Zimmer, foi seu "sucesso em esconder seus crimes com os corpos de crianças [que] pode tê-la encorajado a continuar seus crimes em linhas maiores".

A terrível carreira do ghoul La Porte, Zimmer especulou, "começou assassinando bebês".

Em La Porte, as autoridades descartaram as teorias da polícia de Chicago.

Informado da crença de Schuettler de que os corpos desenterrados na fazenda da Sra. Guinness haviam sido enviados para lá por seus companheiros em um sindicato de crimes de Chicago, o prefeito de La Porte, Lemuel Darrow, foi enfático em sua resposta.

“Só existe uma solução para o mistério”, declarou ele aos jornalistas.
“Sra.

Gunness atraiu todas essas pessoas aqui com o propósito de obter seu dinheiro e depois os assassinou.

“Ela mantinha correspondência com seus conterrâneos quando sabia que eram homens solteiros ou viúvos com dinheiro”, continuou Darrow, “e depois de fazer ofertas de casamento ou outros incentivos, como ter uma fazenda adequada para venda, ela solicitava um Visita. Depois de levar seus homens para a fazenda, ela os entreteria de maneira tão hospitaleira que suas visitas eram prolongadas. Quando chegasse a hora, ela administraria algum tipo de veneno, provavelmente arsênico ou clorofórmio, e quando morresse, demoraria a desmembrá-los e enterrar os restos mortais no quintal.

“Acredito que ela tenha usado esse meio extraordinário de segurança por vários anos”, disse Darrow enquanto os jornalistas rabiscavam suas palavras em seus blocos de notas. “Eu acredito que uma investigação mais aprofundada irá revelar mais corpos do tráfico desumano da mulher.”

Questionado por um dos repórteres quantos corpos mais ele esperava encontrar, Darrow respondeu sem hesitação. “Eu não ficaria surpreso”, disse ele, “se a lista de vítimas chegasse a uma vintena de homens, mulheres e crianças”.

BUDSBERG

Uma chuva forte na quinta-feira, 7 de maio, suspendeu a escavação. Com o árduo trabalho suspenso, o xerife Smutzer viajou para Chicago naquela manhã para conversar com seus colegas.

Ele ainda estava ausente quando um mensageiro chegou à prisão para informar ao policial Antiss que dois homens haviam invadido o galpão trancado da fazenda Guinness, onde as pilhas exumadas de carne e ossos apodrecidos jaziam em pranchas de madeira.

Correndo para a fazenda, Antiss foi recebido por Joe Maxson, que lhe disse que, enquanto caminhava no quintal, avistou os dois homens saindo pela janela traseira do galpão.

“Um era um homem alto com cabelo escuro e o outro era corpulento, não tão alto”, disse Maxson. “Estava chovendo forte e não pude ver muito de seus rostos porque seus chapéus estavam abaixados e as golas dos casacos levantadas. Eu disse a eles que as ordens do xerife proibiam qualquer pessoa de entrar no galpão, e um deles disse: 'Cuide de seus próprios negócios. Somos médicos e temos o direito de entrar.'”

Maxson imediatamente mandou um dos meninos vizinhos à cidade para notificar Antiss. A essa altura, porém, os dois homens já haviam escapado, correndo pela floresta até uma plataforma que haviam deixado nas proximidades. Rumores rapidamente se espalharam pela cidade de que

“cúmplices da Sra. Guinness haviam quebrado a fechadura do galpão e invadido para destruir as provas contra ela. . . Eles roubaram várias garrafas que diziam conter veneno e tentaram misturar os ossos dos esqueletos para evitar a identificação. ”

A verdade acabou se revelando mais mundana: os dois homens, mais tarde identificados como residentes da cidade de Michigan, entraram sorrateiramente pela janela do necrotério temporário por nenhuma razão mais sinistra do que para satisfazer sua curiosidade mórbida com um olhar mais próximo do restos mortais das vítimas da Sra. Guinness.

Por volta da 1h30 daquela tarde, antes do retorno de Smutzer, dois jovens chegaram de trem de Iola, Wisconsin, na companhia de um conhecido mais velho, um comerciante de ferragens chamado Edwin Chapin. Eles foram recebidos no depósito por James Buck, presidente do La Porte Savings Bank, que os acompanhou até o tribunal, onde o deputado Antiss se encarregou deles. Os dois jovens eram irmãos Mathias e Oscar Budsberg, com idades de 27 e 29 anos, respectivamente: "jovens agricultores simples e ingênuos", como relatou um jornal condescendente, "lentidão de pensamento e expressão". Eles estavam lá em uma missão sombria: ver um crânio humano que se pensava ser o de seu pai, Ole Budsberg.

Quatorze meses antes, Budsberg - um viúvo de 51 anos e assinante do Skandinavien e do Decorah-Posten - informou a seus filhos que estava viajando para La Porte, Indiana, para cuidar de como administrar uma fazenda lá. Para seu irmão, Budsberg contou uma história diferente: que ele estava indo para lá para se casar com uma viúva rica.

Ele deixou Iola na terceira semana de março de 1907, voltando uma semana depois para resolver seus assuntos antes de se mudar definitivamente para

sua nova casa. Ele vendeu sua fazenda para Mathias por US \$ 1.000. Em 5

de abril, com o dinheiro da venda mais uma nota de hipoteca de \$ 1.000

adicionais garantidos por algum terreno de sua propriedade, ele partiu de trem, prometendo aos filhos que escreveria assim que fosse resolvido.

No dia seguinte - como um caixa chamado JW Crumpacker mais tarde testemunhou - Budsberg apareceu no First National Bank of La Porte na companhia de Belle Guinness e solicitou que sua nota de hipoteca fosse enviada ao Farmers State Bank em Iola para cobrança. Ele estava de volta com a Sra. Guinness em 16 de abril para pegar o dinheiro. "Foi a última vez que o vi vivo", diria Crumpacker.

No final de abril, sem receber nenhuma palavra do pai, Mathias estava suficientemente preocupado para enviar-lhe uma carta na fazenda Guinness.

Ele acabou sendo devolvido como não entregue pelo Dead Letter Office em Washington, DC Nesse ínterim, a nota de hipoteca vencida, JC Swenson, caixa do Farmers State Bank em Iola, enviou uma carta de investigação ao caixa Crumpacker, perguntando como para saber se ele "tinha visto algo do Sr. Budsberg recentemente".

Crumpacker passou a carta ao seu empregador, o presidente do banco Buck, que se encarregou de dirigir até a fazenda Guinness para ver se Budsberg estava lá. Com sua batida, a Sra. Guinness atendeu a porta, mas não o convidou a entrar. À sua pergunta sobre Budsberg, ela respondeu que não sabia onde ele estava. Durante uma visita a Chicago, ela explicou, ele havia sido roubado "da maior parte de seu dinheiro". Quando voltou para La Porte, decidiu que "iria para o oeste e tentaria recuperar o que foi roubado antes que qualquer um de seus parentes soubesse disso". Poucos dias depois - ela não conseguia se lembrar da data - ela o levou para a estação de trem onde ele partiu em uma viagem para Oregon. Essa foi a última vez que ela o viu.

Buck pediu ao Crumpacker que notificasse os funcionários do banco em Iola. Vários meses depois, após o incêndio na fazenda Guinness e a descoberta dos primeiros corpos no lote de porcos, Crumpacker enviou recortes de jornais ao caixa Swenson, que notificou os irmãos Budsberg.

Temendo o pior, Mathias e Oscar partiram imediatamente para La Porte.

Por volta das 14h, o policial Antiss levou os irmãos Budsberg para a fazenda Guinness. Apesar do tempo inclemente, cerca de vinte homens - atraídos pelas histórias que se espalharam rapidamente sobre a invasão supostamente sinistra que ocorrera no início do dia - estavam reunidos do lado de fora do barracão. Antiss conduziu seus dois soldados para dentro do edifício fedorento, os outros homens se aglomerando ansiosamente atrás deles.

À luz de uma lamparina a óleo, Mat e Oscar espiaram a fileira de pranchas que sustentavam os restos mortais escavados no curral. No topo de uma massa de ossos e pele em decomposição estava o crânio que eles haviam visto, e eles se curvaram para olhar mais de perto.

Embora a cabeça mantivesse poucos traços reconhecíveis, não havia dúvida de seus pêlos faciais distintos: "um bigode ruivo emaranhado", como um historiador o descreve, "enrolando-se na boca sem carne". Depois de um momento, os irmãos se endireitaram, trocaram um olhar sombrio e abriram caminho para fora do galpão para o ar livre.

Retirando-se, eles se envolveram em uma breve conversa sussurrada antes de retornar ao galpão. A essa altura, Antiss apareceu e ficou esperando por eles.

"É ele", disse Mat. "Estou certo disso."

"É o que temíamos", disse Oscar.

Os meninos de Budsberg encontraram seu pai.

Em uma matéria de primeira página datada de 7 de maio, o New York Times resumiu para seus leitores as quatro principais teorias em torno do caso Guinness, "uma série de crimes que assustaram todo o país": Teoria nº 1 -

Que a Sra. Guinness, temendo expor sua longa carreira assassina, matou seus três filhos e ela mesma, colocando fogo na casa para esconder os crimes.

Teoria nº 2 - Que a Sra. Guinness, temendo ser exposta, fugiu depois de matar seus filhos, colocando o corpo sem cabeça de outra mulher na casa para enganar as autoridades.

Teoria nº 3 - Que Ray Lamphere, seu lavrador, matou por um duplo motivo de vingança e ciúme.

Teoria nº 4 - Que o crime quádruplo foi cometido por uma gangue assassina com sede em Chicago, que temia ser exposta pela Sra. Guinness de uma longa série de assassinatos por seguro, ela sendo usada como sua "câmara de compensação" para cadáveres.

Mesmo quando esta edição do jornal estava indo para a impressão, no entanto, as autoridades em Chicago estavam descartando a última dessas teorias. Apenas um dia depois de fazer seus pronunciamentos confiantes sobre o envolvimento da Sra. Guinness com um "sindicato do crime", o chefe assistente Schuettler deu uma reviravolta completa sobre o assunto. Sua reversão foi motivada em parte por uma conversa com o xerife Smutzer, que não deu crédito à idéia de que os restos mortais exumados do curral de Belle haviam sido enviados de Chicago. Os investigadores também determinaram que a informação sobre os dois "troncos misteriosos" que supostamente aguardavam a entrega na "fazenda da morte" era uma pista falsa, se não uma fraude total.

“Não acredito mais que a Sra. Guinness fosse agente de uma gangue de assassinos ou que administrasse uma fazenda de bebês”, disse ele aos repórteres:

Parece certo que ela mesma matou os pretendentes cujos corpos foram encontrados nas sepulturas da fazenda. Que ela pudesse ter atraído e matado mais de uma dúzia de homens dessa forma é inteiramente plausível.

Acredito que ela respondeu cartas de homens de sua própria nacionalidade e os convidou para sua fazenda. Lá ela mostrou a eles os campos abundantes. A perspectiva era agradável. Tanto feito, o resto não foi tão difícil como se poderia supor. Um pouco de cloral em um copo de cerveja ou café traz uma morte rápida. O mesmo acontece com um golpe bem dirigido com um martelo ou machadinha. Não há razão para que ela, uma mulher forte, não os tenha enterrado também. Sua fazenda fica longe do vizinho mais próximo.

Ao mesmo tempo, Schuettler se agarrou à convicção de que a arqui-merderessa ainda estava viva. “Eu não posso acreditar que ela está morta. Ela era uma criminosa muito experiente para ser pega dessa forma.

Ela pode muito bem estar em Chicago. ”

Sua opinião parecia ter sido confirmada por um conhecido de Belle, que notificou a polícia de que a vira embarcar em “um bonde North Clark na Summerdale Avenue” apenas um dia antes, quarta-feira, 6.

Várias outras testemunhas afirmaram tê-la encontrado nas proximidades do distrito de Wabash Avenue ao sul de Loop na semana passada. Um deles era um farmacêutico chamado Al Levi, proprietário de uma drogaria no edifício do hotel comercial na avenida Wabash com a rua Harrison. Depois de encontrar uma foto de Belle no Chicago Tribune , Levi contatou o jornal, alegando reconhecê-la como "a mesma mulher que tentou comprar morfina

dele quatro ou cinco dias depois que a casa do terror dos Guinness foi queimada".

"Tenho certeza de que é ela", insistiu Levi, que não seria o último a afirmar que ficara cara a cara com a Belle Guinness viva. "As características - nariz, boca, olhos - são as mesmas."

Persuadida agora de que as atrocidades de Belle ficaram confinadas em sua fazenda remota em La Porte, Schuettler cancelou os planos de procurar outras pessoas desaparecidas no quintal de sua antiga residência em Austin. Sua decisão não impediu um grupo de repórteres empreendedores de aparecer com pás na rua Alma. Antes que eles pudessem começar a cavar, no entanto, eles foram confrontados pelos atuais proprietários, irmãos John e Daniel Nellis, uma dupla de encanadores corpulentos de Wisconsin, que havia comprado as instalações em novembro de 1907 e que ameaçaram "obter uma liminar impedindo qualquer escavação aqui.

Compramos esta propriedade ", disse Daniel," e toda essa conversa sensacionalista a está prejudicando ".

A crença de Schuettler de que Belle havia encenado sua própria morte e viajado para Chicago foi compartilhada pelo prefeito de La Porte, Lemuel Darrow, e seu chefe de polícia, Clinton Cochrane. O xerife Smutzer e o promotor Smith, por outro lado, foram inflexíveis quanto ao fato de ela ter morrido no incêndio. Claro, como os jornais foram rápidos em apontar, Smutzer e Smith tinham bons motivos para insistir nesse ponto. Admitir que ela ainda estava viva iria - como disse o Chicago Tribune - "destruir o caso que estão construindo contra Ray Lamphere".

Na mesma tarde, quinta-feira, 7 de maio, Smith apareceu perante um rebanho de repórteres para fazer um anúncio dramático. No que dizia respeito ao estado, o caso contra Lamphere estava "completo". O ex-faz-

tudo e amante da Sra. Guinness seria indiciado e julgado não apenas por incêndio criminoso, mas por assassinato.

“Estou satisfeito por termos coletado o testemunho de tal personagem que a responsabilidade de Lamphere pelas mortes na casa será estabelecida além de qualquer dúvida razoável”, declarou Smith. “Vamos apresentar testemunhas para provar que Lamphere foi visto ao redor da casa dos Guinness antes do início do incêndio e que ele foi visto fugindo mais tarde.

Provaremos também que ele ateou fogo ao local em vingança pela ação tomada contra ele pela mulher depois que eles se desentenderam, e que esse desacordo foi devido a uma disputa sobre o assassinato de Helgelien no qual Lamphere estava implicado, de acordo com nossas evidências. ”

Questionado por um jornalista se, como foi amplamente relatado, a polícia havia recorrido ao terceiro grau - “suor” - para extrair informações de Lamphere, Smith se irritou. “Não preocupamos as pessoas aqui”, disse ele.

“La Porte é uma cidade civilizada. Não somos como Chicago e Nova York. ”

Ele concluiu que “se esforçaria para que o caso fosse levado a julgamento no próximo período do tribunal”. Lamphere, predisse Smith, “será julgado dentro de três semanas”.

A TEIA

Reportando sobre o anúncio do procurador estadual Smith, o Chicago Tribune publicou uma matéria intitulada "Weave Web Around Lamphere".

Uma teia de um tipo muito diferente apareceu com destaque na mesma edição: um cartoon editorial de primeira página retratando um enxame de homens com asas de inseto, sacolas na mão, voando nas garras de uma aranha gorda. Gravadas nas costas da aranha estavam as palavras

“Matrimonial Bureau”.

De acordo com uma estimativa bem informada, Chicago na primeira década do século XX era o lar de nada menos que 125 agências matrimoniais (ou

"afinidades"), a grande maioria delas operações noturnas destinadas a extrair o máximo de dinheiro possível de homens e mulheres desesperadamente solitários. Típico foi o golpe conduzido por uma mulher chamada EL Glinn, que prendeu as vítimas veiculando anúncios falsos em jornais, ostensivamente colocados por empresários prósperos e viúvas abastadas em busca de companheiros agradáveis. Os idiotas que responderam a essas provocações foram obrigados a enviar para a Srta.

Glinn uma "taxa de iniciação" de cinco dólares em seu clube de casamentos, em troca da qual receberiam informações mais detalhadas sobre os (inexistentes) candidatos a casamento, junto com uma lista de outros candidatos possíveis (e igualmente fictícios). Antes de ser presa, julgada e condenada por fraude postal, Glinn conseguiu envolver mais de seiscentos otários de ambos os

sexos, nenhum dos quais, parece desnecessário dizer, acabou com marido ou mulher.

Descrevendo Glinn e sua turma como "uma ameaça para o povo americano"

que "aviltou o ideal de amor e casamento", reduzindo-o a uma questão de

"comercialismo espalhafatoso", as autoridades de Chicago foram atrás do pior dos criminosos. Um personagem grandioso, o sargento-detetive Clifton R. Wooldridge - o autodenominado "americano Sherlock Holmes"

responsável por 20 mil prisões durante sua carreira de duas décadas -

travou uma guerra implacável contra esses vigaristas, por causa de suas trapaçagens como "uma das formas mais insidiosas de crime", um "vulcão

expelindo fraude, burla, bigamia [e] deserção". Em seu livro de memórias mais vendido, *Twenty Years a Detective in the Wickedest City of the World*, Wooldridge orgulhosamente proclama que ele colocou mais de cem desses

"embusteiros do enriquecimento rápido" fora do mercado, apreendendo e destruindo "40 vagões carregados" de suas circulares e anúncios espalhafatosos.

A batalha contra os "corretores do amor" de Chicago se transformou em uma cruzada total após as revelações da Gunness. Ignorando convenientemente o fato de que Belle nunca se valeu de uma agência matrimonial, o escritório do procurador distrital emitiu instruções imediatas

"para que todos os gerentes de um escritório de afinidades no distrito de Chicago fossem colocados sob prisão imediata".

"As revelações em La Porte foram tais", disse o assistente da promotoria Seward S. Shirer aos repórteres, "que acreditamos que diferentes supostos escritórios de 'matcher-up' enviaram homens e mulheres para assassinar estabelecimentos como o administrado pela Sra. Guinness. Isso provavelmente foi feito para roubar-lhes os poucos centavos que podiam ter no bolso. Essas pessoas pobres são um grupo pouco intelectual e podem ser assassinadas e colocadas fora do caminho sem muito perigo de exposição. "

Embora admitisse que nem todas as agências matrimoniais estavam no negócio de "assassinato em massa", ele insistiu que "não havia como dizer até onde cada gerente irá em seus esforços para arrancar alguns centavos dos pobres que respondem a seus anúncios atraentes. "

As memórias do detetive Wooldridge ecoaram esses sentimentos. Mudando de uma metáfora geológica - o vulcão "arrotando" - para uma botânica, ele descreveu o escritório matrimonial como uma "planta do inferno" cuja "flor"

mais hedionda foi a fazenda de assassinatos Guinness.

"Essa assassina indiscriminada", proclamou Wooldridge desafiando os fatos,

"atraiu suas vítimas ao seu destino por meio de anúncios em um 'jornal matrimonial' ou por meio de uma agência matrimonial. . . Com a ajuda dessas agências fraudulentas, [esta mulher] assassinou mais pessoas do que qualquer outro ser humano que já viveu. " Acompanhando essa passagem, havia uma ilustração de Belle com uma foice parada em seu quintal à noite.

Tudo ao redor dela eram sepulturas brotando plantas com flores de caveira.

“The Death Harvester”, dizia a lenda.

“Este é, então, o trabalho culminante da agência matrimonial”, concluiu Wooldridge. “Este horrível cemitério de corpos desmembrados, este horrível cemitério numa encosta de Indiana. Por seus frutos os conhecereis.

Na terrível Fazenda Guinness, eis o fruto amadurecido da agência matrimonial! ”

A COLHEITA DE CORPSE

Na manhã de sexta-feira, 8 de maio, a chuva torrencial que caíra nas últimas 36 horas reduziu-se a uma garoa intermitente. À luz do dia, uma grande caravana de charretes, carrinhos de mão, carroças e diversos meios de transporte começou a se dirigir para a "fazenda do horror". Por volta das 8h, mais de mil homens, mulheres e crianças - "fazendeiros, mercadores, escriturários, residentes de cidades e vilarejos adjacentes" - apareceram para assistir ao recomeço da caça ao túmulo.

Localizando um "ponto fraco" não muito longe dos poços que haviam escavado na quarta-feira, o xerife Smutzer, Joe Maxson e Daniel Hutson se empenharam em sua tarefa. O solo saturado surgiu facilmente sob suas pás.

Apenas meia hora após o início da escavação, Hutson atingiu algo sólido: uma caixa de madeira apodrecida, que se desintegrou em estilhaços quando ele a cutucou com a lâmina de sua ferramenta.

"À medida que os fragmentos caíam de lado", escreveu um observador,

"eles revelaram uma massa de cal de onde foram retirados pedaços esfarrapados de sacos de metralha. No fundo do buraco, uma pilha emaranhada de ossos foi exposta, a alguns dos quais massas de carne gelatinosa ainda se agarraram. " Havia também uma caveira com alguns fios de cabelo escuro grudados nela.

Os ossos foram trazidos à superfície e examinados pelo coroner Mack.

Como todas as vítimas de Belle, esta foi esculpida antes de ser descartada -

as pernas cuidadosamente serradas cinco centímetros acima das articulações dos joelhos, os braços cortados perto dos ombros. Pelo tamanho dos ossos e pela dimensão do crânio, Mack concluiu que os restos mortais eram de um homem adulto, apesar do fato incongruente de dois pares de sapatos femininos terem sido jogados no buraco com o corpo.

Quando a notícia do achado se espalhou pela multidão, centenas fizeram uma corrida louca para o túmulo recém-aberto.

Um jornalista testemunhou uma cena que capturou o frenesi do momento.

Um "velho de longa barba grisalha" acabava de chegar à fazenda, puxando dois bebês, evidentemente seus netos, em uma pequena carroça de madeira. Ao se aproximar do lote de porcos, "a pequena carroça tombou e as duas crianças foram jogadas no chão lamacento. Foi nesse momento que se ouviu o grito: 'outro corpo foi encontrado', e o velho correu para a escavação, deixando as crianças chorando no chão".

O mistério dos sapatos femininos foi resolvido poucos minutos depois.

Continuando a cavar no mesmo buraco, Hutson logo encontrou outra massa de ossos. Como havia apenas um crânio na sepultura, Smutzer inicialmente teorizou que todos os restos mortais pertenciam a uma única vítima. O

legista Mack rapidamente o desiluiu dessa noção. "Se todos aqueles ossos pertencessem a uma pessoa", declarou Mack, "você teria uma monstruosidade - alguém com dez ou doze pés de altura." Para os olhos experientes de Mack, estava claro que esse segundo esqueleto era de uma mulher.

Colocados em baldes de estanho separados, os dois esqueletos abatidos - o décimo e o décimo primeiro a serem retirados do

“jardim da morte” - foram transferidos para o necrotério improvisado para se juntar aos outros restos fétidos das vítimas de Belle Guinness.

Como resultado da cobertura nacional do caso, os policiais em La Porte foram inundados com perguntas de pessoas que temiam que seus entes queridos desaparecidos tivessem acabado na lama do lote de porcos de Belle Guinness. Da Sra. JM Canary de Pine Lakes, Indiana, veio uma carta sobre seu filho de dezenove anos, Edward. Um jovem um tanto perturbado,

"não intelectualmente brilhante" que "uma vez queimou uma cabana vazia pelo prazer de vê-la ser destruída", Edward havia desaparecido abruptamente de seu trabalho como trabalhador rural local em julho de 1906 e não foi mais visto desde então.

William Stern, um taberneiro da Filadélfia, escreveu para perguntar sobre seu empregado de 28 anos, Charles Neiburg.

Um imigrante sueco recente, Neiburg - cuja "única ambição era casar-se com uma mulher rica" e que "passava todo o seu tempo livre respondendo a anúncios matrimoniais" - havia desaparecido em junho de 1906, dizendo a

seu chefe que estava indo para Indiana para se casar uma “viúva com uma grande fazenda”. Ele havia deixado sua bicicleta e um baú cheio de roupas para trás, dizendo que mandaria buscá-los assim que se casasse. Mas Stern nunca tinha ouvido falar dele.

Outra carta veio do Sr. GR Burk de Tuscola, Illinois, perguntando sobre seu ex-funcionário George Bradley. Em outubro anterior, Bradley, de quarenta anos, anunciou que pretendia se casar com "uma viúva que possuía uma bela fazenda perto de La Porte". Vendendo “cerca de US \$ 1.500 em propriedades”, ele partiu para Indiana, “deixando suas roupas com o Sr.

Burk e dizendo que voltaria para pegá-las, mas ele nunca mais voltou”.

A esposa de Benjamin Carling, um agente da Prudential Life Insurance Company em Chicago, enviou uma carta suplicante sobre seu marido, que havia saído de casa para La Porte um ano antes, “dizendo a ela que ele havia garantido um esplêndido investimento por meio de uma viúva rica .

Ele estava entusiasmado com o plano, tendo emprestado vários milhares de dólares de homens de Chicago que estiveram interessados no plano. Ao mesmo tempo, ele tinha em sua posse US \$ 1.000 pertencentes a uma seguradora “. Essa foi a última vez que alguém o viu.

A Sra. Kulers, de McKeesport, Pensilvânia, contatou o xerife Smutzer sobre seu pai desaparecido, John E. Hunter de Duquesne, que “deixou sua casa em novembro de 1907 para o norte de Indiana para se casar com uma viúva rica, como ele informou à família. Ele levou consigo uma grande quantia em dinheiro, dizendo às filhas que não sabia quando voltaria. ”

Gustav Thuns, um residente de Washington, Pensilvânia, também disse a sua família e amigos que esteve “em comunicação com” uma viúva rica em La Porte “. De acordo com uma carta enviada por seu ex-empregador, Pat

Schimmack, a última coisa que alguém viu de Thuns foi quando ele "partiu para a cidade de Indiana no verão passado com US \$ 1.000".

E havia cartas e telegramas sobre dezenas de homens desaparecidos.

Herman Konitzer, de Chicago; Auguste Gunderson de Green Lake, Wisconsin; Lindner Nikkelson de Huron, Dakota do Sul; Andrew Anderson de Lawrence, Kansas; EF Plato de Youngstown, Ohio; IT Striver de North Bend, Nebraska; Bert Chase de Mishawaka, Indiana;

Emil Tell de Kansas City, Missouri; George Williams de Wapawalopen, Pensilvânia. E mais.

As descrições físicas que geralmente acompanhavam essas investigações eram, em sua maioria, totalmente inúteis. Dada a condição dos corpos exumados - pilhas de esqueletos mutilados e podres com um crânio ocasional sem carne - era impossível nomear a maioria deles. Evidências circunstanciais, no entanto, deixaram poucas dúvidas quanto a algumas de suas identidades.

A partir do depoimento de várias testemunhas, as autoridades concluíram que os empregados contratados por Belle, Olaf Lindboe e Henry Gurholt -

que haviam desaparecido em circunstâncias altamente suspeitas - foram duas de suas primeiras vítimas.

Outro homem chamado Olaf - Olaf Jensen - escreveu para parentes na Noruega que estava deixando sua casa em Carroll, Indiana, para se casar com "uma viúva rica que possuía uma fazenda em La Porte". Jensen foi visto na casa dos Gunness, ajudando Belle com algumas tarefas. Ele desapareceu logo depois de descontar um grande cheque no First National Bank of La Porte. Quando os vizinhos perguntaram sobre seu paradeiro, Belle "alegou que ele tinha ido para o oeste porque 'não gostava de La Porte'".

Arthur Peglow, um caixa assistente do First National Bank, foi capaz de identificar outra vítima que havia sido atraída para as garras de Belle. Era o solteirão John Moe, de quarenta anos, residente em Elbow Lake, Minnesota, e assinante do Skandinaven, que chegou a La Porte após informar a parentes que estava "se mudando para uma cidade em Indiana, não muito longe de Chicago". Em dezembro de 1906, Moe foi ao banco para descontar dois cheques totalizando US \$ 1.000.

Ele nunca mais foi visto. Peglow claramente "lembrou-se de Moe quando lhe mostraram uma fotografia".

No início de 1906, Christian Hilken, de Dover, Wisconsin, com 55 anos, partiu abruptamente após vender sua fazenda por \$ 2.000 em dinheiro. Seu destino foi estabelecido por Johannes B. Wist, editor do jornal de língua norueguesa Decorah-Posten. Depois de ler sobre as atrocidades da Gunness, Wist notificou as autoridades que, na primavera de 1906, ele havia recebido uma carta de Hilken - um assinante de longa data - pedindo que futuras edições fossem enviadas a ele em La Porte. O agente do correio de La Porte confirmou "que a correspondência de Hilken foi entregue na fazenda da Sra. Gunness".

Como é tipicamente o caso quando uma comunidade descobre que um monstro homicida está vivendo em seu meio, as pessoas imediatamente se apresentam com contos ofegantes de fugas por pouco. Alguns deles eram claramente produtos de imaginações superaquecidas. Harriet Danielson de Austin, de 18 anos, por exemplo, uma das ex-amigas de Jennie Olson, relatou que, em setembro anterior, ela havia sido convidada para passar uma semana com seu amigo de infância em La Porte. "Ela me contou como eles tinham uma casa linda e como poderíamos ter um momento maravilhoso juntos", explicou Harriet. "Ela disse que a mãe dela me incentivou a ir. Foi apenas um acidente que eu não fui. Um amigo meu não

queria que eu fosse, teve algum pretexto ou motivo pelo qual não pude ir na hora. Escrevi a Jennie dizendo que não poderia visitá-la naquela época. Não obtive resposta.

"Se eu tivesse ido lá, estou firmemente convencido de que a mulher teria me assassinado", afirmou Harriet. "Eu sei que a única razão pela qual ela consentiu com Jennie me convidar lá foi com a esperança de matar nós dois.

O pensamento disso - cortar minha cabeça e cortar meus braços - me deixou doente. ”

Um jovem chamado Melvin Kanaga atraiu bastante publicidade para si mesmo com uma história que, apesar de toda sua improbabilidade selvagem, foi amplamente relatada como fato. De acordo com Kanaga, um residente de Elkhart, Indiana, ele e seu amigo Delbert Landers estavam viajando de trem para casa do trabalho em agosto anterior, quando uma

“mulher estranha” entrou no carro e sentou-se ao lado deles.

“Ela começou a falar com Delbert de maneira amigável e relatando como era solitário lá fora”, contou Kanaga. “Então ela fingiu que gostava muito dele. Ela disse a ele que era solteira e tinha uma bela fazenda a uma curta distância de La Porte.

Finalmente, de forma indireta, ela sugeriu que Delbert fizesse uma visita a ela, pois ela era rica e ficaria mais do que satisfeita em mostrar-lhe bons momentos. Então ela pediu que ele viesse e fizesse sua casa com ela, para que eles pudessem viver em paz e bem contentes. Ele falou com ela sobre mim, e então ela se virou para mim e disse que ficaria feliz se eu também fosse. ”

A mulher desembarcou em La Porte, e Kanaga nunca pensou duas vezes nela até que apareceu a notícia da fazenda da morte de Guinness. “Se

Kanaga tivesse atendido aos pedidos da mulher, que sem dúvida não era outra senão a Sra. Guinness”, relataram os jornais, “é provável que ele tivesse sido atraído para as garras para sofrer a mesma pena que muitas outras vítimas . Sem dúvida, suas intenções eram levá-lo para sua casa, induzi-lo a obter uma apólice de seguro e tirar sua vida. ”

Que Belle desejasse o sangue de Harriet Danielson ou fizesse avanços sedutores para Melvin Kanaga e seu amigo era

extremamente improvável.

Outros indivíduos, no entanto, tinham razões legítimas para acreditar que -

como dizem os jornais - eles "escaparam das garras do demônio". Além de Carl Peterson - o homem de 36 anos de Waupaca, Wisconsin, rejeitado por Belle porque lhe faltava US \$ 1.000 - havia Alonzo "Lon" Townsend de Topeka, Kansas, um fazendeiro próspero que combinou de visitá-la em casa no início de maio, mas foi atrasado pelas últimas "chuvas de primavera que o impediram de fazer suas colheitas assim que desejou". No momento em que ele estava pronto para fazer a viagem, a casa dos Gunness estava em cinzas.

"Se ela tivesse continuado com sua carreira no crime por mais alguns dias, Townsend provavelmente teria morrido por suas mãos", observou o Argus-Bulletin . "Do jeito que está agora, ele está tão satisfeito com a fuga de sua futura noiva que deixou Topeka em um trem matinal para Kansas City para que pudesse comemorar melhor sua feliz fuga."

Se Townsend foi poupado por um período fortuito de mau tempo, outro fazendeiro solteiro, Olaf W. Catchousen, de Opheim, Illinois, atribuiu sua salvação a uma emergência familiar. Depois de uma troca de cartas cada vez mais ardente com Belle não muito antes do incêndio, Catchousen, de acordo com a vontade dela, sacou \$ 2.000 de seu banco e fez planos de se mudar para La Porte. Pouco antes de sua partida programada, no entanto,

ele "recebeu uma mensagem pedindo que corresse para a casa de seus pais em Bishop, Illinois, e lá foi ele. Se a mensagem não tivesse vindo, o homem Opheim teria sido uma das vítimas do matadouro humano. "

George Anderson - um missourian de 39 anos que respondeu a um dos anúncios de Belle em 1906 - teve uma situação especialmente

difícil.

Satisfeita com suas qualificações financeiras, ela o instruiu a converter sua propriedade em dinheiro e se juntar a ela em La Porte, onde se casariam.

Na noite de sua chegada, ele foi para seu quarto no segundo andar da casa da fazenda e adormeceu rapidamente.

Por volta da meia-noite, despertado de seu sono por um sonho "de que algo estranho estava pairando sobre ele", ele abriu os olhos "para encontrar a Sra. Guinness de pé ao lado de sua cama. Ela falou e saiu correndo da sala.

Muito assustado, ele não fechou os olhos depois disso, e à luz do dia deixou o local. À luz das recentes revelações horríveis, Anderson não tinha dúvidas de que, como disse um jornal, "O assassinato estava no coração da Sra.

Guinness quando ela entrou na câmara de morte naquela noite e Anderson teria pago a pena por sua luxúria se ele estava dormindo. Mas a Providência cuidou dele e ele escapou da decapitação, desmembramento e sepultamento em seu cemitério particular. "

Anderson também tinha certeza de outra coisa. "Estou convencido de que a mulher ainda está viva", disse ele aos repórteres, "e que ela mesma ateou fogo na casa da fazenda".

Avistamentos de Belle continuaram a ser relatados em Chicago. Ela foi vista andando em bondes, correndo pelas ruas, comendo em restaurantes. May Wagner, uma garçonete do café Buchbinder na Van Buren Street, disse à polícia que, por volta das nove horas da manhã de 8 de maio, uma mulher que correspondia exatamente à descrição da Sra. Guinness entrou "com um

homem, o casal tendo descido do Rock Island treine alguns minutos antes.

O homem pediu dois bifés e a Srta. Wagner, que anotou o pedido, entregou-lhes um jornal contendo os últimos detalhes da tragédia de La Porte com um retrato da Sra. Guinness na página aberta. O homem, disse a garçonete, deu uma olhada no jornal, jogou-o no chão e depois ele e a mulher saíram apressados antes de comerem mais do que um pedaço de carne e um gole de café. Ela queria saber se havia algo de errado com a comida e o homem disse que não, ele não estava se sentindo bem. " Cerca de uma hora depois, o mesmo casal foi visto tomando um café da manhã apressado no restaurante Heibel's na West Jackson Boulevard e na Halstead Street, sua atitude furtiva atraindo a atenção do proprietário.

No que dizia respeito ao Chicago Tribune , esses e outros relatos de testemunhas não deixavam dúvidas de que a arquiassassina estava à solta na cidade. "Fugindo de um lugar para outro, assombrada por sua consciência e em constante pavor de ser capturada pelas mãos da lei, Belle Guinness é. . . sendo procurado por dezenas de detetives ", informava o jornal aos leitores.

Foi um dos concorrentes do Tribune , no entanto - o Chicago Inter Ocean -

que fez a afirmação mais dramática sobre o assunto. Seu correspondente em La Porte havia de alguma forma conseguido entrar na sala de embalsamamento da casa funerária Austin Cutler, para onde os restos carbonizados removidos do porão da casa de fazenda incinerada foram trazidos.

Antes que o tronco mutilado da mulher morta fosse costurado em sua mortalha, Cutler o pesou e mediu na presença do repórter. Levando em consideração a falta de cabeça e pés, o agente funerário calculou que, em vida, a mulher morta tinha um metro e sessenta e cinco de altura e pesava

cerca de 60 quilos. Em contraste, a Sra. Guinness, de acordo com seus vizinhos, tinha um metro e setenta de altura e pesava cerca de

280 libras.

Havia apenas uma conclusão a ser tirada dessa "revelação surpreendente", proclamava o jornal. A Sra. Belle Guinness – "a sereia que atraiu vários homens para a morte" - estava, "além de qualquer dúvida razoável", viva.

21

A MENTE DA SRA. ARMADILHA

Os membros do conselho administrativo do Norwegian Lutheran Children's Home, West Irving Boulevard e Fifty-Eighth Avenue em Chicago, enfrentaram um dilema. Eles estavam no meio de uma campanha para arrecadar US \$ 25.000 para um novo prédio em Norwood Park e tinham acabado de ser nomeados os beneficiários de um grande presente totalmente inesperado. Infelizmente, foi deixado para sua instituição por um dos assassinos mais infames nos anais do crime americano, que evidentemente adquiriu muito, senão tudo, de suas muitas vítimas. O

reverendo CE Solberg, presidente do conselho, estava em Minnesota em negócios relacionados à igreja quando os termos do testamento de Belle foram tornados públicos e imediatamente providenciou para retornar a Chicago para conferenciar com seus colegas. Mesmo antes de sua chegada, no entanto, a Srta. Caroline Williams, superintendente do Lar das Crianças, anunciou que o orfanato não tinha intenção de aceitar o "dinheiro sangrento" de Belle Guinness.

Como o número exato de vítimas de Belle nunca seria conhecido, é impossível dizer exatamente quanto dinheiro ela ganhou com seus açougues. Um artigo amplamente distribuído, intitulado "Pequena fortuna para assassinos de Indiana", somava os pagamentos de seguro das mortes de seus dois maridos com "as quantias que ela teria recebido dos internos de seu cemitério" e chegou à cifra de \$ 46.900 - o equivalente, em dólares de hoje, a mais de \$ 1.200.000.

Embora a "louca por dinheiro" Sra. Guinness claramente matasse para obter ganhos financeiros, a ganância por si só não explicava a pura selvageria de seus crimes, o evidente entusiasmo com que ela massacrava suas vítimas como animais de fazenda. Vários especialistas em mente humana foram prontamente chamados para oferecer suas análises da mentalidade bizarra de Belle. Na opinião

de um alienista proeminente, ela era "uma mulher de dupla personalidade: uma mãe bondosa e indulgente em certos momentos e em outros um demônio sem medo de Deus, do homem ou da lei". Outro a diagnosticou como uma "vítima de uma paixão incontrolável por tirar vidas, uma mania de assassinar".

O Dr. Hugo Munsterberg, professor de psicologia da Universidade de Harvard e autor do livro *On the Witness Stand: Essays on Psychology and Crime*, viu em Belle uma total ausência de empatia, característica do tipo criminoso que logo seria conhecido como psicopata. "O investigador científico, ao buscar uma explicação para os crimes não naturais da Sra.

Gunness, diria que ela estava emocionalmente morta", escreveu Munsterberg.

Quando uma vez que as emoções, que tornam a maioria das mulheres tão sensíveis a qualquer crueldade, são amortecidas, então o caminho se abre para levar o crime em qualquer extensão. Quando as emoções morrem, a mulher não é afetada por nenhum dos sentimentos femininos naturais de

horror, medo ao ver sangue ou pena que normalmente influenciam uma pessoa normal. Porque suas emoções estavam mortas, ela poderia esculpir um corpo em pedaços, reunir todas as partes desmembradas lamentáveis, jogá-los em um saco de metralha, carregá-los nas costas em uma noite de luar, cavar uma cova no quintal e jogar o pacote problemático no buraco sem um tremor.

Baseando sua análise em uma fotografia do rosto de Belle em um jornal, o Dr. JM Fitzgerald, um "Especialista em Estudo de Caráter", a julgou uma

"mulher de vontade egoísta e dominadora", "resolução masculina e poder de espírito" e "uma instinto para matar, conforme mostrado na base de seu cérebro, que é notavelmente expandido." Para o Dr. SV Rehart, de Washington, DC, a mesma fotografia serviu como "uma

ilustração prática da verdade da Frenologia. Mostra um intelecto prático e prático combinado com engenhosidade ou construtividade, grande destrutividade, segredo e capacidade de aquisição, com um grande desenvolvimento da natureza social e um pequeno desenvolvimento das qualidades morais e religiosas.

Com seu poder de planejar e inventar, combinado com sua natureza social para prender suas vítimas e sua natureza executiva para realizar seus planos sem restrição moral ou simpatia, temos o tipo de personagem para cometer os crimes de que foi acusada . ”

Uma conclusão muito diferente foi alcançada pelo Dr. Charles Jones de Austin, o médico da família de Belle quando ela era a Sra. Mads Sorensen.

Embora não fosse um alienista por formação, Jones afirmou ser "um estudante metucioso da psicologia do crime". Em sua opinião, Belle era uma fanática religiosa, cujas atrocidades eram motivadas pelo "mesmo espírito que provocou torturas e queimadas na fogueira em nome da religião na Idade Média.

"Em meus estudos psicológicos", explicou Jones, "observei que a religião não restringe uma sé moral. Religião não é o mesmo que ética. A religião em seu estado fanático pode ser uma paixão desprovida de moralidade que levará qualquer meio a um fim ”.

Já "perturbada por excentricidades religiosas", Belle foi lançada em sua carreira sem paralelo no crime depois de assassinar Mads e cobrar seu seguro. "A fortuna repentina que ela recebeu", opinou Jones, "pode ter dado uma sugestão irresistível da facilidade com que o dinheiro poderia ser obtido. No incidente da morte de seu marido, sua tentação de cometer as supostas atrocidades pode ter nascido. ”

A figura mais ilustre a pesar na questão do estado mental de Belle foi Cesare Lombroso, hoje considerado um maluco, mas, em sua época, o maior criminologista do mundo. Em seu livro de enorme

influência, *L'Uomo delinquente* (*Criminal Man*), Lombroso argumentou que os criminosos violentos não eram apenas bárbaros em seu comportamento, mas eram atavismos literais: seres selvagens e simiescos nascidos por alguma falha hereditária no mundo moderno. Com suas sobrancelhas salientes, mandíbulas grandes, pescoços grossos e outras características supostamente reveladoras, os criminosos violentos eram retrocessos evolutivos: espécimes da humanidade em seu estado mais degenerado.

Em um artigo sobre o caso Guinness amplamente reproduzido em jornais americanos, Lombroso argumentou que a assassina de La Porte era um excelente exemplo do que ele chamou de "mulher nata do crime". Tais seres, observou ele, "geralmente cometem menos crimes do que os homens, mas quando são criminosos, o são consideravelmente mais do que os homens. Não é suficiente para uma mulher matar um inimigo; ela quer fazê-lo sofrer e gosta de sua morte".

Como outros de sua raça, "que sempre misturam erotismo com crime", a Sra. Guinness "deve ter usado a atração da sensualidade para obter suas vítimas. . . Seus exagerados e perversos instintos sexuais manifestaram-se no assassinato dos seres que deveriam ter sido mais queridos para ela, e ela encontrou nisso uma estranha satisfação. " No assassinato de seus filhos, Lombroso viu outro elemento comum a tais criminosos: nessas mulheres não naturais, "o instinto maternal, que é conspícuo na mulher normal, não é apenas suprimido, mas revertido, pois se torna um prazer torturar sua própria prole. "

A explicação para tal comportamento oferecida pelo grande criminologista era de tirar o fôlego em sua combinação de misoginia, besteira pseudocientífica e incoerência fundamental:

A mulher tem muitos traços em comum com a criança. Como ela, ela é vingativa e ciumenta, só nos casos ordinários esses defeitos são naturalmente neutralizados pela piedade, pela maternidade, por

menos ardor nas paixões, pela fraqueza e pela inteligência subdesenvolvida. Mas se há excitação doentia dos centros psíquicos que intensifica as más qualidades e busca desabafar no mal, se faltam a piedade e a maternidade, se também estão presentes fortes paixões, os desejos derivam de um erotismo intenso, de uma força muscular suficientemente desenvolvida e uma inteligência superior para fazer o mal e realizá-lo está presente, o criminoso nato aparece e a mulher será mais terrível do que qualquer criminoso masculino.

Muito mais persuasivos foram os insights oferecidos por um especialista não identificado, citado em um artigo amplamente divulgado do notável jornalista Arthur James Pegler. Colocando-a na categoria criminológica adequada, essa pessoa viu a Sra. Guinness como "uma maníaca do tipo tão temido que inclui o assassino da Capela Branca". "Não é o dinheiro" que impulsiona esses assassinos, "mas o apetite constantemente crescente por

sangue, para cortar fundo e observar o fluxo do sangue, para mergulhar as mãos nele, para deleitar-se com seu odor". Uma "característica distintiva desses criminosos é o uso invariável dos mesmos métodos em todos os casos. A Sra. Guinness decapitou cada uma de suas vítimas. Em todos os casos, ela cortou os membros. Sempre houve o máximo de mutilação. "

Ao comparar Belle a Jack, o Estripador como um assassino movido por sede de sangue e empregando um MO de assinatura, este especialista anônimo a identificou com precisão como o tipo de maníaca homicida para o qual nenhum nome ainda foi cunhado: o que uma era posterior chamaria de serial killer.

JOHANN E KATE

Durante a autópsia de Andrew Helgelien, seu estômago, fígado e rins foram removidos, hermeticamente selados em um frasco e enviados ao Dr. Walter S. Gaines do Rush Medical College da Universidade de Chicago. Gaines acabaria relatando que havia encontrado quase um grão e meio de estricnina no estômago - "uma quantidade suficiente várias vezes para produzir a morte" - junto com uma "quantidade considerável" de arsênico.

Era, claro, impossível dizer precisamente como Belle despachou suas vítimas. As descobertas de Gaines, no entanto, combinadas com a condição dos vários restos do esqueleto, sugeriram um cenário plausível.

Depois de consumir uma última refeição caseira e envenenada, a vítima de Belle logo estaria no meio de uma morte agonizante. Empunhando uma machadinha ou cutelo, ela o tiraria de sua miséria com vários golpes de estilhaçar ossos no crânio. Ela então arrastaria o corpo para o matadouro da adega para ser abatido. Uma vez que a cabeça e os membros fossem removidos do tronco, ela empacotava as partes separadas em sacolas de armas, transportava-as para seu lote de suínos, jogava-as em um buraco e adicionava cal virgem para facilitar a decomposição.

Quantas vítimas sofreram este destino é outra questão sem resposta. Na categoria de "Assassinos Mais Prolíficos", no entanto, as primeiras doze edições do Guinness Book of World Records estimaram o total em 28 - "o maior número de assassinatos já atribuído a uma assassina moderna".

Apenas dois anos antes dos horrores da Guinness virem à tona, o país foi fascinado pelo caso de um serial killer tão diabólico quanto Belle. Seu nome de nascimento era Johann Schmidt, mas ele

assumiria muitos outros no curso de sua carreira malévola: Albert Huschberg, Conde Otto von Kein, Dr.

LG Hart, Martin Dotz, Jacob Duss, Henry F. Hartman, Heinrich Valtzand e em pelo menos mais uma dúzia, incluindo aquele pelo qual o mundo iria conhecê-lo: Johann Hoch.

Nascido na Alemanha, ele veio para a América em 1887 aos 25 anos, abandonando esposa e três filhos. Em 1895, sob o nome de Huff, ele casou-se de forma bígama com uma viúva próspera chamada Martha Steinbucher.

Quatro meses depois, ela adoeceu com uma doença intestinal devastadora.

Enquanto se contorcia de agonia, ela disse ao médico que havia sido envenenada, mas - atribuindo o comentário ao delírio - ele não lhe deu atenção. Ela morreu no dia seguinte.

Imediatamente depois, seu marido vendeu sua propriedade por \$ 4.000 e desapareceu.

A segunda vítima de assassinato de Huff foi Caroline Hoch, de Wheeling, West Virginia, que foi atingida por uma violenta doença logo após seu casamento. Em uma visita à mulher ferida, seu ministro surpreendeu Huff no ato de dar a sua esposa um pó branco - provavelmente um remédio. No dia seguinte, Caroline estava morta. Huff imediatamente vendeu a casa, reivindicou a apólice de seguro de \$ 900 de sua esposa, então fingiu seu próprio suicídio e desapareceu.

Agora chamando a si mesmo de Johann Hoch, o assassino foi para Chicago.

Ao longo do caminho, ele perseguiu um número indeterminado de mulheres, matando algumas, apenas espoliando e abandonando outras. Por um tempo, ele trabalhou nos currais de Chicago, uma

ocupação que acabaria por lhe valer o apelido homicida de “Barba Azul do Estaleiro”.

Em dezembro de 1904, Hoch colocou um anúncio matrimonial em um jornal alemão e, logo depois, recebeu a resposta de uma viúva de 46 anos, Marie Walcker, dona de uma pequena confeitaria. Eles se casaram pouco tempo depois. Uma semana após o casamento, Marie foi acometida de dores abdominais excruciantes, uma sede violenta e um formigamento nas extremidades que parecia, ela disse, como formigas rastejando sobre sua carne - todos sintomas clássicos de envenenamento por arsênico. Seu médico, no entanto, diagnosticou o problema como nefrite. Ela morreu duas semanas depois. Assim que Marie exalou seu último suspiro de agonia, Hoch pediu em casamento sua irmã, Julia, que viera cuidar de seu irmão moribundo. Três dias depois, Hoch e Julia se casaram. Hoch logo desapareceu com todo o dinheiro de Julia.

Ao notificar a polícia, Julia soube que Hoch já estava sob suspeita de fraude e assassinato. O corpo de Caroline Hoch já havia sido exumado, mas os examinadores não conseguiram determinar se havia veneno em seu estômago porque Hoch tomou a precaução de eviscerar o cadáver e despejar os órgãos no rio Ohio. As autoridades tiveram mais sorte com o corpo de Marie Walcker. Uma autópsia revelou traços letais de arsênico em suas vísceras.

A polícia imediatamente distribuiu a fotografia do fugitivo. Hoch - que havia fugido para a cidade de Nova York - foi preso quando sua senhoria reconheceu sua foto nos jornais. Quando a polícia o prendeu, eles encontraram uma caneta-tinteiro em sua posse. Em vez de tinta, o reservatório continha 58 grãos de uma substância em pó que acabou sendo arsênico. Ele foi condenado pelo assassinato de Marie Walcker e enforcado em 23 de fevereiro de 1906. O número de suas vítimas é desconhecido, embora seu cronista mais confiável estime que Hoch “se casou entre 43 e 50 mulheres, cerca de um terço das quais ele assassinou . ”

Assim que a enormidade dos crimes de Belle ficou clara, histórias comparando-a a Johann Hoch começaram a aparecer nos jornais. O mais estranho deles foi um artigo amplamente distribuído com o título "Se seus caminhos tivessem se cruzado", uma peça de história alternativa inspirada nas especulações de Charles Peters, vice-chefe do xerife de Chicago.

"Teria sido interessante do ponto de vista criminológico assistir a um concurso entre a Sra. Guinness e Hoch", disse Peters aos repórteres.

"Suponha que Hoch tivesse visto um de seus anúncios, respondido e uma reunião fosse marcada. Ela estaria atrás do dinheiro de Hoch, e ele estaria atrás do dela. Então viria a competição, cada um conspirando, tramando com toda a sua inteligência para levar o melhor do outro. Teria vencido qualquer drama de vilania já produzido no palco. "

Elaborando sobre o macabro e se de Peters? Neste cenário, o artigo descreveu em detalhes lúgubres o encontro imaginário entre os homens e as mulheres do Barba-azul. Respondendo ao anúncio da Sra. Guinness, Hoch

"teria sorrido com uma alegria macabra" ao imaginar a "fazenda rica" que logo entraria em sua posse. Belle teria lido a resposta de Hoch com um

"sorriso cruel" no rosto, então "olhou pela janela traseira para aquele cemitério de vítimas mutiladas e descobriu onde poderia enterrar mais uma".

Em sua primeira reunião, cada um teria avaliado o outro e decidido: "Este será fácil." No dia seguinte, Belle "teria segurado sua mão descuidadamente ou acariciado sua bochecha enquanto ela lhe mostrava os acres. Ele teria retribuído a carícia, acreditando que sua aparência e maneirismos vencedores já haviam impressionado. " Logo eles estariam discutindo finanças: "Hoch teria dito à viúva que tinha milhares de dólares com ele para serem colocados no fundo

comum. Ela teria sorrido e respondido que sua fazenda pertenceria a ele quando se casassem. Possivelmente, ali mesmo, eles teriam marcado a data do casamento. ”

Depois de terem completado suas núpcias e feito um breve passeio de lua de mel, o casal teria voltado para a fazenda, onde “a cortina do último ato teria sido levantada” e sua “conspiração diabólica” atingiria seu clímax

“trágico”.

Quanto ao vencedor deste concurso sombrio entre os dois monstros matrimoniais, o escritor só podia especular.

“Qual teria enganado o outro? Quem teria encontrado a primeira abertura para atacar, seja com veneno durante uma refeição, um machado na escuridão da noite ou uma adaga enquanto em um abraço amoroso? Qual

deles estaria agora debaixo da terra, vítima da traição do outro, e qual desfrutando do dinheiro do outro? ”

Se os crimes de Belle se assemelhavam aos de Johann Hoch, eles também evocavam as memórias de outro caso notório, o dos “Dobrades Sangrentos” do Kansas.

A família Bender consistia no patriarca de 60 anos, John, um homem corpulento e barbudo (geralmente referido simplesmente como “Velho Bender” nos relatos históricos); sua esposa, conhecida apenas como “Ma”, uma mulher corpulenta e feia na casa dos cinquenta com um rosto “branco como sebo” e um temperamento tão rude quanto o do marido; John Jr., um jovem esguio de seus vinte e poucos anos, com um rosto agradável, um bigode aparado e um jeito de cair em risadas repentinas e nervosas que levavam algumas pessoas a considerá-lo um simplório; e uma filha chamada Kate, uma jovem de vinte e poucos anos que, por padrão, era considerada o cérebro da operação. Embora Kate tenha caído na

lenda como uma sedutora ruiva, ela parece ter sido uma mulher de rosto avermelhado e aparência masculina que realizou sessões espíritas sob o nome de "Professora Srta.

Kate Bender" e afirmou ser uma curandeira.

Por volta de 1870, a família Bender chegou ao condado de Labette, Kansas, e construiu uma casa ao longo de um trecho de estrada alguns quilômetros ao sul da cidade ferroviária de Cherryvale. A residência era pouco mais do que uma caixa de toras de um cômodo, com quatro por seis metros de tamanho. O interior foi dividido ao meio por uma cortina de lona.

Um lado servia como alojamento para a família. A outra foi transformada em uma pousada rudimentar, onde os viajantes podiam saborear uma refeição caseira e um colchão de palha no chão para quem quisesse dormir.

Ninguém sabe quantos convidados os Benders receberam durante os dois anos em que administraram sua horrível roadhouse, mas pelo menos nove deles nunca mais foram vistos vivos. Seu terrível destino foi descoberto na primavera de 1873, após o misterioso desaparecimento de um proeminente médico local chamado William York, visto pela última vez viajando de bugue ao longo da Trilha Osage. Uma equipe de busca liderada pelo irmão do médico, Coronel AM York, rastreou seus movimentos até a residência de Bender. Questionado pelo Coronel York, John Jr. confirmou que o médico havia, de fato, passado uma noite na pousada, mas insistiu que ele partira com boa saúde na manhã seguinte. Alegando que ele mesmo havia escapado recentemente de uma emboscada de salteadores de estrada, John sugeriu que o médico poderia ter sido vítima da gangue - uma teoria que o coronel York considerou altamente implausível. Depois de questionar Kate - que se ofereceu para usar seus dons de clarividência para encontrar o homem desaparecido - o coronel e seus homens se despediram. Estava claro, entretanto, que suas suspeitas haviam sido profundamente despertadas.

Algumas semanas depois, um vizinho dos Benders cavalgou até a pousada e ficou surpreso ao descobrir que o lugar estava deserto. Pela bagunça espalhada por dentro - pratos sujos, um relógio velho, uma Bíblia alemã, alguns martelos, uma serra de carne, uma faca de lâmina longa e a divisória de lona, que estava enrolada em um canto - parecia claro que os Benders tinham abandonado sua casa com pressa.

Quando a notícia desse fato chegou ao Coronel York, ele não perdeu tempo em reunir um grupo de homens e seguir direto para a estalagem. De acordo com alguns cronistas, foi York quem descobriu o alçapão no chão do que tinha sido a área da cozinha dos Benders. No momento em que foi levantado, um odor terrível assaltou suas narinas. Uma inspeção mais detalhada revelou a origem do fedor terrível: uma poça de sangue seco endurecido no chão de pedra.

Erguendo toda a cabana com estacas robustas, os homens conseguiram afastá-la de seus alicerces. Com o porão exposto, eles usaram marretas para quebrar o chão de pedra, mas não encontraram nada embaixo. À luz do sol do fim da tarde, porém, um dos homens avistou algo suspeito no solo do pomar de maçãs próximo: uma depressão retangular estranha, como uma sepultura ligeiramente afundada. Ele chamou os outros, que pegaram pás e pás e começaram a cavar. Em menos de um minuto, eles desenterraram os restos mortais de um homem parcialmente vestido deitado de bruços na terra. A base de seu crânio estava completamente esmagada. Quando os homens viraram o corpo, viram que a garganta havia sido cortada de orelha a orelha. Apesar de seu estado de decomposição grave, o coronel York não teve problemas em identificar o cadáver como seu irmão desaparecido, William.

A essa altura, a escuridão havia caído. Na manhã seguinte, os homens voltaram ao local e, usando hastes de metal para sondar o solo, fizeram uma busca completa no pomar. Quando terminaram, eles haviam desenterrado mais oito corpos, todos menos um deles

machos adultos, posteriormente identificados como viajantes ao longo da Trilha Osage que nunca haviam chegado a seus destinos. Todos eram conhecidos por carregarem quantias substanciais de dinheiro e todos morreram da mesma maneira, com a base do crânio esmagada e a garganta cortada. A única exceção foi uma menina de oito anos, Mary Ann Loncher, encontrada ao lado do cadáver de seu pai com um lenço de seda amarrado firmemente em volta do pescoço. Um exame post-mortem determinou que ela havia sido estrangulada até o ponto de perder a consciência e então enterrada viva.

A partir da evidência física - o tamanho e a forma dos ferimentos na cabeça dos homens, as dimensões correspondentes dos martelos encontrados na cabana, certas manchas reveladoras na cortina de lona - bem como do testemunho de várias pessoas que sobreviveram às estadias na pousada ,

surgiu uma imagem do diabólico MO dos Benders. Quando um viajante de aparência próspera aparecia, ele era conduzido à sala de jantar e sentado à mesa de costas para a divisória de lona. Enquanto Kate o seduzia com alguma conversa na hora do jantar, seu pai ou irmão estaria à espreita do outro lado da cortina, com o martelo em punho. Quando o hóspede desavisado encostou a cabeça na cortina, o martelo desabou, estilhaçando a parte de trás de seu crânio. O corpo seria então arrastado para a parte de trás da cabana, onde seria roubado, despido e jogado pelo alçapão no porão.

Lá, sua garganta seria cortada para uma boa medida. Mais tarde, o corpo seria retirado e enterrado no pomar.

Três mil dólares em dinheiro de recompensa foram oferecidos para a prisão dos fugitivos. Apesar de uma enorme caça ao homem por homens da lei, caçadores de recompensas e vigilantes variados, os Benders escaparam da prisão. Boatos sobre o paradeiro deles circulariam por anos: que John Jr.

estava trabalhando em uma gangue ferroviária no Texas, que Kate dirigia um bordel em San Francisco, que Pa Bender havia cometido suicídio em Michigan, que toda a família havia morrido durante a tentativa de cruze para o México em um balão de ar quente. Mas seu destino permaneceu um mistério.

Após as horríveis descobertas na fazenda Guinness, os jornais foram rápidos em notar o "notável paralelismo" entre as atrocidades de Belle e os "feitos notórios da família Bender". Na verdade, os dois casos pareciam tão semelhantes em certos aspectos que começaram a circular rumores sobre possíveis conexões entre Belle e os Benders. Um artigo amplamente impresso citou um correspondente anônimo que enviou uma carta ao editor de um jornal de Louisville, Kentucky, alegando que Belle e Kate Bender eram parentes de sangue, "o pai de Kate [sendo] um irmão do avô da Sra.

Guinness."

Outro escritor arriscou uma teoria ainda mais notável: que "a sra. Guinness era. . . Kate Bender. " Se fosse esse o caso, "ela superou as conquistas medonhas de sua vida anterior." Por mais terríveis que fossem os crimes de Bender, a contagem de suas vítimas já havia sido superada pelas descobertas no lote de porcos de Belle. Além disso, "os Dobradores tinham o apoio um do outro - o alívio terrível que vem para aqueles que compartilham um segredo fatal." Em contraste, enquanto "Sra. Guinness pode ter tido um cúmplice em Lamphere ou outro ", parecia igualmente provável" que muitos, senão a maioria de seus crimes foram cometidos somente por ela ".

Por mais duvidosa que seja a noção de que a desaparecida Kate Bender reapareceu três décadas depois sob uma nova identidade em La Porte, não havia dúvida na mente do escritor de que ela e Belle Guinness estariam para sempre ligadas "na história do crime". Ambos haviam alcançado "uma imortalidade terrível, deixando nomes aos quais o mundo pode muito bem empalidecer." E suas enormidades

revelaram uma verdade preocupante: que "as possibilidades do coração humano parecem infinitas no mal e no bem."

23

MORTO OU VIVO?

Na sexta-feira, 8 de maio, ER Buell e AJ Hunt, viajantes comerciais de Detroit, estavam sentados lado a lado em um carro Pullman no Atlantic Express, com destino a Rochester, Nova York. Por volta das sete horas da

noite, o trem fez uma parada em Ashtabula, Ohio, onde uma mulher embarcou e se sentou do outro lado do corredor com os dois homens.

Ela era uma mulher grande, com cerca de um metro e setenta e cinco de altura e pesando, pelo que parecia, cerca de cem quilos. Ela estava vestida com ervas daninhas de viúva e usava um pesado véu preto.

Mais tarde, Buell diria aos repórteres que havia algo peculiar em seu comportamento - que "ela parecia ansiosa para evitar atenção no carro". Os dois homens haviam estado recentemente em Chicago e estavam cientes do caso Guinness e das opiniões conflitantes sobre o destino de Belle. Na verdade, Buell carregava uma cópia de um dos jornais de Chicago com uma grande fotografia da "Barba Azul" na primeira página.

Em algum momento da viagem, a mulher levantou o véu. Ao ver seu rosto, os dois vendedores trocaram um olhar.

Quando chegaram a Rochester, Buell e seu companheiro seguiram direto para o Powers Hotel, onde informaram o detetive da casa de suas suspeitas.

O detetive telefonou imediatamente para o tenente da polícia Henry R.

McAlester, que por sua vez ligou para o capitão Thomas R. Quigley em Syracuse, onde o trem faria sua próxima parada. Quigley prontamente despachou dois de seus detetives, Carl Neiss e John Donovan, para receber o trem quando este chegasse.

Faltavam alguns minutos para a 1h quando ele parou no depósito de Syracuse. Acompanhados do chefe da estação, os dois detetives embarcaram no trem e falaram com o condutor do vagão Pullman, OS

Britton. Eles descreveram a mulher de preto que havia subido em Ashtabula e perguntaram se ela ainda estava a bordo. Quando Britton perguntou se eles eram amigos da mulher, Neiss e Donovan mostraram suas credenciais

e explicaram o motivo de estarem ali. Britton imediatamente os conduziu ao beliche inferior, onde a mulher estava dormindo.

Mais tarde, ela descreveria a "sensação terrível" que se apoderou dela quando foi acordada por "cabeças de dois homens espiando em [seu]

beliche". Seu primeiro pensamento foi que "o trem estava sendo retido por ladrões". Quando eles se identificaram e contaram por que estavam ali, ela ficou "pasma". Eles ordenaram que ela se vestisse imediatamente. Ela ainda estava se preparando, no entanto, quando o trem - já quinze minutos depois da hora programada de partida - saiu da estação.

Os oficiais cavalgaram com ela todo o caminho até Utica, onde a levaram até a plataforma, carregaram-na para uma carruagem e a levaram para o quartel da polícia. A essa altura, a notícia da missão dos detetives se espalhou pelo trem, gerando intensa agitação entre os passageiros, que se sentiram presentes em um evento histórico: a captura do fugitivo mais conhecido do país, o "Indiana Ogress", Belle Gunness.

Naquela manhã - sábado, 9 de maio - as manchetes em todo o país alardearam as notícias. Mesmo enquanto o público estava sabendo da prisão de Belle, no entanto, a polícia em Upstate New York estava admitindo um erro embaraçoso. A mulher retirada do trem, como ela não teve problemas em provar, era a Sra. Cora Herron, viúva do recém-falecido Frederick B. Herron, ex-presidente da Sethness Chemical Company de Chicago. Ela estava a caminho da cidade de Nova York para visitar sua irmã, a Sra. Etta V. Rockefeller, da West Fortieth Street, esposa de um condutor de bonde que afirmava ter um parentesco distante com o magnata do petróleo.

Tendo estabelecido sua identidade para satisfação das autoridades de Utica, a Sra. Herron foi levada de volta para Syracuse, onde - depois de enviar um

telegrama para sua irmã - ela passou o resto da noite nos aposentos da matrona do quartel-general da polícia. Na manhã seguinte, ela foi entrevistada pelo delegado Condon, que pediu desculpas e pediu-lhe que assinasse uma liberação isentando seu departamento de responsabilidade pela prisão falsa, pedido que ela recusou.

Em seguida, ela foi levada à estação ferroviária e recebeu uma passagem no Empire Express para a cidade de Nova York.

Esperando para encontrá-la na Grand Central Station estavam sua irmã, a sra. Rockefeller, e repórteres de vários jornais, incluindo o New York Times.

"Isso é uma coisa terrível", declarou a Sra. Rockefeller com raiva, depois que ela e a Sra. Herron trocaram uma saudação emocionada, "e devo encorajar minha irmã a buscar reparação legal pelo estigma que os estúpidos detetives de Syracuse impuseram a ela."

Questionada sobre quanto ela pretendia processar, uma exausta Sra.

Herron "citou cinquenta mil dólares como a quantia que ela sentia que tinha direito".

Enquanto a Sra. Herron entrava em um táxi para a curta viagem até o apartamento de sua irmã, o repórter do Times gritou: "Você não vai falar algo sobre sua experiência?" "Oh, o que posso dizer?" ela respondeu com uma voz trêmula. "É horrível demais."

Não foi nenhuma surpresa para o xerife Antiss que a polícia de Syracuse prendeu a mulher errada. Como outros em La Porte, ele permaneceu firmemente convencido de que Belle Gunness estava morta - assassinada por seu cúmplice, Ray Lamphere. Reforçado por um trio de detetives

Pinkerton trazidos para ajudar na investigação, o departamento do xerife de La Porte, de acordo com Antiss, já havia reunido evidências suficientes

"para enforcar Lamphere sob a acusação de assassinato". Cada noite agitada em que Ray passou atrás das grades foi relatada na imprensa como uma prova incontestável de sua consciência ferida de culpa. Com seu desavergonhado desrespeito padrão por fatos verificáveis, o Chicago American retratou-o como um "maníaco delirante", levado à loucura pelo espectro vingativo da Sra. Gunness, que veio assombrá-lo em sua cela: "'Ela está apontando o dedo para mim,' Lamphere grita à noite. 'Ela está dizendo:' Eu ainda vou pegar você! Eu vou te pegar ainda! " Eu não consigo ficar longe dela! "'

Refutando a alegação de Antiss, o advogado de Ray, Wirt Worden, emitiu uma declaração afirmando a inocência de seu cliente. Tendo representado Ray em vários processos movidos contra ele pela Sra. Gunness, Worden proclamou que, embora inegavelmente "um homem de mentalidade medíocre", Lamphere era "sem inclinações criminosas.

"Existem duas teorias razoáveis quanto à causa e origem do incêndio", continuou ele: Uma é que a Sra. Gunness - pensando que

Lamphere pode ter descoberto coisas que a incriminariam, e sabendo ainda que Asle Helgelien estava vindo para fazer uma investigação - procurou encobrir todas as evidências de seus crimes e escapar com sua própria vida, se possível, e que ela, ao fazer isso, assassinou as três crianças, colocou-as no chão do porão com o cadáver adulto encontrado, e incendiou o prédio e fugiu. A outra teoria é que a Sra. Guinness, prevendo o culminar dos eventos com a chegada de Helgelien, decidiu pôr fim à própria vida e, ao mesmo tempo, encobrir todas as evidências de crimes anteriores e, para isso, matou seus próprios filhos, despediu o casa, e cometeu suicídio.

“Em qualquer dos casos”, concluiu Worden, “Lamphere, como acredito firmemente, é inocente de qualquer crime. Ele é simplesmente uma vítima das circunstâncias. ”

Os defensores da primeira teoria de Worden - que a mulher sem cabeça encontrada no porão era uma isca plantada por Belle - foram reforçados em sua crença pelos muitos relatos de avistamentos da assassina. A polícia em Elkhart, Indiana, estava à procura de uma mulher pesando cerca de duzentos quilos "e de aparência distintamente masculina" que havia despertado a suspeita de um balconista de livraria chamado Stillman quando percebeu que ela falava com sotaque escandinavo e "tinha um número de dentes de ouro. . . que correspondia à descrição do arqui-demônio de La Porte. ”

George G. Spurunewski, um farmacêutico em East St. Louis, contactou a polícia para relatar “que uma mulher respondendo à descrição da Sra. Belle Guinness” havia recentemente fixado residência em sua cidade.

O xerife RS Williams de Delta County, Colorado, convencido de que a Sra.

Gunness havia se estabelecido nas proximidades, telegrafou às autoridades em La Porte, perguntando "se alguma recompensa estava sendo oferecida por sua captura, para que ele pudesse prosseguir com sua prisão". Outro telegrama para a polícia de La Porte, este de um residente em Willmar, Minnesota, alegou que a Sra. Gunness estava atualmente trabalhando como governanta para um fazendeiro local e os incentivou a "vir buscá-la".

Samuel Harvey, de Kansas City, Missouri, escreveu diretamente ao prefeito Darrow, dizendo "ele conheceu a Sra. Gunness em Ogden, Utah, em 4 de maio, seis dias depois de ela supostamente ter morrido queimada".

Ela também foi vista em Grand Rapids, Michigan; Palouse, Washington; Hot Springs, Arkansas; Cincinnati, Ohio; Joliet, Illinois; Alberta, Canadá; e

"viajando pelos confins do estado de Chiapas, México, vestido com trajes masculinos".

Mais perto de casa, um autodeclarado "vidente" chamado Jesse Dickenson apareceu no escritório do xerife Smutzer no sábado, 9 de maio, anunciando que Belle Gunness ainda estava no condado de La Porte e que ele tinha o poder de localizá-la. "Tudo que eu preciso", disse ele, "é algo que estava na posse de Ray Lamphere e, com a ajuda disso, serei capaz de dizer a localização exata de seu esconderijo e o mistério será resolvido."

Outra pessoa que afirmava ter poderes espiritualistas, a Sra. A. James de South Milwaukee, anunciou que, ao estudar os signos do zodíaco, ela havia descoberto que a Sra. Gunness estava morando atualmente "na cidade de Michigan, Fort Wayne, Indianápolis ou Terre Haute . . . Ela será encontrada em um celeiro de libré em uma dessas cidades vestida como um homem e fazendo trabalho de homem. "

Avistamentos de Belle se tornaram uma ocorrência tão comum que a imprensa começou a tratá-los como uma piada. Um jornal de Indiana aconselhou todas as "mulheres de grande porte [a] ficarem em casa para que não sejam confundidas com a Sra. Guinness e detidas pelas autoridades". Outra observou ironicamente que Belle tinha "sido vista em tantos lugares diferentes quase ao mesmo tempo" que parecia "ter resolvido o problema do trânsito rápido".

O xerife Smutzer, ainda convencido de que Belle estava morta, inventou uma nova maneira de provar isso, "uma partida original dos métodos geralmente empregados no trabalho de resolver mistérios de assassinato", como escreveu um jornal de Chicago. No final do sábado, 9 de maio, ele anunciou que contratara os serviços de um mineiro veterano chamado Louis Schultz, que havia passado quase vinte anos entre as ravinas da Califórnia e

do Colorado em busca de ouro. Na segunda-feira, Schultz instalaria sua eclusa na propriedade dos Guinness e começaria a peneirar as cinzas do porão em busca dos dentes com tampa de ouro de Belle.

"Vou levar meu tempo", disse Schultz, "e revisar cada partícula dos destroços. Se os dentes estiverem lá, vou encontrá-los.

E se foi a Sra. Guinness que morreu nas chamas, os dentes estão lá.
"

O dentista de Belle, Dr. Ira P. Norton, concordou com Schultz. "Sra.

Guinness fez um tratamento odontológico por mim há um ano. Ela fez duas visitas e me pagou US \$ 40 pelo meu trabalho ", disse ele aos repórteres.

"Os quatro incisivos em sua mandíbula inferior estavam faltando. Coloquei coroas de ouro nos dois pré-molares inferiores e coloquei uma ponte em quatro dentes de porcelana entre eles. Os quatro dentes de porcelana eram reforçados por uma parte de trás de ouro de 18 quilates. Se foi a Sra.

Gunness cujo corpo foi encontrado nas ruínas, seus dentes estão intactos entre os destroços. O fogo não estava quente o suficiente para derreter o ouro ou incinerar a porcelana. ”

O anúncio de Smutzer veio no final de um longo e infrutífero dia de escavações. Pela primeira vez desde que ele e seus ajudantes começaram suas escavações sombrias, o “jardim da morte” de Belle não rendeu novos corpos. Quando a busca foi abandonada ao anoitecer, a multidão que se reunia na fazenda desde o início da manhã não conseguiu esconder a surpresa. Naquela época, Belle havia assumido dimensões tão monstruosas na imaginação pública que geralmente se presumia que “ela havia semeado cada metro quadrado de sua fazenda de 30 acres com os corpos de suas vítimas”.

Nenhuma escavação foi planejada para o dia seguinte, em parte em homenagem ao sábado, mas principalmente por causa das imensas hordas que deveriam descer na fazenda. Os guardas seriam colocados no porão e nas ruínas da casa da fazenda, mas, caso contrário, “os espectadores

[seriam] autorizados a vagar à vontade”.

Para lucrar com o frenesi relacionado às armas de fogo, a Lake Erie e a Western Railroad providenciaram trens de excursão especiais para trazer visitantes de Indianápolis e Chicago. Todos os quartos de hotel em La Porte e nas proximidades da cidade de Michigan foram reservados e berços extras colocados nos corredores. Os restaurantes estavam prosperando. “De modo geral”, observou um jornal local, “a cidade apresenta a aparência de uma feira ou grande convenção”.

As empresas de libré estavam contratando motoristas adicionais para transportar turistas de e para o local de Gunness.

Eles teriam incontáveis viagens de ida e volta para fazer. De acordo com uma estimativa, pelo menos dez mil pessoas - “o equivalente a

três quartos da população de La Porte” - deveriam se aglomerar na “fazenda do assassinato” no domingo para satisfazer sua curiosidade mórbida.

24

CARNAVAL

As previsões publicadas nos jornais de sábado estavam erradas. Dez mil pessoas não desceram na fazenda Guinness no domingo, 10 de maio. De acordo com as estimativas mais confiáveis, o número estava perto de dezesseis mil, e possivelmente até vinte.

O primeiro trem de excursão chegou a La Porte logo depois das cinco da manhã. Outros, lotados a ponto de transbordar, chegavam regularmente ao longo do dia, despejando centenas de passageiros. Os hackmen locais esperavam na estação, prontos para levar os recém-chegados à fazenda. A tarifa padrão era de dez centavos para a viagem de uma milha. Uma vez lá, os passageiros foram informados de que a viagem de volta custaria um quarto.

No meio da manhã, a estrada de macadame McClung estava congestionada com todos os tipos de veículos - carrinhos de mão, carrinhos, carrinhos de bebê, pranchas, vagões e mais - junto com um exército de pedestres. Cerca de cinquenta automóveis trouxeram visitantes elegantemente vestidos de Chicago, Michigan City, South Bend, Elkhart, Goshen, Niles, Mishawaka e outras cidades do meio-oeste. Jovens em bicicletas, novas mães empurrando carrinhos de bebê e veteranos mancando de muletas "competiam entre si por um lugar na estrada, enquanto as motocicletas passavam pela multidão em intervalos frequentes". Diante do congestionamento, pareceu um milagre que apenas um acidente tenha ocorrido, quando um automóvel assustou o cavalo que puxava a charrete de Benjamin Zanelar e sua esposa, e a Sra. Zanelar foi jogada da plataforma e quebrou um braço.

Uma atmosfera festiva reinava na fazenda. Comentaristas de jornais compararam a cena a uma "feira municipal", um "playground" e um "parque de diversões aos domingos". Vendedores, divulgando seus produtos através de megafones, vendiam amendoins, pipoca e

limonada. Ao lado de um dos túmulos, onde os restos mortais apodrecidos de duas das vítimas de Belle foram desenterrados, um sujeito corpulento ocupava uma barraca improvisada de refrigerantes, distribuindo "sorvete rosa e bolo".

Uma equipe de rapazes, contratada para a ocasião por um impressor local, percorria o terreno, vendendo cartões-postais a dez centavos a unidade ou três por 25 centavos. As fotos do corpo desmembrado de Andrew Helgelien se esgotaram em minutos, embora as que mostravam os crânios das outras vítimas de Belle também fossem populares. Outros assuntos incluíram retratos de Belle e seus filhos, vistas panorâmicas da fazenda e imagens de escavadores empunhando uma pá afundados nos joelhos nas sepulturas.

Muitos visitantes trouxeram Kodaks e tiraram suas próprias fotos, colocando suas famílias diante das ruínas da casa da fazenda de Belle ou nas bordas dos poços no lote escavado de porcos.

Vários jovens empreendedores saíram por aí oferecendo fragmentos de esqueletos humanos supostamente escavados no "jardim da morte", embora as pessoas que arrebataram essas supostas relíquias acabassem sabendo que haviam comprado fragmentos de ossos de porcos. Outros ávidos caçadores de souvenirs saíram com todos os tesouros que puderam encontrar: pedaços de tijolos da casa incinerada, pedaços de canos de fogão carbonizados, pregos tortos, botões de sapato queimados, até gravetos do pomar. Joe Zahner, membro do clube de beisebol South Bend, "conseguiu uma cafeteira velha e um sapato de aparência de má reputação".

Ignorando os guardas postados no local, os catadores escalaram as ruínas do porão e emergiram com sacos cheios de entulho. Outros homens pularam

nas sepulturas abertas e rastejaram na terra em busca de lembranças macabras. Uma bela jovem foi vista "com a saia de seu lindo vestido levantada, no qual ela carregava parte da carcaça de

um cachorro morto, supostamente morto pela Sra. Guinness enquanto ela experimentava venenos para usar em suas vítimas . ”

Os primeiros que chegaram à fazenda foram direto para o galpão de carrinhos, onde os restos fedorentos dos cadáveres exumados estavam jogados em pranchas de madeira. O xerife Smutzer, de guarda do lado de fora, alinhou os visitantes em fila única e permitiu que entrassem no necrotério improvisado alguns de cada vez. Às nove horas, no entanto, a multidão que pressionava para entrar tornou-se tão grande e incontrolável que Smutzer foi obrigado a trancar a porta com cadeado. Enviando gritos de frustração, várias mulheres “agarraram-se à pequena casa vermelha das carruagens. . . Eles enfiaram os dedos nas rachaduras e torceram em uma tentativa de separá-los o suficiente para ver o interior ”, enquanto os homens empurraram uns aos outros para a janela no final da estrutura e olharam até que outros os empurraram de seus lugares para abrir espaço para outros curiosos. ”

Foi um dia perfeito para um piquenique, e muitas das famílias que chegaram pela manhã trouxeram cestas de almoço. Ao meio-dia, eles estendiam toalhas de mesa no gramado sob os abetos do jardim da frente ou na grama do pomar de maçãs e se acomodavam para as refeições. Crianças rindo disparavam entre a multidão ou se agrupavam ao lado de um personagem local, “Tio Ben”, que vagava pela propriedade com uma vara de adivinhação de salgueiro bifurcada que poderia - assim ele alegou - detectar os túmulos de vítimas desconhecidas. “Trinta e sete ao todo”, ele anunciou solenemente aos repórteres no final de sua busca.

A cena do feriado na fazenda Guinness não foi apenas notícia de primeira página em todo o meio-oeste, mas também objeto de moralização generalizada. Por duas semanas, os jornais exploraram alegremente a tragédia. De repente, suas páginas editoriais vibraram de indignação com o comportamento impróprio das multidões que profanaram o sábado ao transformar a fazenda do crime em um

campo de carnaval. A atmosfera normal de domingo de "quietude e observância religiosa" foi suplantada por

"folia barulhenta e brincadeira selvagem" - "tumultos obscenos e frivolidade grosseira e nojenta e quase insana." O ar de festa era tal que "alguém poderia pensar que a fazenda Guinness continha um circo em vez de um necrotério de homicídio". Para um comentarista indignado, a louca "corrida de 15.000 pessoas" para o local de tais crimes "terríveis e atrozes" foi um comentário triste sobre o estado moral do homem supostamente civilizado –

"prova irritante e incontestável de que a corrida ainda é pouco removido de um estágio de verdadeira selvageria. "

Picado por esses ataques, o editor do La Porte Weekly Herald defendeu sua comunidade, argumentando que as hordas de turistas mórbidos na fazenda Guinness não mereciam nenhuma censura especial, "pois o mesmo sem dúvida seria verdade para [pessoas de] qualquer outra seção do estado ou do país. " O espetáculo macabro foi meramente "um reflexo ampliado do que acontece quase todos os dias em todas as comunidades. Nossos tribunais policiais estão sempre lotados de pessoas ansiosas para lutar contra o crime. O necrotério é o centro das atrações. . . Relíquias de um assassinato ou de um terrível acidente que ocasionou a perda de vidas são coletadas com avidez e ocupadas em lugar de destaque em muitas casas ".

Como explicar esse "apetite doentio pelo horrível"? Talvez, sugeriu o escritor, houvesse algum conforto estranho derivado da consciência do sofrimento de outra pessoa. "Alguém poderia pensar que havia tragédias inevitáveis o suficiente na existência de todos para impedi-lo de buscar o

que é hediondo e desagradável", ele meditou. "E ainda pode ser o fato de que cada um tem sua cruz para carregar que o leva a entrar

em contato com a miséria do mundo como uma espécie de paliativo para a sua própria.”

Seja qual for o caso, o fascínio do público com cada detalhe horrível do caso Guinness continuaria inabalável, assim como os esforços de vários vendedores ambulantes para lucrar com isso. O domingo seguinte traria dez mil turistas à fazenda.

Poucos dias depois, um editorial do La Porte Weekly observou com indignação que dois cinemas em South Bend estavam apresentando um show de lanternas mágicas que consistia em “vinte e duas vistas da fazenda Guinness. Em seguida”, continuou o escritor com amargo sarcasmo, “eles provavelmente mostrarão imagens em movimento da Sra. Guinness assassinando suas vítimas”.

Seu comentário provou ser presciente. Não muito tempo depois, os cinemas em todo o meio-oeste começaram a exibir um filme produzido pela Edison Company, intitulado Mrs. Guinness, the Female Bluebeard, --- A Mulher da Barba Azul ---.

25

"A SRA. MISTÉRIO DE ARMAS "

O público não se cansava do caso Guinness. Em La Porte, as impressoras trabalharam horas extras para atender à demanda pelos dois papéis locais.

A tiragem diária do Herald aumentou em até oitocentos exemplares, muitos

leitores "comprando três e quatro exemplares extras" de cada edição, um para eles, os outros "para mandar para amigos".

Em Chicago, o apetite por cada petisco suculento sobre o caso era alimentado pelos jornais amarelos, que - quando nenhuma notícia real estava disponível - espalharam alegremente boatos selvagens, fofocas chocantes e até mesmo invenções vulgares. De acordo com um jornal diário de Chicago, a Sra. Guinness era uma ladrão de túmulos que "roubou um corpo do cemitério de Pine Lake perto de sua casa e o substituiu pelo seu na casa em chamas". Outra relatou que ela era uma hipnotizadora que

"possuía algum poder notável para obrigar as vítimas relutantes a fazer o que ela ordenava". Em um artigo sindicado intitulado "Os Horrores daquela Noite", um escritor chamado Robert Ash descreveu a "multi-assassina"

como um naufrágio assombrado pela culpa, atormentado todas as noites pelos "fantasmas de suas vítimas":

Durante meses após a morte de suas vítimas, a arqui-amiga sofreu os tormentos dos condenados. . . Os sonhos da mulher foram perturbados.

Espectros de Helgelien, de Jennie Olson, de dez esqueletos em ruínas a assombravam. . . A escuridão estava cheia de horror para a mulher. No delírio noturno, os espectros das vítimas da "fazenda da morte" passaram em revista diante dela.

Citando fontes na Noruega, uma história amplamente divulgada afirmava que o pai de Belle, "Peter Paulson", era "um mágico e mágico viajante" que se apresentava em feiras por todo o país. Junto com "suas três irmãs e irmãos", Belle também "participou do show", se apresentando na frente da tenda como "uma dançarina de corda em saias curtas "para atrair clientes masculinos.

Uma das cartas mais diabólicas de Belle a Andrew Helgelien foi reimpressa em jornais de todo o país. "Nenhuma mulher no mundo é mais feliz do que

eu", dizia em parte. "Eu sei que você agora deve vir a mim e ser meu Quando ouço seu nome ser mencionado, é uma bela música para meus ouvidos. Meu coração bate em êxtase por você! Meu Andrew, eu te amo.

Venha preparado para ficar para sempre. " Só muitos anos depois os pesquisadores determinaram que essa missivas sinistra era uma farsa, inventada por um ou mais jornalistas de fora da cidade enfiados no Hotel Teegarden.

Várias comunidades de Indiana pareciam tomadas por uma inveja perversa.

Quando se espalharam rumores de que "uma nova 'fazenda da morte' onde a Sra. Belle Guinness enterrou muitas de suas vítimas" havia sido descoberta perto de Varsóvia, "os cidadãos daquele lugar foram lançados em uma excitação febril" e pareceram desanimados quando a história se revelou falsa. Em Valparaíso, um jornal noticiou que, antes de comprar sua fazenda em La Porte, "Sra. Guinness escreveu a um de nossos cidadãos perguntando sobre o preço de um terreno que ele tinha à venda. "

Evidentemente, ela "pretendia começar seu cemitério particular perto desta cidade". Por razões desconhecidas, porém, as "negociações fracassaram.

Assim, "concluiu o artigo com certa melancolia," nossa cidade perdeu a chance de ganhar notoriedade mundial ".

Jacob Rouch, um residente de 70 anos de Varsóvia, disse ter ficado tão obcecado pelo caso Guinness que "enlouqueceu temporariamente e enquanto estava nessa condição tirou a própria vida ". Ainda mais estranho foi uma história do New York Times , intitulada "Dog Guinness Hurt Her Lawn." De acordo com o artigo, a Sra. Sarah D. Stubbert, de Glen Ridge, New Jersey, alugou sua "bela casa" para um morador de Manhattan chamado FH Sawyer. Quando ela "voltou para tomar posse de sua casa", a Sra. Stubbert - que "sempre se orgulhou de seu gramado" - ficou "chocada ao encontrar o belo terreno estragado pelo cachorro do Sr. Sawyer, Gyp,

que havia imitado a Sra. Guinness enterrando ossos no gramado. " A Sra.

Stubbert prontamente abriu um processo contra o Sr. Sawyer por US \$ 500

em danos causados por sua "arma canina".

As histórias mais loucas de todas apareceram em um livro de bolso sobre

"crimes verdadeiros", compilado às pressas por algum hacker anônimo e publicado naquele verão pela firma Thompson & Thomas de Chicago. Com o preço de 25 centavos, esse trabalho desavergonhado de cortar e colar -

"uma confusão de recortes de jornal não digeridos apimentados com episódios imaginários em brasa", como descreve um historiador - era intitulado The Mrs. Guinness Mystery! Um emocionante conto de

amor, duplicidade e crime . Em sua capa sinistra, Belle - retratada como uma beleza escultural em uma camisola transparente - paira sobre a cama de um trabalhador rural adormecido, uma vela erguida em uma das mãos, uma garrafa de veneno na outra. A qualidade lasciva da imagem prevalece ao longo do livro, que abre com um capítulo sobre a infância ostensiva de Belle intitulado "A filha do andorinho da espada".

"Foi um dia de gala no acampamento cigano perto de Trondheim, Noruega", o capítulo começa, "quando Peter, o gigante engolidor de espadas, ganhou a mão em casamento da esbelta pequena Arabella, cujos dedinhos pontiagudos dançavam sobre uma corda balançando no alto no ar havia incendiado a nação com entusiasmo. "

Aprendemos como o "arrojado e bonito" Peter arrebatou a "linda Arabella" demonstrando sua incrível habilidade em engolir espadas, enterrando uma longa lâmina de aço na

"bainha humana" de sua garganta até que apenas seu "cabo de joias" era visível entre os dentes.

"O horror bruto disso fascinou a dançarina. Com o estranho traço que caracteriza seu sexo, Arabella se apaixonou por este gigante ousado. "

Logo, Arabella estava servindo como assistente de Peter em um novo ato que ele inventou chamado "A Decapitação", no qual ele criou a ilusão chocantemente realista de que estava decapitando sua adorável jovem esposa: As propriedades para o ato eram uma grande espada, um bloco de corte, um espelho de corpo inteiro e uma cabeça de cera feita para lembrar as feições de sua linda esposa. Vestido com a meia-calça vermelho-sangue e a máscara preta do carrasco, Peter ficava de pé em uma plataforma ao lado do bloco horrível, enquanto a bela Arabella colocava sua cabeça dourada sobre sua superfície. Então, para horror dos espectadores, sentiria com os dedos o pescoço branco da mulher. Um lampejo

deslumbrante da lâmina de aço e desceu com um estalo nauseante. Um jorro de sangue de

“propriedade” e a cabeça da beldade caíram do bloco em uma cesta diante dele. Antes que a multidão pudesse se recuperar de sua emoção de horror, a mulher surgia de trás do bloco, sorria para eles com seus dentes deslumbrantes para provar que um manequim e não sua cabeça real tinha sido decepado, e lhes jogava um beijo.

Um ano após o casamento, uma menina nasceu para o casal. "Ela foi batizada de Arabella em homenagem à mãe, mas todos a chamavam de Baby Bella." Acompanhando seus pais em "sua ronda anual pelas cidades da Noruega e da Suécia", a boneca de olhos azuis logo os imitava em seus próprios jogos de faz-de-conta. Um dia, "o grande showman" e sua esposa encontraram sua filhinha sentada nos fundos de sua tenda cigana,

"tagarelado alegremente para seu único tesouro infantil", uma boneca de pano chamada Dollie. Enquanto os pais olhavam com horror, a bebê Bella pegou uma das espadas de seu pai e, "com um gorgolejo de alegria", cortou a cabeça de Dollie.

Peter e Arabella ficaram tão chocados com esse comportamento que "se aposentaram temporariamente do show business" e abriram uma loja de louças em Christiania. Não muito tempo depois, durante uma visita de seu

avô, a criança viu o velho "sofrer uma morte violenta quando ele caiu do último patamar da escada, onde ela estava, para o andar de baixo, e quebrou o pescoço".

O pior, segundo o livro, ainda estava por vir. Tendo fracassado a empreitada de louças de Pedro, ele "foi forçado a voltar ao seu antigo negócio de engolir espadas. Um dia, quando estava diante de uma grande multidão e enfiou uma lâmina afiada em seus órgãos vitais, ele escorregou e caiu. A ponta da faca foi enfiada em suas entranhas. A bebê Bella viu seu pai morrer em terrível agonia. "

Embora formulado em uma linguagem caracteristicamente exagerada, o capítulo conclui com uma pergunta que continua a dominar os debates sobre a influência relativa da natureza e da criação na criação de assassinos em série. "Foi hereditário ou foi uma associação infantil com o horror que levou esta criança a crescer e se tornar uma ogra, com o desejo de deixar sangue humano, o amor de rasgar corpos membro por membro e a avidez por cabeças humanas que a levaram a matar e decapitar pelo menos vinte e cinco crianças, mulheres e homens cujos nomes são conhecidos? "

O cerne do livro é um relato extremamente sensacionalista dos crimes de Belle, grande parte dele plagiado de jornais, o resto feito de um tecido totalmente colorido. Depois de despachar seus dois maridos, Belle - várias vezes referida como "a filha do engolidor de espadas", "a feiticeira", "a sereia", "a ogra" e "o monstro sanguinário, Sra. Hyde" - "começou a inventar um Astuta máquina de assassinato, atraindo sua armadilha para satisfazer a luxúria de sangue selvagem que tem fome em seu coração. " O

primeiro passo foi a construção de uma "câmara de calabouço" em sua propriedade em La Porte. Logo depois de se mudar, ela contratou um pedreiro para construir uma "casa de fumo" ostensiva, com paredes à prova de som, sem janelas e uma pesada porta de carvalho. Ela então equipou sua

pretendida "sala do assassinato" com ganchos de carne e um tanque

-
"acessórios que podem ser usados para cortar e fazer salsichas - ou desmembrar um corpo humano".

Em seguida, veio a compra de "outros acessórios para esta máquina assassina: um pouco de arsênico, uma garrafa de clorofórmio, alguns bisturis de gume afiado e facas de dissecação". A etapa final foi criar um

“jardim da morte” – um “pequeno cemitério particular de assassinatos”

onde ela poderia “plantar os ossos de suas vítimas”. Por fim, ela estava

“preparada para entrar no negócio de assassinatos por atacado”.

Colocando seu plano diabólico em ação, ela “enviou miríades de cartas ao mundo” - “cartas de amor, palpitantes de paixão, sedutoras em suas insinuações sobre a fortuna que qualquer homem pode ter no casamento”.

Não demorou muito para que as “mariposas se reunissem em sua chama”.

Ao descrever suas atrocidades, o escriba sem nome retira todas as paradas lascivas, tornando as cenas no estilo quase pornográfico de um centavo vitoriano horrível. Típico é sua descrição do suposto assassinato duplo, na véspera de Natal de 1906, da filha adotiva de Belle, Jennie Olson, e do solteiro de Minnesota John Moe: Como um gato, suavemente como uma tigresa perseguindo sua presa, a filha do engolidor de espadas procurou o quarto da garota virgem. Dedos ágeis sentiram a garganta branca e macia.

Um grito meio abafado em um agudo infantil e tudo estava acabado.

Agora a tigresa emergiu e foi na ponta dos pés até o quarto do Sr. Moe. Do cinto sob a camisola, ela tirou um pequeno frasco. Não há necessidade de cautela agora. O homem estava drogado com vinho.

Seus olhos eram pequenos pontos de aço. Suas narinas tremeram com o cheiro de sangue. Suas mãos eram garras. Seu rosto era uma gárgula

horrível. À luz de velas, a Sra. Hyde se sentou no quarto de hóspedes revestido de papel carmesim e se deleitou com as lutas

finais de sua presa. .

.

Até a câmara da masmorra, ela arrastou os corpos pesados. No bloco de corte, ela colocou as formas sem vida. Com o trabalho rápido e seguro do adepto, ela os despiu. Ela ergueu acima dos ombros a lâmina afiada de um enorme machado de carne. Rápido, claro, limpo como o trabalho do cirurgião foi o desmembramento de Belle. Inconsciente, não trêmula, vazia de emoção, ela separou membro por membro a forma esguia da menina que ela amamentou de um bebê.

Uma vez que os corpos foram plantados em seu "jardim da morte", a Belle ficcional borrifava cloreto de cal para destruir todos os vestígios de sua obra monstruosa. "Todos os dias, o ácido estava corroendo as evidências, devorando ossos, cabelos, carne, dando continuidade aos trabalhos que a viúva, com engenhosidade diabólica, havia começado."

Mesmo enquanto o ácido fazia seu trabalho, "a sede de Belle por sangue e sua coceira por ouro aumentaram rapidamente." Sentando-se à mesa, ela compôs uma de suas cartas de amor diabólicas, então - "sorrindo como um abutre enquanto a ponta da língua molhava o selo" - mandou para sua próxima vítima involuntária.

Logo "houve outra orgia de sangue: um pouco de pó em uma colher de prata, um gemido, um barulho na garganta, a cirurgia rápida e habilidosa que cortou osso de osso enquanto o chef esculpe um capão para a mesa, o enterro da meia-noite no pequeno jardim - e o limão fez o resto. "

Contando as vítimas de Belle, o escritor afirmou que ela era responsável por vinte e cinco "assassinatos conhecidos" e suspeita de até cinquenta. As depredações dos outros notórios "multi-assassinos" da América

empalidecem em comparação: "A família Bender, que administrava um rancho de assassinato no Kansas, tinha apenas oito vítimas conhecidas. O

Dr. HH Holmes, famoso no Murder Castle, matou não mais do que uma vintena ao todo. Hoch, o arquibigamo, matou apenas dez. "

Os números falam por si. Belle Gunness, "The Sorceress of Murder Farm", -

A Feiticeira da Fazenda Assassina -, foi, por uma ampla margem, "o mais terrível criminoso de todos os tempos".

PAGAR SUJEIRA

O garimpeiro de cabelos brancos Louis Schultz, conhecido por seus amigos como "Velho Klondike", passou a segunda-feira, 11 de maio, construindo sua caixa de eclusa - uma estreita calha de madeira, com cerca de 3,6 metros de comprimento e disposta em um ângulo descendente no solo. Enquanto ele trabalhava, Joe Maxson e alguns outros homens começaram a puxar pás cheias de cinzas do porão da casa de fazenda incinerada e jogá-las em uma grande pilha ao lado da engenhoca. No dia seguinte, com um vagão d'água abastecendo o riacho necessário, Schultz iniciou o processo de lavagem dos escombros em busca dos dentes de ouro de Belle.

Nas semanas que se seguiram ao incêndio, os escavadores do porão descobriram três relógios masculinos. Pelo número de série, um fora rastreado até uma loja em Iola, Kansas, onde, conforme mostrava o livro-razão, ele fora comprado por Ole Budsberg. Os outros dois relógios também

foram presumidos como sendo as vítimas de Belle. Agora, enquanto Schultz trabalhava em sua eclusa, outros relógios surgiram - mais cinco ao longo das duas semanas seguintes, perfazendo um total de oito.

Para o procurador estadual Smith, essas descobertas resolveram uma das maiores questões sobre os crimes de Belle.

Contrariando as teorias de que pelo menos uma dúzia de cadáveres adicionais seriam descobertos em seu lote de suínos, Smith afirmou sua

"crença confiante" de que "o cemitério da Sra. Belle Guinness entregou sua última vítima. Eu baseio essa crença", explicou ele,

sobre o número de relógios encontrados nos escombros. Oito relógios foram recuperados. É a evidência de pessoas que eram empregadas pela Sra. Guinness e que, pela operação de um aparente milagre, escaparam de sua sala de execução, que esta rainha do crime possuía uma mania por colecionar relógios. É razoável acreditar que cada uma de suas vítimas possuía um relógio, e que ela passou a possuir um relógio ao tirar a vida de cada novo solicitante por seus favores matrimoniais.

Nas semanas seguintes, o xerife Smutzer fazia algumas escavações aleatórias ao redor da propriedade. Ele iria encontrar o crânio de um homem em uma abóbada privada abandonada, aparentemente a cabeça descartada de uma das vítimas decapitadas previamente desenterradas.

Alguns porcos, fuçando no quintal, descobriram alguns ossos humanos.

Mas, como Smith previra, nenhum outro corpo seria encontrado.

No sábado, 16 de maio, o corpo da primeira vítima exumada do cemitério de Guinness foi devolvido à terra.

Os restos mortais de Andrew Helgelien foram transferidos para o necrotério Cutler, onde aguardavam a identificação oficial. Na noite de sexta-feira, 15

de maio, Edward A. Evans, o especialista do departamento de polícia de Chicago em medições de Bertillon - o sistema padrão de identificação forense da época, que logo seria substituído pela impressão digital -

examinou as partes desmembradas. Usando os registros de Bertillon obtidos na Penitenciária de Stillwater de Minnesota - onde Helgelien cumpriu dez anos por roubo e incêndio criminoso - Evans confirmou que os restos mortais eram do fazendeiro de Dakota do Sul.

Colocado em um caixão que havia sido pago por Asle Helgelien - que, antes de voltar para casa, havia deixado duzentos dólares para o funeral de seu irmão - o corpo foi carregado na "carroça morta" de Cutler e conduzido para o cemitério de Patton, onde foi armazenado durante a noite em um cofre.

Na manhã seguinte, por volta das dez horas, um breve culto foi conduzido no local do túmulo pelo reverendo August Johnson, pastor da Igreja Luterana Sueca. Ao chegar à passagem "Pois tu és o pó e ao pó voltarás", um dos participantes - Charles H. Michael, proprietário de um hotel local -

colocou um ramo de lilases no caixão. Então Andrew Helgelien - a primeira das vítimas de Belle a ser exumada de seu cemitério secreto - foi baixado para seu lugar de descanso final.

Exceto por um dia chuvoso em que o trabalho foi suspenso, Louis Schultz conduziria sua macabra prospecção por uma semana. Além dos relógios, ele encontrava várias facas corroídas, partes de uma moldura dourada, um anel de ouro simples, algumas chaves, uma fivela de cinto, alguns fragmentos de osso e os restos de um livro de anatomia. As cinzas, porém, não deixaram vestígios dos dentes.

Grandes multidões de espectadores se reuniam na fazenda todos os dias para assistir ao trabalho de Schultz. Entre eles estava um trio de detetives

Pinkerton, trazidos por sugestão do xerife Smutzer para ajudar a reunir evidências contra Ray Lamphere. A presença deles não agradou ao advogado de Ray, Wirt Worden, que emitiu uma declaração cáustica à imprensa. Aludindo às táticas questionáveis das quais os agentes de Pinkerton eram frequentemente acusados, Worden declarou categoricamente que "as evidências agora estão sendo deliberadamente fabricadas para se encaixarem na teoria dos detetives". Não havia nenhuma dúvida em sua mente, disse Worden, "que os dentes de ouro da Sra.

Gunness, com marcas de identificação especiais do dentista, serão encontrados".

Pouco antes do meio-dia de terça-feira, 19 de maio, a previsão de Worden foi cumprida quando, momentos depois de colocar uma grande carga de cinzas em sua caixa de eclusa, Schultz apareceu com um par de pontes dentais, uma superior e outra inferior.

"Eles foram encontrados!" gritou o xerife Smutzer, jogando seu boné de couro bem alto no ar. Pegando as pontes do mineiro sorridente, Smutzer saltou em seu carro, acelerou até a cidade e foi direto para o consultório do dentista de Belle, Ira Norton.

O Dr. Norton não teve dificuldade em identificar as próteses. A ponte superior foi obra de outro dentista; Belle o vestira em Chicago antes de se mudar para La Porte e o estava usando quando Norton a examinou pela primeira vez. A ponte inferior era obra de sua própria mão: quatro incisivos de porcelana apoiados em ouro de 18 quilates e ancorados em molares de cada lado de sua mandíbula. Não havia, disse ele aos repórteres, nenhuma dúvida quanto ao fabricante dos "dentes falsos", que "carregam meu estilo particular de trabalho. Esta ponte inferior é positivamente a que fiz para a Sra. Gunness. "

"O que impediu a Sra. Gunness de remover os dentes e jogá-los no fogo antes de partir?" perguntou um dos repórteres.

Norton apontou para um fragmento carbonizado de molar ainda preso à ponte inferior. "Como você pode ver", ele explicou, "um dente natural ainda adere à ponte. Para fazer o que você propõe, a Sra. Gunness teria que extrair um de seus próprios dentes. "

Nem todos ficaram convencidos. A Sra. Gunness não foi astuta o suficiente para prender a ponte a um dente tirado de uma de suas vítimas? E como era possível que um incêndio suficientemente quente para incinerar completamente seu crânio deixasse seus dentes falsos tão intactos?

O pronunciamento de Norton, no entanto, foi suficientemente confiável para persuadir a maioria dos funcionários de que, como disse o La Porte Argus-Bulletin , “Mais uma vez e finalmente, a Sra. Guinness está morta”. Poucos dias antes, o coroner Charles Mack, que ainda não havia emitido seu relatório oficial sobre a identidade do cadáver feminino sem cabeça encontrado nas ruínas da casa da fazenda, declarou que provavelmente deixaria o veredicto em aberto. “O legista Mack ainda não está convencido de que o corpo é da assassina”, dizia a manchete do Argus-Bulletin .

A descoberta dos dois conjuntos de ponte mudou sua mente. Às 16h de quarta-feira, 20 de maio, Mack apresentou seu relatório ao escrivão do tribunal. “É meu veredicto”, concluiu, “que o corpo é o de Belle Guinness; que ela morreu por homicídio doloso e que o autor do crime é para mim desconhecido. ”

Dois dias depois, sexta-feira, 22 de maio, um grande júri retornou as acusações contra Ray Lamphere, acusando-o de incêndio criminoso e os assassinatos em primeiro grau de Belle Guinness, seus três filhos e Andrew Helgelien.

PARTE TRÊS

O ESTADO DA INDIANA

V. RAY LAMPHERE

27

GUNNESSVILLE

Em meados de maio, no auge da mania Guinness, quando as histórias sobre a Barba Azul feminina dominavam as primeiras páginas dos jornais diários em todo o meio-oeste, o proeminente fabricante de cadarços La Porte, FW

MacDonald, fez uma viagem de negócios a Cincinnati e St. Louis. Ao retornar, ele enviou uma carta preocupada ao editor do La Porte Argus-Bulletin .

Em vez de suas saudações habituais - "Ora, olá, Mac, você está parecendo bem. Como está a patroa? " e assim por diante - os atacadistas que ele conheceu tinham, para um homem, saudado com piadas macabras: "Bem, Mac, vejo que você ainda não foi morto", "Fico feliz em ver você, Mac, pensei que todos os homens em La Porte estava morto ", e assim por diante.

Estava claro para MacDonald que a tragédia da Guinness manchou terrivelmente a reputação de La Porte. Ele estava escrevendo, portanto, para exortar "nossos funcionários, tanto da cidade quanto do condado", a fazerem o que pudessem para dissipar a sombra negra lançada sobre sua comunidade pelo caso Guinness e "fazer valer o nome justo de La Porte".

O desejo de MacDonald de que o mundo deixasse de associar La Porte com seu habitante mais infame nunca se tornaria realidade. Muito depois de a propriedade dos Guinness ter passado para as mãos de outros proprietários, turistas de todo o país acorriam ao local, procurando no quintal os locais onde as vítimas de Belle haviam estado e vagando pelo pomar adjacente,

"arruinando as macieiras. . . quebrando galhos "como lembranças. Os viajantes de e para La Porte obteriam respostas semelhantes às

experimentadas por uma mulher chamada Ford. Em uma viagem de trem de volta a Memphis depois de uma visita a La Porte em 1913, ela entregou sua passagem ao porteiro, que deu uma olhada em sua cidade de partida e engasgou: "Gunnessville!"

"Ele sabia tudo sobre o caso Gunness", relatou a filha da Sra. Ford, "e ficou muito perturbado com isso". E durante o resto da viagem, ele "manteve distância".

Houve alguns em La Porte que juraram que Belle continuava a assombrar a área. No início de julho, Daniel Hutson estava dirigindo uma carroça cheia de feno pela fazenda Gunness quando - assim ele afirmou - ele "viu através das árvores a Sra. Gunness e um homem estranho caminhando no pomar".

Sua filha, Eldora, relatou um avistamento semelhante. De acordo com sua história, ela estava na McClung Road um dia de julho quando viu uma charrete vindo em sua direção, puxada por "um lindo cavalo cinza malhado que eu tinha visto amarrado no portão de Belle uma vez naquele inverno.

Então o carrinho se aproximou e era Belle! " Naquele mesmo dia, dois meninos que passavam pelo cemitério de Pine Lake avistaram uma mulher com um véu pesado parar para beber água em uma bomba d'água. Quando ela levantou o véu, eles também reconheceram Belle.

Outra testemunha, identificada nos relatos apenas como "o carnicero da cidade", teve um encontro semelhante e assustador. Dirigindo pela fazenda

de Belle em uma "noite chuvosa de verão", ele viu uma mulher vestida de preto descendo de uma charrete e "tateando no chão perto do canto sudeste da casa", como se procurasse algo. Quando ele parou sua equipe para

"desembaraçar as rédeas", ela voltou ao equipamento, murmurando: "Esse dinheiro não está aqui."

De repente, "o relâmpago brilhou". Quando ele viu quem era, ele ficou "com frio e entorpecido" e "dirigiu para a cidade o mais rápido que pude".

À luz desses e de outros relatos, um observador aconselhou que a melhor maneira de livrar a comunidade da presença maligna da Sra. Guinness era empilhar todos os seus bens restantes em uma grande pilha e eliminá-los em uma fogueira "purificadora". Em vez disso, a cidade realizou um leilão.

Organizado por seu executor, Wesley Fogle, a venda ocorreu na sexta-feira, 29 de maio. Como as saídas festivas para a fazenda que ficou conhecida como "Guinness Sundays", o evento atraiu uma multidão enorme - até cinco mil pessoas, de acordo com algumas estimativas. Quando o leilão terminou, todos os itens foram abocanhados, os licitantes pagando até dez vezes o custo original pelo privilégio de possuir um dos utensílios de cozinha ou ferramentas de jardinagem do Barba Azul. O border collie de Belle, o Prince e o pônei de seus filhos alcançaram os preços mais altos: US

\$ 107 e US \$ 205, respectivamente. Ambos os animais - junto com duas galinhas, um velho gato doméstico e seus gatinhos e algumas relíquias diversas - foram comprados por um vendedor ambulante chamado WW

Hans, que os colocou em exibição no Luna Park de Chicago.

Para o editor de um jornal de Indiana, os compradores dos pertences pessoais da Sra. Guinness - "os memoriais de uma demônio cujo semelhante não se conhece" - estavam se tornando vulneráveis a forças insidiosas.

Citando a teoria paranormal da psicometria - a crença de que objetos físicos

retêm a energia vital residual de seus antigos proprietários - o escritor advertiu que os pertences de Belle possuíam uma "aura do mal" que poderia infectar qualquer pessoa que entrasse em contato com eles.

Aqueles tolos o suficiente para ter "gasto o dinheiro alto para obter esses produtos sujos de sangue" estavam se comportando de forma tão imprudente como "uma mãe compraria cascavéis como brinquedos para seus filhos".

Na tarde de quarta-feira, 17 de junho, sob a supervisão do agente funerário Austin Cutler, os restos mortais da mulher oficialmente identificada como Belle Guinness, junto com os cadáveres das três crianças Guinness, foram carregados no trem de Lake Shore para Chicago. Chegados ao Union Depot, os caixões foram transferidos para a carroça mortuária de um agente funerário local, que se dirigiu diretamente à Prefeitura para obter as autorizações de sepultamento. Às 10h da manhã seguinte, os quatro corpos foram enterrados sem cerimônia no cemitério de Forest Lake. Nenhum serviço religioso foi realizado e nenhum parente estava presente, a irmã de Belle, a Sra. Nellie Larson, recusou-se a comparecer.

Os leitores do La Porte Weekly Herald souberam do funeral em um artigo publicado em 25 de junho. A manchete dizia:

"Sra. Guinness finalmente morto. "

Nem todos, entretanto, compartilhavam dessa crença. Apesar do veredicto do legista e do enterro no cemitério Forest Lake, "pelo menos setenta e cinco por cento das pessoas em e ao redor de La Porte estão convencidas de que a arquiassassina ainda está vivo e se esconde ", escreveu o jornalista Arthur James Pegler. Em outros lugares do país, avistamentos da fêmea do Barba Azul continuaram a ser relatados regularmente.

Na última semana de junho, menos de duas semanas após o funeral, o New York Times relatou que a polícia de Detroit estava detendo "duas jovens

[que] teriam conhecido a Sra. Guinness desde que seu suposto corpo foi encontrado nas ruínas de sua casa. " Depois de receber um telefonema do xerife de Hillsdale, Michigan, anunciando que ele havia prendido a Sra.

Guinness, o Delegado Antiss e o Chefe de Polícia Cochrane fizeram uma viagem noturna para aquela cidade, apenas para descobrir que a mulher sob custódia era "uma vidente de alguma tribo nômade, pesando talvez 150

libras e sem qualquer semelhança com a assassina. " Mais tarde naquele verão, Belle foi vista em Birmingham, Alabama; Minneapolis, Minnesota; Portland, Maine; Passaic, Nova Jersey; e Galveston, Texas, onde ela foi vista embarcando no transatlântico Dania da Hamburgo-American antes de sua partida para Hamburgo, Alemanha.

Dois homens alegaram ter visto a Sra. Guinness em trens passando pelo Texas. No final do verão, um caixeiro viajante chamado George L. Robinson disse à polícia que, enquanto dirigia no Katy Flyer para Denison, ele estava

"parado no bebedouro, pegando um copo d'água, quando uma mulher em luto profundo se aproximou e pediu um bebida. Ao levar a xícara à boca, ela removeu parte do véu e eu imediatamente a reconheci como a Sra.

Guinness. Quando falei com ela e a chamei pelo nome, ela de repente se virou e voltou para seu assento com pressa, e depois de embalar algumas coisas que carregava, deixou o trem na próxima estação. " Poucos meses depois, Henrik Fritz, ex-residente de La Porte, relatou uma experiência semelhante a bordo de um trem de Fort Worth para Denver. Passando por um carro Pullman, ele viu

Belle "sair do banheiro". Reconhecendo Fritz, ela imediatamente "colocou um véu pesado sobre o rosto", voltou correndo para o banheiro e se trancou lá dentro.

O relato de Fritz ter visto a Sra. Guinness viva apareceu na imprensa em 9

de outubro de 1908 - um mês antes de Ray Lamphere ser levado a julgamento por seu assassinato.

O MASTRO

Entrevistado em sua cela na véspera de seu julgamento, Ray defendeu firmemente sua inocência, como fizera desde o início. "Eles podem distorcer e transformar as evidências o quanto quiserem, mas se eles provarem que eu coloquei fogo na casa, eles terão que fazer isso por meio de um falso testemunho", declarou ele. "Eu levei uma vida muito frouxa, talvez, e possivelmente bebi demais às vezes. Mas há outros que agiram tão mal quanto eu que estão andando pelas ruas de La Porte hoje. Não sei nada sobre a 'casa do crime', como a chamam. Claro, trabalhei para a Sra.

Gunness por um tempo, mas não a vi matar ninguém e não sabia que ela havia matado ninguém. "

Falando aos repórteres, sua mãe idosa, Hannah, proclamou sua fé inabalável em seu filho. "Com meus próprios dedos fiz todas as roupas que Ray usou até os dez anos de idade", disse ela com a voz trêmula enquanto enxugava os olhos com um lenço. "Eu costurei amor em cada ponto. Ele era meu coração, minha vida, durante sua infância. Todos os dias que ele está na prisão, meu coração doeu por ele. Deus sabe - e eu sei - que ele não é culpado! Ele escreveu isso para mim e nunca me contou uma mentira em toda a vida! "

Em uma coluna sombria publicada no La Porte Weekly Herald , o editor Edward Molloy lembrou a seus leitores que a única "razão para o julgamento" de Ray Lamphere foi "determinar se foram suas mãos que aplicaram a tocha na casa na colina, ou se ele é inocente da atrocidade que lhe foi imputada. " "Não é um show", ressaltou. "Seu objetivo não é proporcionar entretenimento aos espectadores do tribunal ou aos leitores da imprensa diária."

Acontece que a mesma página do Herald trazia um anúncio proeminente de um show real que estava para estrear no Hall's

Theatre em La Porte:

"Grand Moral Play" do Padre James Lawrence Vaughan, A Woman of the West , apresentando, entre outros destaca, "a cena de igreja mais reverente já escrita" e "um monte de efeitos cênicos, incluindo carruagem de montanha e cavalos." O programa receberia aplausos de críticos locais e atrairia audiências agradecidas, dispostas a pagar de 25 centavos a um dólar por ingresso. Ainda assim, não seria tão popular quanto o julgamento de Ray Lamphere, que - apesar da advertência do editor Molloy - seria o maior show da cidade.

O processo começou na manhã de segunda-feira, 9 de novembro de 1908.

Os espectadores amontoados na sala do tribunal do andar superior foram atingidos pelo "ar de confiança alegre" do réu quando ele foi conduzido pelo vice-xerife Antiss pouco antes das 10:00 Além da palidez carcerária que adquirira durante a prisão de seis meses, Ray parecia saudável e alerta e -

em um terno e gravata comprados em loja, colarinho limpo e sapatos recém-engraxados - muito mais bem cuidado do que seus vizinhos jamais olhe ele.

Durante o recesso do meio-dia, ele parecia positivamente despreocupado ao posar para as "câmeras com flash" dos jornalistas de vários jornais diários de Chicago.

Seu advogado, Wirt Worden, era uma figura de algum renome na comunidade. Três anos antes, ele estivera envolvido em um caso que, embora não fosse tão sensacional quanto o atual, gerou bastante atenção local. Na ocasião, porém, ele não era o advogado, mas um dos réus.

Em dezembro de 1904, duas irmãs, a Sra. Stella Lula e a Sra. Mary Sobinsky, residentes de Michigan City, Indiana, foram presas por furtarem peles na Loja de Mercadorias Secas Herman Zeese. Em seu julgamento no início de 1905, seus advogados de defesa - Worden e seu sócio, o prefeito de La Porte, Lemuel Darrow - apresentaram uma testemunha, Sra. Rose Duck, que se identificou como vendedora em uma loja de departamentos de Chicago e testemunhou que havia vendido o peles para as duas mulheres em março anterior. Ambos os réus foram absolvidos.

Uma investigação subsequente, entretanto, revelou que a Sra. Duck, cujo nome verdadeiro era Boyce, era uma testemunha falsa que havia recebido 25 dólares da equipe de defesa para mentir no depoimento. Em março de 1905, um comitê nomeado pelo juiz John C. Richter de La Porte apresentou um relatório de duas páginas concluindo que Darrow e Worden - junto com um terceiro advogado envolvido no caso, John E. Talbot de South Bend -

havam "conspirado, confederada e conivente em obter [Sra. Pato] para cometer o crime de perjúrio. " Em seu julgamento em janeiro de 1906, Darrow e Talbot foram considerados culpados de conduta não profissional e excluídos permanentemente da prática da lei em Indiana. Worden, no entanto, foi absolvido.

Presidindo o julgamento de Ray estava o mesmo juiz Richter que ordenou a investigação sobre a conduta de Worden e seus associados que levou ao processo de dispensa. Agora, depois de anular a moção da defesa para que a acusação fosse anulada, ele ordenou que todas as testemunhas fossem

excluídas da sala do tribunal durante a seleção do júri, conforme solicitado pelo estado.

Levaria quatro dias para reunir o júri. Cento e quinze contos seriam questionados: cidadãos sólidos, a maioria fazendeiros e mercadores, com idades variando de 31 a 72 anos.

A cada um foi perguntado o mesmo conjunto de perguntas: Eles leram sobre o caso? Eles conheciam a Sra. Guinness? Eles formaram alguma opinião sobre se ela estava viva ou morta?

Eles conheciam Ray Lamphere? Eles haviam chegado a alguma crença fixa sobre sua culpa ou inocência? Eles poderiam ser imparciais?

Sem surpresa, a maioria foi rejeitada depois de admitir que, tendo seguido o caso de perto nos jornais locais, eles chegaram a conclusões firmes sobre o envolvimento de Ray e o destino final da Sra. Guinness.

Com pouca substância para relatar durante esse processo demorado e tedioso, Harry Burr Darling, editor do Argus-Bulletin, encontrou várias maneiras interessantes de manter seus leitores distraídos. Um escritor muito dado a metáforas tensas, muitas vezes bizarramente incongruentes, ele se superou em 10 de novembro com um artigo de primeira página em que comparou a próxima tarefa do júri de Lamphere a "uma celebração do dia de maio": Em destaque está o mastro de maio e, estendendo-se desde o topo, estão doze longas fitas, cada jurado segurando uma fita. Todo o caso da acusação depende de provas conclusivas de que a mulher Guinness está morta. Caso contrário, o pólo de maio cai em um crash e o argumento do estado é quebrado e estilhaçado. Se, após a obtenção de provas, os jurados forem persuadidos quanto à morte da mulher, o pólo de maio se mantém, mas para condenar Ray Lamphere, o estado deve tocar a música certa. Os

jurados se recusarão a sair de suas posições e a cerimônia terminará, a menos que, em cada uma das fitas, o estado estampe em letras indeléveis o nome de "Ray Lamphere". Evidências circunstanciais devem ser tecidas dessa forma sobre esse prisioneiro. . . para dissipar o último resquício de dúvida razoável. Nesse caso, mistério desvendado, Belle Guinness morta e Ray Lamphere inseparavelmente [sic] conectado com sua morte e as mortes de

seus filhos, os jurados podem muito bem virar fitas, enegrecidas pelo assassinato humano. A menos que esta teia de aranha de evidências circunstanciais seja tecida em torno do prisioneiro, as fitas serão devolvidas à medida que foram recebidas, brancas e imaculadas.

O sétimo jurado tinha acabado de ser escolhido na terça-feira, dia 10, quando, pouco antes do encerramento da tarde, "as bochechas finas de Lamphere empalideceram, ele soltou um grito fraco como se estivesse com dor e sua cabeça caiu sobre a mesa à sua frente. Ele tentou se levantar e o sangue jorrou de seu nariz e boca. "

O delegado Leroy Marr imediatamente correu para o lado de Lamphere, ajudou-o a se levantar e meio o conduziu, meio o carregou para o ar mais fresco do corredor. Enquanto a sala do tribunal zumbia de consternação, o xerife Smutzer correu para o corredor atrás de Lamphere e do policial. Ele voltou alguns minutos e anunciou que "Lamphere sofreu apenas uma pequena hemorragia e em breve seria capaz de retornar".

Embora os jornais de Chicago especulassem que o colapso de Lamphere poderia prejudicar todo o julgamento, ele voltou ao tribunal na manhã seguinte, aparentemente sem desgaste. Entrevistado por repórteres, no entanto, o médico que atendeu os internos na prisão de La Porte deu uma nota sinistra, expressando seu "medo de que [Lamphere] esteja sofrendo de tuberculose incipiente".

Não era um relatório sobre a condição física de Ray, mas um artigo sobre sua suposta constituição psicológica que dominou a cobertura de quarta-feira do Chicago Daily Journal . Com o título "Covardia de ódio: Elementos predominantes em Ray Lamphere contados por um especialista em personagem", o artigo apresentava um retrato de rosto inteiro de Ray com uma dúzia de setas apontando para várias características faciais e cranianas. De acordo com o autor, JM Fitzgerald, MD — identificado como

“Frenologista e Especialista em Estudo de Caráter” —Ray era “exatamente o tipo que [Sra. Guinness] escolheria entre todos os seus conhecidos para seu assistente, seu Man Friday - fraco mental e moralmente, mas furtivo como um gato, com menos senso de gratidão do que muitos membros da espécie felina ”: A primeira impressão que se tem de sua foto é que aqui está uma mistura do humano e do gato tigre. A cabeça está baixa no cérebro frontal e especialmente comprimida nas têmporas superiores e na testa na sede da idealidade, ou refinamento da mente, benevolência ou simpatia, veneração ou respeito pela lei, divino humano, causalidade ou razão lógica e poder de compreensão consequências inatamente.

Ele não tem iniciativa [Sra. Guinness] possuía em abundância para assassinato em massa, mas uma pessoa de seu tipo consentiria prontamente em realizar o pós-trabalho e se livrar do indivíduo se ele fosse aleijado ou mutilado até o desamparo.

Ele é naturalmente um covarde, mas seria vingativo e cheio de ódio mortal por qualquer pessoa que ele acreditasse ter influência suficiente para colocar em risco sua liberdade e que não lhe deu dinheiro com o propósito de satisfazer sua natureza animal, que o possui de corpo e alma. Toda a sua cabeça e rosto indicam o homem dissoluto de apetites pervertidos. Os olhos são felinos, vigilantes, astutos e cruéis. . . O nariz é bem adequado para os

olhos selvagens e felinos; além disso, dá a impressão de ser furtivo e ideais baixos.

Resumindo seu estudo altamente científico e imparcial, Fitzgerald concluiu que a "frenologia e fisionomia de Lamphere indicam um tipo animal de baixo grau de faculdades mentais e morais fracas, cujas propensões animais cedo na vida expulsaram instintivamente de sua mente qualquer bom treinamento ou multa exemplo, sua mãe pode ter tentado inculcar.

Ele tem, por muitos anos, sido anti-social no sentido mais elevado, e as partes mais humanas de seu cérebro se atrofiaram por falta de função normal. ”

Naquele mesmo dia, quarta-feira, 11 de novembro - vinte e quatro horas após a publicação de seu artigo irremediavelmente confuso sobre o "Dia de maio" - Harry Burr Darling publicou uma história atraente intitulada

"Sensational Find of Bones", ressuscitando uma controvérsia que parecia ter ocorrido descansa vários meses antes.

Na última semana de maio, o procurador estadual Smith recebeu uma carta de um certo Julius Truelson, um preso na prisão municipal de Vernon, Texas. Um pequeno vigarista que usava o nome de Jonathan G. Thaw -

supostamente primo do notório milionário de Pittsburgh Harry K. Thaw, matador do famoso arquiteto Stanford White -, Truelson, de vinte e dois anos, afirmou que tinha sido cúmplice de Belle Gunness em vários de seus assassinatos.

De acordo com sua carta literária e convincentemente detalhada, ele e Belle se conheceram em janeiro de 1903, quando, depois de responder a um de seus anúncios, ele "a conheceu em Chicago e recebeu uma oferta de emprego dela". Ela disse a ele que "ela praticava uma forma ilegal de

cirurgia" - com o que ela queria dizer abortos - "e ocasionalmente tinha corpos para se desfazer, e que ela pagaria bem a ele por ajudá-la".

Quatro anos e meio depois, em junho de 1907, agora casado com uma jovem chamada Mae Frances O'Reilly de Rochester, Nova York, Truelson, cansado de sua esposa, levou-a para a fazenda Gunness "para mandá-la embora o caminho." Ele e Ray Lamphere enterraram o corpo dela, junto com o de outra vítima, "perto dos trilhos da

ferrovia nos fundos da fazenda". Nos meses seguintes, ele "ajudou [Lamphere] a desfazer-se de seis outros corpos na fazenda Guinness".

Uma noite em março de 1908, temendo que as investigações de Asle Helgelien sobre o destino de seu irmão estivessem prestes a expor seus crimes, Belle pediu a Truelson "que incendiasse o lugar e fugisse com ela para Frisco". Truelson "a advertiu para não entrar em pânico e, assim, levantar suspeitas sobre si mesma". Na cidade naquela noite, ele e Ray discutiram o assunto e "decidiram que tínhamos que tirá-la do caminho antes que ela acabasse com nós dois, então jogamos uma moeda para ver qual de nós faria o trabalho. Lamphere perdeu e foi decidido que ele deveria entrar à noite e bater na cabeça de Belle e seus filhos e depois colocar fogo no local para encobrir os crimes dela e os nossos. Saí naquela noite e fui para Chicago. " Eventualmente, ele fez o seu caminho para o Texas, onde foi preso por passar cheques falsos. Ele estava escrevendo agora por causa de sua "consciência culpada o assombrava quase todas as noites. "

Em contraste com as inúmeras cartas excêntricas enviadas aos funcionários de La Porte desde o início do caso Guinness, a carta de Truelson soou tão convincente que o xerife Smutzer foi imediatamente despachado para o Texas. Chegando a Vernon em 21 de maio, Smutzer conduziu uma longa entrevista com o prisioneiro, que por fim jurou e assinou uma confissão de dezenove páginas.

Assim que ele foi levado de volta para sua cela, no entanto, Truelson se retratou de tudo o que havia dito, explicando que a coisa toda era uma mentira destinada a "tirá-lo das mãos das autoridades do Texas". Uma investigação subsequente sobre seu passado revelou que ele esteve trancado no Reformatório de Elmira durante todo o tempo que Belle esteve envolvida em seus crimes; que sua ex-esposa, Mae Frances O'Reilly, estava muito viva; e que ele era "viciado em drogas que às vezes ajudam as faculdades imaginativas". Entrevistado na casa da família, uma residência

privada de três andares na 34 West Forty-Seventh Street em Manhattan, o irmão de Truelson, Harry, declarou categoricamente que seu irmão era

“louco. Ele foi atropelado por um bonde na Twenty-Third Street com a Broadway há cinco anos e não acertou desde então. ”

Apesar da retratação de Truelson e das outras evidências de que ele havia inventado a confissão, algumas pessoas continuaram a acreditar que deve haver alguma verdade nisso. Era “tão minucioso em detalhes”, eles insistiam, tão cheio de “coisas que só poderiam ser conhecidas por uma pessoa realmente familiarizada com eles”, que não poderia ter sido uma invenção completa.

Entre essas pessoas estavam Daniel Hutson, vizinho de Belle, e o xerife Marr. Nos dias anteriores ao início do julgamento de Ray, os dois homens foram até a fazenda Guinness e, como relatou Harry Darling, “fizeram escavações no local descrito na confissão de Truelson, onde ele disse que os corpos das vítimas haviam sido enterrados”. Embora não tenham encontrado corpos, eles desenterraram alguns ossos, que Marr “acredita [d]

serem humanos”.

A descoberta ocasionou a manchete sensacional de Darling em 11 de novembro. A história que a acompanhou, no entanto, terminou com uma nota distintamente anticlimática: “Este desenvolvimento provavelmente terá

pouca relação com o caso em julgamento, exceto como dando um leve grau de crédito ao confissão de Truelson. ”

Finalmente, na tarde de quinta-feira, dia 12, após a rejeição de cento e três candidatos, um júri se instalou: doze homens, o mais jovem trinta e quatro, o mais velho sessenta e cinco, nove deles fazendeiros, os outros um carpinteiro, balconista de armarinhos e um vendedor. Eles seriam sequestrados durante o decorrer do

juízo - não, porém, em um hotel local, como costumava acontecer, mas no próprio tribunal, onde doze berços haviam sido instalados na sala do júri. Eles teriam permissão para uma breve caminhada diária ao ar livre para tomar um pouco de ar fresco e fazer exercícios, mas, para garantir que não se envolvessem em interações inadequadas com o público, eles seriam "monitorados de perto pelo xerife Smutzer e seus representantes. "

SMITH

Às 16h30, com tempo ainda restante antes do encerramento do tribunal, o procurador do Estado Ralph N. Smith levantou-se para fazer sua declaração de abertura. Ele manteria o júri fascinado durante os quarenta minutos de seu discurso. Um ouvinte, Harry Burr Darling, elogiou o advogado por seu estilo despretensioso. "O promotor Smith não se entrega a metáforas floridas", escreveu ele com admiração. "Ele falava no inglês mais claro e

direto do ombro. Durante todo o tempo, deixar um alfinete cair teria chamado a atenção. "

O estilo preferido de Darling, é claro, era o diametralmente oposto ao inglês sem enfeites que ele elogiava em Smith. Sua predileção por linguagem exagerada e exagerada foi evidenciada mais uma vez em sua descrição das reações do réu à declaração do promotor. "Uma mudança notável ocorreu no prisioneiro durante o discurso de Smith", escreveu Darling.

"Ele não era o mesmo Lamphere no exame do júri, apático e aparentemente despreocupado. A cor de seu rosto parecia uma lápide recente, e seus olhos brilhavam em órbitas afundadas como dois pedaços de carvão queimando em uma camada de neve. "

Agradecendo aos jurados por sua "paciência no longo e um tanto tedioso processo de exame", Smith explicou que, devido à "notoriedade generalizada" do caso, selecionar os doze homens mais qualificados para a tarefa era "um problema. . . De grande importância." Ele enfatizou que - por mais agressivo que ele e seu co-advogado, Martin Sutherland, pudessem parecer no processo contra o réu - eles não queriam o sangue de ninguém.

Eles não eram agentes de vingança, mas servidores da lei. “Não temos animosidade para satisfazer”, afirmou. “Não temos machados para moer, nem baço para desabafar. Não estamos perseguindo ninguém. Se às vezes ficamos zelosos, é por causa de nossa ansiedade em cumprir nosso dever. . .

Uma nuvem negra caiu sobre nosso condado. Uma série de crimes covardes foi cometida no condado de La Porte e estamos aqui para cumprir nosso dever ”.

Ele reconheceu que haveria muito “poucas evidências diretas” no caso. A culpa ou inocência do réu seria determinada quase inteiramente com base em evidências circunstanciais. Claro, não havia nada de incomum nisso.

Atitudes obscuras e premeditadas, como incêndio criminoso, eram normalmente realizadas em segredo. Como Smith disse: “As pessoas, quando se propõem a cometer um crime, como o incêndio de uma casa, não se propõem a fazê-lo com uma banda de música.”

Tendo dispensado essas preliminares, Smith foi ao cerne da questão. “Nós acusamos Ray Lamphere de atear fogo na casa de Belle Guinness em 28 de abril enquanto ela estava lá”, declarou ele, “e esperamos provar que ela foi queimada até a morte com seus três filhos - Myrtle Sorenson, Lucy Sorenson e Phillip Guinness. Esperamos provar que, quando as ruínas foram removidas, os corpos carbonizados encontrados nas cinzas eram de Belle Guinness e das crianças.

“Nossa posição é que não importa se Lamphere pretendia atear fogo em Belle Guinness quando ele colocou fogo em sua casa. Quando provarmos que ele provocou o incêndio, lembre-se do estatuto que diz que ele é culpado de assassinato na perpetração de incêndio criminoso em que vidas foram perdidas, quer ele pretendesse tirar uma vida ou não. O estado não é obrigado a mostrar que ele saiu com a intenção de matar Belle Guinness no incêndio. ”

Antes de continuar a expor o caso contra Ray, Smith fez uma pausa para dizer uma palavra sobre a mulher que trouxera tamanha notoriedade indesejada para La Porte. Não era seu propósito, disse Smith, "defender o caráter de Belle Guinness" ou "arrastá-lo para baixo". Dos "corpos desmembrados de nove pessoas [que] foram encontrados em suas instalações", no entanto, parecia que ela "se engajou na matança em massa da humanidade".

Voltando ao assunto em questão, Smith voltou-se para a questão do motivo.

“Por sua própria admissão”, acusou ele, “o prisioneiro foi testemunha do

assassinato de Andrew K. Helgelien, um participante dos lucros com o dinheiro de sangue, e porque ele não recebeu o que considerou uma parte justa desse dinheiro de sangue , ele aplicou a tocha na casa da Sra.

Guinness. ”

Diante dessa dramática acusação, Ray "meio que se levantou da cadeira, como se fosse gritar uma negação", apenas para ser puxado de volta pela mão restritiva de seu advogado.

“Devemos mostrar por evidências”, continuou Smith, “que em janeiro deste ano um homem chamado Helgelien foi induzido por meio de anúncios matrimoniais e cartas a vir de Dakota do Sul para a fazenda Guinness, trazendo sua riqueza mundana com dele. Provaremos que, na noite de 14 de janeiro, Belle Guinness enviou Ray Lamphere à cidade de Michigan em uma perseguição de ganso selvagem com o pretexto de deixar alguns cavalos lá para alguém que deveria chamá-los. Lamphere deveria ficar na cidade de Michigan. Esta foi a noite em que Helgelien desapareceu.

“Em vez de ficar na cidade de Michigan como foi instruído a fazer”, continuou Smith, “Lamphere voltou no bonde e desceu perto da casa de força, e as evidências mostrarão que ele fez a observação a um homem no carro de que ele estava 'indo lá para ver o que a velha estava fazendo'.

Provaremos que Lamphere surgiu como Johnny no local e ajudou a Sra.

Gunness no trabalho covarde de se livrar do corpo de Helgelien.

“Helgelien tinha três mil dólares consigo, e serão apresentadas evidências para mostrar que Lamphere recebeu parte do dinheiro. Foi por causa de dinheiro que Lamphere e a Sra. Gunness se desentenderam. ”

Smith esboçou brevemente a crescente animosidade entre os dois.
"Sra.

Gunness prendeu Lamphere por invasão. Ao todo, ela o prendeu três vezes.

Ela notificou ele para ficar longe de sua casa. " De sua parte, Lamphere foi ouvido fazendo ameaças insinuanes contra seu antigo empregador.

“Podemos provar”, afirmou Smith, “que Lamphere disse: 'Posso colocar a velha de joelhos quando eu quiser. Eu sei algo sobre ela que a mandaria para a penitenciária. ”

As coisas chegaram ao auge, contou Smith, em 27 de abril. Depois de chegar à cidade naquela tarde com seu atual empregador, John Wheatbrook, Lamphere fora passar a noite na casa de Lizzie Smith -

“Nigger Liz”, como Smith, como todo mundo na cidade, não teve escrúpulos em ligar para ela. Lamphere ajustou seu despertador

para as três da manhã e saiu da casa de Smith cerca de vinte minutos depois das três.

“O incêndio ocorreu por volta das quatro horas”, continuou Smith. “Em vez de ir por uma rota direta pelo parque da cidade até a fazenda de seu primo para pegar um machado largo, mostraremos que ele pegou a estrada de Guinness. Por sua própria declaração, mostraremos que ele estava no local no momento do incêndio. Quando perguntado por que ele não acordou as pessoas quando viu a casa em chamas, ele respondeu: 'Não pensei que fosse da minha conta'.

“Vamos provar que ele correu ao longo do sopé das colinas depois, passou pelo cemitério para pegar outra estrada e acabou na fazenda de seu primo às cinco e meia.”

Os movimentos de Lamphere naquela manhã apontavam claramente para sua culpa. Assim como sua reação quando levado sob custódia. “Às sete horas daquela noite, quando o xerife foi à fazenda Wheatbrook para prender Lamphere, ele disse: 'Ray, vista seu casaco e venha para a cidade'. A resposta de Ray mostrou que ele tinha o fogo em mente.

Ele disse: 'Aqueles pessoas queimaram naquele fogo?' 'Que incêndio?'

perguntou o xerife. - Ora, aquela casa - respondeu Ray. A coisa mais importante na mente de Lamphere era o incêndio daquela casa. ”

Claro, admitiu Smith, para condenar Lamphere por assassinato, o estado era obrigado a "provar o corpus delicti , ou que a Sra. Guinness está morta".

Sem dúvida, a defesa procuraria convencer o júri do contrário. Na verdade, Worden já havia informado que planejava emitir uma intimação para Belle, convocando-a para comparecer como testemunha de defesa.

Declarando que certamente “não queria condenar um homem pelo assassinato de qualquer pessoa que não estivesse morta”, Smith começou a delinear as evidências que ofereceria para provar que a Sra. Guinness

“morreu e foi queimada no fogo.

“No dia anterior ao incêndio”, ele relatou, “Sra. Guinness foi ao advogado Leliter em La Porte e redigiu seu testamento e, por sugestão do Sr. Leliter, alugou um cofre no banco e nessa caixa colocou o testamento e seus papéis particulares e cerca de US \$ 700 em dinheiro. Depois disso, ela foi ao armazém de Minich para comprar mantimentos para sua semana e também comprou brinquedos e jogos para seus filhos, gastando cerca de oito ou dez dólares.

“Naquela noite”, ele continuou, “Joe Maxson jantou com eles. Por volta das nove e meia ele subiu para a cama e naquela hora a mãe e os filhos estavam à mesa em casa jogando e nada de anormal havia acontecido. As crianças brincaram com os brinquedos e jogos ao redor da lareira.

“Por volta das quatro da manhã, Maxson foi acordado. Ele estava ocupando o andar superior da parte da estrutura da casa. A Sra. Guinness ocupava a sala do canto sudeste com o menino. Era costume das crianças ocupar a

sala do canto noroeste. Maxson os ouviu se retirando. Ele foi acordado por fumaça em seu quarto. Houve um vendaval soprando naquela noite de noroeste. Ele correu para a janela e todo o interior da casa de tijolos estava em chamas. Maxson bateu na porta dos apartamentos da família sem sucesso e fugiu de casa.

“O incêndio evidentemente foi iniciado no porão externo. Outros entraram em cena. Eles subiram para o quarto ocupado pelas crianças, mas não havia ninguém na sala. Nossa alegação será que a Sra. Guinness foi sufocada e morreu, que as crianças foram

acordadas pela fumaça e correram para o quarto de sua mãe, para o fogo mais denso, e foram sufocadas.

"A casa foi totalmente queimada. Não sobrou nem um pouco de madeira. Os corpos foram queimados nos escombros quentes por doze horas. Foram necessários duzentos baldes d'água para resfriar os tijolos quentes para que os corpos pudessem ser alcançados. Todos os quatro foram encontrados juntos. O da Sra. Guinness estava deitado de costas com o corpo do menino preso em seu braço esquerdo. "

Que o cadáver feminino carbonizado era da Sra. Guinness seria demonstrado por evidências concretas. "Vamos provar pelo inquérito do legista", disse Smith, "que o legista encontrou na mão um anel ou anéis pertencentes à Sra. Guinness.

Devemos provar por um dentista respeitável aqui em La Porte que ele fez a coroa e a ponte para a Sra. Guinness. Vamos produzir esses dentes e também seus dentes superiores. Acho que você vai concordar quando todas as evidências de que a velha está morta.

Claro, era natural sentir que a Sra. Guinness "entendeu o que estava acontecendo com ela". Esse sentimento, no entanto, não deve ter influência

na decisão do júri. "Quero deixar claro em sua mente", enfatizou Smith,

"que o principal - os pontos principais - no caso são estes: Ray Lamphere queimou esta casa? Ele fez isso de forma criminosa e intencional?

Belle Guinness e seus três filhos morreram por causa desse ato?

"Se provarmos, além de qualquer dúvida razoável, uma resposta afirmativa a essas perguntas, e acredito que podemos", concluiu Smith, "devemos esperar um veredicto de acordo".

CORPUS DELICTI

Depois de sua primeira noite no que o La Porte Weekly Herald descreveu como seus "apartamentos confortáveis" - uma pequena sala de deliberação abarrotada com uma dúzia de camas - os jurados foram levados para um passeio pelo oficial de justiça Carl Matz, em seguida, escoltados para o café da manhã no Hotel Teegarden, onde eles foram "autorizados a ler os jornais da manhã, dos quais todas as referências ao julgamento foram removidas."

Tendo pego as outras notícias do dia - o ferimento autoinfligido de um mágico amador chamado Don V. Smythe, que "acidentalmente atirou na mão com um cartucho vazio enquanto fazia uma performance de prestidigitação em Noblesville" ; a deplorável "falta de apreço"

demonstrada pela Srta. Cora Harness, que não recompensou o bilheteiro Henry Benford depois que ele encontrou o relógio de ouro "muito valioso"

que ela perdera durante uma expedição de compras; e os planos da International Egg Carrier & Paper Co. de abrir uma fábrica em La Porte - os jurados foram conduzidos de volta ao tribunal para o primeiro dia de depoimento.

Nas semanas que antecederam o julgamento, o estado emitiu intimações para quarenta testemunhas. Todos foram encontrados, exceto um: o mineiro de ouro Louis Schultz, que havia produzido a ponte dentária declarada ser a de Belle Gunness. Evidentemente, o velho garimpeiro, possuidor do otimismo perene de sua raça, partiu para o oeste em busca do grande golpe que até então o havia escapado.

Para estabelecer o corpus delicti - prova de que a Sra. Guinness havia de fato sido assassinada -, a acusação começou chamando o legista, Dr.

Charles S. Mack. Formado em Harvard e no Colégio de Médicos e Cirurgiões de Columbia, onde recebeu seu MD em 1882, Mack passou a lecionar na faculdade de medicina da Universidade de Michigan antes de entrar na prática privada, primeiro em Chicago e depois em La Porte. . Ele ocupou o cargo de legista nos últimos dois anos.

"Cabelos nevados [e] barbudos nevados", o médico de 51 anos foi descrito por um cronista como se assemelhando a um "profeta" do Velho Testamento

- uma analogia adequada, visto que havia sido recentemente ordenado como ministro de Swedenborg e anunciou sua intenção de renunciar a sua prática médica e assumir uma nova vida como pastor em Toledo, Ohio. Na verdade, apenas alguns dias antes, um banquete de despedida foi realizado para ele na igreja Metodista, onde seus colegas membros do Clube de Médicos La Porte "o presentaram com uma bela bengala com cabeça de ouro", simbólico da maneira correta como Mack "sempre andou. . . como médico, como cidadão e como homem. "

Do ponto de vista de qualquer público antecipando um grande drama, o testemunho de Mack teve um início decepcionante. Questionado pelo associado de Smith, Martin Sutherland, o legista afirmou que viu pela primeira vez o "corpo de uma mulher e três filhos" na tarde do incêndio.

Eles "foram gravemente queimados. Uma das crianças tinha um buraco na testa. A cabeça do corpo adulto estava faltando, e também a perna direita estava queimada abaixo do joelho. O pé esquerdo estava faltando e um braço estava fora. Não me lembro se a mão estava ou não presa ao braço. "

Questionado sobre a "disposição" que ele havia feito dos corpos, Mack respondeu que eles foram "levados para o necrotério de Cutler", onde ele chamou quatro "autopsistas" - o Dr. Gray, Wilcox, Long e Meyer - para conduzir a autópsia. Quanto a si mesmo, "não fez um exame minucioso dos corpos. Não prestei mais atenção aos corpos do que em qualquer caso normal. "

Rapidamente ficou claro para Sutherland que Mack seria incapaz de fornecer muitos testemunhos úteis sobre o corpus delicti sem consultar as anotações que fizera no dia do incêndio. Mack, no entanto, não trouxera as notas com ele.

"Percebendo a futilidade de obter uma descrição precisa dos corpos, a menos que a mente da testemunha fosse revigorada pelas notas", escreveu Harry Darling, um Sutherland um tanto exasperado abandonou essa linha de questionamento.

Dois frascos lacrados estavam sobre a mesa da promotoria. Recuperando o maior dos dois, Sutherland abriu a tampa e removeu o conteúdo - alguns ossos gravemente carbonizados recuperados do porão junto com os corpos.

Ele então os mostrou, um de cada vez, para a testemunha, que os identificou como um osso do calcânhar, uma mandíbula esquerda e - na medida em que foi capaz de julgar - uma "sétima vértebra". O segundo

frasco continha algo que Mack foi capaz de identificar apenas como "tecido animal". Era difícil ver que vantagem a promotoria havia alcançado ao exibir essas "reliquias medonhas", embora - a julgar pela agitação entre os espectadores - fosse um ponto alto para os caçadores de sensações no tribunal.

O interrogatório de Worden, que começou alguns momentos depois, provou ser uma "derrota total" que um audível "suspiro de alívio ondulou pela multidão" quando o Dr. Mack - uma figura amada na comunidade -

finalmente foi autorizado a deixar o cadeira de testemunha. Sob a insistência implacável do advogado de defesa, o legista foi obrigado a admitir que "não estava presente quando os corpos foram descobertos"; que ele "não sabia a condição dos corpos quando encontrados"; que não podia

"afirmar se os braços [do adulto] estavam desarticulados ou não"; que não

"pesou o corpo da pessoa adulta"; que ele não "sabia que havia uma dúvida quanto à identidade daquele corpo"; que ele "não sabia dizer se alguma das vértebras estava faltando"; que ele não tinha ideia "quantas vértebras cervicais existem em uma pessoa humana"; que ele não examinou "a extremidade superior da coluna" com "nenhum cuidado"; que ele não podia

"dizer por sua aparência se a perna havia sido cortada ou queimada", ou "se a cabeça havia sido queimada ou carbonizada depois de ter sido cortada"; que ele não tinha "examinado o buraco no crânio da criança", "não poderia se comprometer a dizer" o que "causou o buraco" e não tinha verificado se

"havia buracos nas cabeças dos outros crianças."

Quando Worden começou a questionar Mack sobre os três ossos carbonizados, o legista estava tão exausto que seu testemunho caiu em autocontradição.

"Você tem certeza", perguntou Worden, segurando um dos fragmentos, "que este osso que lhe mostrei é uma vértebra cervical?"

"Não estou", disse Mack.

"Bem, doutor, o senhor tem certeza de que este osso que apresento é uma mandíbula?"

"Isto é."

"É o osso de um ser humano?" Worden pressionado.

Mack deixou escapar um suspiro. "Não sei."

"O senhor afirmaria, Dr. Mack, a partir da observação atual, que este osso é do maxilar superior ou inferior?"

Um momento antes, Mack afirmou que tinha "certeza" de que o osso era uma mandíbula. Agora, "atormentado até o fim de sua paciência", ele retrucou: "Eu não poderia afirmar com certeza que é um osso".

Com isso, a provação do legista chegou ao fim. "O primeiro testemunho médico para a acusação", como disse um historiador, "foi transformado em um triunfo para a defesa".

O estado se saiu um pouco melhor na sessão da tarde. As primeiras testemunhas chamadas ao depoimento foram os drs. Harry H. Long, Franklin T. Wilcox e J. Lucian Gray - três dos "autopsistas" chamados por Mack. Embora o exame de Long e Wilcox, que realizaram as autópsias das duas meninas Guinness, tenha sido um tanto superficial, o depoimento do Dr. Gray, como observou um repórter, provou ser "de valor material para o estado". O ex-legista do condado de La Porte e ex-médico legista do condado de Cook, Gray, sob questionamento por Sutherland, estimou que, antes de encolher no fogo, o corpo da mulher adulta teria "cinco pés, 4,44

polegadas" e pesava "cerca de duzentas libras". O "tecido do abdômen [era]

gorduroso, com cerca de cinco centímetros de espessura" e os seios eram

"gordos e grandes" - traços que correspondiam ao físico de Belle. Além disso, embora reconhecesse que não poderia declarar

definitivamente a causa da morte, era sua opinião que "a morte foi devido à asfixia" - um ponto crucial para o estado, que estava tentando provar que Belle havia

sido morta no incêndio provocado por o réu. Em parte, disse Gray, sua opinião baseava-se na condição dos dedos "firmemente agarrados" da mão direita do cadáver. "Os músculos são contraídos dessa forma em todos os casos de sufocação", explicou.

No interrogatório agressivo de Worden, no entanto, Gray admitiu que o aperto da mão direita do cadáver poderia ter sido "uma contração espasmódica post-mortem" causada por envenenamento por estricnina. Ele também admitiu que não sabia dizer se o braço esquerdo e a perna direita do corpo "foram cortados ou queimados". Sua explicação de como ele havia calculado o provável peso da mulher também levantou sobrancelhas, principalmente entre as donas de casa na platéia. Incluindo o braço, os restos carbonizados pesavam trinta e três quilos, explicou Gray.

"Comparando [ele] com outras carnes que foram cozidas, eu estimei que ele encolheu cerca de dois terços." Por essa lógica - como um historiador do crime aponta - uma costela assada em pé de nove libras, quando cozida, terminaria como "um mesquinho três libras na mesa de jantar".

Os observadores concordaram que, no momento em que terminou, Worden

"marcou uma lista impressionante de dúvidas razoáveis", sugerindo que a mulher morta não morreu sufocada, mas "foi morta com estricnina e parcialmente desmembrada, e que a identificação do Dr. Gray com os trinta e três quilos permanecem, já que a Sra. Guinness estava perto de um pensamento positivo. "

Quanto às outras testemunhas, escreveu Harry Burr Darling, "é a opinião geral de que [eles] falharam totalmente em estabelecer a contenção do estado quanto à morte da Sra. Guinness. . . O

testemunho do Dr. Mack, em particular, é considerado praticamente inútil no sentido de identificação do corpo adulto.

“Hoje”, proclamou Darling, “foi decididamente o dia de Lamphere”.

31

O DENTISTA

Para o bem dos jurados - que de outra forma seriam forçados a passar dois dias ociosos em grande parte confinados em seus aposentos improvisados -

todos os principais envolvidos no julgamento "consideraram [ser]

aconselhável realizar um tribunal no sábado". A manhã começou com um revés imprevisto pelo estado. Após a conclusão do interrogatório do Dr.

Gray e um breve reaparecimento do Coroner Mack - que testemunhou que, além dos quatro corpos recuperados dos escombros, dez corpos decompostos foram "removidos do local" - a acusação chamou sua próxima testemunha, Dr. Johann H. William Meyer.

Nascido em Buer, Alemanha, que emigrou para os Estados Unidos aos dezessete anos e ainda falava com um sotaque pronunciado, Meyer começou sua vida profissional como vendedor da firma de secos e molhados Wile & Fox em La Porte antes de entrar no Rush Medical College em Chicago. . Após sua graduação em 1876, ele internou-se no Cook County Hospital e depois voltou para La Porte, onde - exceto por um ano de estudos em Heidelberg e Viena - ele exerceu a profissão desde então, se especializando em doenças dos ouvidos e dos olhos. Além de seu grande consultório particular, ele serviu no corpo docente da Escola Prática de Relojoaria em La Porte, onde lecionou sobre anatomia e doenças oculares para oculistas aspirantes, e ocupou o cargo de médico local para a Lake Shore & Michigan Southern Railroad.

Apesar de sua posição elevada na comunidade, Meyer se encontraria em sérios problemas legais poucos anos após o julgamento de

Lamphere, quando foi acusado de assassinato por realizar um aborto na esposa de um fazendeiro local, Florence Greening, que resultou na morte dela. O marido da Sra. Greening, William, que apresentou as provas do estado em troca de imunidade, foi a principal testemunha contra ele em seu julgamento de dez dias em fevereiro de 1913. Após quinze horas de deliberação, entretanto, o júri o absolveria.

Nas autópsias dos quatro cadáveres recuperados do incêndio, Meyer executou a autópsia em Phillip Gunness, de quatro anos. Questionado agora sobre a condição do corpo do menino, ele forneceu uma descrição que -

embora feita em um tom seco e clínico - era medonho o suficiente para induzir arrepios nos ouvintes.

"O corpo foi gravemente queimado", disse Meyer. "As pernas estavam totalmente queimadas na altura dos joelhos. A testa foi queimada, expondo o cérebro. As costas foram gravemente queimadas, a medula espinhal foi exposta. "

"Quanto dos membros foi queimado?" perguntou Sutherland.

"Quase até os joelhos."

"Os braços foram queimados?"

"Um dos braços estava faltando", disse Meyer. "Os pulmões foram parcialmente preservados com o cozimento. O coração estava contraído, sem nenhuma partícula de sangue. Todos os órgãos estavam bem cozidos. "

Sutherland parou por um momento, como se quisesse deixar os jurados apreciarem a imagem horrível. Claramente, a pessoa responsável por infligir tais horrores a uma criança de quatro anos não merecia misericórdia. Infelizmente para a acusação, a sua

própria testemunha estava prestes a levantar sérias dúvidas quanto à identidade dessa pessoa.

"Você poderia ter alguma ideia fixa sobre a causa da morte?" perguntou Sutherland.

Meyer respondeu que não.

"Qual é a sua opinião profissional, doutor?" perguntou Sutherland.

"Contração do coração, como um caso de envenenamento", disse Meyer.

"Pelo exame do estômago, eu diria que a contração provavelmente se deveu à estricnina."

Qualquer sugestão, é claro, de que Belle e seus filhos não foram mortos por incêndio criminoso minou o argumento do estado contra Lamphere. "Aqui", como diz um escritor, "estava uma testemunha de acusação efetivamente testemunhando em favor da defesa". Sutherland, claramente pego de surpresa pela resposta de Meyer, rapidamente encerrou seu exame.

Meyer ajudou a defesa novamente quando Worden assumiu um momento depois. Questionado se havia algum ponto equimótico no corpo do menino -

pequenas descolorações causadas por vasos sanguíneos rompidos, um sinal comum de asfixia - Meyer respondeu com um enfático "Não, senhor, nenhum." Ele também confirmou que "havia um buraco na testa do menino", reforçando a noção de que as crianças morreram nas mãos de Belle antes do incêndio.

Worden enfrentou um desafio muito mais difícil quando o dentista de Belle, Dr. Ira P. Norton, assumiu o depoimento.

Como o Dr. Meyer, Norton, de quarenta anos, havia se formado no Rush Medical College, financiando sua educação com um emprego como engenheiro na ferrovia elevada de Chicago. Alguns anos antes do julgamento, ele ganhou amplo reconhecimento nos círculos profissionais por sua invenção de uma pinça dentária patenteada equipada com uma lanceta removível.

Embora os exames diretos anteriores tivessem sido conduzidos pelo promotor assistente, foi Frank N. Smith quem se aproximou da cadeira das testemunhas - um sinal da importância de Norton para o estado. O dentista começou oferecendo uma descrição detalhada do trabalho que fizera para Belle.

"Extraí três dentes inferiores", explicou. "Sobre duas cúspides eu coloquei duas coroas de ouro e balancei entre esses certos manequins em ponte. Era uma construção incomum. Havia solda de ouro 18k usada para reforçar isso. Em seguida, perfurei um dos dentes falsos e coloquei dois pinos de platina, rebitados na extremidade. Pendurei esta ponte sobre os dois dentes naturais restantes na mandíbula da Sra. Guinness. "

"Agora, doutor", disse Smith, "o xerife trouxe para o seu consultório alguns dentes?"

"Sim senhor."

"Quando foi isso?"

"19 de maio de 1908."

"Eu agora lhe entrego alguns dentes. São estes os dentes que o xerife deu a você? "

"Sim senhor."

"Você já viu esses dentes antes?"

"Sim."

"Onde?"

"Eu os construí."

"Para quem?"

"Sra. Belle Guinness. "

Foi um momento dramático - a identificação positiva da ponte encontrada nas ruínas - e Smith ressaltou isso com uma pausa significativa. Depois de oferecer os dentes como prova como Prova Número 16 do Estado, ele então começou a demolir a teoria de que Belle havia deliberadamente plantado a ponte nas ruínas como uma isca.

Ele começou obtendo um testemunho-chave de Norton: que "porções das raízes" de dois dos "dentes naturais" de Belle ainda estavam "contidas nas coroas da ponte".

"Agora, doutor", perguntou Smith, "como esses dentes poderiam ser removidos?"

"Apenas dividindo as coroas de ouro."

"Eles poderiam ter sido puxados?"

"Não, senhor", declarou Norton. "Nem mesmo um dentista poderia ter arrancado os dentes naturais da mandíbula da Sra.

Guinness com as coroas ainda presas, como estão." Não havia dúvidas em sua mente de que os dentes haviam sido "arrancados da boca da Sra.

Guinness pela queima".

Quando chegou a vez de Worden, alguns minutos depois, ele procurou instilar dúvidas nas mentes dos jurados, sugerindo que - já que nem as coroas de ouro nem as raízes restantes poderiam ter sobrevivido ao inferno

- a ponte era uma farsa.

Um incêndio "intenso o suficiente para destruir um crânio" também não

"destruiria um dente?" ele perguntou.

"Não, senhor", disse Norton.

"Por que?"

"Por ser protegido pela coroa de ouro."

"O ouro dental não derreteria antes que um crânio queimasse?" Worden pressionado.

"Não seria", disse Norton.

Longe de ajudar sua causa, ficou claro para Worden que, como observou Harry Burr Darling, seu "interrogatório serviu apenas para fortalecer o testemunho direto". Ele encerrou rapidamente o seu questionamento.

A testemunha final do dia foi uma vizinha de Belle, a Sra. Florence Flynn, que ofereceu um testemunho particularmente macabro. Confirmando que

ela estava presente na fazenda quando os quatro corpos foram encontrados, ela foi questionada se os tinha visto.

"Sim, senhor", respondeu ela. "Eu pude reconhecê-los quando eles foram eliminados. Havia uma espécie de cama e colchão embaixo

deles. O menino deitou-se sobre o corpo da mulher como se estivesse envolto em seus braços. "

"Bem, os braços eram sobre ele?" perguntou o promotor Smith.

"Não me pareceu", disse a sra. Flynn, "que houvesse armas."

Com essa nota sombria, a primeira semana do julgamento de Ray Lamphere chegou ao fim.

ASLE

Se o Weekly Herald pudesse ser acreditado, o otimismo inicial de Ray havia sido completamente apagado pelo testemunho do Dr. Norton. De acordo com o jornal, ele estava "particularmente sombrio e abatido" durante todo o domingo e passou grande parte do tempo estudando atentamente sua Bíblia, "algo que não fez em qualquer medida desde a primavera passada".

Ele parecia tão profundamente perturbado que seus carcereiros "acreditaram que ele poderia desabar e confessar" a qualquer momento.

É impossível dizer se Ray estava realmente tão desanimado quanto relatado. Nesse caso, ele teve uma recuperação rápida.

Na manhã seguinte, ele "parecia muito revigorado e entrou no tribunal com um sorriso no rosto e um aceno de cabeça de reconhecimento a vários amigos que notou entre os espectadores".

Um dos espectadores naquela manhã era uma celebridade visitante, Thomas Jefferson - não, é claro, o falecido presidente, mas o filho de um dos atores mais queridos da América do século XIX, Joe Jefferson, que estrelou uma produção teatral extremamente popular de Rip Van Winkle por mais de quarenta anos. Após sua morte, seu filho assumiu o papel e estava programado para interpretá-lo naquela noite no Hall's Theatre. Em um gesto muito bem-vindo pelos jurados, WJ Hall, gerente comercial do teatro, os convidou, junto com o juiz Richter, para serem seus convidados no espetáculo, oferta que eles aceitaram com gratidão.

A primeira a assumir a cadeira de testemunhas naquela manhã foi Florence Flynn, que não havia terminado seu depoimento quando o tribunal foi encerrado na tarde de sábado. Em um ponto durante o

interrogatório de Worden, o jurado Jared Drollinger interrompeu para perguntar a Flynn se ela sabia quanto Belle pesava. Dois anos antes, Flynn respondeu, Belle, após uma visita ao médico, revelou que ela estava pesando 280 libras - sessenta a mais do que a estimativa do Dr. Gray. A resposta reforçou as dúvidas daqueles que acreditavam que Belle não tinha morrido nas chamas, já que a noção de que um corpo daquele tamanho poderia encolher para apenas trinta e três quilos parecia totalmente incrível para qualquer pessoa que já tivesse assado um pedaço de carne.

Para a maior parte, a manhã produziu pouco interesse convincente. A Sra.

Ray Turner, que fora contratada pelo Procurador do Estado Smith para traduzir as cartas de Belle a Andrew Helgelien, explicou "que a construção gramatical das cartas era extremamente falha e, evidentemente, obra de uma pessoa ignorante. As letras eram todas uma longa frase sem

maiúsculas." O advogado de Belle, Melvin Leliter, testemunhou "que havia alguma controvérsia entre a Sra. Gunness e Lamphere quanto aos salários", embora sob interrogatório, ele admitiu que "ele sabia da controvérsia entre as duas partes apenas por ouvir dizer." O agente de seguros DH McGill calculou o valor da casa da Sra. Gunness entre três e quatro mil dólares, e o agrimensor Clyde Martin exibiu um mapa que mostrava o caminho mais curto entre a propriedade dos Gunness e a fazenda de John Wheatbrook.

O processo, em grande parte superficial até aquele ponto, deu uma guinada dramática quando a próxima testemunha foi chamada: Asle Helgelien.

O norueguês "pegajoso e pobre" começou com um relato abreviado da vida de seu irmão na América, omitindo o período de dez anos de Andrew na penitenciária de Stillwater. O resto de seu depoimento - que durou todo o recesso do meio-dia, voltou a ser retomado depois

do almoço e ocupou o resto do dia - diz respeito a seus esforços para localizar seu irmão desaparecido. Ele contou sua descoberta da correspondência de Belle com Andrew, que começou em 1906 e continuou até Andrew "deixar sua casa para encontrar seu destino na 'Casa da Morte'". Ele então descreveu suas próprias cartas para Belle, perguntando sobre o paradeiro de seu irmão.

Três de suas respostas foram lidas em voz alta para o júri: as de 27 de março e 24 de abril, nas quais afirmava que Andrew havia saído em busca de seu irmão jogador "em Chicago ou Nova York, ou possivelmente. . .

Noruega ", e uma terceira, datada de 11 de abril, na qual ela astuciosamente lançou suspeitas sobre um homem" que trabalhou para mim por um tempo "chamado Lamphere, a quem ela caracterizou como um bêbado mentalmente instável que tinha" ciúmes de Andrew "

.

Após a introdução dessas cartas como prova, Asle foi questionado sobre sua visita a La Porte após receber os recortes de jornal sobre o incêndio que lhe foram enviados pelo bancário Frank Pitner. Ele começou a contar a história

de sua busca pela fazenda - que já era uma lenda local - culminando na terrível descoberta do corpo de seu irmão "em uma cova de três pés" e a revelação, para um mundo estupefato, dos horrores de Guinness.

Em uma entrevista com Harry Burr Darling conduzida naquela noite, Asle insistiu que toda a extensão desses horrores ainda não havia sido descoberta. "Sei que há mais corpos no local", declarou ele. "Eu aprendi sobre outro ponto fraco que nunca foi explorado. Se as pessoas aqui me deixassem, estou convencido de que poderia encontrar mais vestígios dos crimes da mulher. "

No relato de Asle, seu irmão - o ex-presidiário corpulento que uma vez roubou e incendiou uma agência dos correios de uma aldeia e estava supostamente envolvido em um caso de roubo de cavalos - era uma alma sensível e poética, que ansiava pelas belezas distantes de Noruega.

"Andrew Helgelien era um tanto místico", disse Asle. "Ele viveu demais em sua imaginação para um fazendeiro em Dakota. Ele não conseguia esquecer os fiordes e as montanhas de sua terra natal. Qualquer coisa que trouxesse um toque de lar com isso o deixava melancólico. "

Foram os anseios de saudade de Andrew que o tornaram suscetível aos ardis da Sra. Guinness. "Ela era uma mulher inteligente", disse Asle. "Ela escreveu sobre as coisas que ele amava. Ela discutiu os lugares e os costumes noruegueses.

Quando ela disse que o amava, ele acreditou, porque o pobre sujeito estava naquele estado de espírito em que teria renunciado à riqueza na América por um pedaço de pão em casa. Só soube dessas coisas muito tempo depois,

quando as cartas dela para ele entraram em minha posse e a ogra começou a escrever para mim.

"Ela o manteve fascinado," ele continuou, então soltou um suspiro irregular.

"Então ele foi para a morte."

Asle não permaneceu em La Porte pelo resto do julgamento. Antes de voltar para casa em Dakota do Sul, ele encomendou uma lápide para o túmulo de seu irmão no cemitério de Patton. A inscrição cinzelada dizia:

"Andrew Helgelien, 1859–1908, a última vítima do horror Guinness, permanece encontrado por seu irmão, Asle K.] Helgelien, 5 de maio

de 1908. Descanse em paz.”

33

A PROMOTORIA ATACA

Na clássica história de Washington Irving, "Rip Van Winkle", o irresponsável personagem do título se depara com a tripulação fantasmagórica de Henry Hudson, que se reúne a cada vinte anos em um vale das montanhas Catskill para beber cerveja e jogar a nove pinos, "o som de suas bolas "Reverberando" como estrondos distantes de trovão. " Talvez tenha sido a presença de Harry Burr Darling na apresentação teatral da noite de segunda-feira que inspirou sua metáfora tipicamente confusa na edição do dia seguinte do Argus-Bulletin: O progresso do julgamento Lamphere sugere uma tempestade. Os elementos começaram a funcionar há uma semana, e um aguaceiro constante de chuva, pontuado por alguns

estrondos de trovão, alguns altos, outros quase inaudíveis, junto com um número correspondentemente pequeno de relâmpagos, tem estado em ordem desde então.

O promotor Smith está agora desempenhando o papel do grande Júpiter, que rola as bolas pelas pistas de boliche do céu.

Ele começou com pressa na tarde de quinta-feira e, em sua declaração inicial, marcou um "strike" limpo. Desde então, vários "sobressalentes"

foram registrados em seu crédito, mas, ao mesmo tempo, será necessário acertar vários outros "ataques" para se aproximar de aproximadamente 300

pontos.

Haverá outro estrondo de trovão a qualquer momento.

Querido estava certo sobre uma coisa. Os procedimentos de terça-feira produziram outro estrondo - não de trovão, porém, mas de risadas. O dia começou atrasado. Assim que as portas se abriram naquela manhã, uma multidão se acotovelou para dentro, enchendo os assentos, congestionando os corredores, organizando-se ao longo das paredes. Era um dia gélido, no entanto, e, mesmo lotada de pessoas, a sala do tribunal estava tão fria que o juiz Richter ordenou um adiamento até que o zelador do prédio pudesse colocar carvão suficiente na fornalha para gerar "um grau adequado de calor . "

Quando o julgamento finalmente recomeçou às 10h00, Smith, procurando obter um testemunho incriminador contra o réu, começou a convocar uma série de conhecidos de Ray. John Rye, companheiro de Ray em sua viagem abortada para Michigan City na noite em que Andrew Helgelien desapareceu, testemunhou que "Lamphere disse que 'iria se vingar da velha

algum dia'." "Queridinha de Lamphere", "uma mulher do submundo" e

"uma prostituta" - que também

testemunhou que, durante uma conversa com Ray, ele disse algo "sobre a Sra. Guinness lhe devendo dinheiro e como ele iria receber o dinheiro ou torná-lo desagradável para ela e se vingar dela. "

Foi outro amigo de Ray, William Slater, que fez o tribunal explodir de tanto rir. Questionado por Smith, Slater detalhou o conflito cada vez mais acirrado de Ray com Belle depois que Andrew Helgelien apareceu em cena.

Logo depois de deixar seu emprego, Ray disse a Slater que ele tinha ouvido

"Sra. Guinness e Helgelien falando sobre dar veneno a ele "e que" Helgelien sugeriu que experimentassem no cachorro de Lamphere ". "

O que tornava essa perfídia particularmente irritante para Ray era o fato de "a mulher ter prometido se casar com ele".

"O que você sabe sobre as relações de Lamphere com a Sra. Guinness?"

perguntou Smith.

Slater se mexeu desconfortavelmente na cadeira. "Ele disse que ela costumava ir ao quarto dele à noite."

"Lamphere disse a você que dormiu com a Sra. Guinness?" Smith perguntou.

"Não", disse Slater. "Ele disse que ela dormiu com ele."

O comentário produziu tamanha explosão de hilaridade que o juiz Richter, depois de bater seu martelo repetidamente, ameaçou limpar a sala do tribunal se tal explosão acontecesse novamente.

O testemunho excitante sobre os hábitos sexuais de Belle continuou com a testemunha estatal Peter Colson, o predecessor de Ray no papel de amante do faz-tudo. Sob interrogatório por Wirt Worden, Colson descreveu "como ele caiu sob o feitiço da Sra. Guinness e como ela fez amor com ele com palavras doces e carícias". Mesmo estando "obcecado pelo amor pela mulher", no entanto, ele estava "possuído pelo medo dela.

"Ela me fez amá-la", disse Colson, "e me assustou ao mesmo tempo. Eu suspeitava dela por causa da maneira como seu marido, Peter Guinness, morreu. "

Enquanto os espectadores ouviam em silêncio fascinante, Colson explicou que, eventualmente, suas demandas sexuais tornaram-se tão insistentes que ele teve que fugir. "Ela fez tanto amor comigo que finalmente tive que fugir daquele lugar.

Por seis meses, dormi em um monte de feno em uma fazenda a oitocentos metros de distância.

“Eu amava a Sra. Guinness, apesar de mim mesmo”, concluiu Colson. “Eu não queria, mas não pude evitar. Ela me atraiu e me repeliu ao mesmo tempo. ”

O último faz-tudo de Belle, Joe Maxson - que começou seu testemunho no final da terça-feira e o retomou na manhã de quarta-feira - não tinha boatos picantes a oferecer, embora tenha feito um relato dramático de suas ações na noite do incêndio. Sob exame direto, ele descreveu sua refeição final com Belle e as crianças, seu jogo após o jantar de Chapeuzinho Vermelho e a Raposa, sua ida para a cama e ser “acordado por volta das quatro horas por um quarto cheio de fumaça. ” Ele contou sobre seus esforços para “chutar e derrubar a porta” que separava seu quarto da parte principal da casa, até que - “quase dominado pela densa fumaça” - ele agarrou alguns pertences e

“disparou como loucamente escada abaixo”.

Depois de depositar suas coisas no galpão de carruagens, ele agarrou um machado e tentou, sem sucesso, cortar a porta da frente. Nesse ponto do recital de Maxson, o procurador do Estado Smith apresentou o machado como prova. Era, observou um repórter, “grande e forte o suficiente para um madeireiro do Oregon”, e a possibilidade de que pudesse ser a própria

arma com a qual a ogra havia desmembrado suas vítimas enviou uma onda de excitação pelo tribunal.

Para a maior parte, o testemunho de Maxson foi implacavelmente sombrio, mas ele forneceu um momento inadvertido de leviandade. Aconteceu durante seu interrogatório, quando o co-advogado de Wirt Worden, Ellsworth Weir, perguntou sobre os itens que Maxson havia resgatado de seu quarto e depositado no depósito de carruagens.

"Você não pegou alguns romances, pegou e colocou no bolso?" disse Weir.

"Não senhor!" exclamou Maxson, claramente indignado com a sugestão de que ele pudesse se envolver em uma atividade tão frágil quanto ler ficção.

"Quero que você entenda aqui e agora que não leio novelas, nenhum tipo de novela!" A profundidade absoluta de sua indignação produziu risos dispersos entre os espectadores.

Embora o relato da testemunha ocular de Maxson sobre o incêndio tivesse sido exaustivamente coberto pela imprensa e fosse familiar para qualquer pessoa que lesse os jornais, ele agora acrescentou um detalhe anteriormente não revelado. No final de seu jantar com a família Guinness naquela noite fatídica, Belle entregou a Joe uma laranja que ele prontamente "pegou". Embora "tivesse um gosto estranho", ele continuou a comê-lo.

"Nunca pensei muito sobre isso até depois do incêndio", continuou ele, "e então disse à minha irmã que achava que algo poderia ter sido colocado na laranja. Lembro-me de que bati na cama como um tronco naquela noite e adormeci apenas um momento depois que minha cabeça encostou no travesseiro. Se houve algum barulho na manhã seguinte quando o incêndio começou, eu não os ouvi porque estava em um sono profundo. Normalmente não durmo tão profundamente.

Não acordei, como disse antes, até que o quarto ficasse cheio de fumaça, e então fiquei tão atordoado que demorei a perceber que o lugar estava pegando fogo".

A revelação de Maxson sobre a laranja supostamente drogada inspirou mais um dos estonteantes voos retóricos de Harry Burr Darling, publicado naquela noite sob o título "A Guinness Lemon": Cuidado com esse tipo de fruta. É perigoso, e o homem ou mulher que o oferece a você tem más intenções. Só porque o limão tem a

aparência externa de uma laranja, não se engane. Você pode pensar que é uma laranja doce e suculenta da Flórida.

Talvez em algum momento tenha sido. Mas o sistema "Guinness" o converteu em um "limão" da pior variedade.

Contém algum tipo de droga que, assim que você comê-la, o fará adormecer.

Este é o aviso que souo hoje no depoimento de Joe Maxson. Esta testemunha, acredita-se, revelou o método favorito de assassinato da Sra.

Guinness. Ela primeiro garantiu o controle de suas vítimas colocando-as em um sono profundo por meio da rota laranja dopada. Então ela poderia fazer o trabalho sujo da maneira que quisesse, o que fosse mais conveniente, um cortador de salsicha ou uma faca afiada. Se "ela" fosse um "ele", é provável que um charuto envenenado, em vez de uma laranja dopada, tivesse sido usado.

Na tarde de quarta-feira, o estado chamou uma de suas testemunhas mais importantes, um homem que nunca havia duvidado de que Belle Guinness estava morta e que Ray Lamphere provocou o incêndio que a matou: o xerife Albert Smutzer. "Dapper em gravata-borboleta de bolinhas, seu cabelo castanho encaracolado repartido com um floreio duplo", ele assumiu

o banco das testemunhas "com afável autoconfiança, um sorriso em seu rosto agradável e rosado".

Como a promotoria esperava, seu depoimento - que encerrou o dia e recomeçou na manhã de quinta-feira - foi uma prova contundente contra o réu.

Smith começou perguntando a Smutzer o que ele sabia sobre a desavença entre Ray e Belle.

“Por volta de meados de fevereiro”, disse Smutzer, “a sra. Guinness escreveu uma carta para mim reclamando que Lamphere a estava incomodando de todas as maneiras, enfiando a cara nas janelas à noite, rondando a casa e assim por diante. ”

"Que resposta você deu à Sra. Guinness?" Smith perguntou.

"Eu escrevi a ela que se ele continuasse a mandar prendê-lo."

"O que a Sra. Guinness respondeu?"

“Ela me escreveu outra carta dizendo que tinha medo de que Lamphere lhe fizesse algum mal e que ele ainda a estava incomodando.”

"Que passos você deu, Sr. Smutzer, em consequência desta segunda carta?"

Smutzer explicou que havia telefonado imediatamente para o bebedouro favorito de Ray, o saloon de Smith, e disse ao proprietário "para mandar Lamphere para me procurar". Quando Lamphere apareceu na prisão cerca de uma hora depois, Smutzer “disse a ele para ficar longe da casa da Sra.

Guinness ou eu teria que prendê-lo”. Quando Ray protestou que tinha ido lá apenas para buscar as ferramentas que havia deixado para trás quando foi demitido, Smutzer o aconselhou a "mandar o policial buscá-los".

E como, perguntou Smith, Ray reagiu a esse conselho?

“Ele se afastou alguns passos”, lembrou Smutzer, “e então se virou para mim com um olhar estranho e disse: 'Se eu contar o que sei sobre aquela mulher, posso torná-lo muito quente para ela'”.

De acordo com Smutzer, Ray havia informado a ele que Belle estava atualmente convivendo com “um homem chamado Helgelien, que

era dono de uma casa de jogos de azar em Aberdeen, Dakota do Sul. Um homem foi morto lá e dez mil dólares foram roubados. Este homem, Helgelien, fugiu com o dinheiro, e ela o tem naquela casa. " Smutzer havia investigado essa acusação escrevendo para Aberdeen, mas desistiu do assunto após receber uma resposta garantindo-lhe que "Helgelien era um fazendeiro próspero que vivia perto de Mansfield, que era de boa reputação e não era procurado por nenhum crime".

Voltando ao assunto do conflito de Ray com Belle, Smith perguntou ao xerife o que ele sabia "de Lamphere sendo presa por insistência da Sra.

Gunness". A resposta de Smutzer provocou uma reação furiosa de Wirt Worden.

"Quando a Sra. Gunness e seu homem contratado, Joseph Maxson, vieram até mim para prender Lamphere", disse Smutzer, "Maxson trouxe com ele uma barra de ferro de um pé e meio de comprimento que ele disse que Lamphere havia deixado no local enquanto rondando na noite anterior. Eu pensei então, e ainda penso, que Lamphere pretendia matar a Sra. Gunness com aquela barra de ... "

Worden, com o rosto vermelho, levantou-se imediatamente. "Objeção!" ele chorou. "Esta testemunha deve ser avisada!

Ele está tentando colocar um assunto no registro que ele sabe que será descartado. Ele sabe que não deve oferecer suas conclusões, mas apenas os fatos! Ele sabe que as conclusões são para o júri! "

A objeção foi sustentada, mas, como em todos esses casos, as palavras da testemunha não poderiam deixar de ser ouvidas.

Quando, após um interrogatório em grande parte infrutífero, um Smutzer sorridente deixou o depoimento, os observadores concordaram que seu

depoimento havia entregue exatamente o que a acusação pretendia, que tinha sido -

como diria Harry Burr Darling - um "golpe limpo" para o Estado.

Smutzer foi seguido até o depoimento por Leroy Marr, o policial que havia dirigido até a fazenda de John Wheatbrook para levar Ray sob custódia.

Mesmo antes de anunciar por que estava lá, disse Marr, Ray perguntou se Belle e seus três filhos haviam conseguido sair da casa em chamas. Quando Marr perguntou como ele sabia sobre o incêndio, Ray respondeu que tinha andado "ao lado da casa" e viu "fumaça saindo das janelas e ao redor do telhado". Perguntado por que ele "não gritou", ele só pode dar a desculpa esfarrapada de que "não achava que fosse da minha conta".

Marr então acrescentou um detalhe que, em uma sala de tribunal cheia de rostos apenas brancos, lançou o personagem já duvidoso de Ray de uma luz ainda mais desagradável. Depois de ser levado para a prisão, Ray foi entrevistado pelo

Procurador do Estado Smith. No decorrer da conversa, disse Marr, Ray admitiu que "tinha dormido com Nigger Liz", mas implorou a Smith que

"não fizesse nenhuma declaração".

O depoimento do colega de Marr, deputado William Antiss - a próxima testemunha a depor - foi particularmente prejudicial para a defesa. De acordo com Antiss, Ray não apenas admitiu que "ele viu [a Sra. Guinness]

matando Helgelien ", mas afirmou que, não fosse por sua preocupação em ferir sua mãe, ele" se declararia culpado de incêndio criminoso ". Como disse o correspondente do Chicago

Examiner , a “versão de Antiss do que Lamphere disse equivaleu quase a uma confissão por parte do prisioneiro”.

Após uma breve cruz de Wirt Worden, a testemunha foi demitida. O relógio da cidade estava batendo 10h00 quando ele saiu da arquibancada. Nesse

ponto, tendo “disparado suas maiores armas” com o testemunho dos homens da lei, o estado abruptamente encerrou seu caso.

34

DESORGANIZADO

Acreditando que o caso da promotoria não seria concluído até o final do dia, Wirt Worden foi pego de surpresa pelo anúncio de Smith e pediu um recesso até segunda-feira de manhã. Quando o juiz Richter negou o pedido, Worden não teve escolha a não ser prosseguir com sua declaração inicial.

Embora proferido de improviso, seu discurso, de acordo com o relato arrebatador de Harry Burr Darling, foi um modelo de eloquência jurídica.

“Ele falou devagar e com a maior deliberação”, relatou Darling, “e cada palavra caiu claramente nos ouvidos de todo o tribunal. Vários jurados se moveram para a frente de seus assentos como se fossem atraídos pelo palestrante como uma agulha atraída por um ímã. Quando ele terminou, houve um silêncio profundo. As mulheres recostaram-se nas cadeiras e uma luz peculiar iluminou seus rostos. Os espectadores perceberam que Worden havia feito afirmações de maneira tão magistral que, se ele se mostrasse capaz de apoiá-los com testemunhas, o pescoço de Ray Lamphere seria salvo do laço. ”

Passo a passo, em sua voz forte e sonora, Worden expôs os pontos principais de seu argumento, todos levando a uma conclusão que exoneraria seu cliente: que a Sra. Guinness havia planejado o fogo, substituído um corpo feminino por seu próprio, e ainda estava vivo.

"Sra. A arma não foi queimada no incêndio de 28 de abril ", começou Worden. "Mostraremos com evidências que o corpo da mulher adulta encontrado nas ruínas não poderia ser o da Sra. Guinness. Produziremos como testemunha, John Ball, um agente funerário local, que conhecia muito bem a Sra. Guinness. Ele testemunhará que o corpo da mulher adulta não poderia ser o da Sra. Guinness.

“Vamos apresentar uma testemunha que a viu com um homem de meia-idade, passando por sua antiga casa em um carrinho de bebê na tarde de 9

de julho”, continuou Worden. “As duas filhas desta testemunha também viram a Sra. Guinness naquele dia.

“Vamos mostrar que a Sra. Guinness teve um motivo para colocar fogo em sua casa. Mostraremos que a crise em sua vida veio em 27 de abril, que ela estava com medo constante de que Asle Helgelien, irmão de uma de suas vítimas, Andrew Helgelien, pudesse chegar a La Porte a qualquer minuto e iniciar um inquérito que revelaria o destino de seu irmão, enterrado no cemitério Guinness.

“Nossa evidência vai mostrar que na tarde antes do incêndio, a Sra. Guinness foi ao armazém de Minch e comprou uma quantidade incomum de querosene, mais do que ela tinha o hábito de comprar.

“Vamos provar por depoimento que na tarde de 27 de abril, a sra. Guinness teve uma conversa em frente ao prédio do First National Bank com um certo homem, na qual ela disse: 'Deve ser feito esta noite, e você deve fazê-lo.' Naquela noite, a casa foi totalmente queimada e os corpos das três crianças Guinness foram encontrados nas ruínas.

"Nossas evidências vão mostrar ainda que no sábado anterior ao incêndio, ela foi vista dirigindo para sua casa com outra mulher, um pouco menor do

que ela, que nunca foi vista desde então, a menos que seu corpo tenha sido encontrado nas ruínas de o fogo.

“Mostraremos que os dentes encontrados nas ruínas não poderiam suportar o calor terrível do fogo sem se despedaçar.

Conseqüentemente, os dentes encontrados nas ruínas devem ter sido jogados lá, ou então o fogo não poderia ter sido tão quente como geralmente se supõe. Sendo este o caso, o crânio da fêmea não poderia ter sido queimado. Mostraremos mais adiante que a ponte feita pelo Dr. Norton para Belle Guinness poderia ter sido removida da boca de várias maneiras.

“Mostraremos pelo depoimento de médicos locais que as três crianças morreram envenenadas por estriquia, em vez de queimadas. Mostraremos que os corpos apresentavam todos os sintomas de envenenamento por estríquia, e não os de asfixia. Devemos mostrar a partir de testemunhos já apresentados que teria sido impossível para Ray Lamphere ter ido lá e administrado veneno.

“A Sra. Guinness envenenou as crianças, colocou o corpo adulto com elas, removeu sua ponte e a deixou para trás, e fugiu? Se isso for verdade, Lamphere não pode ser culpado.

“Com base em todas essas evidências”, concluiu Worden, “mostraremos que Ray Lamphere é um homem inocente e objeto de acusações falsas”.

“A defesa apertou o gatilho de seu revólver esta manhã”, entusiasmou-se Darling, “e o relatório ecoará na sala do tribunal do juiz Richter muito depois de o julgamento de Lamphere passar para a história”. Se Worden abriu com um estrondo, no entanto, ele seguiu com uma falha de ignição.

Sua primeira testemunha foi John H. Ball, uma figura pioneira em La Porte, conhecido como o “primeiro menino branco nascido no condado”. Depois de anos passados como pedreiro, gado tropeiro, minerador, e cavaleiro US, Bola abriram primeira casa funerária de La Porte, vender o negócio para Austin Cutler no momento da aposentadoria. Após o incêndio na fazenda

Guinness, Ball, de 74 anos, foi chamado por Cutler para ajudar na remoção dos quatro corpos das ruínas.

Em sua declaração de abertura, Worden havia prometido ao júri que convocaria Ball como testemunha principal para depor "que o corpo feminino adulto não poderia ser o da Sra. Guinness". Quando, no entanto, Worden fez a pergunta-chave para Ball - "Pelo seu conhecimento dos cadáveres e por sua familiaridade com a Sra. Guinness, aquele era o corpo da Sra. Guinness?" - Smith objetou, alegando que "exigia uma conclusão ": Que a pergunta indevidamente feita a Ball, uma testemunha leiga, para oferecer uma opinião jurídica. A objeção foi mantida e Ball desculpado.

Worden se saiu um pouco melhor após a pausa para o almoço. Ligar para o primeiro de vários especialistas em odontologia - Dr. George Wasser, um proeminente dentista de Cleveland e graduado pela Western Reserve University - Worden perguntou se, em sua opinião profissional, "o trabalho da coroa encontrado nas ruínas do incêndio poderia ter passado pelo calor que destruiu os ossos do crânio".

"Acho que não", disse Wasser.

"Na sua opinião", continuou Worden, exibindo um fragmento de dente,

"esse pedaço de dente já foi coberto pela coroa na outra dentição?"

"Se cobrisse este dente", respondeu Wasser, "foi um péssimo desajuste".

Outra testemunha dentária, WS Fischer, concordou "que os dentes não poderiam ter passado pelo fogo que destruiu o crânio", pois "a porcelana estava livre de rachaduras que um calor tão intenso teria causado".

Mostrado um par de pinças de excisão, Fischer também explicou "como eles podem ser usados para cortar dentes vivos da cabeça de uma pessoa".

Worden encerrou o dia com uma mistura de testemunhas. A Sra. George Wright, uma vizinha de Belle, testemunhou que tinha visto o incêndio através da janela de seu banheiro assim que o relógio da lareira estava

"marcando três horas" – vinte e cinco minutos antes de Ray Lamphere, de acordo com sua afirmação, deixar Liz Casa de Smith.

O empresário William C. Weir contou que visitou a fazenda no dia do incêndio e "viu uma lata de cinco galões no porão. A lata estava vazia e a solda derreteu." Joe Maxson, chamado de volta ao estande, verificou a declaração de Weir, testemunhando "que na noite antes do incêndio, ele colocou a lata de óleo no corredor no final da escada na parte da estrutura da casa. Depois do incêndio, estava no porão."

Em um movimento que parecia prometer uma revelação dramática, mas acabou não dando em nada, Worden chamou seu oponente, o Procurador do Estado Smith, para depor, para questioná-lo sobre um misterioso baú que ele havia retirado sub-repticiamente do galpão de carruagens da Guinness na primavera anterior. Quando o baú foi levado para a sala do tribunal e aberto, no entanto, "revelou gravatas, livros e cartas, nenhum dos quais tinha qualquer relação com o caso".

Reportando os desenvolvimentos de sexta-feira, a maioria dos jornalistas concordou que, após a forte declaração de abertura de Worden, a defesa havia começado de forma dispersa - que "nenhuma base foi lançada para sua teoria de que a Sra. Guinness está viva, ou, se morta, que ela estava envenenado e não queimado até a morte no fogo."

Localmente, no entanto, a maior história do dia não tinha nada a ver com os advogados, as testemunhas ou o réu.

Tinha a ver com os espectadores.

FOSSA

Ao longo do século XIX e do início do século XX, jornalistas que cobriam julgamentos de homicídio altamente divulgados raramente deixavam de comentar, geralmente em tom de língua estalada, sobre o grande número de mulheres que compareciam a esses procedimentos e muitas vezes constituíam a maioria dos espectadores. O fato de donas de casa e mães comuns evidenciarem tanto interesse por crimes horríveis e lascivos parecia uma violação chocante de todas as crenças prevaletentes sobre o chamado sexo mais gentil.

A situação não foi diferente no julgamento de Lamphere. Devido à natureza escandalosa do testemunho antecipado, esforços foram feitos para limitar a presença de homens. Com exceção do dia da inauguração, porém, quando não era permitida a entrada de mulheres, as mulheres de La Porte compareceram ao julgamento em massa. "As mulheres invadiram a sala do tribunal às centenas e ocuparam todos os assentos dentro da grade que não eram usados pelos membros da ordem", observou um repórter de Chicago no terceiro dia do julgamento; enquanto o correspondente do Indianapolis News, escrevendo alguns dias depois, estimou que "o número de mulheres presentes chegou a 400, muitas delas lindamente vestidas e ocupando os assentos da frente".

Essa flagrante demonstração de fascínio lascivo entre a população feminina da comunidade provocou o clamor previsível.

Sua fonte foi o reverendo MH Garrard, que recentemente assumiu o púlpito da Primeira Igreja Cristã. Na noite de quinta-feira, 19 de novembro, Garrard mudou o assunto de seu sermão do meio da semana - "Começo da Família e da Vida nos Negócios" - para fazer uma arenga feroz contra a horda de mulheres que compareceram aos julgamentos.

“Fiquei profundamente enojado com a forma como as mulheres se aglomeraram no tribunal em grande número e em todas as horas da manhã e da tarde, por ter derramado em seus ouvidos toda a sujeira relacionada com o julgamento agora em andamento em nossa cidade”, começou ele , evitando deliberadamente ao menos uma menção ao nome sujo que trouxera tanta infâmia a La Porte. “Parece que essas mulheres acamparam perto da fossa e pretendem ficar lá até que toda a podridão seja drenada. Já é ruim ver muitos homens ali, mas quando vejo as mulheres sentadas bem na frente, tão perto da sujeira quanto é possível que elas cheguem, presumo que elas estão lá com medo de que uma das palavras podres ou cenas poderiam ser perdidas se estivessem mais para trás.

“Quando vejo isso, fico sem saber como descrevê-lo adequadamente”, continuou Garrard, sua voz soando com indignação. “É estranho que mulheres, sem nenhuma compulsão, sejam encontradas em grande número em todos os julgamentos notórios em todos os lugares, e quanto mais sujo o julgamento, mais mulheres geralmente serão encontradas no comparecimento. O que dizer dessas mulheres? De sua modéstia? De seu refinamento? É suave dizer que eles não são do tipo gentil. ”

Curioso sobre o tipo de pessoa que se sentiria atraída por essas “coisas sujas e podres”, Garrard, como explicou, havia visitado o tribunal “uma tarde e também uma manhã” e ficou chocado com o que viu. “Uma jovem estava confortavelmente localizada perto de onde tudo podia ser ouvido e visto, e deu testemunho de seu grande prazer por estar tão felizmente

situada. Ela estava artisticamente espremendo um grande pedaço de chiclete ”, disse ele com desprezo enérgico,“ as bochechas salientes de ambos os lados com o chiclete e a cabeça balançando como a de uma vaca.

“Bem”, concluiu ele, “muitas outras coisas poderiam ser ditas, mas tenho coisas mais agradáveis a dizer. Espero que todas as mulheres

decentes se mantenham afastadas e desdenhem as que vão. Que as damas modestas, refinadas e bem-educadas se mantenham longe da própria aparência do mal. "

Impresso na íntegra nos jornais locais de sexta-feira, a diatribe de Garrard gerou um alvoroço. Tanto Harry Burr Darling quanto Edward Molloy, editor do Herald , foram inundados com cartas defendendo os alvos do ataque do pastor. Típica foi a carta de um escritor identificado nas manchetes apenas como uma "conhecida senhora de La Porte", que acusou Garrard de

"profanar seu púlpito e sua própria profissão lançando calúnias" sobre as mulheres de La Porte.

Tendo "assistido ao julgamento de Lamphere várias vezes", a escritora afirmou que "viu as senhoras mais bonitas e refinadas da cidade". Além disso, ela "não ouviu nada dito por ninguém no processo judicial que contivesse um décimo das palavras obscenas e frases baixas" Garrard alegou.

Atingindo uma nota auto-afirmativa, muito em consonância com os sentimentos feministas da época, a escritora insistiu no direito da mulher de ser educada no funcionamento do sistema jurídico. "Esta não é uma época em que as mulheres são mantidas sob os pés e na ignorância. O mero desejo de ver a justiça feita e de aprender os caminhos da justiça não deve ser interpretado como uma gratificação dos gostos malignos. " Afirmando que Garrard não tinha feito nada além de "ridicularizar sua própria cabeça" com seus comentários destemperados, ela o lembrou que "de um ministro do

evangelho, naturalmente esperamos 'Caridade para todos e malícia para com ninguém'". roubar o status de recém-chegado de Garrard, declarando que, como um recém-chegado à cidade - "um forasteiro distinto" - não cabia a ele denunciar as mulheres "gentis" que iam ao julgamento, cujos

"personagens estão acima de qualquer repreensão".

As mulheres não foram as únicas ofendidas pelo sermão de Garrard.
“O

marido também leva exceção”, declarou uma manchete do Weekly Herald .

Reproduzida abaixo, está uma carta indignada enviada ao jornal por um senhor não identificado da cidade. Fazendo eco ao autor da carta anterior, o escritor afirmava que, como recém-chegado a La Porte, o reverendo Garrard tinha pouco direito de fazer uma condenação tão radical. “O irmão não mora nesta bela cidade há tempo suficiente para ser qualificado para ditar os gostos e desejos das senhoras desta comunidade. ” Ele então deu início a uma longa palestra, parte ataque violento ao ministro, parte defesa galante de sua esposa, parte tributo à feminilidade americana: Minha esposa compareceu ao julgamento de Guinness, assim como um grande número de outras mulheres, e agora ataca o reverendo MH Garrard e diz que ela e todos os outros não são virtualmente modestos, refinados ou gentis; em suma, não senhoras respeitáveis. Ele levaria as pessoas a acreditar que o sexo mais gentil de La Porte é um bando de mente carnal que gosta de se deleitar com o que ele chama de sujeira e podridão. . . Fale sobre arrogância, presunção e o truque do velho crítico de “curvar um lábio contumioso” - tudo isso é um tipo leve de estupidez em comparação com isso. Desde quando esse homem foi contratado para julgar a questão da modéstia, refinamento e gentileza de nossas mulheres?

Eu me glorio na estabilidade e coragem da garota americana. Todos devemos nos orgulhar de que seus nobres atributos de mente e alma não se quebrem como vidro soprado diante das várias pequenas travessuras da

vida cotidiana. Se fossem tão sensíveis e frágeis como isso, já teriam se despedaçado há muito tempo. E eu submeto a qualquer homem

ou mulher que saiba se as palavras "atrevidas" e impróprias inevitavelmente faladas no julgamento de Guinness foram realmente mais vulgares, podres e sugestivas do que aquelas que muitas vezes vêm da boca de pregadores quando se discutem dança, o tráfico de escravos brancos, e tópicos delicados afins.

Eu considero que a curiosidade da mulher, seu desejo de ver, ouvir e aprender, é uma parte tão legítima de sua vida quanto a de um homem, e que se seu refinamento e modéstia forem de uma qualidade genuína e sensível, eles irão resistir a todas as indelicidades necessárias de o mundo difícil sobre ela. . . O Sr. Garrard entrará em contato com um elemento moral tão bom no julgamento quanto ele se reunirá em qualquer lugar, sem exceção da igreja. Minha esposa foi para aquele julgamento uma boa mulher, e ela veio de lá ainda uma boa mulher. A verdadeira virtude pode ser confiável em qualquer lugar. Não tenho medo de confiar em minha esposa. . . O Sr. Garrard não está qualificado ou comissionado para julgá-la.

Descrevendo a palestra do ministro como "obscena", "pouco cavalheiresca"

e "indescritivelmente ofensiva", o escritor concluiu referindo-se à descrição desdenhosa de Garrard da jovem mulher mascaradora de chiclete sentada na frente. "Eu acho", escreveu ele, dando vazão total à sua raiva, "que a jovem.

. . estava envolvida em um negócio muito melhor do que o imoderado Sr.

Garrard cuspiendo insultos profanos e gratuitos sobre o caráter de nossas mulheres, arrastando assim o púlpito até o nível da rua que espalha o escândalo ".

Nem todos os ofendidos pelo sermão de Garrard sacudindo o dedo responderam com uma carta irada. Uma escritora local, Mollie Long, foi movida a compor um poema humorístico. Este verso leve, publicado no Weekly Herald , assumiu a forma de uma carta da autora para sua amiga Bessie Short, de Chicago:

Estamos tendo momentos animados, agora mesmo, Querida Bess,
no antigo La Porte,

Para aquele misterioso "caso Guinness"

Está passando pelo tribunal.

Eles encontraram um júri para o caso,

A maioria se encaixa em todos os sentidos:

Pelo que eles pensaram sobre tudo isso

Eles realmente não sabiam dizer.

Não sabemos se ela está viva,

Ou se ela está morta,

Ou se, quando ela foi embora,

Ela levou consigo a cabeça.

Mas isso nós sabemos - ela deixou seus dentes:

Eles são feitos principalmente de ouro,

E toda vez que vamos ao tribunal

Ouvimos a história contada.

Um pregador nos repreende terrivelmente

Quem vai. Talvez ele esteja certo.

Mas onde um pregador vai, parece

Que as mulheres certamente podem.

E então eu irei de novo e verei

Que coisas curiosas eles fazem,

Para descobrir se os dentes vão queimar

E saia como novo.

E então, quando eu chegar em casa, querida Bess,

Vou escrever tudo para você.

Apesar da zombaria e do desdém em que incorreram, o reverendo Garrard recusou-se a recuar. Em um discurso de acompanhamento em sua igreja, ele insistiu que tinha "o maior respeito" pelas "verdadeiras mulheres da cidade", que eram do "mais alto calibre". Suas observações anteriores foram

dirigidas estritamente a "uma certa classe de mulheres" que foram atraídas para o julgamento "por curiosidade mórbida" - o tipo que "se delicia com o que é estranho e sensacional" e estava "reunindo-se como ovelhas" no tribunal puramente "por um desejo de entretenimento. "

Respondendo diretamente à escritora que reivindicou sua prerrogativa de

"aprender os caminhos da justiça" ao comparecer ao julgamento, Garrard se apresentou como um defensor dos direitos femininos, ao mesmo tempo em que afirmava uma visão totalmente obscura do papel adequado das mulheres. "Eu certamente não restringiria a liberdade das mulheres", declarou ele, "mas liberdade não significa

licenciosidade. Repito minha crença e digo que Deus fez o homem e a mulher. Ele tornou o homem mais forte e o colocou sobre um determinado campo. Ele deu à mulher uma natureza peculiar e a colocou em casa para ser o espírito presidente ali.

Seus poderes são representados por gentileza, simpatia, pureza, devoção aos princípios e amor. " Os mesmos impulsos não naturais que levaram certas mulheres a julgamentos sensacionais como os da Sra. Guinness e Harry Thaw - assassino do famoso arquiteto Stanford White - foram responsáveis, afirmou ele, pelos "numerosos procedimentos de divórcio"

que estavam destruindo o tecido moral da nação .

A intimidação de Garrard pareceu ter um efeito perceptível. Na tarde de sábado, 22 de novembro - um dia depois que sua arenga original foi publicada nos jornais - mais mulheres do que nunca compareceram ao julgamento. Como observou o correspondente especial do Chicago Daily Journal : "Isso foi atribuído em grande parte ao ataque do Rev. MH Garrard contra aqueles que anteriormente eram espectadores no tribunal".

PARADA

Para reforçar seus argumentos centrais - que a Sra. Guinness estava viva, que ela havia fingido sua própria morte e que Lamphere não era seu cúmplice - a defesa apresentou um desfile de testemunhas nos dois dias seguintes do julgamento.

O vizinho de Belle, Daniel Hutson, repetiu sua amplamente divulgada história de ter visto ela e um "homem estranho"

caminhando em seu pomar no dia 9 de julho, relato corroborado por suas duas filhas pequenas, Evalina e Eldora.

"Eu estava na estrada, voltando da cidade com um hayrick, e vi duas pessoas na casa de Guinness", disse Hutson. "Mesmo daquela distância eu podia reconhecê-la claramente. Eu conhecia sua forma e seu caminhar desajeitado. Nunca vi uma mulher andar assim. Comecei a subir meus cavalos para tentar subir a colina até o pomar antes que ela pudesse fugir, mas ela me viu primeiro e ela e o homem correram para a charrete, subiram e correram direto para a estrada principal. Eu estava a menos de seis metros dela e pude ver claramente seu rosto. "

Durante o interrogatório, Hutson foi compelido a admitir que a mulher estava usando um "chapéu de aba larga" com um véu duplo, um branco e um preto, "que descia até o queixo". Como ele podia "ver claramente o rosto dela" nessas circunstâncias era uma questão interessante. Hutson

teimosamente insistiu, no entanto, que ele "conhecia a Sra. Guinness bem o suficiente para não estar enganado".

O testemunho de outro vizinho de Belle, John Anderson, foi oferecido para promover a teoria de que o corpo sem cabeça

encontrado nas ruínas era de uma mulher corpulenta diferente, atraída para a fazenda para ser morta e substituída pela assassina.

No sábado à noite antes do incêndio, Anderson lembrou, ele estava cuidando de seu jardim de flores, quando a Sra.

Gunness passou em seu carrinho e parou para conversar com ele. Sentada ao lado dela estava "uma mulher estranha". Ela era "uma mulher grande", disse Anderson, embora "não tão grande quanto a Sra. Gunness".

"Você a viu de novo?" perguntou Worden.

Anderson balançou a cabeça enfaticamente. "Nunca", disse ele.

Para apoiar sua afirmação de que Belle tinha um parceiro em seu negócio de assassinato - alguém que não era Lamphere -

Worden convocou Fred Rittman, descrito nos jornais como uma

"testemunha surpresa". Um ex-lavrador de Belle, anteriormente desconhecido em todos os meses desde o incêndio, Rittman contou sobre uma tarde estranha, quando - então Worden queria que o júri acreditasse - o co-conspirador de Belle levou uma vítima para a "casa da morte", onde ele iria ser drogado, morto e plantado em uma cova recém-cavada.

Dois anos antes, disse Rittman, ele estava arando no milharal, quando "Sra.

Gunness engatou seu cavalo favorito e disse que ela iria dirigir até a cidade.

Antes de partir, disseme que informasse a todos os visitantes que regressaria brevemente e que se sentassem em casa.

“Pouco depois”, Rittman continuou, “um grande automóvel verde passou zunindo pela calçada e dois homens, um idoso e o outro médio, mas não tão corpulento, desceram. Troquei saudações e perguntei o que eles queriam.

Eles disseram que precisam ver Belle Guinness imediatamente. Expliquei que ela não estava em casa, mas pedi que entrassem e relaxassem.

“Voltei a arar e estava trabalhando há cerca de uma hora quando a Sra.

Guinness voltou. Ela montou seu equipamento e veio imediatamente até mim. “Quero que você cave um buraco para mim”, disse ela.

“Que tipo de buraco?” Eu perguntei.

“Apenas um buraco para uma fundação de tijolos”, disse ela. “Os pedreiros estarão aqui amanhã.” Ela me mostrou onde cavar e colocar estacas para marcar os cantos. “Cave um metro e meio de profundidade”, disse ela.

“Não me ocorreu na época”, disse Rittman, “que era do tamanho de uma sepultura”.

Rittman contou que, antes de encerrar o dia, foi até a casa para receber o pagamento e encontrou Belle e os dois homens sentados na cozinha com várias garrafas de vinho na mesa. Ele próprio recebeu meio copo, o que o deixou com uma sensação tão “estranha” que teve certeza de que o vinho havia sido “dopado”.

O testemunho da Sra. Louise Gackle - uma jovem operária de fábrica de saia que morava na Park Avenue, a estrada direta de La Porte para a fazenda Guinness - tinha como objetivo persuadir o júri de que Belle havia escapado da casa em chamas na companhia de um cúmplice depois colocando-o em chamas.

Na madrugada de 28 de abril, disse a Sra. Gackle, ela acordou para tomar um copo de remédio, tendo passado alguns dias indisposta. Ela viu pelo relógio em sua mesa de cabeceira que eram três da manhã. Só então, ela percebeu um "brilho vermelho, como de um incêndio e foi até a janela. Eu vi

que estava vindo da fazenda Guinness. " Quando ela olhou para fora, um automóvel vermelho com uma tampa de lona veio correndo pela estrada naquela direção. Mais tarde naquela manhã, como outras testemunhas atestaram, "o mesmo automóvel, ou um com a mesma descrição, foi visto passando pela cidade de Hobart e também por Valparaíso".

Joe Maxson foi chamado de volta ao depoimento para prestar testemunho de que, se acreditado pelo júri, seria um golpe sério para a acusação. O faz-tudo afirmou que, na manhã de 19 de maio, estava ao lado de Louis Schultz quando o mineiro gritou de repente: "Encontrei os dentes!" De acordo com Maxson, porém - cujo relato foi corroborado por seu cunhado, Isaiah Alderfer - o mineiro não removeu a ponte das cinzas que estava enxaguando, mas do bolso do colete. Ele "então guardou os dentes no bolso novamente. Era quase meio-dia quando Smutzer apareceu. O homem da eclusa arrancou os dentes e deu a ele. "

A pessoa mais bem qualificada para refutar esse testemunho foi, naturalmente, o próprio Schultz. Mas o "Velho Klondike" não estava em lugar nenhum.

Algumas outras testemunhas foram chamadas na segunda-feira: Dr. Bo Howell, que testemunhou que, em sua opinião profissional, "o trabalho da coroa exibido não poderia ter passado pelo incêndio de 28 de abril"; WH

Ludwig, um ex-atendente do crematório, que declarou que "eram necessárias duas ou três horas para consumir um corpo humano em um calor de três mil graus de intensidade" e que "o crânio foi o

último a queimar”; O comissário do condado William P. Miller, que contou ter encontrado “uma pedra plana no porão de Guinness”. Ele “o ergueu e viu um buraco que parecia como se um crânio humano tivesse sido escondido ali. O

crânio havia sumido. ”

A defesa tinha uma última testemunha extremamente importante para chamar: Dr. Walter S. Haines, do Rush Medical College. Quando, pouco antes do recesso para o almoço na segunda-feira, Worden anunciou que Haines não poderia viajar para La Porte até o dia seguinte, o juiz Richter declarou um recesso até a tarde de terça-feira, quando o júri ouviria o depoimento final do julgamento. ,

O QUÍMICO

Embora tenha vivido até os setenta e dois anos - uma idade avançada em uma época em que a expectativa de vida de um homem americano era de quarenta e nove - Walter Stanley Haines foi um semi-inválido durante grande parte de sua vida adulta, sofrendo de uma doença respiratória debilitante . Apesar dessa deficiência, ele conseguiu levar uma vida extremamente ativa. Nascido em 1850, filho de John C. Haines, duas vezes eleito prefeito de Chicago durante a infância de Walter, ele frequentou o Instituto de Tecnologia de Massachusetts antes de se formar como médico no Chicago Medical College. Em 1874, ingressou no corpo docente do Rush Medical College como professor de química e lá permaneceu por cinquenta anos, uma figura reverenciada por gerações de graduados.

Em 1884, Haines era uma figura de tal renome que se tornou um dos primeiros vendedores de opinião, divulgando as virtudes de uma marca popular de fermento em pó em anúncios de jornal.

“Recentemente, examinei um pacote de fermento em pó real e o descobri totalmente livre de

adulteração e substâncias nocivas de todos os tipos”, dizia um desses depoimentos (um endosso que diz muito sobre as preocupações dos consumidores nos dias anteriores à criação do FDA).

Dez anos depois, Haines ainda estava promovendo o fermento em pó em um anúncio de jornal que dizia: “Acho o fermento em pó real superior a todos os outros em todos os aspectos. É o mais puro e forte. ” - Walter S. Haines, MD Consulting Chemist, Chicago Board of Health. ”

Devido à sua experiência como toxicologista, Haines tornou-se uma figura importante no campo ainda nascente da ciência forense. Junto com dois colaboradores eminentes, ele editou o Text-Book of Legal Medicine and Toxicology de dois volumes , um trabalho pioneiro que cobre assuntos como "Ferimentos por arma de fogo", "Perversões mentais dos instintos sexuais" e - em um capítulo escolhido para receber elogios específicos de revisores em periódicos profissionais -

[4]

“A Destruição e a Tentativa de Destruição do Corpo Humano por Fogo e Produtos Químicos”.

No decorrer de sua longa e distinta carreira, ele se envolveu em uma série de casos de assassinato sensacionais, testemunhando nos julgamentos de Adolph Luetgert (o fabricante de salsichas de Chicago acusado de assassinar sua esposa e dissolver o cadáver dela em um dos tonéis usados para fazer seu produto), Thomas Neill Cream (o envenenador em série cujas últimas palavras na forca foram “Eu sou Jack the—!”) e o Dr. Bennett Clark Hyde, acusado de despachar o milionário Thomas H. Swope com estricnina.

Não havia segredo sobre o testemunho que Haines deveria oferecer quando ele assumiu o depoimento na terça-feira. Dias antes de chegar a La Porte

vindo de Washington, DC - onde estivera envolvido em negócios oficiais relacionados ao seu trabalho no comitê de revisão da Farmacopeia dos Estados Unidos - os jornais relatavam que ele “contaria como encontrar veneno nos corpos retirados de as ruínas.”

Depois de ouvir o distinto toxicologista, o júri naturalmente concluiria que Belle, temendo a descoberta iminente, matou seus filhos e cometeu suicídio, e Ray seria absolvido do assassinato. Ou então Worden e seu conselheiro esperavam.

No estande, que ocupou por pouco mais de trinta minutos, Haines explicou que, em 27 de maio, havia recebido vários potes lacrados do legista Mack, um contendo os estômagos de Belle e dois de seus filhos. Abrindo o frasco, ele descobriu que os órgãos estavam tão decompostos que "havia corrido juntos, de modo que o material era como lama espessa.

Algumas fibras da parede original foram observadas. A única análise possível era usando a massa em conjunto. " Ele misturou a lama fétida

"para obter uniformidade e removeu um terço dela para exame.

"Encontrei uma abundância de arsênico e uma quantidade de estriçnina", disse Haines. "Havia estriçnina suficiente para ter causado a morte de três pessoas."

Além de uma observação qualificativa - que "era impossível dizer se o veneno estava em um, dois ou todos os estômagos" - o testemunho de Haines foi tudo o que Worden poderia ter esperado.

Então veio o interrogatório.

Questionado se poderia afirmar com certeza "que as três pessoas cujos estômagos ele analisou morreram de envenenamento por estriçnina", Haines respondeu que não. "O veneno encontrado no estômago após a morte", explicou ele, "geralmente não é o veneno que causou a morte, pois

foi absorvido e foi para as artérias remotas do corpo". Na verdade, Haines acrescentou, "devido à condição das vísceras submetidas a ele", ele "não poderia determinar a causa da morte de forma alguma".

Observando que, por dez dias, "os corpos permaneceram no necrotério e foram vistos por várias centenas de pessoas", Smith se

perguntou "se a estricnina pode ter sido injetada no estômago" durante esse tempo.

Sim, Haines admitiu: "O veneno poderia facilmente ter sido introduzido após a morte".

Haines foi seguido até o depoimento pelo agente funerário de La Porte, Austin Cutler, chamado pelo Estado como testemunha de refutação. Na opinião do correspondente do Chicago Examiner , o depoimento de Cutler acrescentou "um toque de farsa ao processo". Para a equipe de defesa de Ray Lamphere, no entanto, não havia nada de divertido nisso.

Assim que o agente funerário prestou juramento, o promotor Smith perguntou se ele havia tratado os restos mortais com alguma substância venenosa.

"Sim, eu coloquei veneno nesses corpos. Achei estranho você nunca ter me perguntado antes ", disse Cutler. "Eu espalhei cerca de dois galões de fluido de embalsamamento de formaldeído e sete libras de pó de preservação de arsênico sobre eles enquanto estavam no meu lugar."

Smith se permitiu um pequeno sorriso. "Isso foi antes da autópsia, quando os estômagos foram colocados no frasco para exagero químico?"

"Ora, é claro que foi", respondeu Cutler, como se estivesse surpreso com a pergunta.

"Diga-me, Sr. Cutler", disse Smith. "Por que você esperou até agora para tornar este fato conhecido?"

"Ninguém nunca me perguntou", exclamou Cutler. "É por isso que não contei sobre o arsênico. Quando os corpos da mulher e dos três filhos foram trazidos para mim na manhã seguinte ao incêndio, ninguém me disse nada

sobre algo estar errado. Tudo o que me disseram foi para preparar os corpos para serem enviados para Chicago, pois seriam enterrados lá.

Qualquer um sabe que no meu negócio temos que embalsamar os corpos para serem despachados. A ferrovia não os receberá de outra forma. Eu não pude embalsamar da maneira normal porque os corpos estavam gravemente queimados, então eu simplesmente espalhei muito arsênico sobre eles. ”

Embora o testemunho de Cutler tenha ajudado claramente o estado em um aspecto - ao oferecer uma explicação alternativa para o arsênico encontrado nos cadáveres - ele falhou em explicar a presença da dose letal de estricnina.

Worden imediatamente colocou o Dr. Haines de volta no depoimento e perguntou se “a estricnina [era] usada para embalsamar fluidos ou conservantes”.

“A estricnina não tem qualidades anti-sépticas ou conservantes”, respondeu o químico.

A resposta de Haines desfez parte do dano feito por Cutler. No geral, no entanto, ele acabou sendo uma testemunha tão decepcionante que, em sua cobertura diária do julgamento, o Detroit Free Press relatou seu depoimento sob o título “Defesa Especialista em Aids Prosecution”. A falha de Haines em afirmar definitivamente “que as quatro pessoas cujos corpos foram encontrados nas ruínas chegaram ao fim por envenenamento em vez de asfixia e queimadas” foi mais do que um revés para a defesa. Foi, escreveu o jornal, “um golpe mortal”.

38

ARGUMENTOS DE

ENCERRAMENTO

Na quarta-feira, 25 de novembro, em homenagem ao feriado iminente, o Argus-Bulletin dedicou o meio de sua primeira página a uma matéria intitulada "Por que somos gratos", do reverendo John B. Donaldson, pastor da Primeira Igreja Presbiteriana. Depois de prestar homenagem aos puritanos da Nova Inglaterra, "aquelas almas severas e vigorosas" que

"estabeleceram o Dia de Ação de Graças" e a Abraham Lincoln, que o proclamou feriado nacional, Donaldson agradeceu pelas instituições

"cívicas, comerciais e políticas" da América, seus funcionários eleitos íntegros e sua cidadania "justa e sensata". Olhando mais perto de casa, ele agradeceu pela contínua "melhoria de La Porte" - pela "influência de suas escolas e seu espírito público", por "suas fábricas em crescimento e mercados em expansão", por "as ruas que serão circundadas e as rodovias de macadame que formarão a grade do condado ", para" os arbustos que embelezarão seus lugares desolados "e para" uma estação de tratamento de água que fornecerá água potável antes que os poços produzam uma pestilência ".

Acima de tudo, ele era grato ao Senhor por ter retirado uma terrível maldição de sua amada comunidade. "Louvamos a Deus pelo incêndio da casa escarlata cujos pés dos visitantes se apoderaram do inferno terreno."

Com profunda gratidão, ele previu "o dia que se aproxima em que nossos escândalos deixarão de aquecer os fios de dois continentes" - quando o caso

Gunness era coisa do passado e La Porte foi restaurado à sua antiga obscuridade abençoada.

Ocupando a primeira página junto com o ensaio do reverendo Donaldson estava o relatório diário de Harry Burr Darling sobre o julgamento. Com o testemunho terminado e os argumentos finais prestes a começar, ele resumiu a situação com uma de suas metáforas exageradas de costume: Neste dia, 25 de novembro, está sendo travada a verdadeira batalha pela vida de Ray Lamphere. Quatro dias foram necessários para decidir sobre um júri, um conselho de revisores. Mais dez dias foram consumidos na obtenção de provas.

Durante esses dez dias, cada lado construiu sua frota. A promotoria construiu um poderoso navio de guerra de primeira classe. A defesa adotou diferentes táticas, contando com uma infinidade de pequenas embarcações, como torpedeiros e submarinos, para fazer o estrago, e assim molestar as manobras do inimigo a ponto de torná-lo incapaz de infligir sérios danos.

“Por enquanto”, concluiu Darling, “a armadura do grande navio de guerra provou ser de espessura suficiente para resistir ao fogo de inúmeras teorias da flotilha adversária”.

Martin Sutherland, co-advogado do promotor Smith, foi o primeiro a se dirigir ao júri naquele dia. Apelando ao “bom senso” dos jurados, ele começou zombando da afirmação da defesa de que o corpo feminino encontrado nas cinzas não era de Belle. O depoimento de Joe Maxson provou que, além do próprio contratado, Belle e seus três filhos eram os únicos na casa na noite do incêndio. Na manhã seguinte, “foram encontrados quatro corpos nos escombros. O bom senso comum nos levaria a acreditar que aqueles eram os corpos que habitavam aquela casa. ”

Quanto aos dentes, eles “não eram dentes falsos, facilmente removíveis, mas ponte fixada aos dentes naturais da Sra. Gunness.

No entanto, a defesa

pediu que você usasse a imaginação do Sr. Hutson, que testemunhou que reconheceu a Sra. Guinness mesmo com dois véus sobre o rosto”, disse Sutherland com um sorriso de escárnio audível. “É muito provável, não é, que Belle Guinness viesse a La Porte, alugasse uma carroça de libré e fosse até o local de seus assassinatos! Senhores do júri, o bom senso ensina melhor. E, usando o mesmo bom senso, você perceberá que estabelecemos o corpus delicti além de qualquer dúvida razoável. ”

Voltando-se para a questão do motivo, Sutherland, sua voz ainda cheia de sarcasmo, descreveu o réu aparentemente genial como um homem impelido a se vingar de sua ex-amante, tanto por traí-lo com Helgelien quanto por renegar uma promessa de dinheiro silencioso depois de testemunhar o assassinato do Dakotan do Norte.

“O testemunho que apresentamos”, disse Sutherland, “mostra que Lamphere, o abatido Lamphere, o beberrão Lamphere, o companheiro da cidade, teve uma vaga fácil com a Sra. Guinness. O testemunho mostra ainda que Andrew Helgelien suplantou Lamphere nas afeições da Sra. Guinness.

Isso causou ciúme no desconfiado Lamphere, que não queria trocar seu beliche aconchegante com a Sra. Guinness por uma cama dura oferecida por Liz Smith.

“Na noite de 14 de janeiro, Helgelien desapareceu para nunca mais ser visto com vida”, continuou Sutherland. “Lamphere não ficou na cidade de Michigan, como a sra. Guinness o instruíra. A cena que viu naquela noite foi de molde a satisfazer seu desejo de tirar Helgelien do caminho.

Provavelmente, um compacto foi feito sobre o corpo de Helgelien. O que foi, não temos evidências positivas, mas temos o direito de inferir que ela concordou em pagar-lhe dinheiro. Pelas receitas, era evidente que não havia dinheiro devido a ele pelo trabalho, mas

todo o seu grito era que ela lhe devia dinheiro e ele iria se vingar dela. A mulher não cumpriu esse pacto,

não pagou a Lamphere o suficiente com o dinheiro do sangue e, na manhã de 28 de abril, Lamphere colocou a tocha em sua casa, enviando-a e a seus filhos para uma morte terrível em uma fornalha ardente. ”

O comportamento de Lamphere imediatamente antes do incêndio não deixou dúvidas sobre sua culpa, argumentou Sutherland. “Descobrimos que no dia anterior ao incêndio, a Sra. Guinness foi rastreada por Lamphere”, afirmou Sutherland. “Sra. Guinness, chorando, entrou na loja de Minich e comprou alguns mantimentos. Lamphere, como desculpa para entrar, comprou um cigarro de cinco centavos. Lamphere seguiu a Sra. Guinness para fora da loja, olhando para a Sra. Guinness.

“Quais são as evidências agora para mostrar que Lamphere cometeu o crime na manhã de 28 de abril? Encontramos Lamphere se escondendo e se escondendo antes do início do incêndio, e novamente após o início do incêndio.

Encontramos Lamphere se contradizendo categoricamente nas histórias que contou ao xerife Marr e ao xerife Antiss.

Primeiro ele disse uma coisa e depois disse outra aos vários oficiais. Por fim, ele praticamente confessou o incêndio criminoso ao deputado Antiss.

“É o suficiente!” exclamou Sutherland, elevando a voz pela primeira vez.

Sutherland concluiu criticando seus oponentes. “Agora, quanto à defesa”, disse ele com um encolher de ombros desdenhoso, “se você é capaz de dizer o que é, pode fazer melhor do que a acusação. Eles tentariam provar por uma testemunha que ela estava viva, e pela próxima testemunha que ela estava morta. Por uma testemunha,

eles tentam mostrar que os dentes foram cortados e deixados no fogo, por outra testemunha eles tentam mostrar que não eram seus dentes. O especialista testemunhou que

encontrou veneno na massa dos estômagos, e o Sr. Cutler testemunhou que fluidos venenosos foram usados nos corpos.

“Com base em todos esses fatos”, concluiu Sutherland, voltando ao seu ponto de partida, “pedimos que você resuma toda a questão e use seu bom senso”.

Em seguida, foi o co-conselheiro de Wirt Worden, Ellsworth Weir. Filho de um político local proeminente que atuou como senador estadual por dois mandatos e prefeito de La Porte, Weir teve sorte de estar lá. Vários anos antes, enquanto representava uma bela jovem de Cleveland, a Sra. Louise Brill, em um processo de divórcio, ele havia sido baleado à queima-roupa por seu ex-marido, Joseph - um proprietário de mina "imensamente rico"

que acusou o advogado de sendo

"indevidamente íntimo" com sua esposa e "roubando seu afeto". Jornais de todo o meio-oeste relataram que o ferimento foi "provavelmente fatal". Sob os cuidados de um médico La Porte, no entanto, Weir acabou se recuperando totalmente.

Agora, atacando Sutherland por permitir que um caso de importância vital

"degenerasse em sarcasmo", Weir acusou furiosamente seu oponente de "a maior cambalhota legal do século atual!" Apesar de toda a sua conversa sobre o bom senso, o próprio Sutherland havia feito "um voo para os reinos da fantasia", contando uma história puramente imaginária sobre o envolvimento de Lamphere no assassinato de Andrew Helgelien. "Ele imagina a cena em que Lamphere vê a Sra. Guinness matando Helgelien", disse Weir com

escárnio. "E então, porque eles são parceiros no crime, eles querem se matar!"

Era possível, admitiu Weir, que a Sra. Guinness tivesse um aliado que auxiliou em seus crimes e que eventualmente tinha "um propósito em se livrar" dela. Mas a teoria de que Lamphere era seu cúmplice era "apenas um palpite, e você não pode adivinhar este réu na penitenciária, ou enforcá-lo por adivinhação!"

Voltando-se para a questão dos dentes, Weir exigiu saber por que a promotoria não havia produzido o mineiro Louis Schultz. "Onde ele está agora? Por que eles não o trazem aqui? A testemunha mais importante! "

Ele também se perguntou por que o Dr. Norton havia "feito um diagrama dos dentes" e o fornecido ao xerife Smutzer "duas semanas antes de os dentes serem encontrados". Nesse período, Weir sugeriu sombriamente, um conjunto falso "poderia ter sido feito e substituído".

E o que dizer do veneno "que o Sr. Sutherland remove com um aceno de mão? Concedido que o agente funerário usou um pó de arsênico puro ", disse Weir, "mas o eminente Dr. Haines testemunhou que havia estricnina suficiente para matar três pessoas. Para que Lamphere tivesse cometido o crime de homicídio, teria sido necessário que ele tivesse entrado na casa, administrado o veneno e levado a Sra. Guinness e seus três filhos para o porão e ateado fogo ao prédio. Mas Lamphere não poderia ter sido admitido naquela casa. Estava bem trancado! "

Quando Weir se aproximou do final de suas observações, sua voz ficou rouca de emoção. "Todos concordamos que foi cometido um crime", disse ele, "e, como bons cidadãos, sentimos que, se o criminoso pode ser preso, ele deve ser condenado. Mas não acredito que Ray Lamphere seja culpado do crime que é acusado contra ele. No que diz respeito a Ray Lamphere, não há evidências de que ele

tenha feito alguma coisa, exceto beber ocasionalmente, e muitos homens bebem. Ray Lamphere pode ser muito

mau, mas ele não cometeu este crime, e como não o fez, deveria ser libertado por vocês, senhores.

No momento em que Weir chegou às palavras finais, as lágrimas estavam escorrendo por seu rosto. "Amanhã é Dia de Ação de Graças. Vocês, do júri, voltem para casa amanhã, com sua tarefa concluída, para o coração de suas famílias. Este homem, se você o condenar, não terá nada diante dele!

Pensar! Pense muito antes de selar a condenação de uma vida humana! "

Worden, que falou a seguir, fez o que foi, segundo todos os relatos, um apelo comovente em nome de seu cliente. "Diante de um grupo de seus pares, um homem poderia ter implorado por sua própria vida sem força maior", escreveu um observador. "Ele lutou pelo prisioneiro como se o prisioneiro fosse seu próprio irmão." Seu discurso poderoso inspirou um tributo particularmente arrepiante de Harry Burr Darling, que elogiou o advogado de defesa por "não deixar mesa sobre pedra para tornar o júri 'à prova de fogo' contra as fogueiras em chamas no rosto do promotor Smith".

Worden começou lembrando aos jurados o conceito de dúvida razoável.

"Este caso contra Ray Lamphere é inteiramente construído com base em evidências circunstanciais", ele enfatizou. "Portanto, você deve estar convencido de que não há outra explicação razoável para a evidência além da apresentada na acusação de que Lamphere é culpado. Caso contrário, ele tem o direito de ser absolvido. "

Cada ponto levantado pela promotoria, argumentou Worden, estava aberto a dúvidas, começando com sua alegação de que a Sra. Guinness havia morrido no incêndio. "Eu acredito firmemente que ela

está viva”, afirmou Worden. “Ela teve motivos abundantes para cometer este crime, na vinda de Asle Helgelien para descobrir sobre seu irmão. Ela se preparou para o fogo. Mesmo em seu testamento, ela fez provisões para a disposição de sua

propriedade em caso de morte de todos os seus filhos. Eu sou honesto em dizer que acredito na declaração de DM Hutson e as duas meninas.

"E os quatro corpos?" Ele continuou. "Acredito ser impossível que quatro corpos caiam do segundo andar e ainda sejam encontrados juntos, dispostos em fileiras regulares. Os restos do piano foram encontrados em cima dos corpos. Se formos acreditar no estado, aqueles corpos caindo do segundo andar bateram no piano até o porão! "

Para plantar ainda mais dúvidas nas mentes dos jurados, Worden ofereceu uma nova sugestão surpreendente: que Joe Maxson era de alguma forma cúmplice do esquema sinistro da sra. Gunness. "Eu sou da opinião que Joe Maxson sabe mais do que ele está disposto a dizer. Eu acredito que ele ficou com suas roupas a noite toda. Não houve gritos, nem gritos de fogo, nem chamados dos vizinhos. "

Em relação aos dentes, Worden considerou o testemunho do Dr. Norton

"preconceituoso". "Eu te digo que esses dentes nunca passaram pelo fogo!"

ele exclamou. Tudo relacionado a eles, "desde a maneira em que foram encontrados" até "a condição em que estão agora", sugeria que eles faziam parte de uma conspiração diabólica para convencer o mundo de que a Sra.

Gunness havia morrido nas chamas.

Worden continuou a contestar "o testemunho de John Rye, que disse que Lamphere voltou para a casa dos Guinness em 14 de janeiro" e "leu em voz alta uma declaração de Lamphere que negava isso".

Suas palavras finais foram ditas com "uma intensidade retumbante de sentimento": "Dizem que Lamphere fez confissões prejudiciais. Suponha que você concorde que Lamphere mentiu para Antiss. Você o enforcaria por mentir? Então, todos devemos nos preparar para a morte! Mas eu acredito

que se você agir de acordo com as ordens de sua consciência e de acordo com a lei e as evidências, não haverá dúvidas sobre o seu veredicto! "

O procurador estadual Smith foi o último a falar. Em contraste com o tom apaixonado dos advogados de defesa, ele começou com um estilo fácil e coloquial, evitando o histrionismo - pelo menos por enquanto.

"Não estou aqui para fazer um discurso político", disse ele aos jurados. "Eu quero falar um pouco com você sobre este caso. Vou lhe mostrar, sem sombra de dúvida, que Lamphere ateou fogo na casa e queimou aquelas pessoas. "

Como seu co-advogado, Smith rejeitou os argumentos da defesa como irremediavelmente confusos. "Não consigo conceber em que teoria a defesa está julgando neste caso", disse ele. "Num momento eles dizem que Belle Guinness está viva e no próximo que ela está morta." Abordando a acusação de Worden de que as evidências contra Lamphere eram "inteiramente circunstanciais", ele repetiu a linha que havia usado em sua declaração inicial. "Claro que as evidências são circunstanciais!" ele exclamou.

"Quando os homens começam a queimar casas ou cometer crimes, eles não avisam, nem andam com uma banda de música."

Smith respondeu a outra acusação de Worden nivelando uma das suas.

“Onde está Louis Schultz ?, perguntam eles. Bem, perguntamos: Onde está Nigger Liz? Por que eles não estabelecem um álibi para ela? O que o réu estava fazendo durante a hora e quarenta e cinco minutos que, de acordo com seu próprio depoimento, foi consumida para percorrer uma milha e um quarto? Se a hora indicada não estiver correta, por que não trazem a Nigger Liz? Ela sabe. Por que eles não a trazem?”

"Onde há qualquer evidência de que o Dr. Norton disse qualquer coisa, exceto a verdade absoluta sobre os dentes?" Smith continuou. "Quando os

próprios especialistas em odontologia da defesa testemunharam, eles afirmaram que os dentes foram feitos e foram usados na mesma boca e, além disso, que passaram pelo fogo."

Como Sutherland, ele zombou da afirmação de Daniel Hutson de que Belle era facilmente reconhecível, apesar dos dois véus pendurados até o queixo.

Em seguida, ele recapitulou brevemente suas razões para acreditar que Lamphere foi cúmplice do assassinato de Andrew Helgelien.

Então, em um momento que se tornou ainda mais dramático pela mudança repentina de tom, ele girou para longe do júri, apontou o dedo para Lamphere e trovejou: "O que você disse a John Rye que pagaria pela velha?"

Por que você disse ao xerife Antiss que se declararia culpado de incêndio criminoso se não fosse pelo bem de sua pobre velha mãe? Por que você estava correndo ao redor da casa dos Gunness à noite e, em seguida, se declarando culpado de estar lá e pagando multas por invasão? "

Enquanto Ray lutava, com sucesso limitado, para parecer inabalável por esse ataque, Smith voltou-se para os jurados.

Embora o estado tivesse dedicado muito de seu tempo para provar que a Sra. Guinness foi assassinada, Smith deixou claro que pouco se importava com a mulher. Afinal, ela era "mais podre do que o inferno". Não, seus

"sentimentos eram pelas três crianças inocentes, mortas por um homem que se esconde atrás de torres e foge e ataca com tais consequências!"

Suas palavras finais, que soaram com justa indignação, dificilmente poderiam deixar de mexer com o sangue de seus ouvintes, a maioria dos quais eram pais. "Eu digo a você que se você não acredita que Lamphere é culpado além de qualquer dúvida razoável, então não apresente um veredicto de culpado. Não peço que justifique aquela mulher má, mas tenho

o direito de pleitear em nome de Deus em nome daquelas três crianças inocentes! "

Em suas instruções ao júri, o juiz Richter definiu "dúvida razoável", enfatizou que a omissão do réu em testemunhar "não deveria levantar nenhuma presunção de qualquer tipo contra ele" e explicou que as provas circunstanciais deveriam "ser consideradas como conclusivas em seu poder convincente como evidência direta e positiva. " Ele então disse aos jurados que, segundo a lei, eles poderiam trazer um dos vários veredictos: Culpado de homicídio em primeiro grau - Morte

Culpado de assassinato em primeiro grau - prisão perpétua Culpado de assassinato em segundo grau - prisão perpétua Culpado de homicídio culposo - dois a vinte e um anos

Culpado de incêndio criminoso - dois a vinte e um anos Inocente

Richter levou quinze minutos para ler suas instruções. Às 17h30, véspera do Dia de Ação de Graças, os jurados saíram do tribunal para iniciar suas deliberações.

VEREDITO

Depois de cinco horas de debate acalorado e quatro votações divididas, ficou claro que os jurados não estavam prestes a chegar a uma decisão rápida. Às 22h45, eles interromperam a noite, retomando suas deliberações após o café da manhã no Dia de Ação de Graças.

Duas vezes naquele dia, eles solicitaram informações adicionais ao juiz Richter. Foi-lhes dito duas vezes que o tribunal não podia fazer nada mais do que reler as instruções para eles. Em ambas as vezes, os doze homens voltaram para a sala do tribunal, ocuparam seus lugares na cabine do júri e ouviram atentamente enquanto o juiz Richter lia suas instruções na íntegra.

Àquela altura, havia rumores de que o júri estava em um beco sem saída.

Enquanto os doze homens continuavam suas deliberações durante a tarde, o resto dos participantes se dispersou para as refeições do feriado, e as luzes do tribunal esvaziado foram apagadas.

Ao cair da noite, um grupo de jornalistas - perambulando na rua, esperando uma decisão - viu as janelas do tribunal de repente iluminarem-se por dentro. As palavras se espalharam rapidamente de que um veredicto estava prestes a ser retornado e as pessoas começaram a enxamear. A sala estava quase cheia quando ficou claro que a multidão havia respondido a um alarme falso: o xerife Antiss, entretendo alguns amigos de fora da cidade curiosos para ver o local do notório julgamento, os levou ao tribunal e os levou nas luzes.

Finalmente, por volta das 19h00 - quinze minutos após o retorno do jantar e 26 horas após o início de suas deliberações - os jurados

enviaram uma mensagem ao oficial de justiça Matz que haviam chegado a uma decisão sobre sua décima nona votação. Depois de notificar o juiz Richter e os advogados por telefone, Matz acendeu as luzes do tribunal. Quando Richter e os advogados chegaram, a sala estava lotada, todos os assentos ocupados, as pessoas de pé no corredor e alinhadas às paredes. Poucos minutos depois, Lamphere foi trazido da prisão pelo vice-xerife Antiss, que se sentou diretamente atrás do prisioneiro para garantir que Ray não fizesse nenhum

"movimento indevido" ao ouvir o veredicto.

Às 7h20, os jurados entraram e tomaram seus lugares na cabine do júri e o tribunal foi chamado à ordem.

"Senhores do júri, vocês chegaram a um acordo?" perguntou o juiz.

Levantando-se, o capataz Henry Mills confirmou que sim, mas disse que

"gostaria de fazer uma declaração antes que o veredicto fosse lido". O juiz Richter respondeu que "não tinha liberdade para ouvir qualquer declaração até que o veredicto fosse recebido e lido".

Alguns momentos tensos de silêncio se seguiram enquanto o Foreman Mills passava o pedaço de papel branco para o oficial de justiça Matz, que o entregou ao juiz Richter. Depois de dar o veredicto em pauta, Richter limpou a voz e leu:

"Consideramos o réu culpado de incêndio criminoso".

A multidão, tendo sido avisada de que nenhuma manifestação seria tolerada, ouviu o veredicto em silêncio. Ray pareceu enrubescer, depois ficar pálido, e aqueles que o observavam de perto notaram um "leve tremor em suas mãos". Caso contrário, ele não mostrou nenhuma reação. Seus advogados, no entanto - que "pareciam levar o golpe com mais força do que o próprio prisioneiro" - avançaram,

como se estivessem prestes a oferecer um protesto raivoso, antes de "verificarem a si mesmos".

Depois de ler o veredicto, o juiz Richter perguntou a Foreman Mills se ele ainda se importava em fazer sua declaração, mas Mills recusou a oferta, dizendo que "não adiantaria agora". Depois de receber os agradecimentos do juiz e do promotor Smith por sua "consideração cuidadosa e conscienciosa do caso", os doze homens foram dispensados e Lamphere recebeu ordem de permanecer de pé.

"Você tem alguma razão para declarar por que a sentença não deve ser pronunciada sobre você?" perguntou o juiz Richter.

Ray - com o rosto abatido, os olhos baixos, as mãos postas diante de si

"como se seus pulsos ainda estivessem algemados"

- respondeu lentamente: "Não tenho nada a dizer neste momento."

Com isso, o juiz Richter o sentenciou à prisão estadual na cidade de Michigan por um período indeterminado de dois a vinte e um anos, multou-o em US \$ 5.000 e o privou de seus direitos por cinco anos. O tribunal então instruiu o vice-xerife a escoltá-lo de volta à prisão do condado.

Com um certo grau de hipérbole - e um certo orgulho cívico pela notoriedade recém-descoberta de sua cidade - Edward Molloy do La Porte Weekly Herald declarou que a condenação de Ray "encerrou um dos julgamentos de assassinato mais famosos da história do mundo": Em cada cidade, em cada povoado e em cada povoado e até nas encruzilhadas, lugares de fato, por mais remotos que fossem, aos quais tinham acesso o telégrafo, os correios e os jornais, as pessoas assistiam ao julgamento. Eles acompanharam o caso desde o início. Eles devoraram cada linha impressa pelos jornais e formaram teorias sobre os vários aspectos do caso. Os

jornais e as associações de notícias estavam loucos para obter todas as notícias disponíveis.

Dois minutos depois que o juiz Richter leu o veredicto, ele foi transmitido por fio a todos os pontos da bússola. Os telegramas levaram a notícia para a Europa e outras terras estrangeiras.

Entrevistado em sua cela naquela noite por Molloy, Ray parecia reconciliado com seu destino.

"Poderia ter sido pior", disse ele. "Não tenho nenhuma reclamação em particular. As evidências eram muito fortes contra mim, então estou disposto a tomar meu remédio. Claro, eu esperava a absolvição, mas minha consciência está limpa, e isso ajuda um pouco. "

Na esperança de resolver algumas das questões polêmicas levantadas durante o julgamento, Molloy perguntou a Ray por que ele "não despertou as pessoas quando você viu o incêndio naquela manhã, se você não o incendiou".

"Bem", disse Ray, "suponho que se eu tivesse percebido o que iria acontecer e soubesse o que sei agora, acho que teria feito isso. Fiquei com medo e fiz coisas que não deveria ter feito, e isso fez com que parecesse ruim. "

"Você acredita que a Sra. Guinness está viva ou morta?" Molloy perguntou.

"Oh, ela está morta, certo", disse Ray. "Aquele era o corpo dela e os filhos que encontraram no fogo."

"Diga-me uma coisa, Ray", disse Molloy. "O que você realmente viu naquela noite em que voltou da cidade de Michigan, a noite em que Helgelien desapareceu?"

Ray foi enfático. "Não vi nada", disse ele.

Molloy tentou pressioná-lo para obter mais detalhes sobre o assunto, mas nesse ponto Ray se calou, explicando que seu advogado, Wirt Worden,

“havia lhe dito para não fazer nenhuma confissão”.

"Mas o que importa, agora que você foi condenado?" disse Molloy. "Eles não podem tentar você de novo."

Ray apenas balançou a cabeça e repetiu que estava seguindo as instruções do advogado.

Depois que Molloy saiu, Ray pediu ao xerife Smutzer uma folha de papel, uma caneta e um pouco de tinta e escreveu uma carta para sua mãe.

“Querida mãe,” ele começou. “Vou tentar escrever algumas linhas para que saiba como estou”: Acabei de voltar do tribunal onde fui pegar minha sentença. Fiquei um tanto decepcionado, embora as circunstâncias fossem contra mim, mas, mãe, não sou culpado e diante de Deus não sou um criminoso, mesmo que seja aos olhos do povo.

Não se preocupe comigo, mãe, porque poderia ter sido pior. Pensei muitas vezes, desde que estou aqui na prisão, que é um milagre não ter encontrado um lugar de descanso em seu cemitério particular, então, mãe, não se preocupe porque estou entre os vivos com a consciência limpa e sei que nunca fez mal a ninguém. Agora, mãe, sei que você está quase com o coração partido, mas tente se consolar com o fato de que sou inocente.

Claro que é difícil para mim, mas não tão difícil quanto seria se eu fosse culpado.

“Agora, mamãe, anime-se”, concluiu. “Não se preocupe comigo, e eu vou te ver algum dia. Adeus do seu filho, Ray. ”

Com o julgamento encerrado, Ray, aliviado da tensão da incerteza, dormiu profundamente na noite de quinta-feira. A carta ainda não havia sido enviada na manhã seguinte, quando Ray foi levado ao escritório do xerife Smutzer. Momentos depois, sua mãe e sua irmã, Sra. Pearl Steele, entraram, a dupla viajando de trem de South Bend para se despedir dele.

O xerife Smutzer disponibilizou seu escritório para a triste ocasião. Apoiada pela filha, a mulher de 70 anos começou a chorar ao abraçar o filho.

"Ray, eu sei que você é inocente", disse ela entre soluços. "Sua mãe ainda acredita em você."

Os olhos de Ray umedeceram, mas por outro lado ele manteve o controle de suas emoções.

Momentos depois, sabendo que "talvez não vivesse para ver seu filho rebelde novamente", a idosa foi retirada do escritório em um estado de quase colapso.

Lamphere pode ter aceitado seu destino com serenidade, mas o mesmo não poderia ser dito de Wirt Worden, que deu vazão à sua indignação. Falando aos repórteres na prisão naquela manhã, ele denunciou o veredicto como

"ridículo.

"Não havia absolutamente nenhum fundamento e nenhuma evidência para apoiar", disse ele amargamente. "Vamos apresentar uma moção para um novo julgamento na segunda-feira. Se isso for negado, levaremos o recurso ao supremo tribunal. "

Ninguém duvidou da sinceridade de Worden, embora um apelo parecesse improvável. Para começar, havia a despesa - \$ 500 apenas para uma transcrição. Além disso, levaria pelo menos dois anos para

que o caso chegasse à suprema corte estadual e, nessa época, como observou o Herald,

"o prazo mínimo da sentença de Lamphere teria expirado e seria melhor trabalhar para sua libertação em liberdade condicional." Mesmo se a decisão fosse revertida em um recurso e o estado se negasse a repetir o caso, Ray dificilmente poderia contar com a retirada de um homem livre, já que Smith havia deixado claro que estava preparado para apresentar acusações contra Lamphere pelo assassinato de Andrew Helgelien. O

consenso entre os observadores era que, assim que suas emoções esfriassem, os advogados de Ray "perceberiam que seu cliente, por mero acaso, escapou de uma punição mais severa e isso. . . a melhor coisa para

[Lamphere] é aceitar o veredicto da forma mais graciosa possível. "

A decisão do júri, ao que se constatou, havia sido um meio-termo entre dez homens que defendiam um veredicto de homicídio em segundo grau com pena de prisão perpétua e dois obstinados obstinados, um que defendia um veredicto de incêndio criminoso, outro que queria absolvê-lo. Entre os redatores de jornais de todo o Meio-Oeste, o consenso era que a decisão tinha pouco sentido jurídico ou lógico. Nas palavras de um típico comentarista, "O resultado do julgamento foi peculiar": De acordo com o julgamento do júri, Lamphere foi culpado de incêndio criminoso, mas foi absolvido da acusação de assassinar a Sra. Guinness e seus filhos, que foram incinerados no incêndio. É uma grande tensão sobre a imaginação conceber como seria possível que o réu fosse considerado culpado de incêndio criminoso sem ser condenado também por homicídio. . .

Nessas circunstâncias, o retorno de um veredicto de incêndio criminoso é uma caricatura de justiça [e] não pode ser visto como nada além de quase absurdamente inconsistente.

Além de seus defensores obstinados, praticamente todos pareciam sentir que o júri havia deixado Lamphere facilmente.

Um escritor sarcástico do Chicago Daily News observou que, se a Sra.

Gunness estivesse em julgamento em vez de Lamphere, o júri provavelmente a teria considerado culpada de nada pior do que operar um cemitério sem licença.

Houve um editorialista que se sentiu diferente. Ele concordou que Lamphere deveria ter sido considerado culpado de assassinato. Mas, pelo menos quando se tratava da "ogra", não havia razão para o júri impor uma sentença dura. "Se Lamphere tirou a vida de Belle Gunness", opinou o escritor, "ele deveria ter recebido uma medalha de ouro".

No início da tarde de sexta-feira, Ray foi levado em um bonde interurbano para a cidade de Michigan. Junto com o xerife Smutzer, ele estava acompanhado por vários jornalistas. Ele conversou facilmente com eles, repetindo várias vezes que estava "indo para a prisão com a consciência limpa". Quando um dos repórteres perguntou o que ele queria dizer com isso, Ray respondeu: "Não fiz mais do que centenas de outras pessoas fariam em meu lugar" - um comentário que, aos ouvidos de seus ouvintes,

"parecia muito perto de uma confissão. "

No geral, ele parecia relaxado, até surpreendentemente alegre, a certa altura assobiando "Espere até o sol brilhar, Nellie" enquanto olhava pela janela. Um carro estava esperando na parada do bonde da cidade de Michigan para levá-lo pelo resto do caminho. "Tenho sorte de estar aqui,"

ele meditou em voz alta quando a prisão apareceu. "Muita sorte. Ora, eu posso ter sido picado e colocado em um buraco no galinheiro da velha Gunness. "

Com Smutzer ainda ao seu lado, foi escoltado até a janela do escrivão, onde seu nome foi inscrito no registro e recebeu o número de condenado: 4.140.

Ele foi então levado para a sala de recepção para um banho, fotografado e medido na sala de Bertillon, e recebeu seu terno cinza de prisão.

Antes de ser conduzido para sua cela, ele apertou a mão do xerife Smutzer,

“agradeceu-lhe o excelente tratamento que recebeu na prisão do condado durante os seis meses em que esteve confinado ali e pediu-lhe que dissesse boas palavras por ele quando seu o pedido deve chegar ao conselho de liberdade condicional em alguns anos. ”

Antes mesmo de passar sua primeira noite atrás das muralhas daquela fortaleza sombria, Ray, como relataram os jornais, estava "ansioso pelo fim de sua sentença mínima, quando seria elegível para liberdade condicional".

CONCLUSÃO

UM MISTÉRIO QUE NUNCA SERÁ TOTALMENTE

RESOLVIDO

CONFISSÕES

Em sua batalha contínua pela supremacia nas bancas de jornal, William Randolph Hearst e seu rival da imprensa amarela, Joseph Pulitzer, embalaram seus suplementos de revistas de domingo com as histórias mais sensacionalistas - e muitas vezes totalmente fabricadas. Uma característica recorrente favorita era a "confissão" de um notório assassino, apresentada como exclusividade de um grande jornal, embora, na maioria das vezes, fosse uma fraude descarada inventada por algum redator anônimo da equipe. Ocasionalmente, o criminoso em questão era pago para atestar a autenticidade da peça, embora muitas vezes ela fosse escrita e divulgada sem o consentimento - ou mesmo o conhecimento - do prisioneiro que supostamente a havia fornecido.

Típico dessas fraudes descaradas foi a propagação de duas páginas publicada com muito alarde na revista de 9 de maio de 1909, Sunday Magazine do Pulitzer St. Louis Post-Dispatch, com o título "Confissão de Ray Lamphere". Desde o momento de sua prisão, diz a história, Lamphere -

"o caso da Esfinge do Guinness" - manteve um silêncio constante.

"Durante os tempos de tensão que se seguiram à descoberta dos corpos na fazenda Guinness, ele se absteve de fazer qualquer declaração. Ele resistiu a horas de suor da meia-noite. "

Recentemente, no entanto, ele foi "visto por um correspondente do Sunday Post-Dispatch ", a quem - por razões não explicadas pelo jornal - Ray decidiu se "desmanchar".

Apesar da ilustração sinistra que acompanha a peça - um desenho em preto e branco de Ray esgueirando-se para baixo em um porão assustador pendurado com cortes de carne que podem ser presunto ou carne humana -

a "confissão" é pouco mais do que uma repetição maçante de fatos familiares, apimentados com algumas "revelações" fabricadas. Além de alegar que Belle se ofereceu "para se casar comigo se eu tivesse minha vida segurada", o narrador descreve a noite em que ele inesperadamente retornou de Michigan City com John Rye, em seguida, foi sozinho para a fazenda Guinness: Dei a volta para o lado da casa onde ficavam os degraus do porão e entrei no porão. A Sra. Guinness e Helgelien estavam na sala de estar acima. Eu podia ouvir suas vozes e, de vez em quando, conseguia ouvir uma palavra, mas não sabia dizer sobre o que estavam falando. Os sons que ouvi me fizeram pensar que Helgelien estava doente ou bêbado.

Não percebi então, mas não tenho dúvidas agora de que a mulher lhe deu veneno na cerveja e que estava começando a fazer efeito. Ela sempre mantinha cerveja engarrafada em casa e seria fácil para ela colocar veneno em um copo de cerveja. Fiquei lá entre meia hora e uma hora. O tempo todo eu ouvia Helgelien fazendo sons como se estivesse doente [Na manhã seguinte] Helgelien não estava lá. A Sra. Guinness disse que ele havia voltado para casa. Não suspeitei então que ela o tivesse matado.

"Pela primeira vez", proclamou o jornal, obteve "testemunho direto"

provando que a Sra. Guinness "matou suas vítimas com veneno" - um golpe jornalístico impressionante, caso a confissão anunciada fosse autêntica.

Ray nunca terminaria sua sentença mínima de dois anos. A hemorragia que ele sofreu no segundo dia de julgamento acabou sendo, como seu médico havia reconhecido, o sinal de uma tuberculose incipiente. Em outubro de 1909 - menos de um ano após sua condenação - ficou claro que ele estava morrendo.

Na esperança de obter a libertação de Ray, seu cunhado, HL Finley de La Porte, viajou para Indianápolis para uma reunião com o governador Thomas R. Marshall e foi informado pelo secretário de

Marshall, Mark Thistlewaite, que o conselho de liberdade condicional do estado não se reuniria até início de dezembro.

"Lamphere voltará para casa em uma caixa antes disso", foi a resposta sombria de Finley.

Ele então apelou ao governador por um perdão imediato. Levando o assunto em consideração, Marshall contactou o diretor James D. Reid da Prisão Estadual de Indiana e William Antiss, agora xerife de La Porte. Reid acreditava que nenhum bom propósito seria alcançado ao libertar Lamphere, "já que na prisão ele teve o melhor atendimento e estava mais confortável do que em casa". Antiss achava que Lamphere não merecia perdão, "pois ele não havia contado tudo o que sabia sobre o caso Guinness".

Ele aconselhou que Lamphere permanecesse na prisão até que ele "destravasse os lábios".

De acordo com reportagens de jornais, as autoridades, entre elas o procurador Ralph Smith, estavam "convencidas de que

[Lamphere] fará uma confissão esclarecendo todos os detalhes do mistério da fazenda da morte de Guinness quando perceber que o fim está próximo".

Sua previsão confiante provou ser uma ilusão. Na tarde de quinta-feira, 30

de dezembro, Ray começou a falhar tão rapidamente que, embora sua irmã, a Sra. Finley, tenha sido imediatamente notificada por telefone, ele já

estava morto quando ela chegou algumas horas depois. Ele tinha trinta e oito anos.

“Morreu com o mistério da arma não resolvido”, relatou o Indianápolis News na sexta-feira: Qualquer que fosse o conhecimento que Lamphere tivesse da noite em que a casa dos Guinness foi totalmente queimada, foi com ele para o túmulo, pois ele não fez nenhuma declaração antes de sua morte que pudesse lançar qualquer luz sobre o caso Guinness. Aqueles que esperavam que ele confessasse antes de morrer ficaram desapontados, assim como aqueles que esperavam que nos momentos de sua morte ele provasse sua inocência.

O fato de Ray ter sido absolvido das acusações de homicídio contra ele e ter morrido sem admitir qualquer culpa não impediu uma série de jornais de identificá-lo em seus avisos de obituário como “Ray Lamphere, o assassino da Sra. Belle Guinness e seus filhos”.

O velório de Ray foi realizado na casa de sua irmã no domingo, 2 de janeiro de 1910. Junto com a Sra. Finley e seu marido, os participantes incluíram o irmão de Ray e a mãe idosa. Posteriormente, seu corpo foi transportado para o cemitério de Rossville para sepultamento. O oficiante do funeral foi o reverendo CR Parker da Primeira Igreja Batista, que escolheu como tema um versículo de Gênesis 18, que trata da destruição justa de Sodoma e Gomorra por Deus.

Durante sua longa prisão na prisão do condado de La Porte enquanto aguardava o início de seu julgamento, Ray tinha sido visitado regularmente por outro homem do tecido: o reverendo Edwin A. Schell, até recentemente pastor da Primeira Igreja Metodista de La Porte. Nascido em Deer Creek, Indiana, e graduado pela Northwestern University, Schell, de 48 anos, após

uma carreira distinta como ministro, administrador de igreja e escritor de revistas populares, foi nomeado presidente da Iowa Wesleyan University apenas semanas antes do incêndio do Guinness. No dia da prisão de Ray, ele foi uma das primeiras pessoas a falar

com o prisioneiro. Posteriormente, entrevistado por repórteres, Schell atestou o caráter essencialmente inofensivo de Ray.

“Ele não é um homem perverso”, disse Schell, “apenas o filho de um fazendeiro que adquiriu um pouco de conhecimento sobre o ofício de carpinteiro e, é claro, não se pode esperar que tenha uma alta classificação mental. Mas há pouco em sua vida passada para acreditar que ele seria culpado do crime de demitir uma casa contendo quatro pessoas. Ele é um toper e suas relações com as mulheres estão abertas a críticas. Mas ele não é um homem mau. ”

Nas semanas seguintes, Schell se tornou o confidente mais próximo de Ray, envolvendo-o em conversas emocionantes que às vezes duravam várias horas. Aborrecido por repórteres após uma dessas conversas, Schell se recusou a repetir o que Ray havia dito a ele, insistindo que “as comunicações de Lamphere para mim são totalmente privilegiadas”.

Em várias ocasiões subsequentes, no entanto, Schell não resistiu a distribuir pedaços tentadores de informações supostamente confidenciais, afirmando inequivocamente que “as crianças Guinness foram cloroformizadas” antes do incêndio e “o corpo da mulher encontrado nas ruínas não era o da Sra. Guinness, “Que estava” ainda vivo “. Questionado sobre o envolvimento de Ray nas atrocidades da Guinness, Schell surpreendeu seus ouvintes ao responder que “tinha certeza de que

[Lamphere] era inocente de tudo, exceto do assassinato de Helgelien. Mas deste último ele tinha muito ciúme. ” Quando um repórter perguntou se Schell estava dizendo que Ray havia confessado o assassinato de Helgelien,

Schell se calou, declarando solenemente “não seria certo” responder a essa pergunta, uma vez que os fatos divulgados por Ray eram “tão inviolavelmente sagrados quanto os segredos de o confessionário deveria ser. ”

Tendo insinuado por tanto tempo que estava de posse dos segredos mais sombrios de Ray, Schell voltou a ser pressionado a revelá-los assim que Ray estivesse enterrado. Como antes, ele foi firme em sua recusa. "É dever do ministro ouvir a confissão e implorar ao criminoso para fazer restituição ou instá-lo a fazer suas declarações aos tribunais", disse ele a repórteres em 10

de janeiro. "Se eu revelasse essa confiança, o ministério ficaria desacreditado e perderiam parte de seu poder de fazer o bem ouvindo confissões. Espero ser criticado quer decida revelar a afirmação ou não. O

ministério e os homens da igreja vão me criticar se eu revelar, e outras pessoas do público vão me criticar se eu não fizer".

Em suma, disse Schell com um suspiro, ele desejou que Ray nunca tivesse feito confidências a ele. "Eu daria \$ 500 se não tivesse ouvido a história contada por Lamphere."

Na quinta-feira, 13 de janeiro de 1910 - três dias depois de Schell fazer essa declaração - a primeira página do St. Louis Post-Dispatch trazia uma manchete surpreendente: "A confissão elimina o mistério das armas.

Detalhes da declaração de morte de Lamphere dada ao pós-despacho . "

De acordo com a história protegida por direitos autorais (que não fez menção à confissão supostamente exclusiva publicada pelo jornal oito meses antes), dias antes de sua morte, "quando ele acreditava que a eternidade estava próxima", Ray Lamphere "desabafou com uma confissão que esclarece o mistério da Guinness, o clássico do crime de uma geração

". A confissão - "até agora supostamente feita apenas ao Rev. EA Schell" -

foi dada "a um homem de caráter e veracidade inatacáveis, cuja posição na

comunidade é tal que sua palavra é aceita sem questionamento." Essa fonte incontestável - que, por "boas razões" próprias, insistiu no anonimato - foi rastreada por "um correspondente da equipe do Post-Dispatch em uma busca que se estendeu por seis estados.

"O correspondente da equipe do Post-Dispatch verificou plenamente o fato de que esse homem teve uma entrevista com Ray Lamphere, conforme ele afirma que teve, nas condições que ele descreve", continua o artigo. A confissão, ditada por Ray, "foi escrita na época em que foi dada".

Infelizmente, "apenas uma cópia" foi feita. Aquela cópia, "que foi deixada com Lamphere", evidentemente havia desaparecido. No entanto, "embora o Post-Dispatch não tenha sido capaz de encontrar o registro escrito da confissão, ele obteve seus detalhes essenciais de tal fonte que não pode haver dúvida sobre sua autenticidade. Não há razão para duvidar que as declarações agora tornadas públicas pela primeira vez são substancialmente como saíram dos lábios de Ray Lamphere. "

Em contraste com a confissão ostensiva que aparecera no mês de maio anterior, que pouco oferecia em termos de novas informações, a atual estava repleta de revelações dramáticas. Pouco depois de Ray começar a trabalhar para Belle - dizia a história - um norueguês chegara à fazenda em resposta a um de seus anúncios matrimoniais. "Este homem foi dormir uma noite e nunca mais acordou. Na hora escura antes do amanhecer, a Sra.

Gunness acordou Lamphere e ordenou que ele carregasse algo em uma mochila para o pátio da fazenda, onde um buraco havia sido cavado como um receptáculo ostensivo para o lixo. O saco de armas e algo dentro dele foram jogados no buraco e um montículo de terra foi colocado em cima dele.

Em um mês, "outro homem veio à fazenda", trazendo "todo o seu dinheiro de Wisconsin ou Minnesota". Algumas "noites depois, houve outro trabalho

de enterro para Lamphere". Quando Ray ajudou a se desfazer de um terceiro saco de armas cheio de cadáveres, ele se tornou um cúmplice voluntário, remunerado por seus serviços com dinheiro suficiente "para gastar em bebida e jogo nos bares de La Porte". Cada vez que Belle esperava uma nova chegada, ela mandava Ray à cidade para comprar clorofórmio, que ela usava para matar suas vítimas durante o sono. Nas ocasiões em que "o clorofórmio por si só não os matava", ela "cortava suas cabeças com um machado de gume afiado.

"Então veio Andrew Helgelien", continuou a confissão. Ordenado a sair de casa, Ray esperou até que Helgelien e a Sra.

Gunness estivessem dirigindo um dia, então voltou para dentro e fez um buraco no chão da sala de estar de modo que não fosse descoberto, mas que lhe permitiria ouvir e ver o que se passava na sala. Quando a sra.

Gunness o mandou para Michigan City em uma missão fictícia e disselhe para ficar a noite toda, ele suspeitou que a hora de Helgelien havia chegado.

Ele voltou à noite contra as ordens dela e rastejou para o porão. Algo que a sra. Gunness dera a Helgelien o deixara doente.

Ele estava gemendo de grande angústia. "Pelo amor de Deus, chame um médico", Lamphere ouviu-o dizer, mas a sra.

Gunness disselhe que logo melhoraria. Logo ele sucumbiu ao efeito do veneno e caiu da cadeira no chão. Lamphere, olhando pelo buraco no chão, viu a Sra. Gunness desferir o golpe que acabou com a vida de Helgelien. Ele foi embora então, e só na noite seguinte a

mulher o chamou para ajudá-la a enterrar um corpo costurado em uma mochila.

Quando Lamphere exigiu “uma parcela maior dos lucros”, os dois brigaram amargamente e “a sra. Guinness o expulsou da fazenda. ” Indo para seu bar favorito, Lamphere começou a engolir uísques e meditar sobre o dinheiro que achava que tinha direito. “Ele acreditava que não havia menos de US \$

1.500 escondidos sobre a casa. Quanto mais ele bebia, mais convencido ficava de que a Sra. Guinness não havia lhe dado um negócio justo. ”

Nas primeiras horas da manhã de 28 de abril, um Lamphere embriagado, equipado com “um pouco do clorofórmio que havia sido comprado com o dinheiro da Sra. Guinness” e acompanhado por uma companheira,

“esgueirou-se pelos cedros em direção à casa silenciosa no topo da colina.

Foi algo que Lamphere, sóbrio, não teria empreendido. Mas Lamphere, bêbado, teve bravata suficiente para tentar. ”

O cão Guinness, que teria armado uma raquete com a intrusão de um estranho, foi “silenciado com uma palavra” do familiar ex-lavrador.

Entrando sorrateiramente nos quartos da Sra. Guinness e seus filhos, Lamphere - que havia aprendido a técnica de seu antigo empregador

-

clorofórmio em todos eles. Então ele e seu companheiro saquearam a casa à luz de velas. Para sua decepção, eles encontraram menos de setenta dólares. A essa altura, o amanhecer estava começando a nascer.

Abandonando a busca, eles saíram correndo. Enquanto Lamphere se dirigia para a fazenda "onde ele iria trabalhar naquele dia, ele olhou para trás e viu fumaça e chamas saindo da casa na colina".

Ray insistiu que ele "não iniciou o incêndio intencionalmente". Ele "não desejava a morte das crianças Guinness. Ele não era um monstro a ponto de desejar queimar crianças adormecidas em suas camas. Ele nem mesmo pretendia matar a Sra. Guinness. " Aparentemente, ele havia inadvertidamente deixado uma vela acesa para trás, o que provocou o incêndio.

O mais importante entre os fatos supostamente estabelecidos pela confissão foi "que a Sra. Guinness está morta": O corpo adulto encontrado nas ruínas fumegantes da casa da fazenda Guinness era o corpo da Sra. Belle Guinness.

Ela estava sob a influência de clorofórmio quando a fumaça subiu pelas fendas e a sufocou. Ela morreu com a cabeça do filho apoiada no peito. Ele também foi cloroformizado e morreu sem acordar. Nenhum dos dois sabia de nada quando as duas meninas, Murta e Lucy, não tão completamente clorofórmicas como a mulher e o menino, acordaram para seu perigo e correram para o quarto da mãe e se jogaram sobre a mulher, implorando ajuda. Eles morreram ali com a mulher e o menino, misericordiosamente sufocados pela fumaça antes que as chamas lambessem a carne tenra.

Houve outra revelação, talvez ainda mais surpreendente. Quando Ray entrou furtivamente na casa da fazenda Guinness naquela noite, ele encontrou uma quinta pessoa dormindo em um dos quartos - Jennie Olsen!

A Sra. Guinness na verdade "mandou Jennie para a escola na Califórnia por um tempo, mas ela voltou, e a Sra. Guinness, por motivos próprios, a manteve escondida em casa. Lamphere a encontrou quando foi lá naquela noite e a aplicou clorofórmio, e ela morreu deitada em sua cama. Com seu corpo esguio, as chamas

funcionaram tão bem que os pesquisadores que vasculharam os destroços quentes no dia seguinte encontraram apenas os outros quatro corpos.

Quanto à garota exumada do cemitério de Guinness e amplamente considerada como sendo Jennie, sua identidade "acrescentou outro mistério ao caso".

A suposta confissão de Ray chegou às manchetes de jornais de todo o país, do Los Angeles Herald ao New York Times.

Em La Porte, a reação foi uniformemente desdenhosa. "Ninguém aqui acredita na história", relatou o correspondente do Cincinnati Enquirer .

Tanto Wirt Worden quanto Ralph N. Smith zombaram de cada suposta revelação, ridicularizando todo o relato como "uma história da variedade galo e touro".

Pressionado a revelar a fonte da confissão, o editor do Post-Dispatch manteve sua recusa em divulgar o nome da pessoa, defendendo sua decisão com base na prática jornalística de longa data. "Nas redações de jornais", escreveu ele, "é bem sabido que muitas vezes informações valiosas são obtidas sob uma promessa inviolável de confiança, e que tal promessa nunca é quebrada, a menos que o jornal seja divulgado pela pessoa a quem é feito. . . o nome do homem que recebeu a confissão de Lamphere nunca será divulgado pelo Post-Dispatch, a menos que a permissão seja dada por este homem, o que parece altamente improvável. " Ele, no entanto, deu uma dica muito forte quanto à identidade de sua fonte anônima, declarando que

"o reverendo Schell poderia verificar a confissão, se consentisse em quebrar seu silêncio".

Assediado por repórteres em sua casa em Burlington, Iowa, na sexta-feira, 14 de janeiro, Schell "reiterou que não havia divulgado

tal confissão a qualquer pessoa”.

No dia seguinte, no entanto, ele sucumbiu à pressão. Convocando um repórter do Chicago Tribune a seu escritório na Iowa Wesleyan University, o pastor finalmente quebrou seu longo silêncio, ditando uma declaração que apareceu na primeira página da edição do dia seguinte sob o título “Dr.

Schell Bares Lamphere Secret. ”

“Em vista dos relatos conflitantes que continuam a manter vivo o interesse no caso Gunness”, Schell começou, “e os interrogatórios que devem surgir continuamente nas mentes de amigos entristecidos e reconhecendo que os principais fatos já foram tornados públicos, concluí para me isentar de responsabilidades adicionais comunicando ao público por meio do Chicago Tribune os detalhes de minhas três conversas com o falecido Ray Lamphere na prisão de La Porte, as declarações que ele fez para mim e as circunstâncias em que foram feitas ”.

Schell se lembrou da primeira vez que ouviu sobre o incêndio na casa dos Gunness "na manhã da última segunda-feira" de abril de 1908 e descreveu sua tristeza ao saber da morte das três crianças, "que frequentavam minha escola dominical, uma brilhante, rapaz cativante de 5 anos e duas meninas, talvez de 7 e 9. Eu tinha visto as crianças andando em um carrinho de pônei no outono anterior e várias vezes notei o menino na classe infantil. Por sugestão de JP Rupel, o superintendente da escola dominical, organizamos um breve serviço memorial para a escola dominical na manhã do domingo seguinte. ”

Poucos dias depois, Ray Lamphere foi preso. Naquela sexta-feira, "por sugestão do Procurador Smith e entendendo que era o desejo de Lamphere, liguei para a prisão para aconselhá-lo e talvez receber sua confissão".

Lamphere, disse Schell, "estava agitado ao extremo. Gotas de suor estavam em sua testa, suas mãos tremiam e seu nervosismo era claramente perceptível. . . Ele disse que achava que eles o enforcariam, mas que ele era inocente do assassinato. "

Durante aquela primeira conversa, Lamphere "negou que tenha posto fogo na casa e me contou como dormiu na casa de uma negra até as 3 da manhã, depois partiu para a casa de um parente no campo, e em passando pela casa dos Guinness viu que estava pegando fogo, mas estando com raiva da Sra.

Guinness e não mais trabalhando para ela, ele passou apressado. Ele então disse que chegou à casa de seu parente no país, cerca de quatro milhas adiante, por volta das 4 horas. "

Depois de deixar Lamphere, Schell fez algumas perguntas e voltou para a prisão "logo depois do jantar no mesmo dia e disse a ele que eu soube que ele não havia encontrado seu parente antes das 6 horas daquela manhã. "

Confrontado com esta inconsistência, Ray agora "disse que ao pensar no assunto, lembrou-se que voltou para a cama depois de acordar às 3 da

manhã e que a negra tomou o pequeno-almoço por volta das 4 da manhã e que não começou tão cedo como ele pensava, como se lembrava do trem do Lago Erie passando assim que ele cruzou a linha ao norte do lago. Ele também disse que em vez de passar diretamente pela casa, como havia dito pela manhã, ele pegou a estrada mais a leste e do outro lado do lago e só viu a casa à distância ".

Suavemente repreendendo Lamphere por prevaricar, Schell "o aconselhou que, se ele quisesse minha simpatia, orações e ajuda, deveria permanecer em silêncio ou dizer a verdade exata. Prometi não contar ao promotor. " Os dois homens então iniciaram uma "conversa geral sobre a Sra. Guinness".

Finalmente, "depois de cerca de duas horas", Lamphere falou sobre os acontecimentos daquela noite fatídica.

Ele "tinha relações íntimas com a Sra. Guinness desde junho de 1907", explicou Ray. "Três vezes a pedido dela", ele comprou clorofórmio e uma vez "cavou um buraco no lote de porcos para ela e ajudou-a a colocar o corpo de alguém que ela disse ter morrido repentinamente perto da casa, e ela pensou a maneira mais fácil era para encobri-lo e não dizer nada sobre isso. "

Ray insistiu que "não tinha suspeitas de que a Sra. Guinness tivesse assassinado alguém até uma noite quando voltou repentinamente de Michigan City e, tendo feito alguns furos em uma parede, a viu administrar um pouco de clorofórmio em um homem e acertá-lo nas costas de a cabeça com uma machadinha. Temendo-a depois disso, ele parou de trabalhar para ela e voltou para casa apenas ocasionalmente para receber seu salário ainda devido. "

Quando Schell respondeu que não estava totalmente convencido pela história - "que era contraditório em muitos detalhes" - Ray admitiu que

"havia recebido dinheiro da Sra. Guinness várias vezes, fazendo-a 'pagar' ou ele contaria dela. Uma vez, ela deu a ele \$ 50. Em outro momento, \$ 15 e novamente \$ 5. Ele então iria para os bares e quando estivesse sóbrio, descobriria que todo o dinheiro tinha acabado. " No sábado à noite antes do incêndio, ele foi à casa dela e, lembrando-a de que havia testemunhado o assassinato de Helgelien, exigiu mais dinheiro para se calar. "Ela se recusou a dar a ele mais de US \$ 1, e ele disse que iria se vingar dela."

A pedido de Schell, Ray passou a detalhar os eventos da noite da conflagração: No domingo à noite, depois de ele e a negra terem bebido por volta das 11 horas, os dois foram juntos à casa dos Guinness, entrando por uma chave que ele tinha e entrando em silêncio para não incomodar outro empregado que estava em a casa.

Com um pouco do clorofórmio que ele comprou para a Sra. Guinness antes de Helgelien desaparecer e parte do qual ele guardou em outra garrafa, os dois deram à Sra. Guinness um pouco de clorofórmio, segurando-o sob seu nariz até que ela ficasse quieta. O menino estava na cama com ela. Eles então deram um pouco para as duas meninas que estavam em outra sala.

Ele não conseguia explicar como todos estavam juntos quando encontrados.

Ele não sabia, estava muito bêbado, mas era assim que ele se lembrava.

Ele e a negra procuraram então a grande soma de dinheiro que tinham certeza que estava escondida na casa, mas encontraram apenas uma pequena quantia. Ele não incendiou a casa, embora não tivesse certeza de que a negra não o tivesse feito, pois ela estava tão bêbada quanto ele. Ele protestou vigorosamente que não havia arranjado uma vela de forma que queimasse e depois colocasse fogo no local, e que ele não tinha nada em mente além de conseguir dinheiro suficiente para se divertir "muito". Ele e a negra saíram de casa juntos, e a certa altura da estrada ela voltou para casa e ele saiu correndo, com muito medo porque viu a casa pegando fogo.

Depois de ouvir a declaração de Ray, Schell foi para casa e a transcreveu de memória em duas folhas de papel, que mostrou a Ray no dia seguinte.

Instado a compartilhá-lo com o promotor Smith "e salvar o condado dos custos do julgamento e suas irmãs as despesas de defendê-lo", Ray

"concordou em assiná-lo e entregá-lo ao promotor". Schell então se encontrou com Smith e "disse a ele que Lamphere iria se confessar". Isso, segundo o pastor, foi o fim de seu envolvimento com Lamphere.

“Ainda sinto que a comunicação foi privilegiada”, disse Schell ao repórter do Tribune , “que devo a suas irmãs a recusa de torná-la pública até agora, e que a igreja cujo ministro eu era em La Porte tinha o direito de esperar silêncio da minha parte, e essa falha de minha parte em manter a confiança em segredo pode impedir outros que precisam do encorajamento de um pregador cristão de abrir seu coração para algum homem de Deus. ”

A alegação do Chicago Tribune de que havia marcado um golpe jornalístico com a declaração de Schell foi recebida com desprezo pelo St. Louis Post-Dispatch , que afirmou que o "furo" ostensivo do Tribune apenas corroborou o que o Post-Dispatch já havia publicado dois dias antes. Longe de repercutir no crédito do Tribune , “a publicação da confissão enfatiza o lema do Post-Dispatch , 'First in Everything'. - Primeiro em Tudo-.”

Livre de sua promessa de confidencialidade, o Post-Dispatch agora confirmava o que muitos suspeitavam o tempo todo: que sua fonte anônima era o reverendo Schell. Em uma matéria de primeira página no sábado, 15

de janeiro, FA Behymer, o repórter que obteve a confissão de Schell, fez um relato completo do episódio - uma “história fascinante de recursos e empreendimentos de jornais” que levou a “este notável conquista na coleta de notícias. ”

Behymer - que foi trabalhar para o jornal aos 18 anos e permaneceria na equipe pelos próximos 64 anos até sua - aposentadoria em 1952 viajou para a casa de Schell's Iowa no domingo, 9 de janeiro, onde ele soube pela esposa do pastor que seu marido “tinha ido para Adair, a 200 milhas no alto do estado, para dedicar uma igreja. A Sra. Schell disse que seu marido havia falado a última palavra sobre a confissão de Lamphere e seria inútil vê-lo. ”

Implacável, Behymer foi para Adair, onde encontrou o pastor "em uma casa em que estava sendo entretido". "Seguindo uma linha de ataque planejada", Behymer então engajou Schell em uma discussão sobre o crime. Sentindo que o pastor "pensava que o mundo deveria saber a verdade", mas se sentiu constrangido por sua promessa de confidencialidade, Behymer procedeu indiretamente. Em vez de fazer perguntas diretas, ele apresentou proposições teóricas sobre o que poderia ter ocorrido. Schell respondeu na mesma moeda, preenchendo os detalhes "não como alguém que fornece informações, mas como alguém que sugere explicações teóricas.

"Nós dois estávamos interpretando papéis", explicou Behymer. "Eu estava procurando fatos pedindo teorias, e o Dr. Schell estava transmitindo informações sob o pretexto de hipóteses. Mas foi um baile de máscaras inofensivo, porque nenhum estava enganando o outro, mas apenas brincando. "

Dada a sua pequena charada, não estava claro para Behymer "quantas informações foram fornecidas involuntariamente e quantas foram intencionalmente". Mas "não importava. Fiz a confissão Lamphere, e o Dr.

Schell sabia que eu tinha, e disse isso, mas me pediu para não revelar a fonte de minhas informações. Prometi e mantive a promessa até que o Dr.

Schell, ao revelar ele mesmo a fonte da informação, me liberasse da obrigação. "

Questionado por repórteres após a publicação da declaração de Schell, Wirt Worden respondeu bufando. "Fui ver Lamphere na prisão imediatamente após ouvir que ele estava conversando com o Dr. Schell", explicou Worden.

"Perguntei-lhe se tinha confessado. Lamphere estava segurando a Bíblia que lhe foi dada pelo Dr. Schell e, parado ali com sua mão sobre o livro, ele riu e disse que nunca diria ao clérigo nada que ele

não me contasse. Ele então repetiu o que havia dito ao pregador. Foi a mesma história a que ele se agarrou durante todo o caso, negando absolutamente que tivesse matado a sra. Guinness ou posto fogo em sua casa. Lamphere insistiu que foi tudo o que disse ao pastor. ”

Um médico local, entrevistado pelo La Porte Argus-Bulletin , foi igualmente desdenhoso. A história de Schell, disse ele, “foi a coisa mais ridícula que já vi impressa. Por mais profundo que tenha sido seu sono, é impossível que Lamphere e a negra pudessem ter clorofórmio a sra. Guinness e seus três filhos sem acordá-los. E se a Sra. Guinness tivesse sido acordada, teria havido gritos e Maxson teria ouvido.

O promotor Smith era de opinião diferente. “Eu sei que é autêntico”, disse ele sobre a declaração de Schell. “Há comentários na história que Schell fez para mim depois de suas conversas com Lamphere, citados com exatidão.”

Mesmo assim, havia um elemento da confissão que Smith questionava.

“Schell me disse para prender uma certa negra”, disse Smith a repórteres.

“Ele não me disse por que, mas agora eu sei. Em minha opinião, porém, Lamphere mentiu para Schell quando disse que essa pessoa de cor foi à casa dos Guinness com Lamphere e o ajudou no assassinato da mulher e seus filhos. Acho que essa pessoa ajudou a planejar a coisa, mas ela era uma garota muito esperta para ir à casa com Lamphere e ajudar na execução. ”

A CAVEIRA

A "negra" mencionada na declaração de Schell era, claro, Elizabeth Smith -

"Nigger Liz", já que seus vizinhos não tinham escrúpulos em chamá-la.

Imediatamente após a publicação da suposta confissão de Ray no sábado, 15 de janeiro de 1910, ela foi presa em casa por ordem do juiz Richter e submetida a quatro horas de "suor" na prisão do condado. Ela admitiu que Ray havia passado parte da noite de 27 de abril em sua casa, mas negou veementemente que ela o acompanhou até a casa dos Guinness ou teve qualquer coisa a ver com o incêndio. Ela foi então libertada com uma fiança de quinhentos dólares.

Esperava-se que ela prestasse depoimento ao grande júri na quinta-feira seguinte, 22 de janeiro, mas não compareceu. Ela estava "doente em casa", relataram os jornais, "e seus médicos dizem que ela pode não conseguir ser submetida a uma inquisição por semanas. A preocupação com a posição dela no caso e a ação das autoridades a deixaram gravemente doente. "

Ela ainda estava "prostrada" em 4 de fevereiro e não pôde comparecer perante o grande júri que foi chamado para examiná-la. Um mês depois, no sábado, 5 de março, o Procurador do Estado Smith anunciou que, devido à falta de "provas tangíveis para mantê-la para julgamento, foi tomada a decisão de retirar o processo contra Elizabeth Smith por suposta cumplicidade nos crimes cometido na fazenda Guinness. "

Naquele mesmo dia, Wirt Worden tinha seu próprio anúncio a fazer, dizendo aos repórteres que "haveria desenvolvimentos sensacionais

em breve em relação ao caso Guinness", que confirmaram sua crença de longa data "de que ela está viva".

A grande notícia prometida por Worden apareceu no dia seguinte: Belle Guinness estava localizada em Grand Rapids, Michigan, identificada por um policial local, Louis Richmond. "Esta mulher, por suas ações peculiares, fez com que pelo menos três outras pessoas suspeitassem que ela era a Sra.

Guinness", declarou Richmond, que escreveu imediatamente ao xerife Antiss em La Porte, instando-o a "enviar um deputado à cidade de Michigan para prender o mulher."

Este anúncio foi recebido com ceticismo generalizado e bem justificado.

Apenas dois meses antes, em janeiro, jornais de todo o Meio-Oeste anunciaram a notícia de que Belle fora presa em Willmar, Minnesota, onde trabalhava com o pseudônimo de governanta de um fazendeiro chamado Gus Kirby. Em meados de fevereiro, chegou a notícia do estado de Washington que a "arquimurderess" havia sido "encontrada em um rancho, a dezesseis milhas de Bellingham, pelo marechal dos Estados Unidos Andrew Williams".

Como em ambos os casos anteriores, a história de Michigan provou ser falsa, a mulher em questão tendo sido identificada como Belle por nenhuma razão melhor do que "era uma norueguesa e inseriu anúncios em jornais noruegueses procurando um marido". Apesar dessas miragens repetidas, avistamentos de "Lucretia Borgia de La Porte" continuará inabalável. Antes do fim do ano, ela seria relatada como morando em Moscou, Idaho; Greenville, Illinois; Palouse, Washington; e Galcon, Oklahoma, onde ela estava aparentemente coabitando "com um homem que possui um casaco de pele, dois revólveres, dois rifles e duas espingardas".

Cada uma dessas supostas descobertas foi escrupulosamente investigada pelas autoridades de La Porte a mando do Procurador do

Estado Smith.

Embora Smith permanecesse convencido de que Belle estava morta, ele insistiu em descobrir todas as pistas, com a intenção de provar "que todas as pistas trazidas por aqueles que se apegam à crença de que a Sra.

Gunness está viva não têm fundamento".

Wirt Worden - um dos que se apegaram mais tenazmente a essa crença -

recebeu um impulso aparentemente significativo em dezembro de 1912, quando um prisioneiro chamado Harry Myers, cumprindo pena na penitenciária da cidade de Michigan, apresentou uma história surpreendente.

Um ladrão e ladrão de cavalos condenado, Myers fora colocado para trabalhar na prisão e, enquanto cuidava do agonizante Ray Lamphere, obteve - assim ele afirmou - uma "declaração no leito de morte" de Ray. De acordo com Myers, Ray insistiu que Belle Gunness estava viva. O corpo adulto sem cabeça encontrado nas ruínas era de uma mulher de Chicago trazida para a fazenda Gunness como governanta e envenenada alguns dias depois. Ela foi então decapitada para tornar a identificação quase impossível". Sua cabeça - enrolada em um pedaço de carpete e colocada dentro de uma caixa de madeira contendo "outras três cabeças, duas delas que pareciam ter morrido há algum tempo" - foi dada a Lamphere, que "a enterrou em um campo de centeio . " Belle matou seus três filhos, também com veneno, para "impedi-los de falar" sobre todos os visitantes do sexo masculino que haviam desaparecido tão misteriosamente.

Na noite da conflagração, Ray levou Belle "em uma plataforma de dois assentos puxada por um pônei até um ponto a nove milhas de La Porte, onde outro homem que ele não conhecia a conheceu e a

levou para Chicago". Ela carregava duas malas grandes e uma pequena cesta. Na cesta

havia uma caixa feita de lata contendo uma grande pilha de papel-moeda, sendo o menor valor em notas de \$ 100. " Depois de "entregar a Sra.

Gunness para o outro homem", Ray "voltou para a fazenda Gunness e ateou fogo à casa onde estavam os corpos da mulher de Chicago e três filhos". Por seu trabalho, ele recebeu \$ 500.

A revelação amplamente divulgada de Myers trouxe uma nova enxurrada de relatos de avistamentos. Em duas semanas, "pelo menos vinte Mrs.

Gunnesses [tinham] sido vistas em diferentes partes do país e denunciadas à polícia". A maioria dessas dicas eram tão patentemente implausíveis que as autoridades de La Porte não prestaram atenção a elas.

Um, no entanto - um telegrama da polícia em Lethbridge, Alberta, Canadá, alegando que o notório fugitivo morava em uma pequena vila de mineração a dezesseis quilômetros de distância - foi levado a sério o suficiente para que o chefe da polícia de La Porte, William Meinke, fosse enviado a Lethbridge para confirmar sua identidade. A mulher em questão, de acordo com informações transmitidas por um mineiro norueguês chamado Foreland, "pesava quase o mesmo que a Sra. Gunness e tinha a mesma idade. Ela tem três baús, mantidos bem trancados em seu porão, que correspondem aos que foram relatados por testemunhas no momento em que os assassinatos foram descobertos ". Foreland também afirmou que estava "de posse de uma carta escrita para a mulher que começava com as palavras 'Querida Bela'".

A viagem de Meinke ao norte, no entanto, foi em vão. Ele voltou a La Porte em 27 de janeiro de 1913 e anunciou que "a mulher não é a Sra. Gunness".

Pouco antes das cinco da tarde na sexta-feira, 17 de março de 1916, Elizabeth Smith - "a única pessoa no mundo que poderia ter levantado o véu de mistério do caso Guinness" - morreu na casa de um amigo. Ninguém,

incluindo ela mesma, sabia sua idade exata, embora, como disse ao médico que a atendeu em sua doença final, ela suspeitasse que fosse "quase oitenta anos". Alguns dias antes, enquanto estava deitada em sua cama ao lado do fogão no único cômodo habitável de seu barraco em ruínas na rua Pulaski, uma faísca errante incendiou o colchão. Os vizinhos, ouvindo seus gritos, correram em seu socorro e, após rapidamente extinguirem o fogo, carregaram-na para a casa de sua amiga.

Embora as queimaduras que ela sofreu não fossem fatais, o choque da experiência, combinado com sua condição física frágil, foi demais para a

"negra idosa".

Sabendo que seu fim estava próximo, Smith pediu para ver Wirt Worden. Ao longo dos anos, ela havia prometido a ele repetidamente que, quando soubesse que estava morrendo, "contaria a ele tudo o que sabia sobre Belle Guinness e a fazenda do assassinato". Por sorte, no entanto, Worden estava na Louisiana a negócios. Quando ele voltou para La Porte, Elizabeth Smith estava enterrada.

Ao anunciar sua morte, os jornais relataram os fatos mais importantes de sua vida: a infância passada com sua mãe viúva, uma ex-escrava conhecida como "Vovó" Olmstead, que viveu até os 104 anos e afirmava ter conhecido George Washington; seu casamento com um cozinheiro do exército da União que morreu cedo, deixando-a com uma pensão federal de US \$ 24 por mês; sua própria astúcia como mulher de negócios que lhe permitiu adquirir seis casas e uma conta poupança de vários milhares de dólares. E,

claro, sua reputação juvenil como uma "bela de cor" que "deslumbrou muitos homens brancos".

Nos últimos anos de sua vida, Smith, como muitos idosos, tornou-se o que hoje chamamos de colecionador compulsivo.

Um jornalista, visitando sua cabana algum tempo depois de sua morte, ficou chocado com as condições. "Há toneladas e toneladas de lixo na velha cabana", relatou ele. "A porta da frente estava com uma pilha alta de lixo de todos os tipos, absolutamente sem valor. O chão estava coberto com vários pés de profundidade com papéis, lâmpadas quebradas, cadeiras, bancos, latas, pedaços de tela de janela, trapos e sujeira e sujeira de todos os tipos e descrições. O lixo estava amontoado ao redor do pequeno fogão em uma sala, onde ela finalmente foi obrigada a viver porque todas as outras estavam cheias de lixo. Suas cinzas de carvão foram jogadas no chão perto do fogão. "

Como o barraco estava além da salvação, planos foram feitos para derrubá-lo e vender a madeira, os pregos e o revestimento. Um homem chamado Andrew Harness foi contratado para limpar o local e demoli-lo. Com o tempo, ele venderia quase mil libras de trapos e sucata para negociantes de lixo locais e levaria vinte carroças cheias de lixo para o lixão da cidade.

Na sexta-feira, 5 de maio, enquanto vasculhava os escombros até os joelhos da cabana de Smith, Harness descobriu um crânio humano - uma relíquia

"mofada, teia de espiga", sem sua mandíbula inferior e com "apenas algumas raízes podres para marcar a dentição superior. "

Jornais de todo o país anunciaram imediatamente uma possível solução para o mistério das armas. Se o crânio fosse de Belle, sua descoberta confirmaria uma teoria amplamente aceita: "que Ray Lamphere e Elizabeth Smith, sua amante negra, assassinaram a Sra. Guinness e seus filhos, arrastaram os corpos para o porão e então

cortaram a cabeça da Sra. . Artilharia do corpo para que não pudesse ser identificado e a suspeita recaísse sobre ela pelo crime. " Alternativamente, escreveu o Chicago Tribune , "se os especialistas puderem provar que o crânio encontrado na cabana de 'Nigger Liz' se ajusta ao do torso encontrado, então pode ser estabelecido que a Sra.

Gunness escapou do fogo".

A excitação provocada pela descoberta de Harness, no entanto, foi extremamente curta. Em vinte e quatro horas, os médicos que examinaram o crânio declararam que tinha pelo menos quarenta anos, enquanto vizinhos de Smith's afirmaram que estava em sua posse "muito antes de ela saber que havia uma mulher como Belle Gunness". Smith, ao que parecia, era o que os jornais rapidamente rotularam de "médico vodu" que "usava o crânio para conjurar".

"Minha mãe, ela está morta agora", disse um dos conhecidos de Smith,

"mas ela sempre me contou sobre como via Nigger Liz sentada à noite com a luz brilhando através dos buracos no crânio e Nigger Liz ela se sentava e ler na Bíblia. "

Outros testemunharam que era "costume de Smith escrever os nomes das pessoas sobre as quais ela desejava lançar um feitiço malicioso no crânio e passar por suas cerimônias misteriosas sobre as marcas de lápis". Havia, de fato, vários nomes inscritos a lápis no crânio do crânio, um dos quais - "Phil Bungers" - parecia referir-se a um policial aposentado de La Porte, Phil Bongertz, "quem [Smith] odiado mais ferozmente. "

Livre de qualquer coisa tão banal quanto um fato verificável, o Chicago Tribune proclamou que Smith - "um conhecido 'vodu,' um trabalhador de feitiços e encantamentos - era amigo da Sra. Gunness e a visitava com frequência": Papéis retirados da terra em sua cabana levam à crença de que ela pode ter se envolvido nas

mesmas práticas que a Sra. Guinness, ou pode até ter sido a mentora desta última no crime. Há cartas contendo propostas de casamento de homens com quem ela evidentemente se comunicou por meio de jornais sobre casamento. Existem receitas para feitiços estranhos e filtros do amor, e artigos sobre hipnotismo e clarividência. Depois, há a questão de como ela conseguiu dinheiro suficiente para adquirir quase um bloco inteiro de propriedade de La Porte, bem como uma conta bancária

confortável. O dinheiro foi obtido da mesma forma que a Sra. Guinness', ou ela compartilhou da riqueza desta última por alguma parte que desempenhou ajudando a encher os túmulos na "fazenda da morte"?

A origem do crânio nunca seria determinada, embora um indivíduo tenha apresentado uma explicação colorida, embora altamente duvidosa. Seu nome era CF Russell. Um personagem de Barnumesque que dirigiu um

"programa itinerante" que percorreu os postos avançados do exército na fronteira oeste, Russell afirmou que, vinte e cinco anos antes, Elizabeth Smith sofria de "um tumor no abdômen" e consultou "um velho moreno mammy", que lhe forneceu uma cura infalível: um encantamento mágico para ser recitado enquanto esfregava o crânio de um assassino: Rub-a-dub-dub-dub

Crânio de assassino para esfregar

E justo ou sujo

Ou sujo ou justo

Você pode ficar com isso

Como você se importa.

Acontece que o próprio Russell possuía exatamente esse crânio. Um ex-membro do Sétimo Calvário sob o general George Armstrong Custer - ou assim ele afirmava - Russell havia sido "ferido em uma luta com os homens de Touro Sentado e dispensado por deficiência". Como resultado, ele "não estava com seu regimento" no massacre de Little Big Horn.

Durante uma de suas viagens subsequentes para o oeste, ele "visitou o campo de batalha onde meus camaradas foram dizimados" e descobriu "o crânio de um chefe", que ele guardava "como uma lembrança".

De alguma forma, Smith descobriu que estava de posse da caveira e, imaginando "que ninguém era mais assassino do que os índios que mataram

Custer e todos aqueles soldados", ela procurou Russell e implorou para pedir a caveira emprestada. "Eu nunca tinha ouvido falar dela", Russell disse ao entrevistador, "mas ela prometeu devolvê-lo, então eu dei a ela a caveira".

Quando ele foi recuperá-lo, cerca de um ano depois, no entanto, ela disse a ele que havia sido roubado. "Eu não tinha motivos para acreditar que ela não estava dizendo a verdade", explicou Russell, "então deixei a relíquia ir."

Embora alguns jornais persistam em relatar que o crânio ainda pode

"fornecer uma chave para o famoso caso Guinness", a maioria concorda que Elizabeth Smith "levou os segredos da fazenda de assassinato para o túmulo". Wirt Worden expressou frustração particular. "Eu sabia da amizade de Ray com a velha e tentei o meu melhor para fazê-la falar", disse ele a um repórter. "Se eu não tivesse estado fora quando Liz morreu, todo o mistério teria sido resolvido agora."

SRA. CARLSON

Ao longo dos anos, qualquer pessoa ligada à história da Guinness provavelmente encontraria seu nome nos jornais. Em janeiro de 1915, Joe Maxson - o último dos trabalhadores manuais de Belle e sobrevivente do incêndio na casa da fazenda - foi preso pela polícia de La Porte, acusado de espancar sua esposa e ameaçar matá-la e aos filhos. Oito anos depois, em 31 de outubro de 1923, ele morreu trabalhando na Indiana Molding Company, fatalmente atingido na cabeça por um pedaço de madeira caindo.

No ano seguinte, um sobrinho de Belle, Adolph Guinness, de 26 anos, foi muito notícia. Um ex-soldado que foi morto com gás e levou um choque de bomba na Grande Guerra, Adolph era um paciente no Hospital Speedway para veteranos deficientes em Chicago, onde conheceu e começou um romance com uma enfermeira chamada Anna Furness. Eles se casaram em 20 de julho de 1923. Vários meses depois, ele fugiu com \$ 1.400 do dinheiro dela e fugiu para Madison, Wisconsin, onde, descobriu-se, ele tinha outra esposa, a ex-Ella Mathewson, com quem havia se casado em 1920. Preso e trazido de volta para Chicago, ele foi condenado por bigamia e sentenciado a um a cinco anos na penitenciária de Joliet.

No final de 1930, um imigrante russo chamado John A. Nepsha, que havia chegado a La Porte dois anos depois do caso Guinness, comprou a antiga

“fazenda do assassinato” e começou a construir uma casa onde ficava a casa de Belle. Nepsha, relataram os jornais, “riu das superstições que mantiveram a propriedade desocupada nas últimas duas décadas. Ele pensa tão pouco nessas histórias de fantasmas que planeja fazer um jardim do cemitério que rendeu corpo após corpo das vítimas da mulher. ”

Confirmando, na opinião de alguns la porteanos, que o lugar era amaldiçoado, Nepsha se envolveu em um amargo processo de divórcio alguns anos depois e, finalmente, "entrou com uma ação, pedindo ao juiz Russell W. Smith que dividisse sete tratos entre ele e sua ex-esposa de terra totalizando sessenta e quatro acres e incluindo a fazenda Guinness. "

Avistamentos esporádicos da Sra. Guinness foram relatados ao longo dos próximos vinte anos. A "Vamp Slayer" (como ela foi apelidada na imprensa) foi vista no Colorado, Canadá, Mississippi, Nova York. Quando, em 1928, os detetives de Los Angeles descobriram que uma série de meninos desaparecidos havia sido molestada e assassinada em uma fazenda de galinhas na comunidade próxima de Wineville, houve muita especulação de

que Belle Guinness, recentemente relatado como morando na Califórnia, estava de alguma forma ligada ao horrores.

O fracasso contínuo dessas pistas supostamente promissoras não fez nada para abalar a convicção de Wirt Worden de que Belle ainda estava viva. Ele estava totalmente convencido pela confissão no leito de morte que Ray Lamphere tinha supostamente feito para Harry Myers e que foi publicado na íntegra pela primeira vez em julho de 1930. Worden nunca abandonou a esperança de que o multimurderess um dia iria ser apreendido. E na primavera de 1931, essa esperança finalmente parecia cumprida.

Na noite de 9 de fevereiro de 1931, Peter H. Lindstrom, um embalador de carne de Chicago, recebeu um telefonema informando-o de que seu pai, August, morrera repentinamente no final da tarde em sua casa no subúrbio de Lomita, em Los Angeles. Diante disso, não parecia haver nada de suspeito na morte do Lindstrom mais velho. Um madeireiro aposentado e ex-residente de Williams, Arizona, Lindstrom tinha oitenta e dois anos, uma idade madura em qualquer época e especialmente em um dia em que a

expectativa de vida de um homem americano nascido em meados de 1800

era inferior a cinquenta anos. Mesmo assim, a notícia foi um choque para Peter. Apenas um dia antes, ele havia recebido uma carta de seu pai, que declarava que ele estava "se sentindo bem" e "esperava viver até os 100

anos".

O corpo de August foi transportado para a casa funerária Stone & Myers, onde o legista-chefe-adjunto assinou a certidão de óbito, atribuindo a causa à insuficiência cardíaca. Os restos mortais foram enviados para Williams, Arizona, onde foram enterrados em 11 de fevereiro.

Poucos dias depois do funeral, Peter viajou para Los Angeles para examinar mais de perto as circunstâncias da morte de seu pai e cuidar da propriedade

do velho. Sua primeira parada foi a casa da Sra. Esther Carlson, a viúva de sessenta e dois anos que trabalhava como governanta de August nos últimos quinze anos.

O falecido marido da sra. Carlson, Charles, era amigo íntimo de August, pois seu vínculo havia sido forjado anos antes, quando Lindstrom era o superintendente de um acampamento madeireiro perto de Williams e Carlson, o proprietário de um saloon local. Um dia, depois de demitir uma gangue de trabalhadores mexicanos e substituí-los por um bando de seus conterrâneos suecos, Lindstrom, segundo relatos de jornais, foi atacado por mexicanos na rua principal de Williams.

Libertando-se, ele correu para o salão de Carlson com os mexicanos em seus calcanhares. "Carlson, parado atrás do bar, sacou um revólver e matou três mexicanos." A partir daquele momento, os dois homens foram

"companheiros quase inseparáveis". Eles eram vizinhos em Hemet, Califórnia, quando Carlson morreu após uma doença prolongada em 1925.

Logo depois, Lindstrom mudou-se para Lomita, levando a viúva Carlson como sua governanta.

Agora, conversando com a Sra. Carlson, Peter Lindstrom soube que, na tarde de 9 de fevereiro, ela telefonou para um médico local, Jesse A.

Lancaster, e "informou-o de que Lindstrom estava gravemente doente. O

Dr. Lancaster a instruiu a ir à sua residência, onde deu a ela um pó para o paciente. Cerca de meia hora depois, ela ligou novamente e disse que Lindstrom estava morrendo. O Dr. Lancaster foi até a casa e encontrou Lindstrom morto. "

A história pareceu estranha a Peter. Suas suspeitas aumentaram ainda mais quando ele descobriu outra coisa: uma semana antes da morte de seu pai, a sra. Carlson havia combinado com a filial de Lomita do California Bank para

transformar a conta de \$ 2.000 de Lindstrom em uma conta conjunta para ela e seu empregador. Assim que agosto foi enterrado, uma amiga íntima dela, a sra. Anna Erickson, de 42 anos, apareceu no banco com uma carta de autorização da sra. Carlson e retirou a soma total.

Peter imediatamente compartilhou suas suspeitas com seu irmão, Charles, um funcionário da rodovia estadual em Williams. Na quarta-feira, 18 de fevereiro, o corpo de agosto foi exumado e levado de trem para Los Angeles, chegando na manhã de quinta-feira. Naquela mesma manhã, Esther Carlson e Anna Erickson foram levadas para interrogatório pelo capitão William Bright do destacamento de

homicídios do xerife. Depois, as duas mulheres foram até a casa da Sra. Carlson para tomar um café.

Na sexta-feira, após a autópsia em agosto de Lindstrom, o químico do condado, RA Abernathy, relatou ao promotor público George Stahlman que havia encontrado dois grãos e meio de arsênico no estômago de Lindstrom -

"o suficiente para matar quarenta homens" - junto com " uma quantidade de sopa de ervilha. "

Mandados de prisão de Esther Carlson e Anna Erickson sob a acusação de suspeita de assassinato foram emitidos imediatamente. Àquela altura, porém, Erickson tinha sofrido violentas convulsões e foi levado às pressas para o Hospital Geral. Quando seu estômago foi bombeado e o conteúdo analisado por Abernathy, o químico do condado, ele descobriu que ela havia ingerido "uma forte dose de arsênico". Os médicos expressaram pouca esperança de sua sobrevivência.

Passava pouco da meia-noite quando Esther Carlson foi presa. Questionada pelo capitão Bright e pelo delegado DA Stahlman, ela permaneceu calada sobre Lindstrom. Quanto a Erickson, tudo o que ela disse foi: "Ela me meteu nisso".

Desafiando as terríveis previsões de seus médicos, Anna Erickson não apenas sobreviveu, mas se sentiu forte o suficiente no domingo, 22 de fevereiro, para apontar o dedo da culpa para a Sra. Carlson. Falando com Stahlman de sua cama de hospital, Erickson afirmou que, cerca de três semanas antes da morte de August Lindstrom, Carlson disse a ela que "ela não aguentava mais e desejava que ele estivesse fora do caminho".

Lindstrom também tinha "falado em desistir de sua casa e voltar para Williams, Arizona, para morar com seu filho, Charles" - uma mudança que teria deixado sua governanta de longa data sem emprego.

Dois dias depois, na terça-feira, dia 24, Stahlman recebeu outra declaração por escrito de Anna Erickson, que levantou acusações ainda mais incriminatórias contra sua ex-amiga. Como o vice-promotor disse aos repórteres após esta segunda entrevista à beira do leito, Erickson afirmou

“que a Sra. Carlson muitas vezes comentou que estava cansada de cuidar de homens idosos. Ela disse que a Sra. Carlson fez esta declaração não apenas ao se referir a Lindstrom, mas a seu marido, Charles Carlson, e a outro homem, ambos os quais teriam morrido em Hemet em 1925 com um curto espaço de tempo. ”

O outro homem, como os jornais logo revelaram, era um imigrante sueco de oitenta anos chamado Gustav Ahlzen. Logo depois de chegar a este país, Ahlzen adoeceu e foi levado para a casa dos Carlsons, que então moravam em Hemet, Califórnia. Um médico foi convocado, que diagnosticou o problema como uma doença cardíaca e prescreveu um medicamento comum para a doença: comprimidos de estriçnina, para serem tomados um de cada vez, conforme necessário.

Pouco tempo depois, no entanto, Ahlzen foi encontrado morto. “Era geralmente aceito que ele havia tomado a caixa inteira de comprimidos de uma vez” , relatou o Los Angeles Times , “por acidente ou com intenção

suicida”. Alguns meses depois, Charles Carlson morreu, supostamente de câncer no estômago. Graças às últimas acusações de Anna Erickson, no entanto, o deputado DA Stahlman anunciou planos de viajar para Hemet para investigar as mortes dos dois homens.

Naquela mesma terça-feira, com início às 11h, foi realizado um inquérito sobre a morte de August Lindstrom no necrotério do condado. Junto com os dois filhos do homem morto, as testemunhas incluíam o químico do condado Abernathy; agente funerário Charles

Myers; BA Peckham, o gerente do banco que entregou os \$ 2.000 a Anna Erickson por ordem escrita de Esther Carlson; e o vice-xerife Harry Brewster, que testemunhou que "encontrou uma garrafa de estricnina vazia em uma bolsa de costura pertencente à Sra.

Carlson".

A própria Carlson recusou-se a testemunhar, a conselho de seu advogado.

Erickson, que acabara de receber alta do hospital, também estava lá. Depois de inicialmente recusar, ela concordou em testemunhar. Ajudada por outro xerife, Hazel Brown, ela cambaleou até o banco das testemunhas, onde

"admitiu que deu a Lindstrom um pedaço de torta de maçã na manhã de sua morte, mas declarou que deu a outro vizinho um pedaço da mesma torta . "

O júri do legista não foi persuadido por suas declarações de inocência.

Embora determinando que Lindstrom morreu de veneno "administrado com intenção homicida por uma pessoa ou pessoas desconhecidas para nós", eles recomendaram que "a Sra. Esther Carlson e a Sra. Anna Erickson serão detidas enquanto aguardam outras ações neste caso. " Naquela noite, imediatamente após o dia inteiro de inquérito, Stahlman apresentou acusações de homicídio contra a dupla.

Na manhã seguinte, logo após a acusação, Stahlman partiu para Hemet, onde descobriu que Esther Carlson havia comprado "uma quantidade de veneno" de um farmacêutico local em 1922. Examinando os registros

médicos de Gustav Ahlzen, ele soube que - embora o antigo a morte do homem foi oficialmente atribuída a causas naturais - "os mesmos

sintomas do envenenamento por arsênico estavam presentes antes de ele morrer".

Stahlman também foi informado de relatórios não verificados indicando que o envenenamento por estricnina pode ter causado a morte de Charles Carlson".

Antes de voltar para casa naquela noite, o vice-promotor anunciou aos repórteres que "os corpos dos dois homens podem ser exumados".

Na primeira segunda-feira de março, outro farmacêutico - LL Willis de Long Beach, que acompanhava o caso nos jornais - se apresentou para relatar que, um mês antes, a Sra. Carlson e seu amigo haviam tentado comprar arsênico dele.

"Desconfiado do motivo", ele "se recusou a fazer a venda". Sua revelação fez com que a polícia fizesse outra busca na casa de Carlson, onde encontraram um pedaço de papel timbrado com uma receita de veneno de formiga: 3 xícaras de açúcar na jarra 2 xícaras de água fervente com açúcar Adicione 2 colheres de chá de sódio de arsenito Coloque em pequenas latas O deputado DA Stahlman imediatamente declarou sua intenção de "mostrar a fórmula a vários farmacêuticos em Los Angeles, Long Beach, Redondo e outras cidades próximas, em um esforço para verificar se as mulheres a usavam ou não como pretexto para comprar sódio de arsenito".

Naquela sexta-feira, a audiência preliminar foi realizada no Tribunal Municipal. A essa altura, Anna Erickson estava totalmente recuperada. Era Esther Carlson quem parecia desesperadamente fraca e instável - resultado, conforme os leitores dos jornais foram informados, de um caso avançado de tuberculose pulmonar.

O químico do condado Abernathy foi o primeiro a depor, testemunhando que o corpo de Lindstrom estava "saturado de arsênico". O filho de Lindstrom, Charles, descreveu as suspeitas que

o levaram a exumar o corpo do pai e devolvê-lo à Califórnia para ser examinado pelo legista. "Sra.

Carlson me disse que meu pai voltou para casa doente um dia, recusou-se a almoçar e adoeceu gravemente durante a tarde ", disse Charles ao júri. "Ela disse que ele se recusou a permitir que ela chamasse um médico. Ela finalmente fez isso por volta das 19h, quando a condição dele piorou muito.

Mas ele estava morto quando o médico chegou. "

O médico em questão, Dr. Jesse A. Lancaster, disse que deu um remédio à Sra. Carlson para Lindstrom no dia de sua morte. Ele confirmou que, quando chegou à casa de Lindstrom, pouco depois das 19 horas daquela noite, o velho estava morto.

"Vários dias depois", continuou ele, "fui chamado para atender a Sra.

Erickson, que estava doente. Eu a encontrei doente e vomitando e administrei o tratamento, levando-a para o hospital. Um teste químico do conteúdo de seu estômago revelou arsênico. Ela me disse que adoeceu depois de beber parte de uma xícara de café que a Sra. Carlson lhe deu. "

No final da audiência, o juiz H. Parker Wood ordenou que ambas as mulheres fossem detidas para julgamento sob a acusação de assassinato.

Negando o pedido de seus advogados, ele se recusou a libertá-los sob fiança. Três semanas depois, os réus se declararam inocentes quando levados perante o juiz superior William C. Doran, que ordenou que eles fossem a julgamento em 30 de abril no Departamento Três do Tribunal Superior.

Antes que essa data chegasse, porém, aconteceu algo que impulsionou Esther Carlson - até então uma figura de notoriedade estritamente local -

nas primeiras páginas dos jornais de todo o país e desencadeou uma polêmica que ecoaria pelos próximos setenta anos.

Além da receita do veneno para formigas, a polícia havia encontrado outra coisa interessante durante a segunda busca na casa de Esther Carlson: um baú surrado contendo uma fotografia antiga de duas meninas e um menino.

Não se sabe exatamente como a foto foi mostrada à Sra. Mary Kruger, de Huntington Park. O que é certo é que a Sra. Kruger, uma ex-moradora de La Porte que afirmava ter conhecido bem a família Guinness, identificou positivamente as crianças como o filho de Belle, Phillip, e suas filhas, Myrtle e Lucy.

Informado desse fato surpreendente, o Delegado DA Stahlman e seu chefe, Buron Fitts, imediatamente informaram que estavam iniciando uma investigação sobre a possibilidade de Esther Carlson ser a notória Sra.

Guinness. Em todo o país, as manchetes alardeavam o dramático desenvolvimento: "LA Woman May Be Famous Murderess", "Slayer in Los Angeles May Be Belle Guinness", "Mrs. Carlson Called 'Murder Farm'

Woman. "

Os jornais publicaram fotos lado a lado das duas mulheres: o famoso retrato formal da carrancuda "Barba Azul" com cara de lua e várias fotos do espantalho Sra. Carlson, que - permitindo a passagem dos anos e as devastações da doença - pode muito bem ter sido uma velha e emaciada Belle. Nos vinte e três anos desde que os horrores do Guinness vieram à tona, avistamentos da multimurderess tinham sido em média um por mês, de acordo com o Los Angeles Times . "De todos os suspeitos de armas de fogo", relatou o jornal, "a sra. Carlson parece ser 'o mais quente' ".

Confinada em sua cama na enfermaria da prisão do Hospital Municipal, a Sra. Carlson - cujo estado havia piorado acentuadamente - negou, com todo

o vigor que conseguiu reunir, que fosse Belle Guinness. Entrevistada por Stahlman, ela afirmou que seu nome de solteira era Johnson. Nascida na Suécia em 1867, ela imigrou para a América em 1892 aos vinte e cinco anos e pelos dezessete anos seguintes trabalhou como empregada doméstica para a família Asa V. Cook de Hartford, Connecticut. Em 1907, ela se casou com um homem de Hartford, Charles Hanson. Apenas nove meses depois, seu novo marido se afogou no rio Agawam, perto de Springfield, Massachusetts. Em 1909, ela veio para Los Angeles e logo depois mudou-se para Williams, Arizona, onde, em 1911, conheceu e se casou com Charles Carlson. Após sua morte em 1925, ela voltou para Los Angeles. Ela insistiu que nunca havia morado em Indiana, ou mesmo, nunca colocado os pés no estado.

As autoridades não se convenceram. "Sra. As armas desapareceram de vista em 1908 ", disse Stahlman, " e com o xerife McDonald de La Porte e as autoridades em Connecticut e Massachusetts, investigaremos aqueles dezessete anos que ela diz ter passado a serviço da família Cook ".

Em La Porte - onde, como relataram os jornais, a população havia sido chicoteada em um estado de grande excitação pela - o possibilidade de a ogra finalmente ter sido encontrada xerife Tom McDonald expressou suas dúvidas sobre as negações da mulher moribunda. "Se a Sra. Carlson não fosse a Sra. Guinness, o caso seria o mais estranho que se poderia imaginar, porque tantos detalhes se encaixam", declarou ele. "As idades, as nacionalidades e muitas das características raciais, o fato de cada mulher ter três filhos, duas meninas e um menino, com idades correspondentes e, pelas fotos, com características semelhantes, essas coisas são responsáveis pelo meu forte sentimento de que A Sra. Carlson pode ser a Sra. Guinness. "

Além de enviar fotos a Stahlman e uma descrição física detalhada de Belle, McDonald prontamente contatou dois homens, ex-residentes de La Porte, atualmente morando na área de Los Angeles: John "Dennis" Daly, um

caldeireiro de setenta anos, vizinho de Belle's entre 1902 e 1908, "que a conheceu e conversou centenas de vezes", e John A. Yorkey, um ex-lojista de La Porte que a via com frequência pela cidade. Na quinta-feira, 7 de maio de 1931, levando telegramas introdutórios do xerife McDonald, Daly e Yorkey apareceram no escritório de Stahlman e foram imediatamente levados para ver Esther Carlson na esperança de que pudessem resolver a questão de sua verdadeira identidade.

A essa altura, porém, Esther Carlson já estava morta. Ela sucumbiu à doença na quarta-feira, 6 de maio, uma semana depois que Anna Erickson foi a julgamento pelo assassinato de August Lindstrom.

Aprendendo com os médicos que a Sra. Carlson tinha apenas algumas horas de vida, Stahlman correu para a cabeceira dela, acompanhada pelo advogado de defesa de Anna Erickson, Joseph Marchetti. Na esperança de que Carlson finalmente esclarecesse o mistério da morte de August Lindstrom, Stahlman se curvou perto da orelha da mulher semiconsciente e perguntou se ela havia envenenado Lindstrom. Um som quase inaudível -

diversamente descrito como um murmúrio, suspiro e coaxar - escapou de seus lábios. Stahlman achou que soava como "Sim".

"Você admite que deu arsênico a ele?" ele perguntou. Ela respondeu com o mesmo som abafado.

Satisfeito por Carlson ter feito uma confissão no leito de morte, Stahlman deu um passo para o lado e Marchetti ocupou seu lugar.

"Sra. Carlson ", perguntou o advogado," você quer dizer que não matou o Sr. Lindstrom, não é? "

Quando ela emitiu o mesmo som, Stahlman, soltando um suspiro também, foi forçado a admitir que a moribunda não tinha ideia do que estava sendo perguntado.

Poucas horas depois, como relataram os jornais, "a morte selou seus lábios para sempre". Seu corpo foi removido para o necrotério do condado para aguardar o transporte para Hemet para o enterro.

Levados ao necrotério por Stahlman, Dennis Daly e John Yorkey passaram cada um cerca de quarenta minutos vendo o cadáver. Posteriormente, falando aos repórteres, Daly declarou que tinha certeza de que a mulher morta era Belle Gunness. "Não tenho a menor dúvida sobre isso", disse ele.

"Ela tinha uma torção peculiar na boca que era muito perceptível. Seus olhos são da mesma cor. Seu cabelo, embora desbotado pela idade, é da mesma cor e textura geral. As maçãs do rosto também são altas. A altura da mulher é a mesma. A última vez que vi a Sra. Gunness, ela estava bastante pesada, mas a tuberculose pode ter desgastado o corpo ao longo dos anos.

John Yorkey foi igualmente enfático em sua identificação. Na segunda-feira, 11 de maio - o mesmo dia em que Esther Carlson foi sepultado no cemitério de Valley ao lado de seu segundo marido, Charles - Yorkey enviou uma carta para Wirt Worden. "Lamento não ter ido vê-la em vida", escreveu ele, "mas pode apostar que tudo o que conseguiu foi Belle Gunness da antiga fazenda de assassinatos."

O MISTÉRIO DA INIQUIDADE

Wirt Worden morreu de ataque cardíaco em janeiro de 1943 aos 69 anos.

Nos últimos oito anos de sua vida, ele foi juiz no Tribunal do Circuito de La

Porte e desempenhou um pequeno papel no notório caso de DC Stephenson, ex-grande dragão da filial Indiana da Ku Klux Klan, cuja condenação por o assassinato de uma jovem, Madge Oberholtzer, foi um golpe mortal para a crescente influência política da Klan no estado. Ao lembrar as realizações de Worden, no entanto, os obituários dos jornais deram maior destaque ao seu papel no caso Guinness e sua defesa bem-sucedida de Ray Lamphere na acusação de assassinato.

Worden nunca abandonou sua crença de que Belle havia escapado, embora não se saiba se ele aceitou a afirmação confiante de John Yorkey. De qualquer forma, mais oitenta anos se passariam antes que surgissem as provas de que Yorkey estava errado. Em 2014, Knut Erik Jensen, natural de Selbu, Noruega - cidade natal de Belle - embarcou em uma missão de pesquisa para resolver a questão da verdadeira identidade de Esther Carlson. Depois de consultar livros de censo, registros de cemitérios, diretórios de cidades e vários outros documentos, ele estabeleceu definitivamente que a história que Carlson moribundo contou sobre seu passado era verdadeira em todos os detalhes. Ela não era Belle Guinness.

Em meu livro anterior, Man-Eater - sobre o canibal do Colorado do século XIX e assassino em massa condenado Alfred Packer, cuja culpa ou inocência permanece uma questão de acalorada disputa - eu me referi à necessidade humana inata de qual psicólogo Arie Kruglanski foi o primeiro a rótulo de

"fechamento cognitivo", que ele definiu como "a necessidade do indivíduo de uma resposta firme a uma pergunta e aversão à ambigüidade". A popularidade absoluta das histórias de detetive, um gênero trazido à vida pela primeira vez em "Os assassinatos na rua Morgue", de Edgar Allen Poe, é um testemunho do poder dessa fome psicológica básica, nosso anseio profundo de chegar a - ou receber - soluções organizadas para quebra-cabeças incômodos.

Em contraste, é claro, com os enigmas aparentemente impossíveis perfeitamente desvendados pelo gênio raciocinador de C. Auguste Dupin ou Sherlock Holmes ou Hercule Poirot, a vida real muitas vezes nos apresenta mistérios criminosos que teimosamente, até mesmo enlouquecidamente, resistem à solução. O primeiro deles é a identidade de Jack, o Estripador, e o aparecimento regular de livros prometendo a revelação há muito procurada sugere o quão difícil é para nós tolerar o incognoscível. Outros casos envoltos em incertezas que continuam a suscitar supostas soluções incluem os de Lizzie Borden, o sequestro do bebê de Lindbergh e, mais recentemente, o assassinato de JonBenét Ramsey.

Embora menos conhecido hoje em dia do que esses outros, o caso Guinness continua a atrair a atenção fascinada dos lustres do crime. Em 2008, por exemplo, uma dupla de antropólogos forenses, após exumar os restos mortais do cemitério Forest Home de Chicago, empregou uma análise de DNA na tentativa de determinar se o corpo sem cabeça era da Sra.

Guinness. Os resultados foram "inconclusivos". Quando embarquei neste projeto, fantasiei que minha própria pesquisa poderia produzir uma solução para o mistério centenário. A certa altura, acreditei ter descoberto uma pista empolgante:

um recorte de jornal revelando que Guinness às vezes colocava seus anúncios matrimoniais sob o pseudônimo de "Belle Hinckley". Pesquisas posteriores levaram à descoberta de que uma mulher com esse nome residia em Wisconsin em 1915. Eu pensei que poderia

estar no caminho certo, mas minhas esperanças animadas foram rapidamente frustradas quando descobri que não havia absolutamente nenhuma conexão entre os duas Belles.

Minha esperança seguinte era que, quando terminasse de escrever meu livro, chegasse a alguma conclusão relativamente firme sobre o que aconteceu precisamente na noite do incêndio dos Gunness. Para minha

tristeza, devo agora confessar o fracasso, mesmo naquela pontuação muito mais modesta. Depois de vários anos imerso em todos os detalhes do caso Gunness, não consigo arriscar nem mesmo uma opinião informada sobre o assunto.

Para ter certeza, a confissão relatada de Lamphere ao reverendo Schell me parece altamente implausível. Além disso, no entanto, várias possibilidades parecem igualmente críveis para mim: que Belle encenou sua própria morte e escapou, que ela morreu em um incêndio deliberadamente provocado por Ray, ou que ela imolou a si mesma e seus filhos em um ato final de desespero suicida. Um editorial publicado no Cleveland Plain Dealer após as horríveis descobertas na fazenda do crime provou ser presciente: "O caso La Porte pode sempre permanecer uma das coisas mais intrigantes nos anais do crime." Acredito que, no mínimo, minha reconstrução do crime permitirá que os leitores cheguem a suas próprias opiniões sobre o mistério do destino final de Belle Gunness.

Claro, há um mistério mais profundo em ação aqui. Que tipo de mulher -

que tipo de pessoa - poderia cometer o tipo de atrocidades perpetradas por Belle Gunness? Para ter certeza, outras mulheres psicopatas mataram pelo menos o mesmo número de vítimas. Apenas sete anos antes de os horrores da Gunness virem à tona, "Jolly" Jane Toppan, uma respeitada e popular enfermeira da Nova

Inglaterra, confessou 31 assassinatos, tornando-a a mais prolífica assassina em série da América antes de John Wayne Gacy.

Mulheres envenenadoras anteriores, como Lydia Sherman e Sarah Jane Robinson - "American Borgias", como eram chamadas, sujeitaram maridos, irmãos e seus próprios filhos a mortes lentas e agonizantes por causa do arsênico.

O que distinguia Belle de seus predecessores homicidas, no entanto - na verdade, o que a torna uma figura única nos anais da criminalidade feminina, pelo menos em nossa nação - é a carnificina que ela executou em suas vítimas, a profanação de seus cadáveres, cortados em pedaços e despejados na sujeira de seu lote de suínos. Reduzir outras pessoas a um status subumano é a própria essência do mal, e os estudantes de seus crimes têm lutado para explicar suas origens em Belle: o violento ataque que ela sofreu ostensivamente na adolescência que acendeu seu ódio pelos homens; a ganância patológica que a transformou em uma "Barba-azul com fins lucrativos". Essas e outras teorias claramente não podem começar a explicar o mal na escala dos horrores da Guinness, confrontando-nos com um mistério muito mais profundo do que a questão de saber se ela sobreviveu ao fogo: o que a Bíblia chama de "o mistério da iniquidade".

Deixo as últimas palavras sobre o assunto para o editor do La Porte Weekly Herald , que as escreveu no dia seguinte ao veredicto de Lamphere: "O

mistério que paira sobre as operações assassinas da Sra. Guinness provavelmente nunca será totalmente dissipado na concepção e na brutalidade da execução, os crimes da Sra. Guinness são incomparáveis. Ela tem o direito de ser conhecida pelas gerações futuras como a arquiinimiga do século XX. "

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos, como sempre, ao meu agente, David Patterson. Ao compartilhar seu material comigo, Janet Langlois não poderia ter sido mais cortês. Katherine Ramsland foi igualmente generosa ao me fornecer transcrições da correspondência entre Belle e Andrew Helgelien. Krista Reynen e Meg Moss forneceram inestimável assistência à pesquisa. Tenho

uma dívida especial de agradecimento a Susie Richter, da Sociedade Histórica do Condado de La Porte, bem como ao historiador Bruce Johnson.

Principalmente, como sempre, desejo transmitir minha gratidão, apreço e amor eterno a minha maravilhosa esposa, Kimiko Hahn.

SOBRE O AUTOR

Harold Schechter é um escritor americano de crimes verdadeiros especializado em assassinos em série. Duas vezes nomeado para o Prêmio Edgar de Melhor Fato Crime, ele é o autor dos livros de não ficção Fatal , Fiend , Bestial , Deviant , Deranged , Depraved , The Serial Killer Files , The Mad Sculptor e Man-Eater . Schechter estudou na State University of New York em Buffalo, onde obteve seu PhD sob a direção de Leslie Fiedler. Ele é professor de literatura americana e cultura popular no Queens College da City University of New York. Schechter é casado com a poetisa Kimiko Hahn e tem duas filhas, a escritora Lauren Oliver e a professora de filosofia Elizabeth Schechter.